

ANAIIS

XIV SEMINÁRIO
DE DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO, SEDAN

IV SEMINÁRIO
DE TESES EM ANDAMENTO, SETAN

VII FÓRUM
DE AUTOAVALIAÇÃO DO PPGL

VI ENCONTRO
DE EGRESSOS

EDIÇÃO 2025

XIV SEMINÁRIO
DE DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO, SEDAN
IV SEMINÁRIO
DE TESES EM ANDAMENTO, SETAN
VII FÓRUM
DE AUTOAVALIAÇÃO DO PPGL
VI ENCONTRO
DE EGRESSOS

Realização

Programa de Pós-
Graduação Stricto Sensu
em Letras

Coordenação

Nilcéia Valdati

Vice coordenação

Maria Cleci Venturini

**ANAIAS XIV SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO
SEDAN - IV SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO SETAN - VII
FÓRUM DE AUTOAVALIAÇÃO DO PPGL
VI ENCONTRO DE EGRESSOS DO PROGRAMA**

01 a 05 de dezembro de 2025 Campus Santa Cruz,
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
Guarapuava - PR

ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS

Nilcéia Valdati
Felipe Soares (Pós-Doc PIPD CAPES)

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da Unicentro

S471a Seminário de Dissertações em Andamento (14. : 01-05 dez. 2025 : Guarapuava)
Anais do XIV Seminário...(SEDAN) [on-line] / Nilcéia Valdati (coord.), Maria Cléci Venturini (vice-coord). -- Guarapuava : Unicentro/PPGL, 2025. 204 p.

ISSN: 2595-9190

Inclui IV Seminário de Teses em Andamento (SETAN); VII Fórum de Autoavaliação do PPGL e VI Encontro de Egressos do Programa

Disponível em: <https://www3.unicentro.br/ppgl/projetos/>
Bibliografia

I. Língua. 2. Letras - Mestrado. 3. Linguística. I. Título. II. Evento.

CDD 400

Obs.: Os trabalhos aqui apresentados são de inteira responsabilidade dos autores e seus orientadores.

Coordenação Geral

Nilcéia Valdati
Maria Cléci Venturini

COMISSÃO ORGANIZADORA

Célia Bassuma Fernandes
Cibele Krause-Lemke
Cláudia Maris Túlio
Cristiane Malinoski Pianaro Angelo
Denise Gabriel Witzel
Edson Santos Silva
Felipe Soares (Pós-Doc PIPD CAPES)
Gabriel Victor Rocha Pinezi
Loregian-Penkal
Luciane Baretta
Luciane Trennephol da Costa
Maria Cleci Venturini
Neide Garcia Pinheiro
Nilcéia Valdati
Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira
Renata Adriana de Souza
Saulo Gomes Thimóteo
Susana Célia Leandro Scramim

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. André Felipe Pereira de Souza (UFNT)
Profa. Dra. Amanda Braga (UFPB)
Profa. Dra. Carolina Filipaki de Carvalho (UNESPAR)
Profa. Dra. Cinara Ferreira (UFRGS)
Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)
Prof. Dr. Diego Gomes do Valle (UTFPR- PG)
Prof. Dr. Jefferson Januário dos Santos (UEL)
Profa. Dra. Patrícia Nakagome (UnB)
Profa. Dra. Raquel Bicalho de Carvalho Barrios (UNESPAR)
Prof. Dr. Rafael Matielo (UFFS)
Prof. Dr. Rodrigo Xavier (UFRJ)
Profa. Dra. Rubelise da Cunha (FURG)
Profa. Dra. Svitlana Kryvoruchko (Universidade Pedagógica Nacional de Kharkiv H. S. Skovoroda)
Profa. Dra. Verli Petri (UFSM)
Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne (UFU)

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Unicentro, em 2025, reafirma seu compromisso com a pesquisa e a formação acadêmica por meio da realização conjunta de quatro eventos significativos: o XIV Seminário de Dissertações em Andamento (SEDAN), o IV Seminário de Teses em Andamento (SETAN), o VII Fórum de Autoavaliação e o VI Encontro de Egressos. Esses eventos anuais representam a consolidação do PPGL enquanto espaço de diálogo, reflexão e produção científica.

Ao reunir discentes, docentes, egressos, membros da coordenação e a comunidade acadêmica, o PPGL promove uma ampla interação em torno de objetivos estratégicos. Em especial, porque oferecem a oportunidade de avaliação e socialização das pesquisas em andamento, funcionando como momentos de defesa e amadurecimento dos projetos. Assim como, consolidam o processo de autoavaliação do Programa, essencial para alinhar práticas pedagógicas, linhas de pesquisa e metas institucionais.

E, por fim, fortalecem os laços entre os atuais pós-graduandos e os egressos, estimulando o compartilhamento de experiências e a continuidade de trabalhos acadêmicos relevantes. Nesta edição, são apresentados os resumos das investigações desenvolvidas por mestrandos, doutorandos e egressos, demonstrando o rigor científico e a dedicação que caracterizam o trabalho conduzido no PPGL. O formato dos seminários prevê a participação de bancas compostas por professores pesquisadores internos e externos, assegurando um olhar diversificado e crítico sobre as pesquisas.

Assim como na edição anterior, neste ano podemos contar com a participação de convidados de outras instituições brasileiras e estrangeira. Entre eles: Prof. Dr. André Felipe Pereira de Souza (UFNT) Profa. Dra. Amanda Braga (UFPB), Profa. Dra. Carolina Filipaki de Carvalho (UNESPAR), Profa. Dra. Cinara Ferreira (UFRGS), Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL), Prof. Dr. Diego Gomes do Valle (UTFPR- PG), Prof. Dr. Jefferson Januário dos Santos (UEL), Profa. Dra. Patrícia Nakagome (UnB), Profa. Dra. Raquel Bicalho de Carvalho Barrios (UNESPAR), Prof. Dr. Rafael Matielo (UFFS), Prof. Dr. Rodrigo Xavier (UFRJ), Profa. Dra. Rubelise da Cunha (FURG), Profa. Dra. Svitlana Kryvoruchko (Universidade Pedagógica Nacional de Kharkiv H. S. Skovoroda), Profa. Dra. Verli Petri (UFSM) e Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne (UFU). Com essa ampla interação, o PPGL reafirma sua posição como um espaço de excelência e diálogo, comprometido com a formação acadêmica de qualidade e a produção de conhecimento relevante para a sociedade.

PROGRAMAÇÃO GERAL

01/12/2025

14h REUNIÃO AUTOAVALIAÇÃO - DOCENTES

Modalidade: Remota

Link: Informado por email

19h ABERTURA

COORDENAÇÃO DO PPGL

Modalidade: Híbrida

Local: Miniauditório do Câmpus Santa Cruz; Link: meet.google.com/iet-uavg-czs

MESA 1: POESIA E OUTROS NOMES

COORDENADORES: Profa. Dra. Nilcéia Valdati e Prof. Dr. Gabriel Pinezi

Modalidade: Híbrida

Local: Miniauditório do Câmpus Santa Cruz; Link: meet.google.com/iet-uavg-czs

19h15 Francielle Manini (SEDAN)

“Não darei a outra face”: a poética de Lara de Lemos em *Inventário do medo* (1997)

Orientadora: Profa. Dra. Nilcéia Valdati (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Cinara Ferreira (UFRGS)

19h45 Juliana Cardoso Borille (SEDAN)

A sedução da perversão: uma análise freudo-lacaniana do fascínio pelo dark romance entre os leitores de plataformas digitais

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Pinezi (PPGL-UNICENTRO/UnB)

Arguidora: Profa. Dra. Patrícia Nakagome (UnB)

20h15 - Fernanda Ciscoto (SEDAN)

Fernando Pessoa e o infinito do seu nome

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Pinezi (PPGL-UNICENTRO/UnB)

Arguidor: Prof. Dr. Rodrigo Xavier (UFRJ)

02/12/2025

MESA 2: SOCIOLINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA APLICADA EM DISCUSSÃO
COORDENADORAS: Profa. Dra. Cristiane Malinoski Pianaro Angelo e Profa.
Dra. Loremi Loregian-Penkal

Modalidade: Remota

Link: meet.google.com/vow-khyn-avv

8h30 Vanessa Deon (SETAN)

**Revisitando a variação pronominal nós e a gente em Guarapuava (PR):
uma discussão preliminar**

Orientadora: Profa. Dra. Loremi Loregian-Penkal (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Lucelene Franceschini (Egressa do PPGL-
UNICENTRO/UNESPAR)

9h Everaldo Bail (SETAN)

**Variação, mudança linguística e relações sintáticas do sintagma
adjetival no Português Brasileiro**

Orientadora: Profa. Dra. Loremi Loregian-Penkal (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Fernanda Carraro (Egressa do PPGL-UNICENTRO)

9h30 Fabiane Santos Eisele Zilio (SETAN)

**Relações axio(dia)lógicas e leitura na perspectiva de licenciandos de
Pedagogia**

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Malinoski Pianaro Angelo (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. André Felipe Pereira de Souza (UFNT)

10h Andrey Kaminski Amazonas (SEDAN)

Um olhar sobre a diferença na arena do diálogo e do discurso

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Malinoski Pianaro Angelo (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. André Felipe Pereira de Souza (UFNT)

10h30 Saulo Semann (SEDAN)

**Ato-Valorativo: O princípio ético-estético que define a palavra e a
consciência em Bakhtin**

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Malinoski Pianaro Angelo (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. André Felipe Pereira de Souza (UFNT)

MESA 3: POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E PRÁTICAS DIALÓGICAS DECOLONIAIS

COORDENADORA: Profa. Dra. Cibele Krause Lemke

Modalidade: Remota

Link: <https://meet.google.com/ifz-mkx-qfo>

9h Marcelle Monteiro Pereira (SETAN)

Práticas dialógicas e decoloniais no movimento república de emáus: a escrita ficcional a partir do diálogo entre os gêneros discursivos narrativa e fanfiction em um espaço não-formal de ensino

Orientadora: Profa. Dra. Cibele Krause Lemke (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)

9h30 Melissa Andres Freitas (SETAN)

Políticas linguísticas de inclusão e exclusão: o caso da língua espanhola no estado do Paraná

Orientadora: Profa. Dra. Cibele Krause Lemke (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. Jefferson Januário dos Santos (UEL)

10h Letícia Talita Araújo (SEDAN)

O papel da translanguagem no ensino de línguas para refugiados

Orientadora: Profa. Dra. Cibele Krause Lemke (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Raquel Bicalho de Carvalho Barrios (UNESPAR)

14h REUNIÃO AUTOAVALIAÇÃO - DISCENTES

Modalidade: Remota

Link: Informado por email

03/12/2025

MESA 4 - CULTURA UCRANIANA NO INTERIOR DO PARANÁ

COORDENADORA: Profa. Dra. Luciane Trennephol da Costa

Modalidade: Remota

Link: meet.google.com/ugu-trit-uus

9h Gilmara do Carmo Freitas (SEDAN)

Paisagens sociolinguísticas e diversidade linguística

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Trennephol da Costa (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Svitlana Kryvoruchko (Universidade Pedagógica Nacional de Kharkiv H. S. Skovoroda - Ucrânia e professora visitante PPGL)

9h30min Inez Maria Stasiak (SEDAN)

Cultura Ucraniana em Pitanga: práticas artísticas

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Trennephol da Costa (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Svitlana Kryvoruchko (Universidade Pedagógica

Nacional de Kharkiv H. S. Skovoroda – Ucrânia e professora visitante PPGL)

10h Camile Fedaracz (SEDAN)

Cultura Ucraniana em Gonçalves Junior: práticas linguísticas e religiosidade

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Trennephol da Costa (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Svitlana Kryvoruchko (Universidade Pedagógica

Nacional de Kharkiv H. S. Skovoroda – Ucrânia e professora visitante PPGL)

MESA 5 – MEMÓRIA, LINGUAGEM E VIOLÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

COORDENADORAS: Profa. Dra. Nilcéia Valdati e Profa. Dra. Susana Scramim

Modalidade: Híbrida

Local: Sala 1306, Bloco M, Câmpus Santa Cruz

Link: meet.google.com/rku-ytph-qxy

14h – Rafael Borba Custódio (SEDAN)

O peso das imagens: metáforas do trauma em Marcelo Rubens e Gabriela Aguerre

Orientadora: Profa. Dra. Susana Scramim (PPGL-UNICENTRO/UFSC)

Arguidora: Profa. Dra. Nilcéia Valdati (UNICENTRO)

14h30 – Ana Caroline Lopes (SEDAN)

Resgate ao Manequim do Submundo: o mito persefoniano respingando feminilidade em "Os manequins de Munique".

Orientadora: Profa. Dra. Susana Scramim (PPGL-UNICENTRO/UFSC)

Arguidor: Profa. Dra. Edson Santos Silva (UNICENTRO)

15h – Ethan Senna (SEDAN)

Corpo, voz e resistência queer em *Doom Patrol* de Grant Morrison (1987)

Orientadora: Profa. Dra. Nilcéia Valdati (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Susana Scramim (PPGL-UNICENTRO/UFSC)

15h30 – Luma Miranda Tosatti (SETAN)

O mundo como labirinto: violência, ruína e degradação na trilogia de Joca Reiners Terron

Orientadora: Profa. Dra. Nilcéia Valdati (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Susana Scramim (PPGL-UNICENTRO/UFSC)

04/12/2025

MESA 6: DISCURSOS NO/DO DIGITAL

COORDENADORA: Profa Dra Célia Bassuma Fernandes

MODERADORA: Cristiane de Souza Pedroso (Egressa PPGL)

Modalidade: Híbrida

Local: Sala 1306, Bloco M, Câmpus Santa Cruz

Link: meet.google.com/nou-stdz-ufu

9h Alesson Santos (SEDAN)

Produção de sentidos na fotografia documental de Dorothy Maier

Orientadora: Profa. Dra. Célia Bassuma Fernandes (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Renata Adriana de Souza (UNICENTRO)

9h30 Cassiana Taufer (SEDAN)

A discursivização da infância em *Capitães de Areia*: nos entremeios da linguística e da literatura

Orientadora: Profa. Dra. Célia Bassuma Fernandes (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Nilcéia Valdati (UNICENTRO)

10h Márcia Helena de Brito (SETAN)

Entre tornar-se mãe e arrepender-se: rupturas e deslizamentos de sentido

Orientadora: Profa. Dra. Célia Bassuma Fernandes (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Denise Gabriel Witzel (UNICENTRO)

10h30 Dariany Andrade de Souza (SETAN)

A Cunha-Poranga no Festival de Parintins: corpos em disputa

Orientadora: Profa. Dra Célia Bassuma Fernandes (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)

MESA 7: TEXTO, MEMÓRIA E CULTURA SEGUNDO OS ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS

COORDENADORA: Profa Dra Denise Gabriel Witzel

Modalidade: Híbrida

Local: Sala 1306, Bloco M, Câmpus Santa Cruz

Link: meet.google.com/ryn-zuhz-ikf

14h Ádri Valadares Amarante (SEDAN)

Existir e Resistir: um resgate arqueogenealógico de discursos de sujeitos gays na cultura pop em *Tipo Uma História de Amor*

Orientadora: Profa Dra Denise Gabriel Witzel (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne (UFU)

14h30 Érika Adriely Müller Rodrigues (SEDAN)

Eu, um monstro: uma análise arqueogenealógica para os problemas da maternidade, subjetividade e monstrosidade presentes no livro *Como se fosse um monstro*

Orientadora: Profa. Dra. Denise Gabriel Witzel (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Amanda Braga (UFPB)

15h Danilo Y. Hatori (Egresso PPGL-UNICENTRO)

Texto, memória e cultura segundo os estudos discursivos foucaultianos

MESA 8: LINGUAGEM E MÍDIAS DIGITAIS: DESAFIOS DA COMPREENSÃO E DA PRODUÇÃO TEXTUAL NA ERA DA IA

COORDENADORA: Profa. Dra. Luciane Baretta

Modalidade: Híbrida

Local: Sala 1306, Bloco M, Câmpus Santa Cruz

Link: <https://meet.google.com/kba-djux-tvv>

19h Wynike Domingues Kraus de Deus (SEDAN)

Perguntas inferenciais como estratégia de compreensão leitora e identificação de *fake news* pós-pandêmicas nas plataformas do Grupo Meta

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Baretta (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. Rafael Matielo (UFFS)

19h30 Jailton Gonçalves Prates (SETAN)

**Telas, cliques e toques: a produção textual em tempos de
Plataformização e IA. Análise sob a ótica da Psicolinguística.**

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Baretta (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. Rafael Matielo (UFFS)

MESA 9: PERCURSO DE PESQUISAS: A LÍNGUA NA HISTÓRIA

COORDENADORA: Profa. Dra. Maria Cleci Venturini

Modalidade: Híbrida

Local: Sala 1306, Bloco M, Câmpus Santa Cruz

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=rpAlbqn2yU8>

19h Palestra - **Os efeitos da pós-graduação na formação social**

Profa. Dra. Verli Petri (UFSM)

20h Elisama Garcia (SETAN)

**Língua nacional e memória pelo olhar dos membros da Academia
Brasileira de Letras**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Verli Petri (UFSM)

**20h30 As contribuições da pós-graduação: pesquisa, práticas,
vivências**

Prof. Dr. Leandro Tafuri (Egresso PPGL-UNICENTRO)

Profa. Dra. Adriana Bernardim (Egressa PPGL-UNICENTRO)

Profa. Dra. Maria Cláudia Teixeira (Egressa PPGL-UNICENTRO)

Prof. Dr. Márcio Winchuar (Egresso PPGL-UNICENTRO)

Profa. Ma. Raquel Baldissera (Egressa PPGL-UNICENTRO)

21h30 Roda de conversas com membros do LABELL

Géssica Cappeloni, Clara do Prado, Milena Barros, Melissa Sayud, Cecília
Rafaellyde O. Rutkoski, Ellen Taborda Ribas, Alessandra de Fátima Niz Silva,
Clara Emanuelle, Daiane Corrêa da Silva, Adilson Carlos Batista, Josie
Zewierzecowski, Suhaila Schon, Katielli Antunes, Paulo Ricardo do Prado, Emily
Smaha, Miriam Bertoletti

05/12/2025

MESA 10: VOZES, TERRITÓRIOS E IMAGENS NA LITERATURA

COORDENADORA: Profa. Dra. Neide Garcia Pinheiro

Modalidade: Híbrida

Local: Sala 1306, Bloco M, Câmpus Santa Cruz

Link: meet.google.com/suo-wtjn-kkr

13h30 Jean Pruchniak (SEDAN)

A poesia de Jeannette Armstrong: a Língua do Colonizador como Instrumento de Resistência

Orientadora: Prof. Dra. Neide G. Pinheiro (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Rubelise da Cunha (FURG)

14h Mariana Vidotti Nunes de Oliveira (SEDAN)

Entre a voz e o eco: o diálogo entre Lucíola, de José de Alencar, e Tudo é rio, de Carla Madeira, sob a perspectiva bakhtiniana

Orientador: Prof. Dr. Saulo Gomes Thimóteo (PPGL-UNICENTRO/UFS)

Arguidor: Prof. Dr. Diego Gomes do Valle (UTFPR- PG)

14h30 Tiago Cozechen (Egresso)

De “A wilderness station” para *Edge of madness*: o processo de adaptação do conto epistolar de Alice Munro por Anne Wheeler

MESA 11: MEMÓRIAS QUE DIALOGAM EM CENAS: ENTRE A MÍDIA, O TEXTO E A CULTURA

COORDENADORES: Profa. Dra. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira, Prof. Dr. Edson Santos Silva, Prof. Dr. Saulo Gomes Thimoteo

Modalidade: Híbrida

Local: Sala 1306, Bloco M, Câmpus Santa Cruz

Link: meet.google.com/vwg-ecvz-zsa

14h Mariana Valente (SEDAN)

Balenciaga e a estética da antimoda: a ruptura dos padrões e o paradoxo do consumo na moda contemporânea

Orientadora: Profa. Dra. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Marcia Costa (Egressa PPGL/UNICENTRO)

14h30 Sirlene Maria Maciel (SEDAN)

Buraquinhos ou O vento é inimigo do picumã, de Jhonny Salaberg:
Resistências e Infâncias Interrompidas

Orientador: Prof. Dr. Edson Santos Silva (UNICENTRO)

Arguidora: Profa. Dra. Carolina Filipaki de Carvalho (Egressa PPGL-UNICENTRO/UNESPAR)

15h Vinicius Morelato (SEDAN)

Jogos de carnavalização em *Kafka à beira-mar*, de Haruki Murakami

Orientador: Prof. Dr. Saulo Gomes Thimóteo (PPGL-UNICENTRO/UFFS)

Arguidor: Prof. Dr. Edson Santos Silva (UNICENTRO)

15h30 Lucas Thimóteo (SETAN)

Pais conectados: a paternidade ativa e a construção de identidades no Instagram

Orientadora: Profa. Dra. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. Edson Santos Silva (UNICENTRO)

16h Adriano Luís Fonsaca (SETAN)

Bernardo Santareno: estaria um dramaturgo comunista imerso no realismo capitalista?

Orientador: Prof. Dr. Edson Santos Silva (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. Saulo Gomes Thimóteo (PPGL-UNICENTRO/UFFS)

16h30 Mariana Miranda Máximo (SETAN)

Interação de texto e imagem na Literatura Infantojuvenil brasileira do século XXI

Orientador: Prof. Dr. Saulo Gomes Thimóteo (PPGL-UNICENTRO/UFFS)

Arguidora: Profa. Dra. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO)

17h Cristiane Pawloski (SETAN)

A representação da Amor e da Dor nas canções de Cazuza

Orientadora: Profa. Dra. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO)

Arguidor: Prof. Dr. Edson Santos Silva (UNICENTRO)

RESUMOS

TESES E DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO

DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO

EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DE SUJEITOS GAYS EM *TIPO UMA HISTÓRIA DE AMOR*: UMA ANÁLISE ARQUEOGENEALÓGICA DE DISCURSOS

Ádri Valadares AMARANTE

Orientadora: Profa. Dra. Denise Gabriel WITZEL

Coorientador: Prof. Dr. Felipe SOARES (Pós-Doc PIPD CAPES)

Resumo: A partir dos pressupostos teóricos e metodológicos dos Estudos Discursivos Foucaultianos, este trabalho busca descrever e analisar os discursos de/sobre sujeitos gays, com foco nas relações de poder que fundamentam tanto a existência quanto a resistência desses sujeitos na obra *Tipo Uma História de Amor*, de Abdi Nazemian (2020). A análise se concentra na interseção entre a emergência da cultura pop e as condições sociais e históricas da década de 1980, período marcado pela crise da epidemia de AIDS, que afetou vidas e subjetividades de corpos *queers*. Nesse contexto, a análise arqueogenealógica focalizará os discursos que subjetivam e objetivam as personagens principais do romance: Art, um garoto gay assumido e ativista de direitos LGBTQIAPN+, e Reza, um jovem iraniano, gay não assumido, que mantém um relacionamento estratégico com Judy, melhor amiga de Art, a fim de esconder sua orientação sexual. Inicialmente, será retomado a história da AIDS na década de 1980, estabelecendo as condições sociais e históricas que possibilitaram a emergência das vidas *queers* presentes na obra; na sequência, serão articulados o campo enunciativo da obra com a emergência da cultura pop, especialmente sua relevância para a luta e resistência da comunidade LGBTQIAPN+ durante o período. Nossa meta é mapear como as regularidades enunciativas constroem um campo de existência e resistência para os protagonistas Art e Reza.

Palavras-Chave: AIDS; Discurso; Existência; Literatura Gay; Resistência.

1 INTRODUÇÃO

Ao observarmos discursivizações sobre a homofobia, no tocante à comunidade LGBTQIAPN+, segundo dados levantados pelo *Dossiê 2024* divulgados pelo CGB, somente no referido ano, o Brasil registrou 291 mortes violentas de pessoas *queer*, destas pontuando 117 assassinatos de travestis e mulheres trans. Logo, em uma sociedade cunhada sob um regime cultural e historicamente heterocisnormativa, como a brasileira, pode-se bem depreender, a partir de tais dados, certa circulação discursiva de

determinadas verdades as quais desqualificam – e confiscam – o direito de vida e morte de existências que se desejam *queer*. Uma vez deslegitimada a verdade destes corpos pela via de poderes e saberes (médico; jurídico; religioso), vale dizer também que, dessa colisão entre vontades de verdades, tais corpos tornam-se campos de batalha. Em termos foucaultianos, portanto, podemos bem tomar essas vidas como posicionamentos, consequências e fabricações de subjetivação e objetivação históricas, bem como de resistência.

Nessa direção, esta pesquisa visa contribuir com as discussões, no campo dos estudos discursivos, que dão visibilidade às lutas sociais em defesa dos sujeitos LGBTQIAPN+. Para isso, elegemos (no tocante a circulação discursiva da cultura *queer*) como material de análise o livro *Tipo uma história de amor*, de autoria de Abdi Nazemian (publicado em 2020), cujo enredo dá relevo a um casal homoafetivo que enfrenta as adversidades e as perversidades que irromperam na década de 1980 nos Estados Unidos. Ao focarmos pontualmente no tempo da narrativa, objetivamos contextualizar as condições de possibilidade da produção de determinados enunciados *queer* do romance (visando o embate existência vs. resistência atrelada ao sujeito histórico *gay*) traçados pela emergência e acontecimento da epidemia da AIDS.

Ao pensarmos novamente nas condições de produção e de circulação de discursos heterocisnormativos, como aqueles em voga na sociedade nova iorquina nos anos 1980 (o espaço da narrativa), tendo em mente o funcionamento dos procedimentos de controle e de delimitação do discurso, bem como os sistemas de exclusão que que lhe atingem, “a palavra proibida, a segregação [...] e a vontade de verdade” (FOUCAULT, 1996), notamos como a figura do sujeito *gay*, vítima potencial do vírus HIV, foi diretamente colocada no centro e no alvo do poder. Não obstante, a exemplo, emparelhado a estes corpos *queer*, adere-se ao *gay* a estigmatização de uma doença cuja designação foi nomeada “câncer *gay*”.

O ano de 1989 foi marcado pelo acontecimento histórico da epidemia da AIDS em que inúmeros casos de sujeitos que contraíram a infecção e em decorrência dela morriam aos milhares no primeiro ano da epidemia. Importante também é destacar o cenário discursivo que se estabelece no período. De um lado, destaca-se a verdade sobre uma estigmatização, sobretudo veiculada a desinformação médica acerca do aparecimento da doença, além de dizeres de ordem religiosa cristã que apregoavam uma espécie de punição divina. Do outro, frente à intolerância e ao ódio, a comunidade *gay* começa a se organizar em resistência. Talvez, o ato mais notório desse gesto como levante contra à morte, como lembra bem o sociolinguista Luca Greco, em *Dans les coulisses du genre...* foi o “*détour du*

stigmaté” (GRECO, 2018), ou seja, a reviravolta do estigma: quando gays, lésbicas e travestis passam a adotar palavras de insulto como designações de orgulho; eis o nascimento da resistência de verdades outras ressignificando – sobremodo – a palavra *queer*.

Nesse passo, apresentando o romance, a narrativa gravita os protagonistas Art e Reza, ambos com 17 anos de idade. O primeiro é um jovem de cabelos cor-de-rosa, orgulhoso de sua identidade gay e intolerante ao preconceito, engajado politicamente e que encontra na artista em ascensão Madonna uma inspiração para viver e expressar sua sexualidade abertamente. O segundo, por sua vez, é um iraniano recém-chegado a Nova York, configurando-se como um corpo gay ainda não assumido publicamente, vivendo uma intensa fase de repressão, fruto tanto do preconceito social e cultural quanto do terror da AIDS.

Esta pesquisa, partindo de seu estágio inicial, tem como objetivo central, analisar as relações entre poder, resistência e modos de subjetivação na produção do sujeito gay, discursivizados conforme a narrativa *Tipo uma História de Amor*. Para tanto, organizamos nosso gesto analítico da seguinte maneira: repertoriar a discursivização associada ao surgimento da epidemia da AIDS na década de oitenta, de modo a estabelecer as condições sociais e históricas de emergência em que existem/resistes os sujeitos *queers* relativizados no romance; articular esse campo enunciativo com a emergência e atravessamento da cultura pop, visando sua relevância na luta e fabricação histórica da identidade *queer*; focalizar na obra selecionada as regularidades enunciativas as quais nos possibilitem visar os processos de objetivação e de subjetivação a que se enreda e formata a existência/resistência dos protagonistas citados.

2 DESENVOLVIMENTO

Fundamentada teórica e metodologicamente nos Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF), faremos uma análise arqueogenealógica do romance *Tipo Uma História de Amor* (2020), de Abdi Nazemian, em que pontuamos as emergências da cultura pop de sujeitos gays a partir do ano de 1989, como o autodescobrimento da sexualidade, movimentos LGBTQIAPN+ em ação, a relevância da artista pop Madonna, o auge da AIDS entre outros acontecimentos. Com isso, esperamos demonstrar como a luta de existência e resistência dos sujeitos gays torna-se espaço de batalha, analisando sobretudo práticas de confisco de seu comportamento como questão recorrente aos sujeitos da comunidade LGBTQIAPN+ diante de verdades, poderes e saberes médicos e bíblicos, por exemplo.

Segundo Gregolin (2022), a análise arqueogenealógica trata de práticas discursivas cujas regularidades implicam na produção de saberes

“verdadeiros” sobre o homem, considerado que o intuito desta seria tornar visível o que só é invisível por estar muito na superfície das coisas, ou seja, escavar outras diversas emergências que possibilitam outras formações discursivas de forma ampla. Adiante, passamos à prévia analítica de uma sequência enunciativa extraída da obra.

Deste trecho, circulamos o embate existência vs. resistência do sujeito histórico gay, considerando, brevemente, suas condições de produção históricas marcadas pelo/no discurso, tomando como base a introdução do pensamento foucaultiano. Mobilizando do enunciado a possibilidade de “o amor acontecer para eles, mas, não para nós”, ou seja, tomar o amor *queer* como experiência interdita, se não, no mínimo, uma experiência vivida como “uma batalha”, sem delongas, observamos como a existência *queer* no tocante à configuração de um relacionamento amoroso para os gays é cerceada por determinantes barreiras históricas e socioculturais.

Vale lembrar que essa interdição do amor entre dois sujeitos do mesmo sexo nem sempre foi tida como prática proibida. Partindo de seus estudos em *História da sexualidade II*, Foucault (2023) mostra como o relacionamento entre homens, na Grécia antiga, encontrava uma possibilidade de existência mais livremente aberta. Tratava-se, pois, de uma questão ética; o homem poderia apresentar desejo sobre a carne de outro homem, mas na relação sexual, desde que o seu papel, na relação, fosse o de ativo. Até então, o que se apreende, é a produção do valor de positividade da verdade acerca da homossexualidade em que a figura (viril) do homem – na homossexualidade – mantinha o seu status no poder.

No entanto, pontuando da transição do mundo grego para o mundo cristão, apreende-se uma inversão de valor ao redor da prática ética homossexual. A sociedade ocidental, como exemplo da ambientada no romance, torna-a, ao longo dos séculos, um tabu, prática ofensiva cujo exercício, no caso da ótica cristã, é punível de um “castigo”. Fato que podemos arqueologicamente evocar cerceando algumas materialidades bíblicas. Rapidamente citando-as, podemos localizar no texto bíblico os seguintes enunciados expressando uma vontade de verdade que interdita a prática ética homossexual: em *Levítico* 18:22, também 20:13, ou ainda em *Romanos* 1:26-28 e *Coríntios* 6:9-11 (entre outros). Embora as interpretações dessas passagens variem, ambas conotam à homossexualidade (frisando o ato sexual) o direito divino de puni-la, condená-la, uma vez que

os homens, em vez de terem relações sexuais naturais cada qual com sua mulher, arderam em paixão uns pelos outros, homens praticando coisas vergonhosas com outros homens, e, como resultado disso, receberam o castigo merecido pela sua perversão (ROMANOS, 1:26-28).

Ora, a circulação dos sentidos (de interdição, proibição) inscritos como verdade nas escrituras sagradas reverberando numa sociedade heterocisnormativa (como a do romance) entabulam os sujeitos héteros vs. sujeitos gays nos jogos de poderes e saberes sobre a prática do amor. Eis porque, de um lado, é convencionado que “o amor pode simplesmente acontecer para eles” (os sujeitos heterossexuais) – posição endossada pela reprovação à prática ética homossexual, amor então reduzido à uma “paixão uns pelos outros”; a “coisas vergonhosas com outros homens”. Neste entrecruzamento discursivo, sobrepõe-se a verdade cristã àquela vivida no amor como experiência figurada por Art e Reza. Desse modo, além de passarem a ser dois corpos imediatamente instaurados em jogos de verdade acerca do confisco da sexualidade (“para nós [o amor], não é tão fácil assim. Para nós, é uma batalha”), também se tornam alvo e objetificação da subversão do dogma religioso, pois convergem à discursivização que os pune, pois “receberam o castigo merecido pela sua perversão”. Aos olhos da época, o acontecimento epidêmico do vírus HIV, o “câncer gay” como punição divina.

3 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Existir ou não existir, como rapidamente mostramos, é uma questão central à muitos corpos *queers*. Esse embate, figurado narrativamente no contexto sócio-histórico citado através dos personagens referidos, nos permite analisar pensar e refletir sobre a produção da sexualidade *queer* em suas muitas faces: desde a invisibilidade identitária, como é o caso do personagem Reza, que reprime sua sexualidade e submete a uma vida privada de negação e reproduz um relacionamento heteronormativo com a personagem Judy. Ou ainda, em como Art não permite que o regime sócio histórico em que está inserido dite o seu modo de viver, nesse passo, sendo a sua resistência uma possibilidade e ferramenta da constituição de seu ser.

Para além disso, pretende-se mobilizar outras frentes teóricas, quanto ao fenômeno da cultura pop (figurada sobretudo no personagem Art) cuja relevância enquanto um espaço midiático oportuniza a conexão a diferentes identidades e subjetividades, pois, as produções apresentadas nesse universo sempre estiveram presentes nas diferentes culturas (Gonzatti, 2022).

4 REFERÊNCIAS

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica - tradução de Vera Porto Carrero. *In*: FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.

GRECO, Luca. **Dans les coulisses du genre: la fabrique de soi chez les drag kings**. Limoges, Lambert-Lucas, 2018.

GONZATTI, Christian. **Pode um LGBTQIA+ Ser Super-Herói no Brasil?**. 1. ed. Salvador, BA: Devires, 2022.

GREGOLIN, Rosário. Análise de Discurso com Michel Foucault: discursos e subjetividade nas mídias digitais contemporâneas. *In*: AMORIM, Márcia; SALES, Christian. **Discursos em redes: teias de saberes**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2022.

NAZEMIAN, Abdi. **Tipo uma história de amor**. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL DE VIVIAN DOROTHY MAIER

Alesson SANTOS
Orientador: Profa. Dra Célia Bassuma FERNANDES

Resumo: Vivian Dorothy Maier, babá misteriosa, nascida em Nova Iorque, viajou o mundo para fotografar as ruas e permaneceu por muitos anos uma fotógrafa quase anônima. Considerada uma pessoa excêntrica, acumuladora, de personalidade reservada e marcada pela necessidade de privacidade. Em 2007, John Maloof adquiriu parte do seu acervo contendo milhares de negativos, gravações em áudio, edições de jornais, vídeos e câmeras em um leilão. Faleceu em 2009 e desde então há um esforço no processo de arquivamento dos seus negativos. Ancorado no dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de matriz francesa proposta por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e outros pesquisadores que procuram compreender o funcionamento dos discursos em textos verbais e/ou imagéticos, este trabalho tem como objetivo principal, investigar a produção de sentidos na fotografia documental de Vivian Maier. Como objetivos específicos, elencamos: a) compreender a fotografia como um texto que não representa o real, mas como um gesto de interpretação da realidade de um sujeito em específico sob condições de produção determinadas; b) Analisar como elementos visuais recorrentes na obra da fotógrafa (rua, sujeitos marginalizados, autorretratos, cenas do cotidiano) inscrevem-se em uma *memória discursiva* e estabelecem relações parafrásticas e polissêmicas com a fotografia documental, tensionando sentidos hegemônicos sobre cidade, identidade e experiência urbana;

Palavras-Chave: Discurso; Vivian Dorothy Maier; Fotografia Documental.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Vivian Dorothy Maier nasceu em Nova Iorque em 1926, filha, por parte de mãe de família francesa e austríaca, por parte de pai. Fez diversas viagens ao redor do mundo como pela América Central e do Sul (São Paulo e Rio de Janeiro), Europa, Oriente Médio e Ásia. Em Nova Iorque, acredita-se que se inspirou em “Jeanne Bertrand”, retratista amiga de sua mãe, para compor seu acervo fotográfico.

Dois anos antes de falecer, Vivian Dorothy Maier era pouco conhecida, quase anônima. Em 2007, o colecionador John Maloof adquiriu, em um leilão, parte do seu acervo, que seria utilizado para fundamentar seus estudos sobre a cidade de Chicago. Os leilões foram a solução encontrada por Vivian

para manter o dos seus espaços de armazenamento, onde guardava diversos rolos de filme de médio formato e filmes 35mm, materiais impressos, gravações de áudio e vídeos além de câmeras como *RolleiFlex* e Leica 35mm. Os negativos adquiridos por Maloof, nos dão pistas sobre quem foi Vivian Maier, e talvez os motivos pelos quais preferiu (ou não) o anonimato.

Nas famílias com as quais Vivian trabalhou como babá e que a significaram como uma pessoa misteriosa, excêntrica e extremamente reservada, desorganizada, acumuladora paradoxal e que não hesitava diante dos desafios, impunha quase que como uma exigência, que seu quarto tivesse uma fechadura que ela pudesse trancar a chave.

Nesse contexto, o principal objetivo deste trabalho é investigar a produção de sentidos na fotografia documental de Vivian Maier por meio do escopo teórico da Análise de Discurso (AD) Francesa, proposta por Michel Pêcheux, trazida e expandida no Brasil por Eni Orlandi e por outros pesquisadores que se interessam pelo processo de produção de sentidos e também por textos que entremeiam o verbal ao não verbal, como por exemplo, Lagazzi (2009; 2011), entre outros.

Como objetivos específicos, elencamos: a) compreender a fotografia como um texto que não representa o real, mas como um gesto de interpretação da realidade de um sujeito em específico sob condições de produção determinadas; b) Analisar como elementos visuais recorrentes na obra da fotógrafa (rua, sujeitos marginalizados, autorretratos, cenas do cotidiano) inscrevem-se em uma *memória discursiva* e estabelecem relações parafrásticas e polissêmicas com a fotografia documental, tensionando sentidos hegemônicos sobre cidade, identidade e experiência urbana; c) investigar como discursos midiáticos, críticos e curatoriais constroem uma imagem pública da fotógrafa, analisando o processo de legitimação póstuma, as disputas de sentido em torno de sua figura autoral e o funcionamento ideológico que transforma um arquivo privado em patrimônio cultural.

2 DESENVOLVIMENTO

A fotografia em seu conceito mais fundamental busca “marcar a luz”, tornando material uma realidade que “já foi”, seus detalhes e sua quase reprodução do natural, exceto pelo sujeito fotógrafo, procedimentos químicos de revelação complexos e pelo momento “congelado” no tempo que pode ser revisto, revisitado e muitas vezes ressignificado.

Para Barthes (1984) esses elementos que constituem a fotografia são propostos por conceitos chaves na tentativa de investigar a sua essência: o “Operator” (o fotógrafo) e o “Spectrum” (o objeto ou sujeito [ou “fantasma”]) a

ser ou que foi fotografado). Ele define que a figura do “*Espectator*” (aquele que observa a Fotografia) é uma força que compõe a imagem, mas que de alguma forma permanece invisível. Também considera, com um pouco menos vigor, o papel do “*Studium*” (a força cultural, política, de interesse diverso e do inconsciente do “*Espectator*”) e do “*Punctum*” (algo que de forma inesperada tende a “perfurar” o “*Espectator*”).

A fotografia que Barthes (1984, p.15) investiga sempre terá algo tautológico, ou seja, uma repetição incansável e/ou desnecessária, que pode dar condições para o que sujeito, em seu gesto de interpretação consiga localizar um significante fotográfico. “Por natureza, a Fotografia [...] tem algo tautológico: um cachimbo, nela, é sempre um cachimbo, intransigentemente”.

Ao examinar a si próprio e a fotografia na obra “A Câmara Clara”, o Barthes (1984, p.13) reflete sobre uma possível essência que ela busca e diz que “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez; ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”.

Sontag (2004), em seu livro “Sobre a Fotografia” também busca uma essência dessa prática e diz que,

Quando as pretensões de conhecimento perdem o ímpeto, as pretensões de criatividade ocupam-lhes o espaço: Como para contestar o fato de que muitas fotos excelentes são tiradas por fotógrafos destituídos de quaisquer intenções sérias ou interessantes, a insistência em que a atividade de tirar fotos é, antes de tudo, o foco de um temperamento, e apenas secundariamente de uma máquina, sempre constituiu uma das teses principais da defesa da fotografia (Sontag, 2004, p.134).

Outro conceito importante traz uma reflexão sobre a câmera (objeto) enquanto uma arma. Essa metáfora, é incentivada por algumas palavras comumente utilizadas para determinadas ações e fazem parte de um vocabulário específico das armas. Em seu texto, a autora considera a câmera analógica, um objeto onde se insere ou “carrega” o filme (película) fotográfica (o). No exercício, o sujeito fotógrafo “mira” sua lente para um objeto ou outro sujeito e “dispara” o mecanismo que é controlado pelo botão do obturador. Sontag (2004) diz: “Tal qual um carro, uma câmera é vendida como arma predatória, o mais automatizado possível, pronta para disparar. O gosto popular espera uma tecnologia fácil e invisível”. Menciona também que nos anos 60 os modelos de câmeras mais modernos eram anunciados como se fossem “uma arma de raios”:

A Yashica Electro-35 gt é a câmera da era espacial que sua família vai adorar. Tira fotos lindas, de dia ou de noite. Automaticamente. Sem nenhuma complicação. É só mirar, focalizar e disparar. O cérebro eletrônico da gt e seu obturador eletrônico farão o resto (Sontag, 2004 p.16).

Pelo viés da teoria materialista do discurso, muito pouco ou quase nada tem sido feito sobre fotografia e, mais especificamente sobre a fotografia documental. Desse modo, compreenderemos a fotografia documental de Vivian Dorothy Maier como um texto, no qual se materializam discursos. Dito isto, começamos nosso empreendimento teórico recorrendo aos estudos do historiador francês Jacques Le Goff, que em "História e Memória" (1990) não dedica um capítulo exclusivo à fotografia, mas faz referências essenciais que ajudam a compreender porque a fotografia é um documento fundamental para a historiografia e para os estudos de memória.

Para o autor, o documento deve ser compreendido como monumento, na medida em que não se limita a informar sobre o passado, mas resulta de um processo de construção social que seleciona, organiza e hierarquiza aquilo que será conservado como memória. O documento, portanto, não é uma transparência do real: ele é produzido no interior de relações de força que determinam o que pode ser mostrado, o que é silenciado e o que se cristaliza como verdade histórica.

Aplicada à fotografia, essa concepção enfatiza que a imagem não é simples reprodução do visível, mas uma prática discursiva que participa da constituição do próprio imaginário social. A Análise de Discurso pecheutiana reforça esse entendimento ao mostrar que todo discurso, inclusive o imagético, emerge de condições de produção que atravessam o sujeito e o inscrevem em determinadas formações discursivas.

Assim, as fotografias de Vivian Maier podem ser lidas como documentos-monumentos que condensam disputas simbólicas, pois registram cenas urbanas, mas também instauram modos de ver e interpretar a cidade, revelam posições ideológicas e produzem efeitos de sentido sobre o cotidiano, a marginalidade e a figura da mulher fotógrafa. Nesse sentido, o arquivo de Maier não apenas documenta uma época, mas a monumentaliza, constituindo-se como um lugar de memória que continua sendo reatualizado por sua circulação contemporânea.

Davallon (2010, p. 27-28) afirma que a imagem é durável no tempo e que para permanecer na memória social precisa ser significativa e, de alguma maneira, impressionante. Para o autor, ao observar uma imagem, tem início um processo de significação, pois a imagem não fornece o sentido pronto, ou

seja, a imagem é um objeto a ser interpretado e também um registro que contém uma relação intersubjetiva social.

Com base em Davallon, Pêcheux (2010, p. 51) afirma que a imagem é um operador de memória social, que comporta “[...] no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito”. Desse modo, a imagem não pode ser tratada como meramente ilustrativa, pois constitui um discurso, que precisa ser analisado como tal.

A partir disso, podemos dizer que pela perspectiva discursiva, a leitura do não verbal não difere da leitura das palavras. Ler o não verbal significa, então, compreender que ele também constitui um tipo de discurso e, por isso, não é suficiente apenas a mera descrição de seus elementos visuais, pois ele está investido de sentidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia ocupa um lugar privilegiado nos debates sobre memória e história por constituir uma forma singular de produção de sentidos sobre o real. Na perspectiva de Jacques Le Goff (1990), o documento não é uma evidência neutra do passado, mas um artefato construído no interior de relações de poder que definem o que será lembrado, conservado e legitimado. Nesse sentido, a fotografia deve ser compreendida como um documento-monumento, conceito que designa não apenas o registro dos acontecimentos, mas a sua monumentalização — isto é, o investimento simbólico que transforma determinados vestígios em referências oficiais da memória coletiva. Assim, a fotografia participa ativamente das disputas simbólicas que organizam o imaginário social, ao mesmo tempo em que silencia outras possíveis narrativas.

A Análise de Discurso pecheutiana reforça essa concepção ao compreender o discurso — verbal ou imagético — como efeito das condições de produção e atravessado pela ideologia. Para Pêcheux (1997), o sujeito não é origem dos sentidos, mas é interpelado por formações discursivas que determinam o que pode e o que não pode ser dito — ou, no caso da fotografia, o que pode e o que não pode ser mostrado.

No caso de Vivian Maier, essa articulação teórica revela sua fotografia como um campo de tensão entre registro documental e prática discursiva. Seus enquadramentos cuidadosos, seus autorretratos, as cenas de rua que privilegiam sujeitos marginalizados ou invisibilizados, e o modo como captura o cotidiano urbano norte-americano inscrevem-se em formações discursivas

específicas sobre cidade, gênero, classe e anonimato. Ao mesmo tempo, sua condição de mulher, imigrante e trabalhadora doméstica constitui uma posição de sujeito que condiciona seu gesto fotográfico e define modos particulares de ver e significar o mundo urbano.

Dessa forma, a fotografia de Maier, lida à luz de Le Goff e da AD pecheutiana, revela-se como um espaço onde memória e ideologia se entrecruzam. Suas imagens constituem não apenas registros do cotidiano, mas materialidades discursivas que participam da construção da memória social e das disputas simbólicas que definem quem tem ou não lugar na história.

4 REFERÊNCIAS

DAVALLON, Jean. A imagem, uma Arte de Memória. In: ACHARD, Pierre. et al. **Papel da memória**. 3. Ed. Campinas: Editora Pontes, 2010, p.23-38;

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RESGATE AO MANEQUINS DO SUBMUNDO: O MITO PERSEFONIANO RESPINGANDO FEMINILIDADES EM “OS MANEQUINS DE MUNIQUE”

Ana Caroline LOPES

Orientador: Profa. Dra. Susana Célia Leandro SCRAMIN

Resumo: Sylvia Plath é apresentada conforme Rollyson (2015) como uma figura de fama intensa e autodestrutiva, comparada a uma “Marilyn Monroe literária” sendo sua escrita mistura força vital e potência mortal. A recepção crítica sobre ela se divide entre leituras relacionadas ao seu estado mental e leituras feministas, mas ambos os lados tendem a reduzir sua complexidade, ignorando a lógica própria de sua vida psíquica e de sua obra. O poema *The Munich Mannequins* de Sylvia Plath junto ao mito de Perséfone, a partir de uma leitura feminista denunciam a objetificação feminina. Compreender como ambos os discursos constroem a imagem do corpo feminino com o objetivo de controle e silenciamento, nos faz perceber que as mulheres mesmo na modernidade ainda continuam a ser sequestradas simbolicamente por padrões de beleza, disciplina corporal e normatividade de gênero. A metáfora dos manequins revela corpos artificiais, estéreis e padronizados enquanto o mito simboliza a mulher sequestrada e submetida à autoridade masculina. Poesia e mito apresentam a persistência de discursos estruturalmente patriarcais como também abre rachaduras que permitem reescrever o corpo feminino como corpo que fala, resiste e tem espaço de libertação.

Palavras-chave: Sylvia Plath; Perséfone; feminismo; corpo; silenciamento.

1 INTRODUÇÃO

Os manequins de Munich, poesia melancólica e de caráter denunciativo social, de Sylvia Plath revela imagens que exploram o corpo feminino como local de silenciamento, fragmentação e controle. Ao comparar as mulheres aos manequins ela demonstra que não existe apenas uma padronização estética e apagamento do “eu” feminino, mas também uma prisão simbólica dentro de um modelo social patriarcal que reduz as mulheres a meros objetos. Tal representação dialoga de forma direta com o mito de Perséfone, uma vez que, a narrativa do rapto e submissão à Hades representa a transformação da jovem em objeto de troca e dominação, reafirmando novamente o poder masculino sobre corpos femininos.

Ler Plath sob uma perspectiva feminista nos permite nos compreender como a literatura ocidental, desde os mitos clássicos até a poesia contemporânea perpetuam a naturalização da violência feminina. O mito longe de ser uma narrativa mítica ressurgue como metáfora de um rapto simbólico que atravessa a experiência feminina até os dias atuais do corpo moldado, sequestrado, disciplinado e dominado.

O trabalho a seguir propõe em analisar como a poética de Sylvia Plath em *Os Manequins de Munique* conversa com o mito de Perséfone na constituição de uma feminilidade aprisionada e silenciada. A partir de autoras feministas, procura-se questionar como a linguagem literária e mítica reproduz padrões de submissão permitindo assim uma leitura crítica entre o mito e a poesia.

2 DESENVOLVIMENTO

Sylvia Plath conforme Rollyson (2015), é representada como uma Marilyn Monroe literária, dotada de fama intensa e ao mesmo tempo autodestrutiva. Desde seus 8 anos se expunha ao público e com grande feito fez de sua escrita uma força vital e mortal. Ted Hughes (seu marido) a observava dramaticamente e reconhecia que seu papel era de consorte diante da grandeza mítica de Sylvia. Ao almejar com tanto ardor a fama, Plath passou a revelar sua face mais perversa e mortal. Sua figura pública torna-se metáfora da feminilidade mortífera, marcada por exposição que invocava voyeurismo e sadismo frente a aclamação pública (Rose, 1992).

Sua morte vista como recurso interpretativo de sua obra, certifica-se que suas palavras de fato queriam dizer o que disse, reforçando leituras que a reduzem à uma voz dissidente que se silencia, ou revela uma mulher pedindo desesperadamente por socorro (Hunter Steiner, 1973). A crítica a concebia em uma dicotomia que ora oscilava a sua doença psíquica (esquizofrenia/psicose) e feminismo onde a transformava em heroína ou até mesmo vítima do patriarcado. Ambas visões simplificam sua vida psíquica de tal forma que ao privilegiar explicações externas, arrancam dela assim sua própria lógica (Rose, 1992).

Partindo deste quadro, analisar *The Munich Mannequins* articulando esta às leituras feministas nos permite compreender como padrões patriarcais moldam a representação do corpo feminino. Conforme Beauvoir (1967) a passividade feminina não advém de forma natural, é construída socialmente. Desde cedo, a mulher aprende a ser objeto de outrem. Desta forma, os manequins de Plath simbolizam corpos moldados pela sociedade, inanimados e perfeitos perante o olhar patriarcal. O conceito de gênero mostra que a história feminina é parte da história dos homens, reforçando que a feminilidade está imersa em estruturas discursivas masculinas (Scott, 1995).

O corpo do manequim revela um ideal rígido e inatingível que reduz a mulher ao seu sexo e erotiza sua existência. Butler (2018) discute que destruir a categoria sexual implica destruir o próprio gesto misógino que transforma a mulher em não-pessoa. A imagem dos manequins como “pirulitos de laranja em palitos de prata” expõe a magreza extrema e a desconexão com a “árvore da vida”, marcando corpos inerentes de pensamento e humanidade. Hélène Cixous (2022) através de toda sua poética Sylvia se coloca como mulher escrevendo para mulheres e escrevendo em direção a elas, se há o enfrentamento do desafio revelado pelo discurso falocêntrico. Onde a mulher

é afirmada em um lugar diferente daquele reservado a ela no e pelo símbolo do silêncio.

A natureza, simbolizada pelos teixos que “sopram como hidras”, demonstra como observa Paglia (1992), pano de fundo da moralidade e da sexualidade humanas, associando o útero à vida e à morte. A maternidade ao mesmo tempo potência e sacrifício, torna-se instrumento de controle patriarcal (Rich, 2019). Nesse contexto, emerge o mito de Perséfone cuja passagem da juventude para a vida adulta acontece por meio de violência ritualizada. Perséfone não possui autonomia, Hades a rapta. E Deméter, mesmo sendo tão poderosa, é submetida ao domínio masculino de Zeus (Schiano, 2018). O mito reiterando assim, que mulheres são moldadas por relações de força, mentira e dominação.

Também as mulheres são silenciadas e divididas pela incorporação de seus medos, esses medos funcionam como eletrodos minunciosamente implantados no cérebro da vítima que pode ser controlada de forma silenciosa, fazendo com que as mulheres possam se sentir libertas. Analisar as respostas de alguns destes medos instilados revela o método de controle “silencioso” capaz de silenciar os “Eus” profundos femininos, enquanto falsos eus “libertos” sussurram em liberdade (Daly, 1978).

O mito de Perséfone, revela em um primeiro momento Coré representante da criança de qualquer sexo que se encontra feminina na identificação materna primária e o rapto por Hades como presença paterna na triangulação primitiva (pai, mãe, criança). Ressaltando assim, o importante papel do mito que descreve os efeitos nas mulheres, casamentos arranjados e consequentemente na separação familiar, exemplificando a atitude feminina em relação ao poder (Kulish e Holtzman, 2000), destaca-se também a função maternal como forma de organização e percepção feminina da realidade (Robles, 2006).

Historicamente, a mulher nunca ocupou um lugar religioso ou civil igual ao do homem (Lopez de Magalhães, 1980), sendo sempre pertencente ao esposo. Esse “patriarcado mascarado” em que vivemos e é ardilosamente negado, ainda sim herda muitas características de desigualdade de gênero tanto no meio social, profissional como familiar da mulher. Compreender a identidade feminina com pluralidade de meios sociais requer uma recuperação histórica da sociedade patriarcal e a submissão da mulher durante este período (Oliveira Rodrigues; Nascimento dos Reis; Carvalho Quadrado, 2018).

O corpo feminino é sequestrado diariamente, moldado por normas de conduta e opressões sistemáticas. Dos Santos, Neves e Reis (2020) comparam esse processo a uma máquina social que fabrica corpos submissos. O poema remete a uma feminilidade fabricada, manequins (corpos “perfeitos”) que não são anteriores à linguagem, uma vez que existem pois dela fazem parte e são por elas formatados. E quando falamos de Perséfone assim como os corpos femininos falados e descritos por Sylvia Plath percebemos que, a linguagem do mito não tem somente o papel de contar uma narrativa, ela serve de

modelo de um padrão de submissão que ultrapassa séculos fazendo do corpo feminino um efeito do discurso patriarcal.

Conforme Butler (2018), postular que um corpo existe antes da linguagem significa trata-lo como algo dado de forma prévia, entretanto essa ideia de “prévio” já apresenta significado, uma vez que o corpo é produzido justamente por meio do discurso que tem a intenção de apenas o descrevê-lo. Nussbaum (2000) evidencia como, em grande parte do mundo, mulheres vivem em condições desiguais (menos nutridas, vítimas de violência sexual, sem direitos plenos de propriedade ou mobilidade) ainda que aparentem ter maior liberdade. Kilomba (2019) argumenta que mulheres, sobretudo racializadas, são excluídas da fala legítima, permanecendo confinadas ao silêncio estrutural. O corpo feminino, capaz de ser dois (“eu e você”) revela tanto potência quanto vulnerabilidade à invasão (Rivera Garretos, 1996). Gonzalez (2020) lembra que o corpo feminino negro sempre foi visto como força de trabalho e objeto de exploração sexual, reforçando a necessidade de solidariedade entre mulheres no enfrentamento ao racismo.

Existe assim, a falsa ideia de liberdade sexual contemporânea, que ignora os inúmeros “raptos” simbólicos que ainda ocorrem (Hooks, 1984). Não há a necessidade de que as relações sociais sejam organizadas em termos de gênero, porém, uma vez que é dada tal organização sexual nesses termos não tem se tem motivo ser heterossexual ou patriarcal, isso seria fruto histórico não advindo da “natureza humana”. A colonização foi responsável por impor essas formas de organização e quando somamos questões raciais a gênero, a opressão além de aumentar se transforma (Lugones, 2020).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trata-se, neste sentido, de perceber que o corpo feminino foi historicamente concebido como plano e moldável, passível de apropriação e rapto: um corpo-objeto. Sendo assim, tanto o mito quanto o poema revelam a persistência de discursos patriarcais que sequestram simbolicamente o corpo feminino. Rivera Garretos (1996) considera o corpo feminino um corpo aberto. Aberto ao outro. Uma característica distintiva que mesmo as culturas mais díspares concordam em chamá-la de bela uma vez que o patriarcado existe, mas não lhe domina ou resume.

4 REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith Pamela. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Bazar do Tempo, 2022.

DALY, Mary. *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism*. Boston: Beacon Press, 1978.

DOS SANTOS, Ana Carolina Hessab; NEVES, Fernanda de Barros Camargo; REIS, Thais Leite. A objetificação dos corpos femininos: uma reflexão fenomenológica existencial. *Revista Mosaico*, v.11, n.2, p. 154-160, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos*. Zahar, 2020.

HOOKE, Bell. *Feminist theory from margin to center*. Boston: South End Press, 1984.

HUNTER STEINER, Nancy. A closer look at Ariel: A memory of Sylvia Plath. *Harper's Magazine Press*, 83 p., 1973.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

KULISH, Nancy; HOLTZMAN, Deanna. Perséfone, a perda da virgindade e o complexo de Édipo feminino. *Livro Anual de Psicanálise*, p.53-66, 2000.

LOPEZ DE MAGALHÃES, Teresa Ancona. O papel da mulher na sociedade. *Revista Da Faculdade De Direito, Universidade De São Paulo*, v.75, p.123-134, 1980.

LUGONES, Maria. *A colonialidade do poder. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão ... [et al.]*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

NUSSBAUM, Martha Craven. Women and human development: The Capabilities Approach. *Cambridge University*, 2000.

OLIVEIRA RODRIGUES, Annelise; NASCIMENTO DOS REIS, Bruna Rafaela; CARVALHO QUADRADO. A influência da sociedade patriarcal na identidade feminina. *Anais do 10º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE)*. Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2018.

PAGLIA, Camille. *Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite e Emily Dickinson*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RICHIE, Adrienne. *Nacemos de mujer. La maternidad como experiencia e institución*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2019.

RIVERA GARRETOS, María-Milagros. *Nombrar el mundo en femenino. Pensamiento de las mujeres y teoría feminista*. Barcelona: Icaria, 1996.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Tradução de William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

ROLLYSON, Carl. *Ísis Americana: a vida e arte de Sylvia Plath*. Tradução de Regina Lyra. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

ROSE, Jacqueline. The haunting of Sylvia Plath. *Harvard University Press*, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, 1995.

SHIANO, Sierra. The Rape of Persephone in Children's Media: Feminist Receptions of Classical Mythology. *Berkeley Undergraduate Journal of Classics*, v.6, n.2, 2018.

SUJEITO SURDO NA SÉRIE *CRISÁLIDA*: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Andrey KAMINSKI

Orientadora: Cristiane Malinoski Pianaro ANGELO

Resumo: Este trabalho analisa como a série *Crisálida* constrói discursivamente o sujeito surdo ao articular recursos visuais, corporais e linguísticos que tensionam modos de compreender a diferença. A investigação pauta-se na Análise Dialógica do Discurso (ADD), pois, segundo Bakhtin e o Círculo, compreende-se a linguagem como prática social orientada axiologicamente, em que cada enunciado refrata valores, posições e respostas. Nesse horizonte, a noção de valoração torna-se central para compreender como a série produz sentidos sobre a surdez enquanto diferença linguística, cultural e identitária. O objetivo é examinar como tais sentidos se organizam nos enunciados concretos do audiovisual, considerando que vozes sociais em disputa se manifestam de forma simultânea no gesto, no corpo, nos enquadramentos, no ritmo das cenas e na presença da Libras, constituindo uma dinâmica única de significação. A metodologia é qualitativa, interpretativa e fundamentada na leitura dialógica das cenas, com observação de enunciados recorrentes e dos modos como discursos se cruzam e se reorientam. Os resultados parciais indicam que *Crisálida* desloca a surdez como falta para um campo de agência e pertença, no qual a visualidade e a experiência comunitária assumem função formadora. Assim, o estudo contribui para reflexões sobre políticas de representação, direitos linguísticos e modos éticos de narrar a alteridade no audiovisual contemporâneo.

Palavras-chave: dialogismo; valoração; surdez; cultura surda; visualidade.

1 INTRODUÇÃO

A surdez, historicamente vinculada a discursos que a interpretam como falta ou incapacidade, foi inscrita em práticas discursivas que situam o sujeito surdo sob expectativas ouvintes, restringindo sua agência e sua presença social. Pesquisas como as de Skliar (2005) e Strobel (2008) demonstram que tais narrativas são estruturalmente ouvintizantes e reforçam a audição como parâmetro universal, apagando formas de existência orientadas pela visualidade e pela experiência comunitária. Esse cenário demanda uma abordagem teórica capaz de compreender a linguagem como acontecimento socialmente orientado e responsivamente produzido.

É nesse horizonte que a Análise Dialógica do Discurso (ADD), segundo o Círculo de Bakhtin, oferece fundamentos para pensar a linguagem em sua historicidade e em sua organização axiológica. Volóchinov (2017 [1929]) demonstra que nenhum enunciado existe isoladamente, pois todo dizer se inscreve na vida social, respondendo a discursos anteriores e orientando-se para uma resposta futura. Consoante, o autor afirma:

De fato, todo enunciado - do orador, do palestrante etc. - leva em conta um ouvinte, isto é, sua *compreensão e resposta* (é claro que não se trata de uma resposta imediata, pois não se pode interromper o orador ou o palestrante com suas observações responsivas), sua *concordância* ou *discordância*, em outras palavras, a *percepção avaliativa* do ouvinte

('auditório'). Todo orador ou palestrante experimenta sobremodo bem esse aspecto dialógico de seu discurso. Os ouvintes atentos de modo algum se contrapõem a ele como uma massa indiferente, inerte e imóvel de indivíduos alheios que o acompanham. Não, diante dele está um interlocutor vivo e de múltiplas faces. Cada movimento de um ou de outro ouvinte - sua pose, sua expressão facial, o leve tossir, a mudança de posição - tudo isso, para um verdadeiro orador profissional, serve de resposta clara e expressiva, e acompanha sua fala de modo constante. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 273, grifos do autor).

Essa concepção dialógica, centrada na responsividade e na orientação para o outro, evidencia que não há enunciado neutro, pois todo dizer é axiologicamente marcado. Embora Medviédév (1928) denomine esse fenômeno "avaliação social" e Bakhtin (1952/53) o discuta pela "entonação expressiva", todos convergem em reconhecer que a valoração é elemento integrante do enunciado. A produção de sentidos envolve, para além das palavras, os olhares, escolhas composicionais, ritmos e visualidades que refratam posições e avaliações em situações concretas de interação.

Conforme dispõe Bakhtin, a compreensão do ato como acontecimento único e responsável fundamenta a noção de acontecimento discursivo a que se propõe este trabalho. O autor afirma:

A característica que é comum ao pensamento teórico discursivo (nas ciências naturais e na filosofia), à representação-descrição histórica e à percepção estética e que é particularmente importante para a nossa análise, é esta: todas essas atividades estabelecem uma separação de princípio entre o conteúdo-sentido de um determinado ato-atividade e a realidade histórica de seu existir, sua vivência realmente específica; como consequência, este ato perde precisamente o seu valor, a sua unidade de vivo vir a ser e autodeterminação. Somente na sua *totalidade* tal ato é verdadeiramente real, participa do existir-evento; só assim é vivo, pleno e irreduzivelmente efetivo; vem a ser, se realiza. É um componente real, vivo do existir-evento, um momento da unidade do processo do vir a ser que vai realizando (Bakhtin, 2017, p. 41, grifos do autor).

Ao incorporar esse arcabouço teórico, é possível observar que sentidos sobre a surdez não se produzem exclusivamente no plano verbal, eles também emergem da articulação entre corpo, gesto, olhar, enquadramento e, no caso da presente pesquisa, a presença da Libras, elementos que se realizam como índices valorativos no acontecimento discursivo da série *Crisálida*. É sob essa perspectiva que se insere a atual problemática de pesquisa, cujo objetivo geral é analisar como a série constrói discursivamente o sujeito surdo a partir de enunciados concretos

orientados pela valoração. Para tanto, definem-se os seguintes objetivos específicos: **(i)** identificar vozes sociais que atravessam a construção da surdez na série e observar suas orientações valorativas; **(ii)** examinar como a visualidade participa da constituição dos sentidos nos enunciados; **(iii)** compreender como a produção audiovisual contemporânea tensiona discursos ouvintizantes e afirma modos de pertença e agência do sujeito surdo.

2 DESENVOLVIMENTO

A análise da série *Crisálida*, orientada pela Análise Dialógica do Discurso (ADD), parte da compreensão de que nenhum enunciado existe isoladamente. A ADD não se orienta por estruturas internas nem por significados fixos; ela se volta aos movimentos de valoração que produzem cada acontecimento discursivo. Em termos bakhtinianos, o enunciado é uma unidade concreta e historicamente situada, que se organiza em relação responsiva ao que já foi e que ainda será dito. Como acentua Volóchinov:

Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo monumento continua a obra dos antecessores, polemiza com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 184).

É a partir dessa concepção que a ADD entende a linguagem enquanto prática social axiologicamente orientada. A valoração estrutura o enunciado desde sua concretude até sua orientação social. Medviédév (2012), ao definir a avaliação social, enfatiza que é ela que “determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro”, orientando escolhas lexicais, composicionais e temáticas. Bakhtin observa que a posição ativa do falante em relação ao outro e ao objeto do discurso se realiza concretamente na organização do enunciado, sendo a entonação expressiva um traço constitutivo dessa relação valorativa. A enunciação, portanto, não é neutra: ela revela a orientação social do sujeito e sua responsividade diante da situação comunicativa (Bakhtin, 2016, p. 47). Assim, valoração, responsividade e orientação social tornam-se categorias metodológicas fundamentais do processo analítico.

Entre as vozes recorrentes que atravessam a série, destaca-se aquela vinculada ao discurso clínico. Esse discurso, conforme argumenta Skliar (1998), compõe o “pensamento ouvintista”, que entende a surdez a partir de uma lógica de correção, normalidade e reparação. Strobel (2008) reforça que essa perspectiva reduz a diferença à deficiência, produzindo efeitos de silenciamento e apagamento cultural. Na produção seriada em análise, esse modo de ver se manifesta especialmente em personagens ouvintes que

expressam preocupação com “o futuro”, “as limitações” e “o que seria melhor para ela”. São enunciados atravessados por valores historicamente associados à audição como parâmetro universal, e que geram tensões importantes de serem analisadas com profundidade.

Outra voz que atravessa a narrativa é a da cultura surda, que desloca a compreensão da surdez da falta para a diferença e, conforme Strobel (2008), funda-se na visualidade como eixo epistêmico, compreendendo corpo, gesto e olhar como formas plenas de significação. Em *Crisálida*, essa perspectiva se revela na centralidade da Libras, nos enquadramentos que destacam expressões faciais e movimentos corporais, bem como na presença de personagens surdos adultos que atuam como referências identitárias, produzindo sentidos que reconhecem a surdez como modo legítimo de estar no mundo. Ao mesmo tempo, a voz familiar revela ambivalências profundas, pois o cotidiano das famílias pode se tornar espaço de disputa entre discursos ouvintizantes e discursos da cultura surda, manifestando tensões entre cuidado e controle, proteção e tutela, afeto e expectativa.

Nesse percurso analítico, identificam-se três movimentos recorrentes de valoração: a surdez como fragilidade; como pertença comunitária; e como resistência identitária. Tais movimentos não são fixos: emergem conforme as vozes que se cruzam na narrativa, evidenciando que a surdez, na trama, mostra-se como acontecimento discursivo, ou seja, como construção valorativa que se produz nas relações entre sujeitos, discursos e manifestações enunciativas concretas únicas e irrepetíveis.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises preliminares realizadas permitem perceber que *Crisálida* é um campo privilegiado para observar como a linguagem, conforme proposto pela Análise Dialógica do Discurso, se realiza como acontecimento orientado pela valoração. Os enunciados visuais, corporais, gestuais e verbais indicam que a formação do sujeito surdo na narrativa se dá por movimentos axiológicos que se produzem no encontro de vozes sociais divergentes. Responsividade, orientação social e avaliação mostram-se categorias decisivas para compreender como sentidos de fragilidade, pertença ou resistência se organizam e se reorganizam nos enunciados concretos da série. Assim, este estudo evidencia que compreender a constituição discursiva da surdez implica observar como diferentes posições valorativas se cruzam e se refratam, revelando a dinâmica que configura o sujeito nas disputas contemporâneas de representação, linguagem e diferença.

4 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3. ed. Tradução, posfácio e notas de Valdemir Miotello; co-tradução de Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

CRISÁLIDA. Direção: Dany da Silva e Alex Duarte. [S. l.]: TV Brasil / Ecovox, 2019. 1 série de TV.

MEDVÍÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos. **A surdez e a diferença**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 (2ª edição).

CULTURA UCRANIANA EM ITAPARÁ: PRÁTICAS LINGUÍSTICAS E RELIGIOSIDADE

Camile FEDARACZ

Orientador: Luciane TRENNEPHOL DA COSTA

Resumo: A região sul do Paraná, apresenta forte influência cultural e linguística de imigrantes eslavos, principalmente ucranianos e poloneses, que chegaram ao Brasil a partir do século XIX. Estudos como o de Campigoto e Chicoski (2013) apontam que esses grupos mantiveram práticas culturais e religiosas que contribuíram para a preservação de suas línguas, consolidando contextos de bilinguismo. Ancorado na Sociolinguística Variacionista de William Labov (2008 [1972]), este trabalho busca analisar como o ambiente sociocultural influencia as práticas linguísticas da comunidade e descrever aspectos sonoros, com foco nos sons róticos do português falado na região, que constituem importantes marcas dialetais. Além dos fatores linguísticos, o estudo considera o papel das instituições comunitárias, em especial as igrejas, como espaço de manutenção cultural e linguística. A investigação prevê a coleta de dados com falantes residentes ao longo da vida na comunidade da Colônia Gonçalves Júnior, levando em conta variáveis como idade, escolaridade, sexo e descendência. Ao descrever as variações fonéticas relacionadas aos róticos, o trabalho pretende contribuir para a descrição do português brasileiro falado na região e para o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística de Irati, reforçando a importância de preservar esse patrimônio imaterial que resulta da convivência multicultural entre diferentes grupos de imigrantes.

Palavras-Chave: Multilinguismo; Variação Linguística; Fonética e Fonologia.

1 INTRODUÇÃO

A região sul do estado do Paraná é marcada por uma forte presença de descendentes de eslavos, resultado da migração que aconteceu no Brasil a partir do século XIX. Conforme Loregian-Penkal et al. (2013, p. 25) “Calcula-se, igualmente, que 44% dos eslavos estabelecidos no Paraná eram de origem ucraniana” e, também segundo os autores, cerca de 60.000 ucranianos e poloneses migraram para o estado do Paraná e mais da metade deles fixaram-se nas abrangências da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro – Campus de Irati. Ainda, o trabalho revela que esses fatores influenciam diretamente na cultura local, que se expressa por fortes traços eslavos, principalmente no âmbito religioso como nas cerimônias (batismo e casamento), arquitetura, danças típicas, culinária, e claro, no uso linguístico, práticas sociais que fazem muitos falantes acabarem adquirindo duas línguas simultaneamente, o polonês ou o ucraniano em conjunto com o português, resultando na presença significativa do bilinguismo e multilinguismo nessas comunidades.

Este trabalho ancora-se na teoria da Sociolinguística Variacionista de William Labov (1927-2024), o expoente linguista dedicou-se a investigar as transformações da linguagem, observando como o uso da língua se articula com os contextos sociais. Ao enfatizar essa interdependência entre língua e

sociedade, Labov desenvolveu um modelo analítico capaz de sistematizar e compreender as variações presentes na fala.

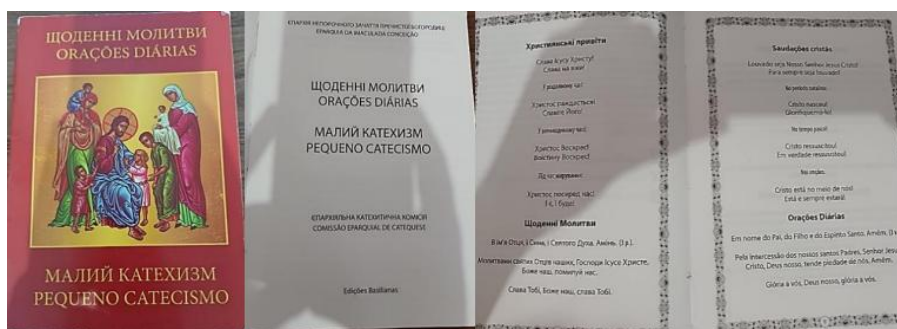
Portanto, acredita-se que o ambiente em que o falante está inserido pode influenciar a sua linguagem, interferindo diretamente no aspecto fonológico, ou seja, no modo como são produzidos os sons da fala, por meio da diversidade linguística local, especificamente neste contexto previamente descrito acima, com a presença do multiculturalismo e do bilinguismo. Em uma pesquisa realizada por Fedaracz e Costa (2024), na comunidade eslava de Itapará, Irati, Paraná, observou-se que essa preservação cultural e linguística se dá principalmente por intermédio das igrejas locais:

Observamos que as práticas sociais de letramento em língua ucraniana são mantidas principalmente pela influência e participação ativa da igreja ucraniana local. Esta instituição desempenha um papel central na preservação da cultura, oferecendo um espaço onde a língua ucraniana é utilizada em rituais religiosos, eventos comunitários e na educação das crianças (Fedaracz e Costa, 2024, p. 69). Neste mesmo estudo, foram registradas diversas práticas de letramentos que ocorriam por intermédio da igreja local:

Também afirma que não existe um curso em específico de língua ucraniana na igreja, porém existe o Movimento Eucarístico Juvenil (MEJ) que é um 65 Anais do VII Simpósio Internacional de Estudos Eslavos. Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Câmpus de Irati, 04 a 07 de junho de 2024. ISSN: 2525-3077 grupo de crianças e adolescentes que se compõe após a primeira eucaristia e quem ministra as aulas a esse grupo são as irmãs servas de Maria, nesses encontros ensinam a língua ucraniana. Também na catequese são ensinadas algumas palavras, músicas e orações em ucraniano e segundo ela, os alunos sabem e entendem o que estão falando ou cantando pois sempre é ensinado a tradução (Fedaracz e Costa, 2024, p. 65).

As pesquisadoras analisaram os materiais didáticos utilizados na catequese que são elaborados em língua ucraniana e a posterior tradução em português:

Figura 1 – Livro de orações disponibilizado na catequese



Fonte: Fedaracz e Costa (2024, p. 67)

Também foram registradas práticas de letramento no ambiente externo da igreja local, por meio de placas com recados em ucraniano que fazem parte da paisagem sociolinguística da Itapará:

Figura 2 - Placas presentes no pátio da Igreja Ucraniana de Itapará



Fonte: Fedaracz e Costa (2024, p. 68)

Tendo em vista tal contexto histórico, pretende-se nesta pesquisa estudar o distrito de Itapará, que fica localizado na área rural da cidade de Irati, Paraná. O foco da análise serão os sons de “r”, denominados os sons róticos, sons com grande variabilidade e geralmente envolvidos em fenômenos variacionistas. Nesse viés, entende-se que este trabalho trará contribuições para o registro do cenário cultural da cidade, bem como a de uma cultura que é pouco estudada.

2 DESENVOLVIMENTO

Em Costa (2011), está descrita a relação dos sons róticos com a variação e mudança linguística no português brasileiro: “A heterogeneidade fonética das líquidas faz com que estes sons constituam fortes marcas dialetais e estejam envolvidos em processos de variação e de mudança linguística em curso no PB” (Costa, 2011, p. 02). As variações na produção dos róticos ocorrem conforme a região onde a pessoa vive, seu nível de escolaridade, idade, classe social e, como já mencionado, sua descendência.

Compreender a dinâmica linguística e cultural dessas comunidades é fundamental, tanto para preservar esse patrimônio imaterial quanto para analisar o impacto dessas línguas no português brasileiro regional. Loregian-Penkal et al. (2013, p. 26) destacam que: “Na região em análise há muitos falantes bilíngues, e até mesmo trlíngues, e na prática se constata que para muitos falantes a primeira língua, ou língua materna, não é o português brasileiro e sim o ucraniano ou o polonês”. Contudo, mesmo com a presença dessas práticas, as línguas eslavas enfrentam desafios relacionados ao silenciamento do multilinguismo no Brasil. De acordo com Oliveira e Altenhofen

(2011, p. 193), apesar de o país abrigar 270 línguas vivas, sendo 219 indígenas e 51 de imigração, persiste a imagem de um país monolíngue e homogêneo em termos linguísticos, destacando que o multilinguismo enfrenta desafios, como a desvalorização social e o risco de perda geracional, o que reforça a importância de iniciativas acadêmicas que deem visibilidade a essa riqueza cultural.

A cidade de Irati, no Paraná, que será objeto de estudo nesta pesquisa, destaca-se por sua rica diversidade cultural. Segundo a Revista História Irati, escrita por José Maria Orreda, publicada em 2007, já em 1908, apenas um ano após a criação do município, os primeiros imigrantes começaram a chegar. Os holandeses se estabeleceram no Núcleo Irati, atualmente conhecido como Colônia Gonçalves Júnior. No mesmo ano, ucranianos e poloneses, liderados por um grupo vindo de Prudentópolis, fundaram a Colônia Itapará. Posteriormente, imigrantes alemães também se instalaram na sede de Irati, seguidos pelos italianos, que vieram de Campo Largo e se fixaram nas comunidades de Rio do Couro e Mato Queimado. Todo esse processo migratório foi promovido pelo governo federal.

Além disso, os fenômenos fonéticos e fonológicos observados refletirão não apenas nos aspectos sociais e históricos, mas também o impacto da convivência entre diferentes comunidades de imigrantes no desenvolvimento do português brasileiro falado na região. Assim, este estudo buscará não apenas descrever essas variações, mas também valorizar a diversidade cultural e linguística de Irati, ressaltando a importância da preservação desse patrimônio imaterial.

Para a realização de tais análises, pretende-se coletar dados de fala de informantes segundo os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista, levando em consideração sua descendência, idade, sexo e escolaridade. Também o (a) informante não pode ter realizado mudanças, residindo na comunidade durante toda a vida. Para a coleta de dados serão seguidos todos os procedimentos éticos com a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unicentro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, fica clara a relevância de investigar a realidade linguística no distrito de Itapará, onde a forte presença histórica de imigrantes eslavos influencia diretamente as práticas culturais e o modo de falar da comunidade. A análise dos sons róticos, permite compreender tanto processos de mudança interna na língua quanto os efeitos do bilinguismo e do trilinguismo resultantes da convivência entre português, ucraniano e polonês. Instituições como as igrejas locais mostram-se fundamentais na preservação das línguas, garantindo sua manutenção e transmissão entre gerações.

Assim, ao documentar essas variações fonéticas e seus vínculos com os contextos históricos e sociais, este estudo, assim como outros já efetivados (Souza, 2022) contribui para ampliar a visibilidade da diversidade linguística presente no sul do Paraná. Além de descrever fenômenos linguísticos, reforça-

se a necessidade de valorizar e preservar esse patrimônio cultural ainda pouco explorado, reconhecendo a importância das comunidades imigrantes para a formação e riqueza do português brasileiro falado na região.

4 REFERÊNCIAS

COSTA, Luciane Trennephol. **Fenômenos variáveis e variantes líquidas produzidas no ataque complexo**. Acta Scientiarum, v. 35, n. 2, 2013, p. 179-186.

COSTA, Luciane Trennephol. **Registros de Variantes Róticas e Laterais na Fala de Irati**. In: Simpósio de Estudos em Letras I, p. 1-13, 2011.

FEDARACZ, Camile e COSTA, Luciane Trennephol. Práticas de Letramentos em uma Comunidade Ucraniana. In: Simpósio Internacional de Estudos Eslavos, VII, 2024, UNICENTRO, Câmpus de Irati. **Anais do VII Simpósio Internacional de Estudos Eslavos**. Irati Paraná, p. 52-70. Disponível em: <https://evento.unicentro.br/site/eslavos/2024/1>. Acesso em: 25 out. 2024.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; KRAUSE-LEMKE, Cibele; COSTA, Luciane E JACUMASSO, Tadinei. Banco de Dados de fala eslava: discussões metodológicas. In: **Brasil – Ucrânia: Linguagem, Cultura e Identidade**. CAMPIGOTO, José Adilçom e CHICOSKI, Regina (org.) São Paulo: Paco Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de; ALTENHOFEN, Cléo V. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 187-216.

ORREDA, José Maria. **Irati 100 anos de história**. Irati: Editora O Debate, 2007.

SOUZA, Daiane Cristina Moreira. **Análise Variacionista do Rótico Tepe na Fala de Descendentes de Ucranianos em Prudentópolis no Paraná**. Orientadora: Dra. Luciane Trennephol da Costa. 2022. 109 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava. Disponível em: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/1891>. Acesso em: 10 set. 2024.

A DISCURSIVIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM CAPITÃES DA AREIA: NOS ENTREMEIOS DA LINGUÍSTICA E DA LITERATURA

Cassiana TAUFFER

Orientador: Célia BASSUMA FERNANDES

Resumo: Essa pesquisa objetiva analisar como a infância é discursivizada na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Publicado em 1937, em pleno Estado Novo. O romance integra o Modernismo brasileiro e denuncia a marginalização de crianças e adolescentes em situação de rua, na Bahia. Como objetivos específicos estabelecemos: a) investigar quais formações discursivas se entrecruzam na obra, observando como determinados sentidos sobre a infância marginalizada se estabilizam ou se deslocam no interior do discurso literário de Jorge Amado; b) compreender as condições de produção sócio-históricas-ideológicas nas quais a obra foi produzida e que permitem observar o processo de produção de sentidos sobre a infância esquecida pelo Estado; c. Analisar o funcionamento da memória discursiva na constituição do imaginário de infância marginalizada, observando como discursos que vêm de diferentes lugares são mobilizados, ressignificados ou deslizam para outros sítios de significação, na obra em tela. Para atender a esses objetivos, esse estudo se fundamenta na Análise de Discurso de linha francesa, sobretudo nas obras de Michel Pêcheux e de Eni Orlandi, que reterritorializa a teoria da interpretação em solo brasileiro, desenvolve conceitos nucleares e forma outros pesquisadores. Os resultados parciais indicam que a obra discursiviza uma infância marcada pela violência, pela adultização precoce e pela luta permanente pela sobrevivência, em contraste com a infância nobre e idealizada atribuída às classes privilegiadas. Desse modo, o estudo evidencia que a infância, longe de ser uma categoria universal, é atravessada por desigualdades históricas e sociais e pela falta e falha do Estado.

Palavras-Chave: Discurso; Sentido; Infância; Memórias.

1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE A INFÂNCIA MARGINALIZADA NA OBRA AMADIANA

Publicado originalmente em 1937, *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, constitui-se como um dos romances modernos mais expressivos da literatura brasileira ao problematizar, com vigor crítico, a marginalização de crianças e adolescentes em situação de rua. A obra, marcada por forte teor de denúncia social, expõe a miséria estrutural da Bahia da década de 1930 e a negligência histórica do Estado diante da infância pobre. Por abordar temas considerados subversivos ao projeto político da Era Vargas, a obra de Jorge Amado sofreu censura, teve exemplares queimados em praça pública e foi alvo de perseguição. A crítica direcionada ao Estado, assim como a representação contundente da desigualdade social, contribuíram para que o escritor, jornalista e militante comunista, fosse preso, vigiado e, posteriormente, exilado.

Durante o período de expatriação (1941-1942), o autor viveu na Argentina e no Uruguai. Ao retornar ao Brasil, foi novamente encarcerado e,

mesmo em liberdade, permaneceu sob estrita vigilância. Suas obras foram proibidas por seis anos, lacuna que só foi rompida em 1945, quando Jorge Amado foi eleito Deputado Federal por São Paulo pelo Partido Comunista do Brasil, momento em que propôs projetos legislativos importantes, como a lei de proteção à liberdade de culto religioso. Assim, sua produção literária e sua trajetória política dialogam intensamente, ambas marcadas pelo compromisso com as classes populares e pela denúncia das desigualdades. No romance que constitui o corpus desse trabalho, acompanhamos a vida de um grupo de meninos e uma menina com idades entre oito e dezesseis anos, que vivem abandonados na capital baiana. Eles suplicam esmolas, cometem pequenos furtos e roubos e articulam estratégias rudimentares de sobrevivência. Parte desse grupo reside em um trapiche abandonado, espaço que funciona como abrigo e depósito dos produtos obtidos nas práticas ilícitas. Ali, crianças órfãs, rejeitadas pelos familiares e sociedade em geral sem qualquer referência adulta constroem formas alternativas de subsistência e de convivência, compondo um quadro de infância permanentemente vulnerabilizada.

Essa condição de abandono social os coloca em constante confronto com as políticas de Estado, com os moradores da cidade e até mesmo com outros grupos marginalizados. As relações, frequentemente atravessadas por violência, revelam que os próprios oprimidos podem tornar-se opressores quando a sobrevivência se torna disputa diária. Em razão disso, todos amadurecem precocemente: frequentam bares, prostíbulos, consomem álcool e cigarros, exercem sexualidade de forma desregulada e convivem com perigos para os quais não possuem compreensão plena. A infância, que socialmente deveria ser marcada por proteção, torna-se espaço de risco permanente e de enfrentamento brutal.

Perseguidos, estigmatizados e associados a práticas consideradas desviantes, esses jovens são vistos não como vítimas do descaso estatal, mas como ameaça à ordem social. Quando capturados, são enviados ao reformatório, instituição destinada à correção de menores infratores. No entanto, tais espaços funcionam como *locus* de violência, tortura e trabalhos forçados, impossibilitando qualquer processo de ressocialização. Diante disso, os meninos preferem a “liberdade” da rua ao regime opressivo dos reformatórios, evidenciando o colapso de políticas públicas voltadas à infância pobre. Ao final, poucos conseguem romper o ciclo da marginalidade; alguns têm desfechos trágicos, outros permanecem no trapiche, e apenas alguns conseguem mudar significativamente suas vidas.

Diante desse cenário, esta pesquisa tem por objetivo principal analisar como a infância é discursivizada na obra *Capitães da Areia*. Como objetivos específicos estabelecemos: a) investigar quais formações discursivas se entrecruzam na obra, observando como determinados sentidos sobre a infância marginalizada se estabilizam ou se deslocam no interior do discurso literário de Jorge Amado; b) compreender as condições de produção sócio-históricas-ideológicas nas quais a obra foi produzida e que permitem observar o processo de produção de sentidos sobre a infância esquecida pelo Estado; c. Analisar o funcionamento da memória discursiva na

constituição do imaginário de infância marginalizada, observando como discursos que vêm de diferentes lugares são mobilizados, ressignificados ou deslizam para outros sítios de significação, na obra em tela.

Para atender esses objetivos, a pesquisa está fundamentada nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, conforme proposta por Michel Pêcheux, para quem o discurso é o lugar de materialização da ideologia; e por Eni Orlandi, que expande os princípios da teoria da interpretação em solo brasileiro e por outros pesquisadores que como ela, entendem que com o estudo do discurso se estuda a linguagem em movimento.

O dispositivo teórico da AD, ao articular linguagem, sujeito e ideologia, permite compreender como sentidos sobre a infância são produzidos, estabilizados e tensionados no texto literário. Assim, a obra será tratada como materialidade discursiva, recortada em Sequências Discursivas (SDs), entendidas, segundo Courtine (2009, p. 55), como “[...] sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”.

Complementarmente, realizaremos um gesto analítico que toma a palavra *infância* como ponto de observação. Para isso, será necessário considerar diferentes verbetes de dicionários compreendidos como produções discursivas historicamente situadas, seguindo a perspectiva da lexicografia discursiva. Serão consultados: *Novíssimo Dicionário Ilustrado Urupês* (1977), *Novo Minidicionário Prático da Língua Portuguesa* (2018) e o *Michaelis Online* (2025). Compreende-se que os sentidos dicionarizados não são fixos, mas atravessados pelo interdiscurso e por memórias que estruturam saberes e modos de significar.

Além disso, analisaremos a forma como a Constituição Federal de 1988 e o discurso religioso católico significam *infância*, para, então, compará-los com a(s) formação discursiva(s) que atravessam o discurso de Jorge Amado. Tal movimento visa evidenciar disputas de sentidos entre os discursos institucionalizados e o discurso literário, tendo em vista que ambos colaboram para a constituição de sentidos sobre a infância no Brasil.

2 A DISCURSIVIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM *CAPITÃES DA AREIA*: MOVIMENTO TEÓRICO-ANALÍTICO

Em *Capitães da Areia*, a infância é representada como experiência liminar, distante do ideal de pureza, proteção e desenvolvimento harmonioso que, historicamente, passou a orientar o imaginário de criança que circula na nossa formação social. As sequências discursivas analisadas demonstram como Jorge Amado significa a infância como espaço de vulnerabilidade e exclusão, rompendo com sentidos já estabilizados.

SD 1: “Dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os molhava.” (Amado, 2008, p. 28)

SD 2: “Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro” (Amado, 2008, p. 29).

As SDs 1 e 2 materializam discursos que produzem efeitos de sentido de uma infância negada, marcada pela desumanização. A indiferença ao frio, ao vento e à chuva, por exemplo, não indica insensibilidade natural, mas adaptação forçada — efeito da precarização extrema. A discursivização dos corpos sujos, famintos e agressivos mostra como o olhar social associa esses sujeitos à marginalidade, apagando sua condição de crianças. Nesse processo, a infância pobre é ressignificada como ameaça, e não como sujeito de cuidado.

Além da infância pobre, Jorge Amado também (re-)produz discursos sobre uma infância nobre e idealizada, marcada pelo afeto e pertencimento social, como se vê nas SDs a seguir:

SD 3: “Uma linda criança que é Raul Ferreira, de onze anos, neto do comendador” (Amado, 2008, p. 13)

SD 4: “O pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos ginasianos mais aplicados do Colégio Antônio Vieira” (Amado, 2008, p. 14)

Nessas SDs, o discurso é atravessado por marcas de distinção, cuidado e idealização. O adjetivo “linda” e a referência ao “comendador” funcionam como marcas discursivas de valorização, instituindo uma infância protegida e exemplar. O nome completo da criança (Raul Ferreira) e a menção à sua descendência conferem identidade social, enquanto o rendimento escolar reforça o sentido de futuro promissor. Em contraste, os Capitães da Areia são sujeitos sem sobrenome, sem escola e sem lugar social reconhecido.

Assim, o romance evidencia uma assimetria estrutural de sentidos: a infância nobre é projetada como continuidade familiar, educação e destino social garantido e a infância pobre é marcada pela falta de afeto, de nome, de proteção, de direitos. Em termos discursivos, a infância nobre é incentivada a sonhar, enquanto a infância pobre é obrigada a sobreviver. A diferença fundamental não está apenas nas condições materiais, mas nas possibilidades simbólicas de existir.

3 EFEITO DE FECHAMENTO

A análise permite compreender que *Capitães da Areia* não apenas retrata a infância marginalizada da década de 1930, mas produz um discurso que desnaturaliza a exclusão e denuncia a seletividade da proteção estatal. Ao narrar a vida dos meninos do trapiche, em Salvador, Jorge Amado revela o funcionamento de um sistema que, historicamente, abandona crianças e adolescentes pobres, empurrando-os para experiências de violência, adultização precoce e ausência de políticas públicas efetivas.

A Análise de Discurso evidencia que tanto a literatura quanto as legislações são efeitos de condições de produção historicamente situadas. Se a Constituição de 1988 estabelece a criança como sujeito de direitos, a obra literária mostra como, na prática, tais direitos são frequentemente negados às infâncias pobres e racializadas. Há, portanto, uma disputa simbólica em torno do sentido de infância: enquanto os discursos oficiais constroem a imagem idealizada da criança protegida, a literatura expõe a materialidade contraditória dessa proteção.

Reconhecer esses atravessamentos teóricos e históricos permite compreender que a infância, no Brasil, é marcada por desigualdades profundas que persistem. Ao problematizar essas contradições, esta pesquisa reforça a necessidade de olhar a infância não como categoria fixa, mas como resultado de uma sociedade injusta que “escolhe” aqueles que devem/podem almejar seu lugar no mundo e aqueles que são alijados disso, permitindo assim compreender como o Estado falta e falha.

4 REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso político endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- COURTINE, Jean Jacques. O Chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F; LEANDRO FERREIRA, M. (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999. p. 15-22.
- DIANA, Daniela. Jorge Amado. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/jorge-amado/>. Acesso em: 5 set. 2024.
- DIANA, Daniela. Capitães de Areia. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/capitaes-de-areia/>. Acesso em: 5 set. 2024.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: Indursky, Freda et all. **Memória e História na/da Análise do Discurso**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2011.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação de Sentidos. Campinas/SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas/SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise.; HAK, Tom. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997, p. 163-252.

ARQUEOGENEALOGIA DAS VONTADES DE VERDADE EM TORNO DA “BARRIGA DE ALUGUEL” NO ROMANCE *COMO SE FOSSE UM MONSTRO*, DE FABIANA GUIMARÃES

Érika Adriely MÜLLER RODRIGUES

Orientadora: Profa. Dra. Denise Gabriel WITZEL

Coorientador: Prof. Dr. Felipe SOARES (Pós-Doc PIPD CAPES)

Resumo: Esta pesquisa propõe analisar, sob a ótica dos Estudos Discursivos Foucaultianos, o romance *Como se fosse um monstro*, de Fabiana Guimarães (2023) mirando a construção discursiva da personagem Damiana, uma mulher do interior de Goiás que teve sua vida transformada ao se tornar barriga de aluguel, no Brasil dos anos 70-80. A prática de comercialização do corpo visando a gestação de um bebê para terceiros é proibida no Brasil, segundo a Resolução N° 2.320/2022 do Conselho Federal de Medicina (CFM). Trata-se de uma prática legalizada apenas sob condições estritas, denominadas "cessão temporária de útero" ou ainda "barriga solidária". Para Damiana, trata-se de uma prática animalesca e monstruosa. Nesse sentido, interessa-nos focalizar as batalhas discursivas travadas a partir dos jogos de poder-saber entre os enunciados "barriga de aluguel" e "monstruosidade", focalizando as vontades de verdade em torno de um corpo de mulher enredado nas tramas do dispositivo da maternidade, das escolhas femininas e das expectativas sociais historicamente construídas. Analisaremos o discurso em uma relação indissociável com o sujeito, as relações de poder, a verdade, a construção de saberes e a história, questionando: que efeitos de verdade são (re)produzidos na discursivização de uma mulher objetivada/subjetivada ora como mãe/barriga de aluguel ora como monstro?

Palavras-Chave: Estudos Discursivos Foucaultianos; Maternidade; Monstruosidade; Barriga de aluguel.

1 INTRODUÇÃO

Em um de seus ensaios reunidos no livro *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*, Carola Saavedra (2021) questiona sobre quais seriam os temas universais na escrita, pois “se um escritor escreve sobre personagens masculinos e seus problemas ele está falando dos problemas de toda uma geração, [...] mas se uma escritora escreve sobre temas relacionados à vida das mulheres ela está falando sobre problemas femininos” (2021, p. 59). Nesse sentido, propõe repensar o que seria “universal” e “começar a contar o que permanece em silêncio”. (Saavedra, 2021, p. 59).

Partindo dessa provocação, interessamo-nos pelo funcionamento discursivo do livro *Como se fosse um monstro* (Guimarães, 2023), seguindo prioritariamente as linhas de força e as de fuga do dispositivo que funcionam como possibilidade de emergência tanto do enunciado “barriga de aluguel” quanto “monstro”, relacionados à mulher, seu corpo, a fim de estabelecê-los como objeto da pesquisa.

Nas linhas do livro, lemos a história de Damiana, uma senhora que atuava como barriga de aluguel no Brasil dos anos 70-80. Essa prática de

ceder ou comercializar o corpo para gestar um bebê para terceiros, com a entrega da criança após o nascimento, é proibida no Brasil. O Conselho Federal de Medicina (CFM), por meio da Resolução CFM N° 2.320/2022, estabelece as condições estritas denominadas "cessão temporária de útero" ou, informalmente, "barriga solidária" (anteriormente conhecida como "barriga por substituição"). Para Damiana, contudo, trata-se de uma prática animalesca e monstruosa.

Orientados teórica e metodologicamente pelos Estudos Discursivos Foucaultianos, elegemos como objetivo geral de pesquisa descrever e analisar os enunciados "barriga de aluguel" e "monstro" para dar visibilidade às vontades de verdade (re)produzidas na discursivização da protagonista Damiana. Especificamente, objetivamos a) estabelecer as condições sociais e históricas da emergência da "barriga de aluguel" e do "monstro" no romance; b) analisar as batalhas discursivas – éticas, morais e subjetivas – travadas a partir do embate entre "barriga de aluguel" e "monstro"; c) compreender as vontades de verdade em torno de um corpo de mulher enredado nas tramas do dispositivo da maternidade, das escolhas femininas e das expectativas sociais historicamente construídas.

A maternidade, de acordo com Michelle Perrot (2019), é compreendida como "uma fonte da identidade, o fundamento da diferença reconhecida, mesmo quando não é vivida" (2019, p. 68). Cultiva-se, na sociedade ocidental e patriarcal, o mito da maternidade enquanto um instinto da mulher. Esse mito, problematizado no romance, é uma "vontade de verdade" (Foucault, 2014) na medida em que entra em uma ordem discursiva cuja configuração histórica e social está subjacente à nossa sociedade, estabelecendo o que é considerado verdadeiro em relação ao papel social da mãe (ser dócil, abnegada, dedicada), em oposição ao falso (ser monstruosa, negar ser mãe ou odiar ser mãe). Segundo a perspectiva discursiva que adotamos, não existe uma verdade universal, mas sim múltiplas vontades de verdade que se transformam conforme as contingências históricas. Apoiada por instituições e mecanismos de distribuição, essa vontade não é neutra; ela exerce uma pressão e um poder de coerção sobre outros discursos, definindo quais saberes são legítimos e quais devem ser excluídos ou silenciados (Foucault, 2014).

Assim, questionamos a construção histórica das verdades que fundamentam a maternidade e funcionam como mecanismo de controle sobre o corpo e a subjetividade de Damiana. Além disso, no campo associado do enunciado "mãe", circulam outros enunciados que se entrelaçam em uma rede interdiscursiva, reunindo a ideia de "mãe perfeita" e de que "a mulher nasceu para ser mãe". Nesse sentido, a prática de ceder o corpo para gestar o filho de uma outra pessoa, "barriga de aluguel", irrompe como uma via de fuga do dispositivo da maternidade. Uma fuga que alcança, muito diretamente no romance, a noção de anormalidade compreendida como monstruosidade, fomentando embates éticos e morais. É justamente essa produção de "anormalidade" que justifica e sustenta a proibição ou a estrita regulamentação da prática na legislação brasileira e produz contra-discursos, resistências à maternidade compulsória.

Embora na história das mulheres a maternidade e as subjetividades tenham ganhado crescente relevância no âmbito dos estudos linguísticos e literários nos últimos tempos, em recente pesquisa nos catálogos da CAPES, utilizando o título do livro, da autora e de possíveis pesquisas que abordem temas deste estudo, não alcançamos resultados semelhantes. O que nos permite enfatizar a relevância e a importância da pesquisa a ser desenvolvida, evidenciando a contribuição que este trabalho pode oferecer tanto para o campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos, quanto para a linha de pesquisa – Texto, memória e cultura – do PPGL-Unicentro.

2 DESENVOLVIMENTO

A fase genealógica de Foucault complementa seu método arqueológico, cujo enfoque visa compreender como se produzem os saberes; na genealogia, interessa-se em compreender o porquê dos saberes, “entendendo-os como elementos de um dispositivo cuja natureza é estratégica” (Gregolin, 2016, p. 124), percorrendo um percurso de entrelaçamento entre o discurso, o sujeito e o poder. Nesse momento, Foucault estabelece as relações de subjetividade e verdade por um viés histórico. O poder diz respeito não a forças ou a uma instituição, mas a uma rede na qual os indivíduos circulam e encontram-se em posição de exercer ou sofrer suas ações (Foucault, 2022).

O poder não é algo que se pode aplicar aos indivíduos, mas passa por eles. Essa ação do poder possui um caráter disciplinar que visa determinar o lugar do indivíduo na sociedade, assim como subjetivá-lo (Foucault, 2014). Dessa maneira, podemos explorar a construção histórica da subjetividade, considerando a relação do sujeito consigo mesmo, com os outros, com a verdade, e, mais precisamente, sua relação com “a própria existência dos discursos que pretendem dizer uma verdade para os sujeitos” (Gregolin, 2016, p. 125).

Para dar conta da questão da maternidade/não maternidade/barriga de aluguel/mulher mãe monstro, balizaremos nossas análises nos aportes de *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, de Elisabeth Badinter (1985), e *As Mulheres ou os Silêncios da História*, de Michelle Perrot (2019).

Em relação à mulher mãe monstro, recorreremos ao curso “*Os anormais*”, no qual Foucault (2001) se refere ao “monstro humano” como uma figura que transgrede as leis da natureza e da sociedade. Nesse sentido, nos voltaremos para os aspectos linguísticos e discursivos que possibilitam a aparição de um sujeito monstruoso na narrativa, a partir da personagem Damiana, compreendendo quais são as significações em torno do enunciado monstro e como elas se relacionam com a barriga de aluguel.

3 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

No texto *O olho do poder*, Michel Foucault (2022) é questionado sobre como descobriu o panóptico. Ele conta que sua reflexão se iniciou a partir

de estudos sobre a medicina clínica e arquitetura hospitalar. Observou, portanto, um movimento de encarcerar os corpos visando “assegurar uma vigilância que fosse ao mesmo tempo global e individualizante, separando cuidadosamente os indivíduos que deveriam ser vigiados” (2022, p. 319). Seguindo para estudos sobre os problemas penitenciários, o filósofo percebe uma recorrência nos modelos arquitetônicos que lutava para combater o amontoamento dos encarcerados, ao mesmo tempo em que garantia aquela vigilância global e individualizada sobre cada encarcerado. Esses modelos, após a primeira metade do século XIX, são retomados, mas seguindo fortes influências do *panopticon* de Bentham.

O resultado desse mecanismo de vigilância disciplinadora, mais do que uma punição ou exercício de justiça, era impossibilitar que as pessoas encarceradas pudessem agir mal. “De tanto que se sentiriam mergulhadas, imersas em um campo de visibilidade total em que a opinião dos outros, o olhar dos outros, o discurso dos outros os impediria de fazer o mal ou o nocivo” (2022, p. 327).

O poder, que atua por meio de uma incansável vigilância, retira do sujeito a possibilidade de fazer e, também, de querer fazer o mal. Essas técnicas de vigilância e disciplina por meio dos espaços retomam uma concepção de corpo descoberta já na Era Clássica: o corpo como objeto e alvo de poder (Foucault, 2014, p. 134).

Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. [...] O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (Foucault, 2014, 134).

Na obra de Guimarães (2023), esse poder vigilante é constitutivo de discursos materializados, por exemplo, nas falas de Damiana, conforme as sequências enunciativas a seguir:

Sequência enunciativa 1: “O ruim era quando calhava de estar sozinha. Quando pisava em falso, no corredor, e **voltava a lhe assombrar a falta. Na verdade, a falta de sentir falta.** A cobrança que não reconhecia como uma forma própria de luto” (Guimarães, 2023, p. 79, grifo nosso).

Sequência enunciativa 2: “Estava consciente de que o contato com qualquer outro ser humano que não soubesse sua verdade a colocaria, imediatamente, em um patamar de estranheza no qual **juízes invisíveis já haviam decretado a sentença.**”

Louca. Gananciosa. Monstro” (Guimarães, 2023, p. 115, grifo nosso).

Na SE1, Damiana reflete sobre o que acabara de fazer. Damiana já havia dado à luz ao primeiro bebê e pega-se aflita com a sua ausência de sentimentos. Na SE2, ela expõe o entendimento sobre certos “juizes invisíveis” que, não conhecendo suas motivações para fazer o que fazia, a colocariam em um lugar destinado aos loucos, gananciosos e monstruosos.

Em nenhum momento na história, alguém chega e desaprova as atitudes de Damiana. Ela, no entanto, sabe, simplesmente sabe, que ser uma barriga de aluguel era algo condenável. O “olho do poder” observa/vigia o acontecimento de dar à luz a um bebê, para depois trocá-lo por muito dinheiro. Nas tramas do dispositivo da maternidade, parir e renunciar ao seu bebê prevalece a identificação da personagem com o monstruoso. Mas por quê? Quem seriam esses juizes invisíveis nas linhas de força do dispositivo? E por que Damiana sente em sua pele que deveria ser punida ou que estava fazendo algo errado? São as respostas a esses questionamentos que apontarão as “vontades de verdade” em torno da “barriga de aluguel” e do sujeito “monstro”.

4 REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: Ruberval Ferreira; Kanavillil Rajagopalan(org.). **Um Mapa da Crítica nos Estudos da Linguagem e do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2016.

GUIMARÃES, Fabiana. **Como se fosse um monstro**. Rio de Janeiro, Alfaguara, 2023.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

Resolução CFM Nº 2.320/2022. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cfm-n-2.320-de-1-de-setembro-de-2022-430447118>. Acesso em: 24, nov. 2025.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

CORPO, LINGUAGEM E RESISTÊNCIA EM *DOOM PATROL* DE GRANT MORRISON (1987)

Ethan Alexander de SENNA
Orientador: Nilcéia VALDATI

Resumo: Este estudo parte da problemática de opressão do sujeito *queer*, em específico de corpos transgêneros, dentro da sociedade contemporânea e sua forma de resistência e luta nos quadrinhos de *Doom Patrol*, escritos por Grant Morrison em 1983, publicados pela editora DC. O foco recai na vivência das personagens fora dos padrões cis-heteronormativo em contraponto com a vivência trans em corpos que escapam da norma, sendo crucial para a evidência do sujeito *queer* dentro da sociedade, através das expressões de corpo e linguagem. O objetivo principal da pesquisa é analisar as personagens dentro da obra e como elas são construídas como sujeito *queer*, como as questões de gêneros são elaboradas através de seus corpos não normativos, e de como são vistas as questões de linguagens dentro do quadrinho. As leituras feitas até esse momento de pesquisa foram focadas nas questões de gênero, especialmente na distinção do sexo biológico e sua construção social, portanto, temos com base teórica os textos de Judith Butler: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990) e *Quem tem medo de gênero?* (2024) e o texto de Donna Haraway, *Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX* (1991). O texto de Will Eisner, *Quadrinhos e Arte Sequencial* (1989) é citado para uma breve definição de histórias em quadrinhos. Buscamos, assim, dar visibilidade a esses corpos na margem da sociedade e ressaltar a necessidade de garantir seus direitos básicos de existir.

Palavras-Chave: Corpo; linguagem; *Queer*; *Doom Patrol*.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, sujeitos trans que vivem às margens da sociedade possuem seus direitos básicos ameaçados, colocando sua própria existência em risco por não seguir o padrão cis-hétero normativo imposto por uma sociedade falocêntrica. Este risco provém da falta de reconhecimento social e proteção fornecida por meios estatais, que não são uma garantia. É partindo desta ótica de vulnerabilidade que afunilamos o foco desta pesquisa para o corpo *queer*. Butler (2025, p.145) vai afirmar que a recusa dos direitos a estes corpos trans de autodenominação nega sua existência, devolvendo-os aos nomes mortos. Ademais, é de grande importância entender a distinção entre gênero e sexo. Para Butler (1990) o conceito de gênero é culturalmente construído, não devendo ser confundido com o sexo biológico:

a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (Butler, 1990, p.26)

Desta forma, a definição de gênero vai muito além da questão biológica, ela necessita de fatores sócio-históricos, culturais, raciais e étnicos que atravessam o sujeito. Ao pensar neste conceito de atravessamento do sujeito, podemos colocar em pauta o *Manifesto ciborgue* de Haraway (1991). Para a autora, um ser não é só atravessado por realidades sociais, mas também por um hibridismo entre máquina e organismo, homem e animal. Este conceito é trazido à tona ao entender que o corpo *queer* é construído e reconstruído a partir de diferentes fatores de vivências sociais, sem nenhum comprometimento com as normas patriarcais, rompendo a ideia de corpo imutável.

Nenhum objeto, nenhum espaço, nenhum corpo é, em si, sagrado; qualquer componente pode entrar em uma relação de interface com qualquer outro desde que se possa construir o padrão e o código apropriados, que sejam capazes de processar sinais por meio de uma linguagem comum. (Haraway, 1991, p.62).

Para a autora, o ciborgue se torna uma figura de resistência e sobrevivência que busca revelar as múltiplas identidades de um ser. É diante de um cenário de apagamento e luta constante de corpos hostilizados que passamos a olhar para a equipe de heróis disfuncionais *Doom Patrol*, ou Patrulha do Destino, com o roteiro de Grant Morrison e arte de Richard Case, publicados pela editora DC em 1983, trazido para o Brasil pela editora Panini, a versão analisada é a publicada em 2021. A equipe, originalmente criada por Arnold Drake e Bruno Premiani em 1963, ganha um novo tom nas mãos de Morrison e Case, servindo assim de material para este trabalho. É observando as personagens homem-robô, Rebis, Crazy Jane e Rua Danny, personagens essencialmente *queer* por não seguirem uma norma, que podemos levantar algumas questões: como seus corpos são colocados na posição *queer*?, de que forma esses corpos são reconstruídos a partir de suas realidades sociais?, como sua disfuncionalidade dialoga para a construção do sujeito? e como o quadrinho analisado colabora para aproximação das pautas de linguagem e resistência *queer*?. Essas questões geram a hipótese de que o super-herói é essencialmente *queer* ao montar para si outra persona,

que serve como uma ferramenta de subversão ao colocar como protetor e porta-voz de pessoas deixadas à margem da sociedade, como forma de reafirmar sua existência e conquistar seus direitos básicos.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as personagens de *Doom Patrol* como forma de observar a construção do sujeito *queer*, em específico: discutir sobre o gênero de história em quadrinhos e como os personagens são construídos na narrativa em estudo; analisar as questões de gênero evidenciando como os personagens flertam com o *queer* ao escaparem do padrão cis-hétero normativo, quebrando como o paradigma a de um corpo único e imutável, vivendo em uma não conformidade.

São tomadas como base teórica as obras *Quem tem medo de gênero?* (2024) e *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990), de Judith Butler, que argumenta sobre diversas questões de gêneros na sociedade, como feminismo e direitos LGBTQIA+, focando de forma mais específica nas questões de transgeneridade. Outro texto é o *Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX* (1991), de Donna J. Haraway, que trata sobre a questão do corpo-ciborgue, construído através de diferentes realidades como um eu coletivo, que transita por dicotomias, rompendo com o conceito de seres binários e imutáveis. Por fim, *Quadrinhos e Arte Sequencial* de Will Eisner (1989), para maior compreensão do gênero quadrinhos. A seguir, apresentamos brevemente a organização dos capítulos da dissertação.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Entre o caos dos espaços brancos

Ao analisar um quadrinho e seus personagens, torna-se imperativo compreender o que são quadrinhos, desta forma, podemos pensar em duas definições complementares. Para Eisner (1989, p.8) os quadrinhos utilizam série de imagens e símbolos reconhecíveis, usadas para expressar ideias, tornando-se uma linguagem própria e/ou uma forma literária, criando fórmula da arte sequencial.

Morrison, em sua escrita experimental, cria um universo de quadrinhos que explora o bizarro, em meio a recortes de jornal, palavras inventadas e conceitos filosóficos, acompanhado das artes coloridas de Case, que traz vida à este universo. Cada sequência de quadros nos deixa imersos a loucura e experiências das personagens, que são o foco central, nos conectando ao ponto de nos sentirmos próximo a eles. Os subtextos *queer* estão em toda parte, desde ruas vivas não-binárias a entidades intersexo. Portanto, para esta pesquisa, analisaremos a forma em que os personagens são construídos

dentro da história e como se expressam, através de seus corpos, e se apresentam em seu mundo. O corpus atual é composto pelos capítulos 19, 20, 35, 36 e 62, onde as personagens Homem-Robô, Rebis, Crazy Jane e Rua Danny nos são apresentados.

2.2 *Queer Patrol*

A questão de corpo e gênero é central dentro desta pesquisa. Nela observamos personagens que quebram com padrões cis-heteronormativos, se enquadrando como *queer* e flertando com a transgeneridade e a não-binaridade. Ao não se enquadrar no normativo, estes corpos são perseguidos e censurados. Butler (1990) explica que a noção de patriarcado falha em explicar mecanismos de opressão de gênero em seus contextos culturais, por não seguir um sistema universal pré-estabelecido, visto que a distinção entre sexo e gênero sugere uma descontinuidade dos corpos.

As personagens analisadas representam diferentes realidades sociais, que são destruídas e reconstruídas, muitas de forma literal, quebrando com crenças de corpos e vivências imutáveis e reivindicando uma nova espécie de “eu” como forma de resistência, suas disfuncionalidades mostram que além da figura do homem, há outras possibilidades de existência.

Nossos corpos são nossos eus; os corpos são mapas de poder e identidade. Os ciborgues não constituem exceção a isso. O corpo do ciborgue não é inocente; ele não nasceu num Paraíso; ele não busca uma identidade unitária, não produzindo, assim, dualismos antagônicos sem fim (ou até que o mundo tenha fim). Ele assume a ironia como natural. Um é muito pouco, dois é apenas uma possibilidade. O intenso prazer na habilidade – na habilidade da máquina – deixa de ser um pecado para constituir um aspecto do processo de corporificação. (Haraway, 1991, p. 96)

O conceito de manifesto ciborgue proposto por Haraway evidencia corpos marcados por um hibridismo social que transita entre organismo e máquina, entre o fictício e o real, que expressa experiências vividas. Essas noções podem ser observadas nas personagens analisadas, como no Homem-Robô: um cérebro humano que habita um corpo cibernético contra sua vontade e que incorpora, de forma literal, o ciborgue de Haraway, sendo montado e desmontado, com memórias vividas e um corpo que já não é mais binário, Rua Danny que incorpora diferentes lugares e atravessamentos e a não conformidade de gênero. Assim, A Patrulha do Destino ao incorporar o estranho, torna a si o *queer* e ao se colocar em evidência mostra diversas formas de resistir e se fazer ouvido.

2.3 Bona to Vada, Sra. Linguagem

A linguagem vai muito além de um sistema de códigos, ela é a imagem e o próprio corpo. A análise da linguagem neste trabalho busca compreender além do texto escrito, explorando elementos que colaboram para a ideia de

construção do sujeito *queer*. Em *Doom Patrol*, Morrison possui uma escrita experimental característica e uma criatividade ao inventar novas palavras propícias para análise do uso da linguagem. Tendo esta ideia em mente, olhamos para dentro dos quadrinhos para observar as interações entre as personagens em situações que a linguagem é determinante. Podemos ter como exemplo o capítulo 35, vemos Crazy Jane pintando o corpo coberto de ataduras de Rebis, uma entidade intersexo, que desejava ficar mais interessante; as pinturas possuem relação com sua intersexualidade. Outro ponto notado nesta mesma cena é a escolha de Jane ao se referir a Rebis com os pronomes femininos e masculinos, de forma que não invalida sua identidade. Já no capítulo 62, Rua Danny utiliza da frase em código *Polari*, “*Bona To Vada, Sr. Steele*” que significa “Bom ver você, sr. Steele” para cumprimentar Homem-Robô. O resgate de um código que já caiu no desuso colabora para um enriquecimento cultural dentro do enredo, criando uma atmosfera mais significativa para os personagens que, assim como na época em que o *Polari* era usado, sentem necessidade de se esconder devido a situações de opressão que ainda existem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do material apresentado, buscamos refletir e debater sobre a existência *queer*, dando ênfase à ideia de transgeneridade e não conformidade de gênero, partindo da análise destes personagens disfuncionalmente humanos, ressaltando a importância do reconhecimento de corpos que não seguem normas cis-hetero pelo seu espaço dentro da sociedade atual.

4 REFERÊNCIAS

BAKER, Paul. **Polari and the Hidden History of Gay Seafarers**. National Museum Liverpool. Disponível em: <https://www.liverpoolmuseums.org.uk/stories/polari-and-hidden-history-of-gay-seafarers>. Acesso em: 24 de novembro de 2025.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2024. 280 p.

BUTLER, Judith. [1990] **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martin Fontes Editora, 1989.

HARAWAY, Donna J. **Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**, 1991. In: *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano / organização e tradução Tomaz Tadeu* – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MORRISON, Grant; CASE, Richard. **Doom Patrol**. Nova York: Editora DC, 1983.

MORRISON, Grant; CASE, Richard. [1983] **Patrulha do Destino Omnibus**. Barueri, SP: Panini Brasil, 2021.

SEQUARTTV. **Grant Morrison on Experimental Writing in Doom Patrol**. Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bL7fwIzD6Fc&t=17s>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.

O NOME PRÓPRIO EM FERNANDO PESSOA: ENTRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E A CRIAÇÃO POÉTICA

Fernanda CISCOTO

Orientador: Gabriel Victor Rocha PINEZI

Coorientadora: Ana Clara Magalhães de MEDEIROS

Resumo: Desde o instante em que somos introduzidos no mundo, recebemos um nome atribuído por outro, e esse gesto inaugura também o processo de constituição de nossa subjetividade. Nessa perspectiva, nomear ultrapassa o ato de simples identificação: trata-se de um ato simbólico que inscreve o sujeito na linguagem e o situa no campo social. Este estudo tem como foco a obra e os arquivos de Fernando Pessoa, buscando entender como o nome próprio ultrapassa sua função de simples referência e passa a ser um ponto de ancoragem no simbólico, onde o sujeito se reconhece e transforma sua experiência interior em palavra. A obra de Fernando Pessoa serve como elaboração literária dessa questão, pois nela o próprio sobrenome ("Pessoa", etimologicamente "máscara") se torna campo de experimentação através da criação dos heterônimos, que marcam a criação de múltiplas identidades de suas criações por meio da heteronímia. A metodologia empregada articula a revisão da teoria psicanalítica, em diálogo com a antropologia estrutural, por meio da qual se visa a analisar a obra pessoana. Como hipótese, considera-se a concepção lacaniana do nome próprio enquanto *savoir-faire*, isto é, um saber-fazer com o sintoma, entendido como a potência de o sujeito elaborar simbolicamente sua marca singular, convertendo-a em poética da existência e em gesto de criação de si.

Palavras-Chave: Nome próprio; Fernando Pessoa; Literatura.

1 INTRODUÇÃO

Desde os diálogos platônicos, especialmente em *Crátilo*, o problema da "correção dos nomes" introduz uma discussão que atravessa séculos e campos do saber, questionando se o nome possui uma essência natural que corresponde ao objeto/ser nomeado ou se é fruto de uma convenção estabelecida entre os homens. Essa tensão entre natureza e arbitrariedade, entre o nome como reflexo da essência e o nome como construção convencional, tornou-se no século XX um ponto de análise para pensar a própria formação do sujeito, suas relações com o mundo e com a cultura, especialmente nos campos da linguística, da teoria literária e da psicanálise. Nomear é, desde então, um gesto de fundação simbólica que delimita o lugar do ser na ordem da linguagem e, conseqüentemente, no universo social.

Na antropologia estrutural, Claude Lévi-Strauss desloca o foco da análise do indivíduo para o sistema simbólico que o atravessa, afirmando que o nome não pertence apenas à esfera pessoal, mas ao conjunto de relações que organizam o campo social. O nome, portanto, não é mera designação,

mas funcionaria como um meio de distinguir e situar o sujeito em uma posição específica dentro da coletividade humana.

Na perspectiva psicanalítica, Jacques Lacan confere ao nome próprio uma função estruturante na constituição psíquica. Para ele, o nome é o significante que introduz o ser humano na linguagem, situando-o em um lugar dentro da ordem simbólica. O nome não apenas identifica, mas funda o sujeito enquanto tal. Nesse sentido, o nome torna-se então uma forma de amarração do indivíduo ao mundo, um ponto de ancoragem do ser na linguagem.

Em Fernando Pessoa, o nome adquire uma dimensão poética e singular. O próprio sobrenome “Pessoa”, cuja origem etimológica remete à ideia de “máscara” ou de “personagem” (do latim, *persona*, formado a partir de *per-sona*, espaço por onde o som sai), torna-se um campo de experimentação simbólica. Através da criação dos heterônimos, figuras com nome, biografia, obra e estilos próprios, o poeta português cria múltiplas identidades. Ora, tais personagens são, antes de tudo, criações de “nomes diferentes”.

Assim, do diálogo platônico à poesia pessoana, o nome próprio revela-se como aquilo que ultrapassa o mero ato de designar: é o lugar onde o ser encontra a linguagem, onde o sujeito se inscreve no simbólico e onde a existência se torna palavra. Nomear, portanto, é um gesto inerente aos modos de existir, é o gesto inaugural de fundar o ser no campo do sentido.

2 DESENVOLVIMENTO

A reflexão sobre o nome próprio e sua relação com o ser acompanha a história do pensamento desde a Grécia Antiga. No diálogo *Crátilo*, Platão propõe um debate que inaugura uma das questões da filosofia: a “correção dos nomes”. A discussão se estrutura em torno de duas hipóteses centrais: se os nomes derivam de uma natureza intrínseca às coisas ou se resultam de um acordo arbitrário entre os homens (Platão, 1988). Essa tensão entre essência e convenção faz com que a questão do nome se configure como um problema de ordem filosófica e, posteriormente, também antropológica e psicanalítica.

A relevância dessa investigação se tornou ainda mais evidente quando, nos primeiros momentos de minha pesquisa, me deparei com o diálogo entre Sócrates e Hermógenes, filho de Hipônico, no qual ele recorda um antigo provérbio dizendo “as coisas belas são difíceis de aprender; o conhecimento dos nomes não é negócio de importância somenos”. (Platão, 1988, p. 103; 384a). A literatura também oferece uma leitura singular sobre o peso do nome. Em *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, o amor impossível

entre os protagonistas nasce sob o signo de uma proibição que se funda justamente na nomeação. É Julieta quem, ao perceber essa armadilha, pergunta: “Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. O que é Montecchio? [...] O que há num simples nome?” (Shakespeare, 2000, p. 54). A pergunta de Julieta ecoa, de certo modo, o questionamento socrático: até que ponto o nome define o ser ou é definido por ele?

Séculos mais tarde, Claude Lévi-Strauss revisita a questão da nomeação a partir do olhar da antropologia estrutural, deslocando o foco do indivíduo para o sistema simbólico que o atravessa. Em *Antropologia Estrutural* (1975), especialmente no capítulo “Linguagem e Parentesco”, o autor reconhece o nome como um signo que ultrapassa a dimensão pessoal, funcionando como a marca de um lugar na cadeia das relações sociais e simbólicas. Nomear, nessa perspectiva, não é simplesmente atribuir um rótulo, mas inscrever o sujeito em uma rede de significações que organiza o mundo. O nome próprio, assim, torna-se um ponto de articulação entre o singular e o coletivo, um marcador simbólico que liga o indivíduo à cultura por meio de sistemas de significação estruturados.

A psicanálise, por sua vez, pensa a questão ao situar o nome próprio no centro da constituição subjetiva. Jacques Lacan, em seu *Seminário 9: A Identificação* (2003), atribui ao nome uma função estrutural para a formação do sujeito do inconsciente. Ele afirma: “Vocês sabem, como analistas, a importância que tem em toda análise o nome próprio do sujeito. Vocês têm sempre que prestar atenção em como se chama seu paciente. Nunca é indiferente” (Lacan, 2003, p. 74). Para Lacan, o nome próprio é um significante que marca a entrada do sujeito na ordem simbólica.

Já em seus últimos seminários, Lacan eleva o nome próprio à categoria de *sinthoma*, um elemento singular que amarra os registros do Real, Simbólico e Imaginário, garantindo a consistência do ser. Propondo que o sujeito deve “saber fazer com seu sintoma”, ou seja, transformar o que o faz sofrer em um modo próprio de existir. Volaco (2016) explica que Lacan rompe com a ideia de que o sintoma deve ser eliminado: ele é aquilo com que o sujeito precisa aprender para articular-se.

Esse é um dos grandes momentos das reviravoltas lacaninas. Quando todo mundo imaginava, apesar de a clínica contrariar frequentemente tal perspectiva, que um sintoma era aquilo que se deveria, por uma análise, ser abandonado, vem Lacan dizer que ele não é eliminável e que o sujeito terá que saber articulá-lo, saber organizá-lo de uma forma que de obstáculo passe a ser propiciatório (Volaco, 2016, p. 25).

Essa articulação entre nome, linguagem e subjetividade encontra expressão literária em Fernando Pessoa. À primeira vista, a escolha de seu exemplo pode parecer distante das discussões filosóficas e psicanalíticas, mas o próprio nome “Pessoa” se torna emblemático para pensar a relação entre nome, identidade e criação. O poeta português desenvolveu sua obra por meio da criação de múltiplas “pessoas” literárias, que nomeou de heterônimos, desdobrando em literatura a própria questão da multiplicidade do eu. Jane Tutikian (2006), ao apresentar *Poemas de Álvaro de Campos*, descreve o heterônimo como “um personagem criado pelo poeta, que escreve sua própria obra. Tem nome próprio, obra própria, biografia própria e, sobretudo, um estilo próprio” (Tutikian, 2006, p. 15). Na famosa carta a Casais Monteiro, Pessoa explica o fenômeno de modo ainda mais íntimo:

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo [...]). Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente [...] várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos [...] a vida real (Pessoa, 1935, s/p).

Os heterônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Bernardo Soares são as expressões mais conhecidas dessa multiplicidade de vozes. Levantamos a hipótese, portanto, que Pessoa transforma o próprio nome, marca herdada, em um campo de experimentação subjetiva: ao assumir a máscara, ele faz do nome um lugar de invenção e faz de seu sintoma poesia. Como observa Keilah Gerber (2018), o nome próprio é um significante primordial na constituição do sujeito; em Pessoa, contudo, o nome ultrapassa sua função de nomeação para se tornar campo de criação poético-existencial. Pizarro (2023, p. 66) articula essa questão muito bem, explicando que:

É sempre possível acercarmo-nos do campo da psicologia, e Pessoa fá-lo, quando fala de um “companheiro de psiquismo” um heterônimo é uma máscara e esta palavra, “máscara”, está carregada de sentido. Recordemos que a etimologia da palavra “pessoa” é “máscara”. Se é possível o destino de alguém estar, de algum misterioso modo, cifrado no seu próprio nome de família – sobretudo depois de inventar os heterônimos (em 1914) e de abandonar o acento circunflexo do seu apelido (1916) –, esse alguém foi sem dúvida Pessoa, que se multiplicou numa miríade de Pessoas, em rostos poéticos, e não somente em personalidades.

Em “Reticências”, Álvaro de Campos escreve: “Assim se faz a literatura... / Santos Deuses, assim até se faz a vida! [...] / Os outros também são eu” (Pessoa, 1988/1935, p. 193). Já em *O Livro do Desassossego*, Bernardo Soares confessa: “Quantas vezes me dói existir [...] mistura de várias espécies de eu [...] que, porque a vejo, também [...] me pertence, faz parte de mim” (Pessoa, 1988/1935, p. 258). E, em outro trecho, propõe a criação de “um outro Eu que seja o encarregado de sofrer em nós”, transformando o sofrimento em personagem, em escrita, em invenção (Pessoa, 1988/1935, p. 293).

Esses fragmentos revelam como o poeta transformou as múltiplas vozes de seu eu em obra de arte, realizando, de certo modo, o que Lacan chamaria de *savoir-faire*, o saber-fazer com o próprio sintoma. Como afirma o psicanalista (Lacan, 1975/1976, p. 114), referindo-se a James Joyce: “Por isso, ele é um puro artifice, um homem de *savoir-faire*, o que é igualmente chamado de um artista”.

Partindo desses pressupostos, busca-se investigar de que modo Pessoa articula simbolicamente o próprio nome e organiza sua posição no mundo, entendendo que o nome, mais do que designar, cria; mais do que identificar, funda o ser.

3 REFERÊNCIAS

GERBER, Keilah. **Teu Nome é a Minha Herança: a nomeação a partir da psicanálise lacaniana**. Alagoas. 2018.. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/3247/1/Teu%20nome%20%C3%A9%20minha%20heran%C3%A7a%3A%20a%20nome%C3%A7%C3%A3o%20a%20partir%20da%20psican%C3%A1lise%20lacaniana.pdf> Acesso em: 22 out. de 2025

LACAN, Jacques. **O seminário: livro 9: A identificação (1961-1962)**. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife, 2003. p.74.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Livro 23: O sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. [1975- 1976]. p. 114.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tempo Brasileiro - Rio de Janeiro, 1975.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Álvaro de Campos: obra poética IV** / Porto Alegre, RS: L&PM, 2006. p. 193.

PESSOA, Fernando. Arquivo Pessoa. **Carta a Adolfo Casais Monteiro - 13 Jan. 1935**. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>. Acesso em: 22 out. de 2025.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. 2. ed. - Jandira, SP: Principis, 2019. p.258-293.

PIZARRO, Jerónimo. **Ler pessoa**. - São Paulo: Tinta da China Brasil, 2023. p. 66.

PLATÃO. **Teeteto e Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém, Universidade Federal do Pará, 1988. p. 103.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Editora SOL. São Paulo, 1997.

TUTIKIAN, Jane. Sobre Fernando Pessoa. *In*: PESSOA, Fernando. **Poemas de Álvaro de Campos: obra poética IV** / Porto Alegre, RS: L&PM, 2006. p. 11-22.

VOLACO, Gustavo Capobianco. E agora José? *In*: **A Clínica Psicanalítica, Palimpsestos** - 1. ed. - Curitiba. PR: CRV, 2016. p. 25.

NÃO DAREI A OUTRA FACE: A POÉTICA DE LARA DE LEMOS EM *INVENTÁRIO DO MEDO* (1997)

Francielle MANINI

Orientadora: Nilcéia VALDATI

Resumo: Esta pesquisa analisa a obra *Inventário do Medo* (1997), de Lara de Lemos, problematizando como a autora transforma experiências de repressão, prisão política e violência física e psicológica vividas durante a Ditadura Militar brasileira (1964–1985) em escrita poética. A partir de uma leitura analítica e interpretativa de todo o conjunto, o objetivo consiste em examinar de que modo a escrita articula recursos formais (fragmentação sintática, ritmo, repetição e léxico) e imagéticos (metáforas, sinestesias e imagens viscerais) para dar forma a essas experiências e expor os impactos dessas práticas. A reflexão se sustenta em referenciais como Wolfgang Kayser (2013) e Julia Kristeva (1980), para compreender como a degradação do corpo e a materialidade da dor se inscrevem na obra, discussão ampliada com Giorgio Agamben (2008), Márcio Seligmann-Silva (2003, 2008) e Eurídice Figueiredo (2024), para pensar a visualidade do horror e os limites de sua representação. Consideram-se também os afetos observados no estudo, como medo, (des)esperança e revolta, inspirados na teoria espinosana e na forma como esses movimentos coexistem nos versos de Lara. Os resultados indicam que a poetisa condensa a experiência-limite e a torna perceptível no ato de leitura, afirmando sua importância histórica e atual ao expor a lógica repressiva, ao abrir espaço para refletir sobre ameaças contemporâneas à ordem democrática e ao destacar a centralidade da memória e do testemunho nessas discussões.

Palavras-chave: Lara de Lemos; poesia de testemunho; Ditadura Militar; memória; afetos.

La poesía es un arma cargada de futuro.
(Gabriel Celaya, *De Cantos iberos*, 1977)

1 INTRODUÇÃO

Inspirado na convicção de Ferreira Gullar de que “a arte existe porque a vida não basta”, este estudo reconhece na arte um espaço de articulação do sensível e de pensamento crítico que se afirma como lugar de resistência. Diante das transformações políticas que marcaram o Brasil nas últimas décadas e das ameaças à democracia intensificadas a partir de 2018, torna-se importante compreender como a criação artística, entre os escombros do tempo, reabre frestas de escuta e pensamento onde a barbárie tenta impor a interdição da palavra.

Nessa ambiência, o presente estudo tem como objeto a análise da obra *Inventário do Medo* (1997), de Lara de Lemos, buscando responder à

pergunta de como a autora transforma as experiências traumáticas de repressão, prisão política e violência vividas durante a Ditadura Militar brasileira (1964–1985) em uma escrita poética cortante e lúcida. O objetivo consiste em examinar de que modo essa poesia mobiliza recursos capazes de traduzir a experiência da violência em formas estéticas que sensibilizam o leitor, partindo da hipótese de que a obra transforma o medo em experiência estética e política, convertendo a dor em linguagem e instaurando um espaço de ponderação e persistência do vivido.

Para tanto, a metodologia adotada consiste em uma leitura analítica e interpretativa da obra, sustentada em referenciais que articulam: o estudo do grotesco e da abjeção, com Wolfgang Kayser (2013) e Julia Kristeva (1980); o debate sobre o trauma e o testemunho, ampliado por Giorgio Agamben (2008), Márcio Seligmann-Silva (2003, 2008) e Eurídice Figueiredo (2024); e a análise dos afetos como medo, (des)esperança e revolta, inspirada na teoria de Espinosa (2018), especialmente na formulação da *Ética*, em que os afetos são compreendidos como variações da potência de agir.

2 DESENVOLVIMENTO

Antes de abordar *Inventário do Medo* (1997) em sua especificidade, convém lembrar que sua potência deriva também da trajetória de sua autora. Lara inscreve sua vida e sua obra no próprio contexto de repressão da ditadura, marcada tanto pela perseguição política quanto por sua atuação pública firme, o que confere à sua escrita um notável sentido de posicionamento e resistência. Ao longo de sua formação, que perpassa as artes visuais e a literatura, Lara sempre encontrou na expressão artística um instrumento para lutar, afirmando em entrevista concedida à pesquisadora e professora da UFRGS, Cinara Ferreira, em 2009, que sua poesia era um ato de honestidade: “escrevia tudo em verso, todos os meus problemas, a minha confiança era a minha poesia” (Lemos, 2019, p. 2). Suas publicações iniciais, como *Aura Amara* (1969) e *Para um rei surdo* (1973), já delineavam uma linguagem com aspereza política, que se tornaria cada vez mais combativa. O ápice desse percurso é justamente *Inventário do Medo* (1997), livro que a autora considerava catártico, concentrando a experiência-limite da prisão política e da tortura.

A análise proposta concentra-se nos mecanismos formais (fragmentação sintática, ritmo, repetição e escolhas lexicais) e imagéticos (metáforas, sinestesias e imagens viscerais) que intensificam a percepção dos afetos. O próprio título *Inventário do Medo* (1997) abre caminho para a metodologia ao deslocar a noção jurídica de inventário para o registro poético do que resta — restos que insistem, assombram e precisam ser elaborados.

Na leitura do conjunto, percebe-se que o medo (elemento central) se desdobra em diferentes modos de expressão, organizando núcleos recorrentes de imagens e afetos. Surgem gritos, vultos, lamúrias e seres indefinidos, ao lado de elementos escatológicos e sensações corporais extremas — fome, sede, insônia, cegueira — que configuram um corpo vulnerável. No plano material, multiplicam-se celas, muros, grades e corredores escuros, um espaço de clausura que traduz poeticamente o cárcere. Também se impõem abstrações como o tédio, a agonia e a contagem obsessiva do tempo, além de figuras animalizadas que reduzem o sujeito a uma condição bestial. Soma-se a isso o vocabulário burocrático — código, culpa, sentença, tribunal — que evidencia a máquina estatal da punição e seu julgamento enviesado. Juntos, esses elementos compõem a cartografia afetiva do medo no livro.

O primeiro foco de investigação reside na representação das memórias de perseguição e violência reelaboradas por meio de uma estética do grotesco que mobiliza imagens abjetas para dar forma ao medo. Desde o limiar do livro, observa-se a função dos elementos paratextuais (capa, contracapa, título e epígrafes) que anunciam o imaginário sombrio que o atravessa. O poema “*Um dia, de repente*” (Lemos, 1997, p. 11), por exemplo, manifesta a violência poeticamente através de uma linguagem de ruptura e vertigem, leitura que se sustenta em Wolfgang Kayser (2013), com *O Grotesco*, e Julia Kristeva (1980), com *Pouvoirs de l'horreur*, a fim de compreender como a degradação do corpo e a materialidade da dor configuram uma experiência simultaneamente estética e histórica.

O segundo foco investiga o processo de escrita da autora, pensando o gesto poético de “inventariar”, entendido como uma contabilidade metafórica evidenciada na sequência dos poemas “Celas – 14”, “Celas – 15” e “Celas – 23”, que registram, respectivamente, os instrumentos da repressão, as sensações do corpo sob abalo psicológico e os restos mais irreconhecíveis do eu. Destaca-se também a apropriação de um léxico jurídico através do qual a autora tensiona a linguagem estatal, denunciando os crimes praticados pelo próprio Estado em um movimento de inversão simbólica. O aprofundamento teórico oferecido por Giorgio Agamben, em *O que resta de Auschwitz* (2008), ilumina os limites do testemunho e a visualidade do terror, orientando a leitura da dificuldade de representar a experiência extrema. Observamos que o medo se manifesta tanto como paralisia e silêncio quanto como impulso para resistir, conforme discutido por Márcio Seligmann-Silva, em *História, memória, literatura* (2003) e *Catástrofe e representação* (2008), e por Eurídice Figueiredo, em *Mulheres contra a ditadura: escrever é (também) uma forma de resistência* (2024), que contextualiza a escrita de testemunho

na literatura como um gesto de resgate da voz ao sujeito ferido pela violência.

O terceiro e último foco investigativo do estudo mobiliza a teoria dos afetos de Benedictus de Espinosa (2018) para reler a violência extrema em poemas como “Dos Inquisidores”, “Celas – 24” e “Caçada”, nos quais o medo organiza um itinerário emocional que vai da resignação à esperança e à revolta — esta última encarnada na imagem da proteção materna. É observado que tais afetos não se distribuem de forma linear, mas coexistem e se reforçam, revelando camadas que oscilam entre as cicatrizes do trauma, o trabalho da palavra e a resistência. Tal dinâmica afetiva comprova que a poesia de Lara se apresenta como um exercício de persistência da vida e uma afirmação radical contra a aniquilação, expressa nos categóricos versos: “[...] Prefiro o punhal ou a foice / às palavras arredias / não darei a outra face” (Lemos, 1997, p. 22).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *Inventário do Medo* (1997) permite observar que, mesmo diante das lacunas da memória geradas pelo impacto das experiências traumáticas, a autora consegue testemunhar a partir de fragmentos e de uma singular contabilização das perdas, em que seu exercício de “inventariar” funciona como alerta, mobilizando o leitor para a sensibilidade interpretativa. A obra também atua como gesto de honra aos mortos, supera a expressão pessoal ao criar interlocução entre passado e presente, memória individual e coletiva, transforma o abalo do vivido em linguagem que sensibiliza e denuncia.

4 REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- CELAYA, Gabriel. *Cantos iberos*. 5. ed. Madrid: Ediciones Turner, 1977.
- ESPINOSA, Benedictus de. **Ética**. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chaui. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- FERREIRA, Cinara. Entrevista com Lara de Lemos. **Organon**, Porto Alegre, v. 34, n. 67, p. 1-9, 2019. DOI: 10.22456/2238-8915.99360. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/99360> Acesso em: 15 nov. 2023
- FIGUEIREDO, Euridice. **Mulheres contra a ditadura: escrever é (também) uma forma de resistência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024.

KAMENSZAIN, Tamara. Las nuevas poetisas del siglo XXI. In: ARNÉS, Laura A.; LEONE, Lucía de; PUNTE, María José (org.). **Historia feminista de la literatura argentina: en la intemperie. poéticas de la fragilidad y la revuelta**. Tomo V. Córdoba: Eduvim, 2021. p. 461-466.

KAYSER, Wolfgang. **O grotesco: configuração na pintura e na literatura**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Stylus; 6).

KRISTEVA, Julia. **Pouvoirs de l'horreur**: essai sur l'abjection. Paris: Éditions du Seuil, 1980. (Collection Tel Quel).

LE MOS, Lara de. **Inventário do medo**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997.

LE MOS, Lara de. Entrevista concedida a Cinara In. Ferreira. *Organon*, Porto Alegre, v. 34, n. 67, p. 1-9, 2019. DOI: 10.22456/2238-8915.99360. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/99360> Acesso em: 15 de nov. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2008. p. 63-85.

CULTURA UCRANIANA EM PITANGA/PR: PRÁTICAS ARTÍSTICAS

Inez Maria STASIAK

Orientadora: Luciane Trennephol da COSTA

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a cultura ucraniana e as paisagens sociolinguísticas no município de Pitanga/PR, a partir das práticas artísticas mantidas pela comunidade de descendentes. O estudo destaca as atividades artísticas promovidas pelo grupo folclórico, formado tanto por descendentes de ucranianos quanto por pessoas de outras etnias que se identificam e simpatizam com essa cultura, para a preservação da língua e da cultura ucranianas. São objetivos desta etapa da pesquisa: entrevistar alguns dos integrantes do grupo folclórico indagando sobre questões relacionadas à memória e à identidade ucraniana; examinar a relação/identificação desses participantes com a cultura; investigar a manutenção da língua ucraniana entre esses indivíduos; e observar como os costumes ucranianos e as práticas culturais contribuem para a construção das identidades locais e das possíveis paisagens linguísticas na comunidade (Landry e Bourhis, 1997). Considerando as interações e manifestações sociais e culturais da comunidade ucraniana em Pitanga, esta pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Sociolinguística Laboviana (Labov, 2008 [1972]) para a coleta de dados e em Landry e Bourhis (1997), para o possível mapeamento de paisagens sociolinguísticas em língua eslava. Assim, esta pesquisa contribui para os estudos sobre a cultura e a língua ucranianas, o registro do português brasileiro falado no interior do Paraná e a valorização das línguas minoritárias por meio da análise das paisagens sociolinguísticas.

Palavras-Chave: Cultura ucraniana; Língua ucraniana; Sociolinguística; Grupo folclórico; Identidade.

1 INTRODUÇÃO

O processo imigratório ucraniano para o Brasil teve início no final do século XIX. Segundo Boruszenko (1969), o Paraná foi a principal região povoada nessa época, com três ondas de imigração: a primeira, por volta de 1890, devido as dificuldades socioeconômicas na Ucrânia, a segunda, antes da Primeira Guerra Mundial, e a terceira, após a Segunda Guerra Mundial. Atualmente, estima-se que, 81% de descendentes ucranianos residem no Estado (RCUB, 2025).

Embora a maior concentração de imigrantes ucranianos no Paraná se concentre no município em Prudentópolis/PR, há também um grupo numeroso de ucranianos que se estabeleceram em outras regiões no entorno (Ramos; Olinto, 2020). Concomitantemente ocorreu também outro processo de imigração dentro das próprias colônias, em que os imigrantes buscavam novas formas de subsistência e sobrevivência, e outras comunidades foram

surgindo, como nos afirma Boruszenko (1969, p. 429) “estenderam-se pelos municípios de Pitanga, Pato Branco, Apucarana, Borrazópolis, Maringá, Campo Mourão, e outros”.

No município de Pitanga/PR, os descendentes de ucranianos, em sua maioria filhos e netos dos imigrantes que vieram da Europa, mantêm viva a memória coletiva dos descendentes, por meio de práticas culturais, tanto na arquitetura, no folclore, na culinária, no uso linguístico, no artesanato, na religião e nos rituais de Páscoa e Natal. Em 1914, a cidade de Pitanga era povoada principalmente por imigrantes e descendentes de ucranianos:

No ano de 1914 começaram a chegar a Pitanga os primeiros colonos, que eram procedentes das localidades do Rio dos Patos, Ivaí e Prudentópolis, na maioria de origem alemã, ucraniana, polonesa e italiana. Os primeiros a chegar foram [...] estabeleceram-se no lugar Rio do Meio dos Alemães, caminho de Guarapuava a Pitanga. Suas mudanças foram trazidas em carroções puxados por duas ou mais parêlhas de cavalos ou burros, seguindo obstáculos e dificuldades de toda ordem, vencidos esses intrépidos povoadores. Mais tarde, em 1918 chegou outra leva de colonos [...] (CLEVE, 2010, p. 63).

Essa vinda dos imigrantes ucranianos possibilitou o contato com a língua e a cultura eslava, e os costumes foram se mantendo entre as famílias que no município se estabeleciam. Dentre as manifestações da cultura ucraniana em Pitanga, Manchur destaca que “a manifestação cultural ucraniana iniciou pela religiosidade na construção de capelas e igrejas onde formavam suas colônias”, além de outros espaços “como a instituição de ensino Escola São Bento, que foi construída pelas religiosas, cuja intenção era preservar e educar os descendentes, transmitindo, assim, o conhecimento cultural”. (Manchur, 2016, p. 46-47).

Segundo dados obtidos da Paróquia Nossa Senhora da Glória e de acordo com Manchur (2016), no município de Pitanga, as crianças, jovens, adolescentes e adultos, descendentes e simpatizantes da cultura ucraniana têm além da participação na comunidade ucraniana, outro meio de transmissão da língua e cultura, por meio da expressão das danças típicas, da arte, das canções folclóricas e do artesanato.

Figura 01: Grupo Folclórico Ucraniano Kyiv



Fonte: <https://www.instagram.com/folclorekyivpitanga/>

O Grupo Folclórico Ucrâniano Kyiv teve sua fundação no ano de 1972 (Jornal Paraná Centro, 2025) e constitui um importante espaço de preservação cultural e linguística no município de Pitanga. Por meio das manifestações culturais, mantêm-se viva a história dos imigrantes em Pitanga, a transmissão intergeracional de práticas artísticas e a visibilidade da cultura ucraniana.

2 DESENVOLVIMENTO

A Sociolinguística, em suas diversas abordagens, considera a relação entre língua e sociedade, e neste estudo compreenderemos a importância da linguagem na construção das identidades individuais e coletivas. Segundo Labov, “a explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística” (Labov, 2008 [1972], p. 19). Partindo desse princípio, os estudos do autor analisam as variações e as mudanças linguísticas inerentes às línguas e transformações da sociedade:

podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do porquê o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço...o nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística [...] Seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outro ponto no tempo (Labov, 2008 [1972], p. 47).

Observamos que o autor destaca a influência dos elementos externos da língua (sociais, históricos, ideológicos), considerando-a como um sistema heterogêneo, e refletida na fala dos indivíduos de comunidades e grupos sociais. A partir das pesquisas de mestrado e doutorado de Labov foram comprovados que os fatores sociais podem determinar a mudança e variação linguísticas em relação a identidade do grupo étnico. Portanto, o aspecto social, a filiação étnica, é um importante conceito para esta pesquisa, como nos afirma Labov (2008 [1972]): “No desenvolvimento do sistema vocálico de Nova York, descobrimos que a identidade étnica desempenha um papel importante – mais importante do que a classe socioeconômica, em alguns itens” (Labov, 2008 [1972], p. 341).

Ancorados nos pressupostos teóricos e metodológicos da sociolinguística variacionista realizaremos entrevistas com os participantes do

grupo folclórico ucraniano sobre questões relacionadas à memória e à identidade, a manutenção da língua ucraniana entre eles, e observações dos costumes e das práticas culturais, para a construção das identidades locais e das paisagens linguísticas na comunidade (Landry e Bourhis, 1997). Para esta etapa, seguiremos os princípios éticos com a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unicentro. A partir desse domínio teórico da sociolinguística, adentraremos o estudo das paisagens sociolinguísticas, em que serem consideradas e incorporadas as práticas sociais e culturais da comunidade ucraniana local.

As paisagens sociolinguísticas surgem nas décadas finais do século XX, a partir das pesquisas de Landry e Bourhis (1997), em que os autores investigaram que o uso da língua não apenas reflete as tradições e costumes culturais de uma comunidade, mas também são simbolizados em espaços físicos e privados como “um marcador do território geográfico ocupado por comunidades distintas dentro de estados bilíngues ou multilíngues” (Landry e Bourhis, 1997, p. 24).

Essa noção de paisagens linguísticas reafirma as relações de identidade coletiva e poder de determinados grupos, aqui nesse estudo, a comunidade ucraniana em Pitanga. E essa análise exerce papel fundamental na identificação da visibilidade ou invisibilidade de elementos sociolinguísticos (placas, fachadas, nomes de ruas, lápides, monumentos, entre outros) em territórios habitados por grupos minoritários “o estudo das paisagens sociolinguísticas no país pode contribuir para o resgate das línguas não legitimadas que recebem pouco ou nenhum investimento” (Bielenin-Lenczowska; Costa, 2020, p. 130).

Portanto, o conceito de paisagens linguísticas incorpora também as práticas sociais e culturais de uma comunidade. Assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar a cultura ucraniana e as paisagens sociolinguísticas no município de Pitanga/PR, a partir das práticas artísticas mantidas pela comunidade de descendentes ucranianos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme posto anteriormente, esta pesquisa, ainda em fase inicial, pretende investigar a língua e a cultura ucranianas na cidade de Pitanga, Paraná, à luz dos pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista (Labov, 2008 [1972]) e dos estudos sobre as paisagens sociolinguísticas (Landry e Bourhis, 1997). Pretende-se investigar como as práticas artísticas vivenciadas no Grupo Folclórico Ucraniano Kyiv contribuem para a manutenção da língua e da cultura ucranianas na comunidade, bem como para a constituição nas possíveis paisagens sociolinguísticas existentes.

A comunidade ucraniana no Brasil, em seu contexto histórico, social e político tem resistido as restrições impostas ao uso de suas práticas linguísticas e culturais desde o período de povoamento, destacando-se o impacto do Decreto Federal nº 406 de 04 de maio de 1938 (Bielenin-Lenczowska; Costa, 2020), e os conflitos atuais ocorridos no século XXI.

Assim, esta pesquisa sobre a manutenção da língua e cultura ucranianas reafirma a importância da legitimação das línguas de imigração faladas no país, entre elas, a Língua Ucraniana. Ademais, a análise das paisagens sociolinguísticas em Pitanga contribuirá para o conhecimento e o registro de práticas sociais e artísticas das comunidades de descendência eslava, que é presença marcante nas cidades do interior do Paraná.

4 REFERÊNCIAS

ANDREIS, Aldinei dos Passos. **Grupo Kyiv representa Pitanga em Santa Catarina**. Jornal Paraná Centro, Ivaiporã, 22 de outubro de 2025. Disponível em: <https://jornal.paranacentro.com.br/noticia/49535/grupo-kyiv-representa-pitanga-em-santa-catarina>. Acesso em 03 de novembro de 2025.

BIELLENIN-LENCZOWSKA, Karolina; COSTA, Luciane Trennephol da. **Paisagens sociolinguísticas em comunidades polonesas do interior do Paraná**. Revista X, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Paraná, v. 15, n. 6, p. 129-146, 2020.

BORUSZENKO, Oksana. A imigração Ucraniana no Paraná. In: PAULA, Eurípedes Simões de (Org). **Colonização e migração**: Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. São Paulo: ANPUH, 1969, p. 423-439. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2018-12/1544024482_8cdf01e2c82ed9dc57b303a04cffc379.pdf. Acesso em 03 de novembro de 2025.

CLEVE, Jeorling J. Cordeiro. **Memórias de Pitanga**. Curitiba: Artes e Texto, 2010.

Instagram: **Grupo Folclórico Ucraniano Kyiv - Pitanga, PR**. Disponível em: <https://www.instagram.com/folclorekyivpitanga/>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LANDRY R., BOURHIS R. Y. **Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality**: an Empirical Study. Journal of Language and Social Psychology, 16(1), p. 23-49, 1997.

MANCHUR, Josiane. **O Lugar como Locús de Estudo na Geografia**: manifestações culturais ucranianas no município de Pitanga-PR e suas representações para o ensino geográfico. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Florianópolis, 2016.

RAMOS, Odinei Fabiano; OLINTO, Beatriz Anselmo. A dinâmica das identificações em Prudentópolis: fronteiras, movimentos e imaginários. IN: RAMOS, Odinei Fabiano; OLINTO, Beatriz Anselmo (Org.). **Prudentópolis**: cultura, história e identidade. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2020, p. 16-35.

RCUB - Representação Central Ucraniana Brasileira. **Imigração Ucraniana.**
Disponível em: <https://www.rcub.com.br/rcub/quem-somos/imigracao-ucraniana/>.
Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

LITERATURA INDÍGENA E PÓS-COLONIALISMO: A RESISTÊNCIA NA POESIA DE JEANNETTE ARMSTRONG

Jean Pruchniak, mestrando

Orientadora: Professora Doutora Neide Garcia Pinheiro

Resumo : Esta pesquisa busca examinar a literatura indígena contemporânea como espaço de resistência cultural, política e epistêmica, tomando como foco a obra poética da escritora indígena canadense Jeannette Armstrong. Partindo das contribuições teóricas Pós-Colonialistas e indígenas, o estudo procura evidenciar como os discursos coloniais instituíram hierarquias raciais, culturais e epistemológicas que silenciaram as vozes indígenas, convertendo-as em subjetividades subalternizadas. A literatura, nesse contexto, emerge como um campo de confrontação simbólica no qual se reinscrevem memórias, cosmologias e epistemologias historicamente marginalizadas. Armstrong, ao escrever em inglês, a língua do colonizador, realiza um gesto duplo: utiliza o idioma hegemônico para ampliar a circulação das vozes indígenas, ao mesmo tempo em que subverte seus regimes de sentido, produzindo uma mímica insurgente que revela fissuras nas estruturas coloniais. A coletânea *Breath Tracks* (1991), central para esta análise, articula corpo, terra e ancestralidade, recuperando a visão Okanagan expressa no conceito de *Earthbody* e desafiando a racionalidade ocidental que separa humano e natureza. Embora a pesquisa ainda esteja em desenvolvimento, as leituras realizadas até o momento sugerem que a escrita de Armstrong não apenas resiste ao colonialismo, mas também reconfigura criticamente a própria noção de literatura, reafirmando identidades, epistemologias e modos de existência indígenas em sua totalidade.

Palavras-chave: Literatura indígena; Pós-colonialistas; *Earthbody*.

1 INTRODUÇÃO

O estudo da história, das culturas e, sobretudo, da literatura foi, durante séculos, conduzido sob o horizonte estreito do eurocentrismo, matriz epistemológica que elevou a experiência europeia, cristã, burguesa e colonial à condição de paradigma universal. Tudo aquilo que escapava a esse regime normativo era relegado à esfera da barbárie, do atraso ou da infantilização cultural (Bonnici, 2012). Esse enquadramento discursivo não apenas naturalizou a ficção da superioridade europeia, como também funcionou como um aparato de legitimação do colonialismo, convertendo categorias geográficas básicas, Europa, África, América, em arquiteturas hierárquicas de raça, cultura e humanidade.

Nesse cenário, a literatura indígena, ao reativar saberes marginalizados e reivindicar formas próprias de enunciação, insurge-se contra esse regime discursivo, desestabilizando os pressupostos hegemônicos e reabrindo a possibilidade da fala subalterna. Trata-se de um gesto simultaneamente estético e político, que confronta narrativas coloniais e devolve ao campo literário modos de existência historicamente silenciados. Assim, a escrita indígena afirma-se como uma potente prática de resistência.

Essa dinâmica converge com a problemática formulada por Spivak (2010) em *Pode o Subalterno Falar?*, para quem “o mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro” (Spivak, 2010, p. 47).

Tal projeto, prossegue a autora, corresponde também à “obliteração assimétrica do rastro desse ‘Outro’ em sua precária subjetividade” (Spivak, 2010, p. 47), evidenciando que esses sujeitos, produzidos por estruturas discursivas e institucionais de poder, têm não apenas sua fala desautorizada, mas vêm sistematicamente impedida a inscrição de seus próprios enunciados nos espaços hegemônicos de representação. Nesse sentido, “colonizador” e “colonizado” deixam de ser identidades “naturais” e passam a constituir efeitos de um discurso normativo que organiza o mundo por meio de lógicas de dominação, diferenciação e silenciamento, reiterando exatamente as condições que tornam a fala subalterna inaudível ou politicamente inoperante.

Nesse contexto, a teoria pós-colonial aparece não como um bloco teórico fechado, mas como um campo de disputa que tenta desfazer, muitas vezes de forma lenta e fragmentada, as narrativas eurocentradas que historicamente colocaram o sujeito colonizado no lugar do “Outro”. Spivak (2010) denomina esse processo de violência epistêmica, porque ele naturaliza hierarquias raciais, culturais e políticas que acabam apagando modos próprios de conhecimento.

É seguindo essa linha que se tornam mais visíveis as diversas formas de resistência intelectual e cultural produzidas pelas sociedades colonizadas. A literatura indígena contemporânea entra nesse movimento não como um simples reflexo teórico, mas como um espaço efetivo de disputa simbólica: ali se reinscrevem perspectivas, memórias e modos de saber que foram sistematicamente silenciados. Assim, a escrita indígena confronta, de dentro, a mesma “violência epistêmica” apontada por Spivak (2010), reabrindo brechas para outras maneiras de existir e narrar o mundo.

Dessa forma, este projeto de dissertação tem como objetivo analisar uma produção literária da escritora indígena canadense Jeannette Armstrong, buscando compreender de que maneira sua escrita constitui um espaço privilegiado de confrontação simbólica. Os objetivos específicos da pesquisa, embora ainda em desenvolvimento, incluem a leitura da coletânea *Breath Tracks* (1991), a fim de identificar as estratégias de afirmação cultural articuladas pela autora, entre elas, as revisões críticas da história oficial e a apropriação da língua inglesa como um território discursivo significativo, no qual a autora reinscreve perspectivas, memórias e epistemologias silenciadas pela lógica colonial.

A autora, como afirma em entrevista na coletânea *Conversations on American Indian Writing* (1999), articula tradição oral, espiritualidade e crítica política em uma escrita híbrida que funciona como arte e memória coletiva. Escrever em inglês é, para ela, um gesto duplo: amplia a circulação das vozes indígenas, mas obriga a traduzir uma cosmovisão sem equivalentes na língua

do colonizador. Assim, o inglês torna-se simultaneamente um meio de expressão e um espaço de tensão cultural.

Tendo em vista o corpus a ser investigado, esta dissertação apoia-se em procedimentos de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Salienta-se que para desenvolver a investigação proposta, parte-se de uma perspectiva dos estudos pós-coloniais, mas também se pretende ao decorrer dessa pesquisa usar apoio teórico dos estudos indígenas, notadamente de autores como a própria Jeannette Armstrong, Anna Mongibello, George Manuel, Lee Maracle, Thomas King, entre outros.

Considerando-se a proposta a ser desenvolvida, apresenta-se, ainda em caráter provisório, uma possível estrutura para a dissertação. Além da seção introdutória em que se delineiam os objetivos, a metodologia a ser utilizada, a justificativa para a pesquisa e outras informações relevantes, pretende-se que a dissertação contenha um capítulo voltado a uma discussão sobre o contexto de investigação, isto é, sobre a literatura indígena no Canadá, a fim de situar a produção literária e crítica de Armstrong. Prevê-se que o capítulo II enfoque no suporte teórico que conduzirá a pesquisa. À luz das discussões teóricas apresentadas, o Capítulo III centrar-se-á na leitura da obra de Armstrong. No entanto, como esta dissertação ainda se encontra em fase de construção, sua organização deve passar por eventuais ajustes.

2 DESENVOLVIMENTO

Neste ponto, objetiva-se apenas uma breve de exposição, uma vez que o processos de revisão de literatura e os procedimentos analíticos ainda se encontram em estágio inicial nesta pesquisa e a própria dissertação está em suas fases preliminares de elaboração.

A literatura indígena no Canadá, segundo contextualiza Silva (2022), precisa ser compreendida a partir de uma longa história de produção de conhecimento que antecede a escrita e se ancora na oralidade, território onde são transmitidos mitos, ensinamentos espirituais, memórias e epistemologias que organizam a vida coletiva indígena. Como demonstra Mongibello (2014), a oralidade para os indígenas atua como um sistema sofisticado de pensamento, no qual a palavra é ação, ética e continuidade cultural; um espaço em que anciãos e contadores de histórias operam como guardiões do saber, assegurando sua passagem entre gerações.

Silva (2022) aponta que a oralidade não é ausência do escrito, mas parte essencial da Literatura Indígena, que, no entanto, com a colonização Britânica e francesa, instaurou-se um regime de valor que privilegiou a como único veículo legítimo de cultura. É nesse cenário que se insere Jeannette Armstrong. A autora ameríndia canadense, segundo Mongibello (2014), figura como um dos exemplos mais potentes da literatura indígena contemporânea dedicada a restaurar epistemologias, territórios e cosmologias abaladas pela violência colonial.

Escritora Okanagan, “um povo das Primeiras Nações de nativos norte-americanos, cujo território tradicional abrange a fronteira

entre Canadá e Estados Unidos da América, entre o estado de Washington e a Colúmbia Britânica” (Silva, 2022, p.20), é profundamente engajada na revitalização cultural de seu povo, Mongibello (2014) aponta ainda que Armstrong constrói uma poética articulando corpo, terra, ancestralidade e memória e que em muitos aspectos acolhe a oralidade indígena na escrita alófona.

Sua escrita, realizada em inglês, a língua do colonizador, transforma esse mesmo idioma em espaço de resistência, reexistência e denúncia, revertendo seus usos imperialistas por meio de estratégias estético-políticas conscientes. Dentro desse contexto, a língua inglesa ocupa o lugar central. Armstrong afirma em entrevista na coletânea *Conversations on American Indian Writing* (1999), que o inglês influenciou de forma determinante os povos colonizados, especialmente os povos nativos do Canadá. Escrever em inglês, segundo ela, não é um processo simples, para um indígena, há sempre uma perda de consciência, pois o pano de fundo cultural que sustenta a narrativa não é o mesmo. A tradição oral, o ritmo da fala e a cosmovisão nativa não encontram equivalência exata em inglês.

Contudo, Armstrong reconhece na mesma entrevista, que no presente o inglês tornou-se também um meio necessário de comunicação, não apenas com o público não indígena, mas até mesmo entre os próprios povos nativos. Ele garante maior visibilidade, publicidade e circulação das ideias, embora imponha limites criativos e altere a forma de criação.

Nesse sentido, a escrita da autora dialoga diretamente com Spivak (2010) e sua questão fundamental: “*pode o subalterno falar?*”. Pode-se dizer que Armstrong responde afirmativamente, mas de modo politicamente complexo. Ela fala através da língua colonial, mas não a partir dela. Usa o inglês como ferramenta insurgente, reorientando sua lógica e desestabilizando seus regimes de sentido. A língua que sustentou o projeto colonial torna-se veículo de denúncia, reinvenção cosmológica e reposicionamento identitário. A autora realiza, assim, aquilo que autores pós-coloniais, sobretudo Spivak (2010), denominariam “reapropriação”: ela toma a língua colonial em seu próprio modo epistemológico para subvertê-la desde dentro, sem jamais abandonar a epistemologia indígena Okanagan que sustenta cada imagem, ritmo e perspectiva.

Ainda pode-se analisar esse ato subversivo pela perspectiva de Homi Bhabha (1998). Para o autor, a tensão inscrita no uso da língua do colonizador pode ser compreendida como um processo de mímica que está longe de se reduzir à simples imitação. Bhabha descreve a mímica como “uma camuflagem, não uma harmonização ou repressão da diferença, mas uma forma de semelhança que difere da presença e a defende, expondo-a, em parte metonimicamente” (Bhabha, 1998, p. 135). Nesse sentido, a escrita de Armstrong, ao apropriar-se do inglês sem renunciar às epistemologias indígenas, atua exatamente nesse espaço híbrido: cria uma enunciação que se aproxima da linguagem hegemônica, mas a desestabiliza internamente. Assim, o texto indígena em língua inglesa não se dissolve na norma colonial; ao contrário, revela suas fissuras ao reinscrever, no interior da língua

dominante, memórias, cosmologias e ritmos que escapam ao enquadramento ocidental.

É justamente por meio do uso insurgente do inglês que Armstrong dá vida a uma de suas coletâneas mais emblemáticas, *Breath Tracks* (1991), a qual, segundo a análise de Mongibello (2014), constitui um rastro vivo em que cada verso expressa a circulação de saberes entre corpo e terra. A respiração, eixo central da obra, recupera a noção de “*Earthbody*” (Armstrong, 1995, p.4, *apud*. Mongibello, 2014, p.147), termo empregado pela autora para designar a extensão do corpo da terra, uma visão Okanagan de mundo que compreende o ser humano como parte da própria terra, e não senhor dela. Assim, Armstrong confronta a racionalidade colonial que dissocia humano e natureza, indivíduo e território, corpo e cosmos, reinscrevendo sua epistemologia tradicional.

Segundo Silva (2022, p. 29), “Armstrong, no livro *Breath Tracks* (1991), consegue traduzir não somente suas experiências para dentro da sua poesia, mas também seu mundo e cultura”. O autor ressalta que, entre os poemas mais representativos da coletânea, destaca-se “*History Lesson*”, considerado por ele “talvez o mais popular de Armstrong” (Silva, 2022, p. 44). Nesse poema, a poetisa subverte a narrativa colonialista do “descobrimento” da América. O autor ainda aponta que é possível perceber que Armstrong emprega diversos dispositivos literários para construir significados e aprofundar o tema da colonização. O poema permite ao leitor visualizar a história colonial sob múltiplas perspectivas, articulando cenário, narração, ponto de vista, caracterização e, sobretudo, as imagens poéticas que nele se formam.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa busca evidenciar de que modo a literatura indígena contemporânea, exemplificada pela obra de Jeannette Armstrong, constitui um espaço de resistência cultural e epistêmica diante das heranças coloniais. Ao apropriar-se criticamente da língua do colonizador, Armstrong desestabiliza o discurso hegemônico e reafirma identidades indígenas, convertendo a literatura em um território político, comunitário e de reexistência. Reconhece-se, contudo, que o estudo permanece em fase inicial e que as reflexões aqui apresentadas configuram um esboço teórico preliminar, destinado a orientar as etapas posteriores da investigação, especialmente a análise aprofundada da coletânea *Breath Tracks* e de suas estratégias de reinscrição simbólica.

4 REFERÊNCIAS:

ARMSTRONG, Jeannette. *Breath Tracks*. Penticton (BC): Theytus Books, 1991.

ARMSTRONG, Jeannette. *Keepers of the earth. Sacred Land*, [s.l.], 1995. Disponível em: <www.sacredland.org/PDFs/KeepersoftheEarth.pdf>. Acesso em: [25/11/2025].

BHABHA, Homi.K. *O local da cultura*. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. *O Pós-Colonialismo e a literatura: Estratégias de leitura*. Maringá: Scielo/Eduem, 2ª edição, 2012.

MONGIBELLO, Anna. Tracking the land/memory: healing and reterritorializations in Jeannette Armstrong's *Breath Tracks*. In: SEPSI, Enikő; NAGY, Judit; VASSÁNYI, Miklós; KENYERES, János (ed.). *Indigenous Perspectives of North America: A Collection of Studies*. [S.l.: s.n.], 2014.

SILVA, Jefferson Ebersol da. *Escrita e tradição oral indígena: tradução comentada de Breath Tracks de Jeannette Armstrong*. 2022. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Entrevista:

CONVERSATIONS ON AMERICAN INDIAN WRITING.

MURRAY, Laura; BALL, Laura (org.). *Conversations on American Indian Writing*. Norman: University of Oklahoma Press, 1999.

A SEDUÇÃO DA PERVERSÃO: UMA ANÁLISE FREUDO-LACANIANA DO FASCÍNIO PELO DARK ROMANCE ENTRE OS LEITORES DE PLATAFORMAS DIGITAIS

Juliana Cardoso BORILLE

Orientador: Prof. Dr. Gabriel PINEZI

Resumo: O presente resumo expandido investiga o fenômeno do *dark romance* a partir da teoria psicanalítica de Sigmund Freud e Jacques Lacan, buscando compreender como esse subgênero contemporâneo mobiliza elementos estruturais do desejo, da fantasia e da perversão. Marcado por narrativas que articulam erotismo, violência, obsessão e relações de poder assimétricas, o subgênero do romance apresenta enredos que tensionam os limites entre lei e transgressão, prazer e dor, dominação e entrega dimensões fundamentais para a leitura psicanalítica. O objetivo central deste trabalho é analisar obras representativas do gênero para compreender de que modo suas cenas, personagens e dinâmicas narrativas encenam estruturas pulsionais que a realidade social interdita, permitindo que conteúdos inconscientes se organizem simbolicamente pela via da ficção. A fundamentação apoia-se em Freud, especialmente em suas formulações sobre fantasia, sexualidade e a perversão como posição psíquica, e em Lacan, cujas noções de gozo, lei e estrutura perversa iluminam a lógica que sustenta os conflitos erotizados presentes nessas obras. Metodologicamente, desenvolve-se uma análise qualitativa das narrativas selecionadas, enfatizando a construção dos personagens e a articulação simbólica das cenas de transgressão. Os resultados demonstram que o *dark romance* opera como espaço literário onde o sujeito pode experimentar, de forma mediada, aquilo que ultrapassa o âmbito do permitido, revelando tensões fundamentais entre desejo, limite e fantasia.

Palavras-Chave: *Dark romance*; Psicanálise; Freud; Lacan.

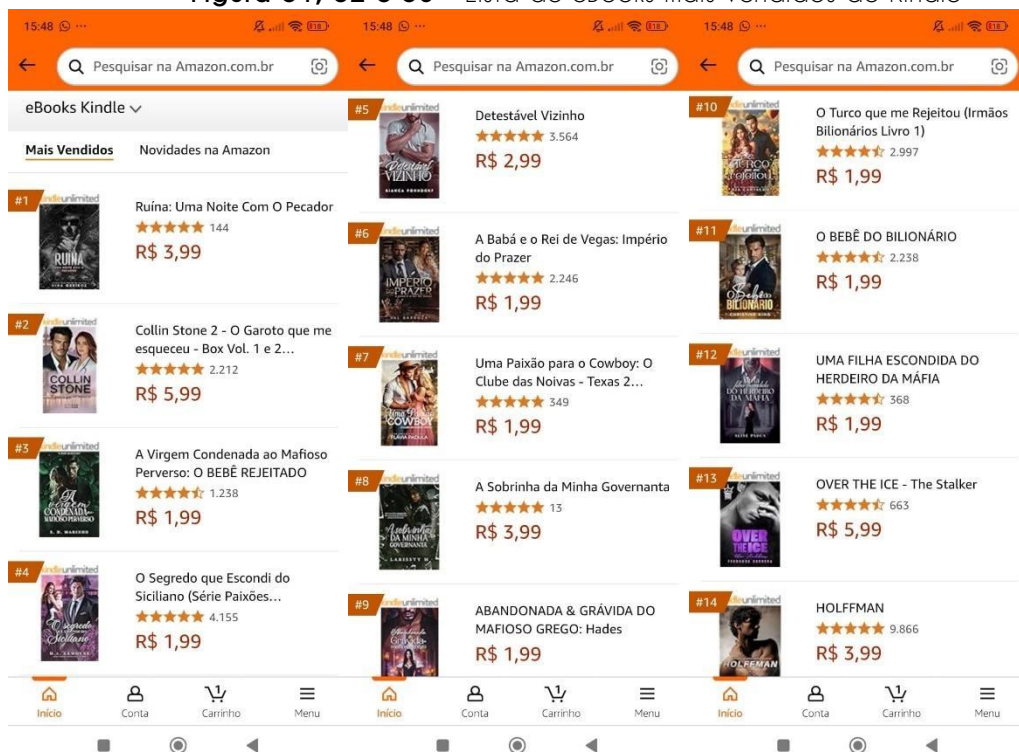
1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco o fenômeno literário conhecido como *dark romance*, um subgênero da ficção romântica que combina erotismo, violência, relações de poder assimétricas, elementos de trauma e dinâmicas marcadas pela ambiguidade afetiva entre dominação e submissão. Esse subgênero emerge inicialmente em espaços de auto publicação digital e comunidades informais de escrita, consolidando-se como um dos gêneros mais consumidos da ficção contemporânea, sobretudo entre jovens e adultos que utilizam plataformas digitais como *Wattpad*, *Kindle Unlimited*, *Dreame*, *Radish*, além de comunidades leitoras em redes sociais como *TikTok (BookTok)* e *Instagram (Bookstagram)*.

Na última década, observa-se crescimento acelerado da circulação desses textos. Obras classificadas como *dark romance* figuram entre as mais vendidas na *Amazon Kindle*, com títulos ultrapassando centenas de milhares de downloads mensais. No Brasil, dados da *Amazon* (2022-2024) mostram que, dentro do *Kindle Unlimited*, o subgênero alcança posições constantes no ranking de leituras mais concluídas, impulsionado principalmente por recomendações virais no *BookTok*. Plataformas como *Wattpad* contabilizam

bilhões de leituras em histórias marcadas por personagens masculinos moralmente ambíguos, relações tóxicas, obsessivas ou violentas e enredos que exploram intensamente temas como ciúme, posse e perigo.

Figura 01, 02 e 03 – Lista de eBooks mais vendidos do Kindle



Capturas de tela realizadas no dia 29, jan de 2025.

A relevância do *dark romance*, portanto, não se limita ao entretenimento: seu consumo expressivo demonstra impacto cultural significativo, especialmente entre jovens leitores que se identificam com narrativas intensas e emocionalmente extremas. O interesse crescente por essas histórias sugere que elas mobilizam fantasias, desejos e conflitos subjetivos que merecem investigação aprofundada. Assim, compreender por que narrativas que envolvem erotismo violento e relações assimétricas geram tamanha atração torna-se fundamental para analisar aspectos psíquicos, sociais e culturais da contemporaneidade.

Para delimitar o objeto desta pesquisa, serão analisadas as obras *Assombrando Adeline* (*Haunting Adeline*) e *Caçando Adeline* (*Hunting Adeline*), de H. D. Carlton, uma das sagas mais representativas e extremas do gênero. Essas obras narram a relação obsessiva entre Zade Meadows, stalker que combina proteção, violência e desejo, e Adeline Reilly, escritora que vive tensão constante entre terror e atração. Ao explorar temas como perseguição, sequestro, erotização do perigo e vínculos perversos, a duologia se tornou emblemática no cenário do *dark romance* contemporâneo.

Em *Assombrando Adeline*, a protagonista se muda para a antiga mansão de sua bisavó e começa a investigar cartas que revelam um romance proibido e violento vivido por sua ancestral Cigi. Paralelamente, Adeline

passa a ser observada e perseguida por Zade Meadows, um stalker que invade sua casa, controla sua rotina e se infiltra em sua intimidade física e psicológica antes mesmo que ela tenha consciência de sua presença. A narrativa explora a progressiva perda de privacidade da protagonista, que é lentamente cercada pelo olhar invasivo de Zade, olhar que simultaneamente aterroriza e desperta desejo. O romance elabora esse encontro como uma espécie de destino inevitável. Adeline teme seu perseguidor, mas seu corpo responde de modo paradoxal, instaurando o conflito central do texto.

Em *Caçando Adeline*, o tom se torna ainda mais sombrio. Adeline é sequestrada por uma rede de tráfico sexual, e o livro descreve com riqueza de detalhes as estratégias de desumanização, tortura física e psicológica empregadas pelos criminosos para quebrar sua subjetividade. O texto expõe o corpo da protagonista como alvo direto da violência real, sem a mediação erótica presente no primeiro volume. Enquanto isso, Zade, agora não mais perseguidor, mas salvador, mobiliza todos os recursos violentos e ilegais à sua disposição para encontrá-la, assumindo posição de justiceiro para recuperá-la. Após o resgate, a relação entre os dois não simplesmente retorna ao padrão anterior. Adeline apresenta sintomas de trauma profundo: dissociação, dificuldade com toque, retração corporal e sensação de fragmentação interna. Zade, por sua vez, precisa conter sua própria brutalidade para não reproduzir a violência que ela sofreu. A reconstrução da relação torna-se um processo delicado, marcado por recaídas, explosões emocionais e erotização da dor emocional. A duologia inteira é construída sobre essa oscilação: Zade é, simultaneamente, o homem que invade, domina e agride e aquele que salva, cuida e devolve significado ao corpo ferido de Adeline.

2 DESENVOLVIMENTO

Ao articular os aportes de Freud e Lacan, aprofunda-se a compreensão do motivo pelo qual o *dark romance* provoca tamanha identificação e fascínio entre leitores contemporâneos. O gênero não apenas mobiliza conteúdos inconscientes, mas opera como um dispositivo simbólico que permite ao sujeito experimentar, pela via da ficção, aquilo que a realidade social, moral e jurídica não autoriza.

Em primeiro lugar, o *dark romance* ativa fantasias inconscientes, fundamentais para a estrutura psíquica. Freud (2015) aponta que a literatura possibilita a transformação dos devaneios privados em narrativas socialmente aceitáveis. O autor explora o conceito de "fantasiar" como uma atividade psíquica essencial, comparando-a ao brincar infantil e à criação poética. Ele destaca que o fantasiar é impulsionado por desejos insatisfeitos, funcionando como uma forma de corrigir a realidade e realizar desejos. A fantasia é o lugar onde o sujeito dá forma a desejos inconfessáveis, cenas proibidas e satisfações impossíveis. "Desejos insatisfeitos são as forças impulsionadoras [*Triebkräfte*] das fantasias, e toda fantasia individual é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória." (Freud, p. 57, 2015)

Assim, ao ler *dark romance*, o sujeito não apenas acompanha uma história, mas se engaja num campo de possibilidades psíquicas onde pode explorar simbolicamente impulsos que, na vida real, seriam reprimidos ou condenados. O gênero, portanto, funciona como extensão imaginária do desejo, no qual a violência, a posse, a entrega absoluta e o risco aparecem revestidos de erotização.

Em segundo lugar, o *dark romance* é atravessado por estruturas de gozo, no sentido lacaniano do termo. O gozo ultrapassa o prazer regulado e se dirige ao excesso, ao ponto em que prazer e dor se confundem. Nas narrativas do gênero, a tensão constante entre perigo e atração oferece ao leitor uma forma de experiência emocional intensa, que ecoa o funcionamento do gozo como aquilo que excede a norma e desafia a racionalidade. O leitor, colocado na posição de *voyeur*, participa simbolicamente do gozo dos personagens: acompanha cenas de dominação, violência erótica ou obsessão amorosa sem realmente vivenciá-las, mantendo-se protegido pelo enquadramento ficcional. É essa posição dupla distante e envolvida que permite ao leitor experimentar o interdito em modo seguro, o que Lacan chamaria de “gozar através do Outro”. “Interroguemos esse gozo, precário por estar preso, no Outro, a um eco que ele só suscita ao aboli-lo pouco a pouco, por lhe juntar o intolerável.” (Lacan, p. 783, 1998).

Além disso, o gênero dramatiza a estrutura da perversão, entendida pela psicanálise não como anomalia ou doença, mas como modo específico de relação com a lei e com o desejo. Em Lacan, especialmente no ensaio “Kant com Sade”, a perversão não é simplesmente a violação da norma, mas a tentativa de encenar a lei, revelar sua falha ou colocá-la a serviço do gozo.

É preciso, evidentemente, reconhecer-lhe esse caráter, pela simples razão de que seu mero anúncio (seu querigma) tem a virtude de instaurar, ao mesmo tempo, quer a rejeição radical do patológico, de qualquer consideração por um bem, uma paixão ou mesmo uma compaixão, ou seja, a rejeição pela qual Kant liberta o campo da lei moral, quer a forma dessa lei, que é também sua única substância, na medida em que a vontade só se obriga a ela ao rejeitar de sua prática toda razão que não seja de sua própria máxima (Lacan, 1988, p. 769).

Os personagens masculinos do *dark romance* frequentemente ocupam essa posição clássica: são figuras que se situam às margens da moralidade social, mas cuja transgressão ganha sentido justamente por existir dentro de um horizonte normativo que eles ultrapassam. Para o leitor, essa figura perversa apresenta um tipo de desejo sem limites, algo que, no mundo real, seria inaceitável, mas que na ficção torna-se objeto de fascínio.

A contribuição de Roudinesco, em *A parte obscura de nós mesmos* (2008), reforça essa articulação ao mostrar que a modernidade continua fascinada por tudo aquilo que tenta ao mesmo tempo reprimir: a violência, o erotismo extremo, o poder, a crueldade, o abismo entre amor e destruição. O *dark romance* atua justamente como espelho dessa parte sombria, permitindo

que conteúdos reprimidos encontrem expressão numa moldura narrativa que legitima sua circulação. A leitura dessas obras possibilita, portanto, uma forma de contato simbólico com aquilo que a cultura contemporânea tenta expulsar de sua superfície visível, mas que continua operando no inconsciente coletivo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso analítico desenvolvido permite reconhecer que o *dark romance* ultrapassa o estatuto de mero entretenimento para consolidar-se como fenômeno cultural, discursivo e subjetivo altamente significativo na contemporaneidade. Seu crescimento exponencial nas plataformas digitais, especialmente entre jovens leitores, evidencia não apenas mudanças nos modos de consumo literário, mas também transformações profundas nas formas de expressão e elaboração do desejo na sociedade atual. A leitura psicanalítica do gênero revela que seu fascínio se sustenta em estruturas que atravessam o próprio sujeito. O *dark romance* funciona, assim, como território privilegiado para a circulação de conteúdos psíquicos que a vida cotidiana reprime, mas que a ficção permite experimentar com segurança. Desse modo, compreender o sucesso desse subgênero não significa apenas mapear tendências literárias, mas observar como leitores contemporâneos se relacionam com temas como violência, poder, submissão, erotização do risco e fantasia de entrega absoluta.

4 REFERÊNCIAS

CARLTON, H. D. **Assombrando Adeline**. Tradução de Helena Mussoi. São Paulo: Editora Cabana Vermelha, 2022.

CARLTON, H. D. **Caçando Adeline**. Tradução de Helena Mussoi. São Paulo: Editora Cabana Vermelha, 2023.

FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LACAN, Jacques. Kant com Sade. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 765-790. Disponível em: <https://www.augustoluiz.com.br/biblioteca> Acesso em: 22 nov. 2025.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
Para outras referências, consultar ABNT NBR 6023/2018.

BALENCIAGA E A ESTÉTICA DA ANTIMODA: A RUPTURA DOS PADRÕES E O PARADOXO DO CONSUMO NA MODA CONTEMPORÂNEA

Mariana da Silva VALENTE

Orientador: Nírcia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA

Resumo: Este trabalho, parte de uma dissertação em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), investiga a estética da antimoda na Balenciaga sob direção criativa de Demna Gvasalia (2015–2025), com foco nos desfiles *Snow Storm* e *The Mud Show* apresentados na Paris Fashion Week de 2022. A pesquisa considera a moda como linguagem e sistema simbólico que comunica identidades, aciona memórias coletivas, tensiona normas e produz pertencimentos. Apoiado nos Estudos Culturais, o estudo analisa como a marca mobiliza estéticas disruptivas, marcadas pelo grotesco, pelo desconforto e por performances que rompem códigos tradicionais, para desconstruir narrativas hegemônicas da moda e instaurar um paradoxo do consumo, no qual o estranho e o dissonante tornam-se objetos de desejo. Ao explorar memória, identidade, cultura e consumo, a pesquisa contribui para ampliar o campo teórico dos estudos de moda no Brasil, oferecendo fundamentos conceituais e metodológicos para investigações futuras sobre moda como fenômeno cultural, discursivo e estético.

Palavras-Chave: Moda; Antimoda; Balenciaga; Memória; Identidade; Consumo.

1 INTRODUÇÃO

A moda, enquanto fenômeno cultural, não apenas reflete seu tempo, mas o inscreve na história, tornando-se um marcador simbólico das transformações sociais. Por meio de códigos visuais e estéticos, ela articula símbolos de pertencimento e/ou resistência, operando em diferentes plataformas, das passarelas às revistas, da televisão às redes sociais, ativando sentidos que dialogam com os imaginários dos consumidores. Nesse processo, a memória (Peres apud Halbwachs, 2021) emerge como base fundamental para a construção de sentido, sustentando-se nas narrativas dominantes que atravessam o discurso da moda.

São nesses aspectos que se inscreve a Balenciaga, grife de origem espanhola com mais de 100 anos de tradição na moda, que, sob a direção criativa de Demna Gvasalia entre 2015 e 2025, adotou uma estética de ruptura, ou melhor, um retrato do caos como estratégia para desconstruir e ressignificar narrativas históricas do vestuário. A marca passou a produzir registros visuais potentes, capazes de serem assimilados como parte da

memória coletiva. Conforme o proposto por Halbwachs, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência. Assim, a proposta de Gvasalia foi tensionar os códigos tradicionais do sistema da moda, provocando uma reconfiguração do que se entende por “moda” no imaginário contemporâneo.

Por séculos, “moda” foi sinônimo de *haute couture* (alta-costura), vinculada a regras rígidas da aristocracia e acessível a um grupo muito seleto. A partir dos anos 1960, com o fim do ciclo chamado por Lipovetsky (2009) de “Moda dos Cem Anos”, essa estrutura passa por uma mudança radical. Em meio a revoluções sociais, especialmente impulsionadas por movimentos jovens, a moda se democratiza. “Não se fala mais de moda, mas de modas” (Calanca, 2011, p. 190). Isso porque, em vez de um estilo único que todos seguem, a moda passa a se caracterizar pela diversidade de influências e subculturas.

As *maisons* até então ligadas à *haute couture*, para não perderem o público que aderiu a essa nova ordem, cedem ao *prêt-à-porter* (pronto para usar). Já a Balenciaga de Cristóbal Balenciaga, defensor da *haute couture*, se retira do circuito. É somente nos anos 1990, em meio ao “*heroin chic*” (Nakagawa; Bahia, 2018) e à estética sombria e subversiva em alta, explorada por grifes e designers, que a Balenciaga volta ao cenário da moda. No entanto, sem o prestígio que havia alcançado anos antes com seu criador.

Demna recoloca a Balenciaga novamente sob os holofotes e, após décadas afastada do circuito de ouro, retorna à *haute couture* em 2020. Durante os 10 anos em que assinou a direção criativa da grife, Demna apresentou coleções que frequentemente abordavam temas sensíveis, como desigualdade, sustentabilidade e identidade, utilizando a moda como plataforma para expressar crítica ao consumismo e às estruturas de poder, ao mesmo tempo em que recontextualizou conceitos de beleza e elegância, estabelecendo uma nova narrativa para a moda enquanto linguagem estética e cultural.

Em 2022, dois desfiles chamaram a atenção da mídia e dos críticos de moda: *Snow Storm* e *The Mud Show*, ambos apresentados durante a Paris Fashion Week de 2022, o maior evento de moda do mundo. O primeiro, parte da coleção Primavera/Verão 2022-2023, transformou a passarela em um globo de neve artificial, onde modelos desfilavam sob ventos intensos e temperaturas frias, evocando uma atmosfera de isolamento e vulnerabilidade. O ambiente desconfortável preparava o público para uma experiência sensorial que rompia com os padrões tradicionais da moda. Já *The Mud Show* ocorreu em um cenário completamente imersivo, com uma passarela coberta por lama. A ambientação reforçava o tom distópico e disruptivo da coleção,

composta por peças que tensionavam convenções estéticas e sociais, como a *Clutch Lay's*, uma bolsa em forma de embalagem de batata chips.

Assim, este trabalho, referente à dissertação em andamento do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Mestrado em Letras, busca analisar a moda, ou melhor, a não moda, da Balenciaga como fenômeno disruptivo/catastrófico a partir dos desfiles *Snow Storm* e *The Mud Show* apresentados durante a Paris Fashion Week de 2022. A escolha desses desfiles se dá por ambos apresentarem densidade simbólica e potência discursiva, constituindo-se como acontecimentos estéticos que condensam questões centrais da cultura contemporânea. Cada um articula, de maneira singular, elementos de memória coletiva, crítica social e construção identitária.

A partir da hermenêutica filosófica gadameriana (Gadamer, 1997), entendendo o desfile como acontecimento de sentido inscrito na tradição e na cultura, e situando a investigação sobre a base dos Estudos Culturais, busca-se explorar como a transgressão estética e o questionamento de normas e ideologias dominantes contribuem para a construção de uma memória coletiva, ao mesmo tempo em que instauram um paradoxo do consumo. Nesse processo, torna-se central investigar como a Balenciaga articula o grotesco e o belo, categorias tradicionalmente opostas, para produzir uma estética que desafia convenções, tensiona percepções e transforma aquilo que é considerado estranho, dissonante ou antiestético em objeto de desejo.

Propõe-se observar a moda não apenas como sistema que reproduz padrões estéticos, mas como plataforma de ruptura e resistência, que transgride convenções e desafia percepções estabelecidas, ao mesmo tempo em que alimenta uma dinâmica de consumo baseada não no conformismo (Hall, 2016), mas na busca por algo único e ousado, desafiando as lógicas tradicionais do mercado de luxo. Compartilhando do pensamento de Soares & Teixeira apud Godart (2010, p. 29), “a falta de pesquisa sobre o assunto pode ser frustrante aos que percorrem este caminho”, mas acredito que “o ‘fútil’ não está na moda propriamente dita, mas em quem a vê e quem a divulga como tal” (Castilho, p. 28, 2008).

2 ENTRE PERTENCIMENTO E RUPTURA: A MODA COMO DISPOSITIVO DE IDENTIDADE

A história da moda percorre séculos, e para entender o que essa indústria representa hoje, voltar ao seu surgimento, na Idade Média, no século XVII, é fundamental. Seu caráter efêmero e passageiro já nasce ali. A burguesia buscava imitar a nobreza, e, para se diferenciar, os nobres

“lançavam” novas tendências. O desejo de perseguir algo sempre inalcançável fez do caráter estratificador o combustível da moda. Ela potencializa distinções e busca torná-las o mais evidentes possível, espalhando-se, a partir daí, por todas as camadas sociais (Palominio, 2003, p.16).

Para além da vontade em pertencer a um determinado grupo, a moda também criou nos indivíduos a necessidade de expressar subjetividades que, não necessariamente, como escreve Siqueira, Ventura e Silva (2024), são afetadas pelas roupas, como o próprio jeito de ser e de se comportar, dos conteúdos consumidos na internet, nos estilos musicais ouvidos e lugares frequentados.

Sob a ótica dos Estudos Culturais, Stuart Hall (2006) escreve que essas relações estão fundamentalmente ligadas a construção social da identidade na pós-modernidade, mutável e moldada por discursos, práticas culturais e contextos históricos.

Neste contexto, o consumo se torna um campo de narrativa, posicionamento e pertencimento. Para fazer parte de certos grupos sociais, como o dos consumidores da Balenciaga, não basta adquirir uma peça, é preciso se atualizar constantemente para manter sua estética e seu discurso alinhados em uma lógica onde estar “na moda” não é apenas uma questão de estilo, mas de existência social e de reafirmação de uma identidade. Bauman escreve que “a identidade nasceu da crise de pertencimento” (Junior; Perucelli, 2019, p. 117 *apud* Bauman 2005).

Os problemas de identidade surgem a partir do abandono do princípio da fronteira entre nós e eles, perdendo assim suas âncoras sociais, e a identificação torna-se uma busca desesperada por um nós, que possa-se pedir acesso (Junior; Perucelli, 2019, p. 117 *apud* Bauman 2005).

O consumo de marcas como a Balenciaga alimenta uma lógica em que a identidade precisa ser continuamente reafirmada, mesmo (ou principalmente) através da quebra de padrões. Para Lipovetsky (p. 43, 2009) “a moda é um sistema original de regulação e de pressão sociais: suas mudanças apresentam um caráter constrangedor, são acompanhadas do “dever” de adoção e de assimilação, impõem-se mais ou menos obrigatoriamente a um meio social”.

A esse respeito, o autor observa que a moda moderna opera num paradoxo: ao mesmo tempo em que impõe normas de adesão social, ela se reinventa constantemente por meio da transgressão e da diferenciação. É

nesse jogo de tensão entre pertencimento e ruptura que emerge o que se pode compreender como antimoda ou não moda, uma lógica estética que desafia os padrões estabelecidos de beleza, elegância e funcionalidade, propondo o estranho, o dissonante e até o grotesco como novas formas de distinção simbólica (Lipovetsky, 2009). No caso da Balenciaga, essa estratégia se manifesta nos dois desfiles centrais da investigação, *Snow Storm* e *The Mud Show*, que, por meio de apresentações conceituais, exibem peças comerciais inseridas em performances que rompem com a estética tradicional, aquela que emerge na memória coletiva, e que, ainda assim, se tornam objetos de desejo, reforçando a ideia de que o consumo, mais do que vestir, é também uma forma de expressar identidade e provocar reconhecimento social.

Nesse contexto, os consumidores que se identificam com marcas como a Balenciaga tornam-se parte de uma lógica de diferenciação simbólica, um movimento contínuo em direção ao novo, ao estranho e ao exclusivo. Trata-se de uma “busca desesperada por um nós, ao qual se possa pedir acesso” (Júnior e Perucelli, 2019 *apud* Bauman, 2005).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho parte da compreensão da moda como linguagem, ressaltando seu papel como sistema simbólico que comunica identidades e tensiona normas culturais. A passarela, assim, torna-se um espaço de produção de sentidos, mais do que de exibição estética. Amparado em Richard Johnson (2003), o estudo entende Balenciaga não apenas como marca ou produto, mas como forma cultural viva, que circula e se ressignifica socialmente.

Ao longo de sua década na Balenciaga, Demna mostrou que consumir moda é buscar pertencimento, reconhecimento e performance identitária, ultrapassando a materialidade do vestuário. Seus desfiles, marcados pelo estranhamento e pela ruptura estética, permitem refletir sobre a “economia das emoções” (Bauman) e sobre a “antimoda” (Lipovetsky, 2009), revelando que a beleza deixou de ser critério central na moda contemporânea. A estética grotesca e dissonante da marca dialoga com sensibilidades formadas em contextos de crise e instabilidade, tornando peças difíceis de copiar, mas altamente desejadas.

A pesquisa, portanto, contribui não apenas para a análise da antimoda em Balenciaga, mas também para o fortalecimento dos estudos de moda no Brasil. Ao articular moda, identidade, memória e consumo sob perspectiva interdisciplinar, amplia o campo teórico e incentiva novas

investigações sobre a moda como fenômeno cultural complexo e revelador das dinâmicas sociais contemporâneas.

4 REFERÊNCIAS

BAHIA, Joana; NAKAGAWA, Daniela. **Moda e feiura: deslocamentos estéticos na contemporaneidade**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

CALANCA, Daniela. **História da Moda**. São Paulo: Editora SENAC, 2011.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

JÚNIOR, Luis Henrique Dias; PERUCELLI, Mario. Consumo e identidade: leituras sociológicas sobre o corpo e a moda. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 17., 2019, Poços de Caldas. Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2019. p. 117-125.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PALOMINO, Erica. **A moda**. São Paulo: Publifolha, 2003.

SIQUEIRA, A.; VENTURA, M.; SILVA, J. **Subjetividades e Moda na Cultura Digital**. Revista Brasileira de Estudos da Moda, 2024.

SOARES, Leticia Barros; TEIXEIRA, Nincia Cecília Ribas Borges. **O texto veste: subjetividade e vestimenta na construção das personagens em *Tudo pode ser roubado*, de Giovana Madalosso**. 2024. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/7163>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Sites consultados:

VOGUE BRASIL. Balenciaga anuncia retorno à alta-costura após 52 anos. 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/>. Acesso em: 19 nov, 2025.

BBC NEWS BRASIL. 'Tornei-me refugiado para sempre': diretor da Balenciaga transforma trauma em arte na Paris Fashion Week. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/>. Acesso em: 19 nov, 2025.

ENTRE A VOZ E O ECO: O DIÁLOGO ENTRE *LUCÍOLA*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *TUDO É RIO*, DE CARLA MADEIRA, SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Mariana VIDOTTI

Orientador: Saulo Gomes THIMÓTEO

Resumo: Este trabalho analisa, à luz do pensamento de Mikhail Bakhtin, o diálogo entre *Lucíola* (1862), de José de Alencar, e *Tudo é rio* (2014), de Carla Madeira, obras que, embora separadas por mais de um século, constroem suas personagens femininas a partir de tensões entre erotismo, religiosidade e moralidade social. A leitura parte da hipótese de que *Tudo é rio* funciona como uma resposta discursiva ao romance oitocentista, reinscrevendo e transformando a representação da mulher e da prostituta na literatura brasileira. Em *Lucíola*, a personagem Lúcia é narrada pelo olhar masculino de Paulo, cuja voz organiza e controla os sentidos do texto. O romance estrutura-se pelo discurso moral cristão, que associa a prostituição à queda, à culpa e à necessidade de expiação. O resultado é uma narrativa marcada pelo monologismo e pela autoridade de uma única perspectiva, que silencia a agência da protagonista e a inscreve na lógica sacrificial do feminino. Por sua vez, em *Tudo é rio*, personagens como Lucy, Dalva e Francisca de Assis emergem em meio a múltiplas vozes e experiências, produzindo um discurso vivo e aberto ao diálogo, no sentido bakhtiniano de um discurso que pode ser apropriado, transformado e tensionado pelas próprias personagens. A religiosidade, embora presente, não impõe um destino único às mulheres, mas funciona como força que atravessa, fere e complexifica suas trajetórias. A partir das categorias de dialogismo, interdiscursividade e polifonia, demonstra-se que o romance contemporâneo não rompe simplesmente com o passado, mas o reinscreve criticamente, devolvendo voz e densidade a figuras femininas historicamente marcadas pelo silêncio e por moralização imposta.

Palavras-Chave: Dialogismo; Representação feminina; Bakhtin; Prostituição; Interdiscursividade.

1 INTRODUÇÃO

Publicados com mais de um século de distância, *Lucíola* (1862), de José de Alencar, e *Tudo é rio* (2014), de Carla Madeira, são protagonizados por mulheres que, guardadas as diferenças de tempo histórico e contexto social, ocupam o mesmo território simbólico: o do desejo, da culpa e da redenção. Ambas são obras que exploram o erotismo e a religiosidade como forças que moldam a identidade feminina e revelam as contradições morais de suas épocas.

]Em *Lucíola*, “publicado em 1862”, um dos mais emblemáticos romances urbanos do Romantismo brasileiro, José de Alencar constrói a figura de Lúcia, jovem que, ao se prostituir, torna-se objeto de fascínio e repulsa para a sociedade carioca do século XIX. Narrada pela perspectiva masculina de Paulo, a obra combina o idealismo romântico com o moralismo cristão: a prostituta é, ao mesmo tempo, símbolo do pecado e da pureza, destinada à expiação final pela morte. A personagem de Alencar encarna a dualidade típica do discurso oitocentista sobre a mulher — um corpo interditado pela moral e uma alma que só encontra redenção pela renúncia. A narrativa, marcada por forte carga religiosa, reafirma o papel da mulher como sujeito de sacrifício: Lúcia é purificada não por sua voz, mas por sua submissão e silêncio.

Já em *Tudo é rio*, romance de estreia da escritora mineira Carla Madeira, publicado em 2014, a trama se desenrola em torno de um triângulo amoroso entre Dalva, Venâncio e Lucy, a prostituta mais desejada e temida da cidade. O enredo mistura dor, erotismo e misticismo para refletir sobre a culpa e o perdão, a maternidade e o desejo, o sagrado e o profano. Diferente de Lúcia, Lucy é uma mulher que age, que fala, que desafia, mesmo sendo condenada por isso. Sua sexualidade não é representada como queda, mas como uma forma de existência. Ela se redime pela consciência de si, pela recusa em aceitar o destino imposto às mulheres. Porém, ao mesmo tempo, a religiosidade permanece como eixo estruturante do enredo: atravessa as relações, define a culpa e impõe às personagens femininas (Lucy, Dalva e Francisca de Assis) atos de abnegação que ecoam o velho imaginário cristão de sacrifício e purificação.

Assim, *Lucíola* e *Tudo é rio* dialogam entre si como duas margens de um mesmo rio simbólico: de um lado, a mulher como mito de pureza e redenção; de outro, a mulher como corpo de desejo e resistência. Ambas encenam, cada qual à sua maneira, o drama da mulher aprisionada entre o sagrado e o profano.

É nesse ponto de encontro entre as duas narrativas que se propõe esta leitura, à luz do pensamento de Mikhail Bakhtin, compreendendo *Tudo é rio* como uma resposta dialógica a *Lucíola* — uma obra que retoma, reinterpreta e transforma o discurso sobre o feminino, revelando a pluralidade de vozes e sentidos que atravessam a literatura brasileira de ontem e de hoje.

Sendo assim, este trabalho propõe analisar, sob o enfoque teórico de Mikhail Bakhtin, o diálogo entre os romances supracitados com especial atenção ao modo como o discurso sobre a mulher e a prostituição é reinscrito e ressignificado. A hipótese que orienta esta leitura é a de que o romance

contemporâneo de Madeira realiza uma reverberação crítica do discurso oitocentista de Alencar, instaurando um jogo polifônico entre a tradição patriarcal e a sua contestação. Assim, *Tudo é rio* pode ser lido como uma réplica dialógica ao enunciado anterior – um novo elo na cadeia discursiva sobre o feminino no imaginário literário brasileiro.

2 DESENVOLVIMENTO

Para Bakhtin, toda obra literária é um ato de linguagem situado historicamente, inseparável do contexto social que a engendra. A palavra, segundo o autor, é sempre metade de alguém (Bakhtin, 2010), ou seja, ela nasce do embate entre vozes, posições ideológicas e valores.

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (Bakhtin, 2010, p. 117)

Nesse sentido, a literatura constitui um espaço privilegiado do que Bakhtin chama de dialogismo – o confronto e a interação de discursos. Em *Estética da criação verbal* (2003), Bakhtin distingue dois planos fundamentais do discurso literário: o discurso monológico, que se estrutura uma verdade unívoca, fechada; e o discurso polifônico, que acolhe a pluralidade, o inacabamento, o conflito de sentidos.

Enquanto *Lucíola*, inserido no contexto do Romantismo brasileiro, tende à construção monológica da figura feminina – a mulher como corpo de culpa e passível de redenção –, *Tudo é rio* emerge como resposta dialógica: uma voz feminina que contesta, revisita e reinterpreta esse mesmo imaginário à luz da contemporaneidade.

Na obra de José de Alencar, a personagem Lúcia é construída como alegoria da mulher caída, submetida à dualidade cristã entre o corpo e o espírito. O discurso narrativo de Paulo, o narrador masculino, estabelece uma assimetria de vozes: é ele quem nomeia, interpreta e absolve a prostituta. Segundo Bakhtin, esse tipo de narração é característico do discurso autoritário, aquele que “exige reconhecimento e não admite réplica” (Bakhtin, 1987, p. 134).

O enredo, assim, funciona como ritual de purificação discursiva: o corpo feminino, “contaminado” pela sexualidade, é redimido apenas pela penitência e pela morte. Lúcia, embora seja o centro do romance, não fala plenamente, é falada, descrita e traduzida pelo olhar masculino e burguês que estrutura o texto. Há, portanto, em *Lucíola*, uma heterogeneidade social

abafada: vozes subalternas e femininas são neutralizadas pela moralidade patriarcal que domina o discurso.

Mais de um século depois, *Tudo é rio* reabre o diálogo com essa tradição. Lucy, Dalva e Francisca de Assis são personagens que herdaram o mesmo campo semântico da culpa, da carne e do sagrado, mas nele inscrevem outras vozes, tensionando o que antes era silêncio. A escrita de Carla Madeira introduz uma polifonia afetiva e discursiva; a prostituta já não é mero objeto de redenção, mas sujeito de desejo, contradição e tragédia. Em José de Alencar, a mulher prostituta é objeto do desejo masculino, é olhada, é narrada, é interpretada. Porém em Madeira, Lucy deseja: deseja o outro, deseja viver, deseja o impossível, deseja amar e sofrer como Dalva. Esse desejo não é narrado como pecado, mas sim como identidade e voz. A mulher prostituta deixa de ser corpo passivo e passa a existir como “sujeito de desejo”, pessoa que deseja, que quer, que sente e cuja vontade é reconhecida. Em termos bakhtinianos, Lucy vira *sujeito discursivo*, não objeto do discurso autoritário.

Na perspectiva bakhtiniana, *Tudo é rio* funciona como *discurso responsivo* – categoria central em *Estética da criação verbal*: toda enunciação é uma resposta a algo anterior, e toda obra se inscreve em uma cadeia de reações e réplicas.

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada pela alternância dos sujeitos falantes [...] Cada enunciado deve ser considerado primeiro como resposta aos enunciados precedentes de determinado campo. (Bakhtin, 2003, p. 272)

Madeira responde à voz de Alencar não pela negação direta, mas pela reelaboração do discurso anterior, transformando a moral cristã da abnegação em experiência de resistência simbólica. Enquanto em *Lucíola*, a prostituta é purificada pela morte, em *Tudo é rio* ela é humanizada pela dor, num gesto de reapropriação da própria voz. O discurso religioso permanece, mas deslocado como ruína simbólica, eco do patriarcado que persiste, mas já não domina por completo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob o olhar bakhtiniano, o diálogo entre *Lucíola* e *Tudo é rio* revela não uma simples continuidade temática, mas uma disputa de vozes dentro da história literária brasileira. O romance de Carla Madeira atua como réplica enunciativa a Alencar: recupera a tópica da mulher profanada, mas a reinscreve em um novo horizonte de sentido, plural e feminino. O que era monólogo moral torna-se polifonia trágica; o que era silêncio, torna-se voz. Assim, o jogo discursivo entre as duas obras evidencia o caráter histórico da

linguagem — sempre inacabada, sempre atravessada por ideologias — e confirma a literatura como espaço onde os discursos se enfrentam, se transformam e se respondem mutuamente.

4 REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 2001.
- MADEIRA, Carla. *Tudo é rio*. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

O PESO DAS IMAGENS: METÁFORAS DO TRAUMA EM MARCELO RUBENS PAIVA (2015) E GABRIELA AGUERRE (2019)

Rafael Custódio dos Santos BORBA

Orientador: Susana SCRAMIN

Resumo: A presente pesquisa é um recorte da minha dissertação intitulada *Memória e Identidade: A Representação do Trauma Histórico nas Narrativas Literárias Contemporâneas*, que busca aprofundar o estudo de como a literatura brasileira contemporânea, por meio de obras como *Ainda Estou Aqui* (2015) de Marcelo Rubens Paiva e *O Quarto Branco* (2019) de Gabriela Aguerre, explora a memória, a identidade e o trauma, propondo um caminho para a construção de uma memória coletiva que se resista ao esquecimento e permita a reconciliação com os horrores do passado. Este recorte investiga, especificamente, as metáforas utilizadas para representar o trauma e como elas estruturam a experiência do sofrimento, propondo uma reflexão sobre como essas metáforas possibilitam a construção da memória e da identidade no contexto pós-traumático. A análise é embasada na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson (2003), que sugere que as metáforas não são apenas expressões linguísticas, mas estruturas cognitivas que moldam a nossa compreensão do mundo e das nossas experiências.

Palavras-Chave: Trauma; Memória; Identidade.

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea tem sido um importante campo de reflexão sobre o trauma histórico, a memória e a identidade. Em obras como *Ainda Estou Aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva, e *O Quarto Branco* (2019), de Gabriela Aguerre, esses temas são explorados de maneira profunda, principalmente por meio das metáforas que ajudam a estruturar a experiência do sofrimento e a reconciliação com o passado. Este recorte tem como objetivo analisar como as metáforas do trauma, presentes nessas obras, contribuem para a construção de uma memória coletiva que se resista ao esquecimento e permita a reconstrução da identidade dos personagens.

A questão central desta pesquisa permeia investigar como a literatura brasileira contemporânea, por meio dessas obras, explora a memória, a identidade e o trauma, propondo um caminho para a construção de uma memória coletiva que se resista ao esquecimento e permita a reconciliação com os horrores do passado. A análise foca em como as metáforas, como o "abismo" em Paiva (2015) e o "quarto branco" em Aguerre (2019), não apenas representam o trauma, mas estruturam a experiência do sofrimento, organizando e moldando a maneira de se compreender esses eventos.

Este recorte foca na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson (2003), que sugere que as metáforas não são apenas expressões linguísticas, mas também estruturas cognitivas que moldam a percepção e a experiência humana. Essa abordagem teórica é complementada pelas ideias

de Paul de Man (1996), que entende as metáforas como uma forma de resistência à explicação literal e total do trauma, permitindo sua comunicação sem a necessidade de uma compreensão absoluta.

2 DESENVOLVIMENTO

Nas obras de Paiva (2015 e Aguerre (2019), o trauma é retratado por metáforas intensas que dão forma ao sofrimento de maneira concreta. Em *Quarto Branco* (2019), Gabriela Aguerre usa a metáfora do "abismo" para expressar a desconexão e a dor de uma perda irreparável, como se a personagem estivesse afundando em um vazio profundo, onde a sensação de desamparo e a separação do mundo ao seu redor se tornam quase insuportáveis:

○ mesmo suspiro que uma mãe conseguiria decifrar do seu bebê sobre a barriga - um tremer daquele corpo tão pequeno, um segundo só e a certeza de que algo vai irromper, o fôlego interrompido, o microssegundo antes da lágrima formada na raiz dos cílios inferiores. O abismo onde caio (Aguerre, 2019, p. 9).

○ "abismo", aqui, não é apenas um vazio físico, mas uma metáfora para uma perda profunda, onde a identidade do personagem se desfaz e a conexão com o mundo parece impossível de ser restaurada. É como o momento em que uma mãe sente o pequeno tremor de seu bebê no ventre, aquele suspiro quase imperceptível que antecipa algo grande, uma mudança que não pode ser evitada. O abismo é esse instante de pausa, logo antes do sofrimento explodir, como o momento em que a lágrima começa a se formar, prestes a cair.

A personagem Glória se sente imersa em uma sensação de desintegração e desamparo, como se estivesse preso em um sofrimento sem fim, onde não há caminho de volta. Tudo ao seu redor se dissolve e ele se vê perdido, caindo em um espaço sem referência, onde a dor e a confusão se tornam um único vazio difícil de entender, mas impossível de evitar. Paiva (2015) também recorre à metáfora do "fogo" para simbolizar tanto a dor quanto a resistência diante do trauma. Ele escreve:

Na TV, um noticiário sobre Rubens Paiva. Neste 2014, apareciam todos os dias notícias sobre o caso Rubens Paiva. Todos os dias, novidades. Ela sentadinha inerte na cadeira de rodas. Apareceram fotos dele de arquivo na tela. Era a foto do seu ex-marido, era o nome dele, falavam dele, desvendavam segredos sobre a morte dele: 'Olha, olha, olha!' Ela olhava. Com lágrimas. Ouviu a notícia. Começou a dizer baixinho: 'Tadinho, tadinho, tadinho...' (Paiva, 2015, p. 184).

○ fogo, tradicionalmente associado à destruição, aqui simboliza não apenas a intensidade do sofrimento, mas também a sua persistência, que não

se apaga com o tempo. A dor é algo que permanece, atravessando gerações. Na citação sobre o noticiário de Rubens Paiva, a imagem de sua esposa, sentada inerte na cadeira de rodas, observando as notícias e se emocionando, com lágrimas nos olhos, reflete como a dor se perpetua. O sofrimento não se limita ao passado, mas se reinventa a cada dia, como uma memória que nunca se apaga.

As palavras "Tadinho, tadinho, tadinho..." ditas baixinho, carregadas de uma dor íntima, demonstram que, embora devastadora, a dor também carrega uma forma de resistência. Ela ressurgue sempre, mas também mantém o vínculo emocional, criando uma força silenciosa, uma persistência no lamento, que atravessa o tempo e as gerações. Em *O Quarto Branco*, Gabriela Aguerre (2019) usa a metáfora do "quarto branco" para ilustrar o isolamento e a repressão emocional:

Um imenso branco em volta de mim, silencioso, sereno, límpido, com paredes que se misturam do chão ao teto, sem limites nem ângulos retos. Um quarto branco. Uma felicidade do avesso, uma paz triste, uma paz. (Aguerre, 2019, p. 117)

O "quarto branco" representa o confinamento psicológico da personagem, um espaço onde ela é paralisada pela dor e pela falta de possibilidades de escape. O "branco", normalmente associado à pureza e à paz, aqui simboliza a falta de identidade e a imobilidade diante do trauma. O espaço sem limites ou ângulos retos reflete a indefinição e a incapacidade de se situar no mundo, criando uma prisão invisível onde a personagem não consegue se mover nem agir.

Essa sensação de fragmentação e perda de identidade é ainda mais aprofundada na descrição da personagem ao refletir sobre sua condição: O caixãozinho branco levou meu nome, virou pó, que se misturou ao pó da minha tia-avó Mimi, do caixão logo abaixo em que o meu se apoiava no jazigo da família do meu pai. Depois de morrer, nem consegui ficar inteira. E agora isto, de não poder ser mais, ser outra, seguir, a sequência de mitoses sucessivas interrompida, a notícia que não dou, o trago seco. (Aguerre, 2019, p. 24)

Pode-se perceber como a personagem é dominada por um sentimento de dissolução e incompletude, incapaz de sustentar sua identidade. Assim como no "quarto branco", onde a falta de movimento e a imobilidade a paralisam, ela se vê presa em uma sensação de estagnação. A imagem do "caixãozinho branco" e do "pó" simboliza a perda da continuidade da vida e da própria identidade, como se a personagem estivesse fragmentada, entre o ser e o não ser, sem conseguir se reconstruir. Pois, antes da morte de sua irmã, quem era Gaia tornou-se Glória e quem era Glória tornou-se Gaia. Isso revela o impacto do trauma, que a mantém aprisionada em sua dor, impedindo-a de seguir em frente.

Essas metáforas constroem a experiência do trauma de uma maneira que não é apenas emocional, mas também cognitiva e física. Lakoff e Johnson (2003) defendem esse pensamento logo no início de seu texto, quando dizem:

A metáfora, para a maioria das pessoas, é um recurso da imaginação poética e do f loreio retórico algo extraordinário, em vez de linguagem comum. [...] Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está presente em nosso cotidiano, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual comum, segundo o qual pensamos e agimos, é, em sua essência, metafórico. (Lakoff & Johnson, 2003, p. 3)

Assim, as metáforas em *Ainda Estou Aqui* (2015) e *O Quarto Branco* (2019) não apenas revelam o trauma, mas também preservam a complexidade do sofrimento, evitando explicações simplistas. Elas mantêm o trauma como algo profundo e multifacetado, que não pode ser resolvido facilmente, mas precisa ser vivido e sentido em toda a sua intensidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o papel da memória no contexto do trauma, podemos perceber como ela atua como um elo entre o passado e o presente, mantendo as experiências dolorosas vivas e acessíveis. A memória, ao reter as marcas do sofrimento, não só preserva as vivências traumáticas, mas também as transforma em um elemento essencial para a compreensão da identidade e da história. Através dela, o trauma deixa de ser um evento isolado, tornando-se parte de uma narrativa contínua que influencia a maneira como nos vemos e como nos relacionamos com o mundo.

Nas obras de Paiva (2015) e Aguerre (2019), a memória do trauma é transmitida de forma visceral, por meio de metáforas que estruturam o sofrimento e permitem que ele seja compartilhado e compreendido de maneira mais profunda. Essas metáforas não apenas comunicam a dor, mas a organizam de uma forma que torna possível vivê-la e refletir sobre ela, mesmo que nunca seja totalmente resolvida. Elas abrem espaço para uma reflexão constante sobre o passado e suas consequências no presente, mantendo o trauma como parte da identidade coletiva e pessoal, enquanto desafiam o esquecimento e a negação.

Dessa forma, a memória do trauma não é algo que se apaga, mas que ressurge constantemente, seja como dor, seja como resistência. Ela nos ajuda a compreender não só o sofrimento individual, mas também os traumas coletivos que moldam a sociedade. Assim, a literatura se torna um veículo essencial para dar voz às experiências que, embora marcadas pela dor, são fundamentais para a construção de uma identidade mais profunda e consciente, e para a reflexão sobre as relações sociais e históricas que definem o Brasil.

4 REFERÊNCIAS

AGUERRE, Gabriela. **O Quarto Branco**. São Paulo: Todavia, 2019. DE MAN, Paul. **Alegorias da Leitura**. São Paulo: Iluminuras, 1996.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Ainda Estou Aqui**. São Paulo: Alfaguara, 2015.

A PALAVRA E A CONSCIÊNCIA EM BAKHTIN: O ATO VALORATIVO COMO PRINCÍPIO ÉTICO-ESTÉTICO

Saulo SEMANN

Orientadora: Cristiane Malinoski Pianaro ANGELO

Resumo: A pesquisa investiga a constituição da valoração no pensamento de Mikhail Bakhtin, articulando duas obras fundamentais de sua trajetória intelectual: *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010 [1920/1924]) e *Estética da Criação Verbal* (2011 [1979]). O objetivo é compreender como a dimensão axiológica se inscreve simultaneamente no plano ético do ato responsável e na materialidade discursiva do enunciado concreto. Para isso, desenvolve-se uma pesquisa qualitativa de caráter teórico-conceitual, ancorada em uma abordagem hermenêutico-dialógica, que envolve leitura minuciosa, fichamento e análise comparativa das passagens em que Bakhtin trata do ato, da responsividade, da entonação expressiva e dos gêneros do discurso. Os resultados preliminares evidenciam que a valoração constitui o elo que articula a palavra plena, entendida como unidade ético-estética do ato, à forma composicional do enunciado e às estabilizações sociais produzidas pelos gêneros. Ao integrar esses dois planos, este projeto de dissertação propõe um quadro conceitual unificado que permite compreender a valoração como princípio constitutivo da linguagem no pensamento bakhtiniano, indicando seu caráter responsivo, situado e historicamente orientado. A partir dessa síntese, elabora-se ainda uma matriz analítica inicial capaz de identificar, em enunciados concretos, os marcadores de valoração que emergem da interação entre entonação, direcionalidade dialógica e formas genéricas. O estudo oferece, assim, subsídios teóricos e metodológicos para pesquisas futuras, especialmente a dissertação que amplia esta discussão no âmbito da Análise Dialógica do Discurso.

Palavras-Chave: Ato responsável; Enunciado concreto; Valoração.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, examinamos a maneira pela qual Mikhail Bakhtin concebe e faz atuar a valoração em duas obras fundamentais de seu percurso intelectual: *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010 [1920/1924]) e *Estética da Criação Verbal* (2011 [1979]) (tradução do russo). Ao circunscrever o *corpus* a esses textos, buscamos compreender de que maneira a dimensão axiológica se inscreve tanto na reflexão filosófica sobre o ato responsável quanto na elaboração teórico-discursiva sobre enunciado, gêneros do discurso e entonação, evidenciando que a linguagem, em Bakhtin, é inseparável de um horizonte de valores e de uma posição responsiva do sujeito que enuncia e do sujeito para quem se enuncia.

Do ponto de vista acadêmico, a delimitação proposta responde a uma dupla lacuna. Por um lado, a categoria de valoração é frequentemente mencionada nos estudos de base bakhtiniana, mas nem sempre reconstruída

em estreita articulação com os contextos específicos de enunciação em que Bakhtin a mobiliza, o que tende a produzir usos genéricos ou metafóricos do termo. Por outro, muitos trabalhos tomam a valoração de forma dispersa, ora ligada à ideologia, ora à entonação ou aos gêneros, sem um esforço sistemático de articulá-la ao núcleo da filosofia do ato e ao conceito de enunciado concreto. Ao focalizar apenas essas duas obras, a finalização do projeto deverá oferecer uma leitura mais concentrada e rigorosa, capaz de sustentar a elaboração de uma dissertação que amplie o escopo, mas sem perder a ancoragem em Bakhtin. A motivação pessoal desta investigação nasce do contato, tanto na prática docente quanto na pesquisa, com enunciados que, longe de se apresentarem meros veículos de informação, revelam-se tomadas de posição valorativa diante do mundo e do outro. A leitura de *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010) chama a atenção para o fato de que a palavra, pensada como ato, exige a “plenitude” que articula conteúdo-sentido e dimensão emotivo-volitiva, ao passo que *Estética da Criação Verbal* (2011) desloca o olhar para a entonação expressiva e para os gêneros do discurso em formas históricas de organização dos enunciados. Essas leituras alimentam a inquietação central que orienta o trabalho: pensar a valoração na forma de eixo de passagem entre o ato responsável e a forma do enunciado, isto é, entre a responsabilidade do sujeito e o modo como ele diz.

Nesse horizonte, a pesquisa tem por objetivo geral examinar a valoração configurada em Bakhtin a partir da articulação entre a filosofia do ato e a teoria do enunciado e dos gêneros. Mais especificamente, busca-se: (i) explicitar o estatuto da palavra enquanto ato responsável e discutir de que modo a exigência de uma palavra “plena” envolve um gesto de valoração; (ii) analisar o papel da entonação na constituição valorativa no enunciado concreto dentro dos gêneros do discurso; (iii) aproximar esses dois planos, o filosófico e o discursivo, de modo a propor uma matriz de leitura da valoração em Bakhtin, que possa ser posteriormente aprofundada na escrita da dissertação, contribuindo para a compreensão do pensamento dialógico bakhtiniano.

Metodologicamente, desenvolve-se uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter teórico-conceitual, ancorada em uma abordagem hermenêutico-dialógica. Essa metodologia permite identificar a presença da valoração nas duas obras e reconstruir sua função estruturante no ato e no enunciado, garantindo rigor interpretativo e fidelidade ao arcabouço bakhtiniano. O percurso analítico consiste, em primeiro lugar, na leitura minuciosa e no fichamento das passagens de ambas as obras em que se tematizam a valoração presente no ato, na responsividade, na entonação, no enunciado e nos gêneros do discurso; em seguida, na identificação e discussão de formulações em que a dimensão valorativa se mostra decisiva para o entendimento da palavra enquanto ato e enquanto enunciado concreto; por fim, na aproximação comparativa entre os textos, destacando convergências e deslocamentos que permitam delinear um quadro de compreensão da valoração em Bakhtin. Ao apresentar esse recorte e esse caminho, esta pesquisa se configura em uma espécie de “ensaio de percurso”

da futura dissertação, antecipando tanto suas escolhas teóricas quanto seus procedimentos de leitura.

2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A partir da circunscrição do *corpus* às obras *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010) e *Estética da Criação Verbal* (2011), torna-se possível delinear um percurso de leitura que evidencia a valoração que emerge na filosofia do ato e na teoria do enunciado e dos gêneros. Esta seção apresenta, de forma integrada, os elementos conceituais que nos permitem compreender o lugar da valoração no pensamento de Bakhtin, articulando os textos abordados sem fragmentá-los em compartimentos estanques.

2.1 Ato responsável, palavra plena e valoração (Para uma Filosofia do Ato Responsável)

A reflexão de Bakhtin sobre o ato responsável constitui um dos alicerces para compreender a valoração como dimensão constitutiva da palavra. Logo no início do texto, na introdução escrita por Augusto Ponzio, temos a afirmação de Bakhtin que a expressão do ato "exige a inteira plenitude da palavra" (Bakhtin, 2010, p.10; 80), entendida em uma articulação indissociável entre conteúdo-sentido (palavra-conceito) e sua dimensão emotivo-volitiva, responsável pela orientação concreta do dizer. Essa articulação é condição para que a palavra possa "ser verdade (*pravda*)" e não um mero enunciado subjetivo ou fortuito. A valoração aparece, assim, como assinatura axiológica do ato de dizer, qualificando a palavra enquanto gesto, enquanto acontecimento.

A responsabilidade do sujeito, que Bakhtin distingue por *otvetstvennost* (responsável) e *otvet* (resposta) Bakhtin (2010, p. 30), vincula a palavra ao outro desde sua gênese. Bakhtin (2010, p. 139) afirma que o ato se dá sempre no "evento único do existir", e que a palavra participa dessa unicidade por meio de sua orientação responsiva. A valoração, portanto, não é um comentário posterior ao dizer, mas aquilo que possibilita que o enunciado seja um ato pleno e situado. É nessa chave que o conceito de palavra plena ganha densidade, descrevendo, para além da forma discursiva, a totalidade ética, estética e axiológica do enunciar.

2.2 Entonação, enunciado e gêneros: a valoração no "como se diz"

Enquanto *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010) privilegia o vínculo ético do sujeito com o ato, *Estética da Criação Verbal* (2011) desloca o foco para o uso da valoração na materialidade concreta do enunciado. Ao tratar de entonação, Bakhtin (2011, p. 291-296) afirma que a entonação expressiva é "pura expressão da avaliação do enunciado" e constitui seu "traço mais importante". A entonação, portanto, não adorna o enunciado, ela o funda axiologicamente, pois é nela que se materializa a posição do locutor diante do objeto, do interlocutor e da situação.

Essa perspectiva se adensa quando Bakhtin discute os gêneros do discurso (Bakhtin, 2011, p. 261-270). Para ele, não herdamos somente as formas gramaticais da língua, mas também "as formas relativamente estáveis de enunciado" que constituem práticas sociais de comunicação. Os gêneros configuram expectativas, orientam modos de dizer e estabilizam socialmente determinadas valorações. Assim, a valoração, fenômeno inerente à entonação, é também socialmente moldada pelos gêneros que tornam certos modos de avaliar mais previsíveis ou legítimos em determinadas esferas.

Dessa articulação entre entonação e gêneros decorre que a valoração atua simultaneamente no plano micro (tom, modulação expressiva) e macro (composição genérica), emergindo em um eixo que conecta a subjetividade responsiva do locutor às condições históricas e sociais do enunciar.

A leitura integrada das duas obras permite compreender a valoração sendo o eixo que articula o ato responsável, que exige da palavra sua plenitude ético-axiológica (Bakhtin, p. 80); a entonação expressiva, que realiza a avaliação no corpo do enunciado (2011, p. 291-296); e os gêneros do discurso, que estabilizam socialmente formas de valoração (Bakhtin, 2011, p. 274-275). Assim, a valoração emerge como princípio constitutivo da linguagem, inscrito tanto na interioridade responsiva do ato quanto na materialidade expressiva e composicional do enunciado.

3 Considerações (nunca) finais - Resultados Esperados

Espera-se, no resultado deste percurso investigativo, a constituição de um quadro conceitual unificado que permita compreender a valoração como princípio articulador entre o ato responsável, a palavra plena e a materialidade expressiva do enunciado. Ao reunir, em um mesmo horizonte interpretativo, a filosofia do ato e a teoria do enunciado/gêneros, o estudo busca demonstrar que a valoração não é um detalhe periférico do pensamento bakhtiniano, mas o eixo que integra responsabilidade, expressividade e posição axiológica no acontecimento da linguagem. Esse quadro conceitual oferece uma perspectiva sistemática que pode sustentar análises teóricas e leituras interpretativas em etapas posteriores da pesquisa. Espera-se também a elaboração de uma matriz analítica inicial, construída a partir dos indicadores encontrados nas duas obras, que permita identificar concretamente como a valoração se manifesta no enunciado. Essa matriz, fundada em marcas de entonação, na direcionalidade do dizer em relação ao outro e nas formas de estabilização proporcionadas pelos gêneros, servirá de instrumento metodológico para futuras análises, inclusive aquelas que serão desenvolvidas na dissertação completa. Trata-se de um passo decisivo, pois oferece critérios de pesquisa que traduzem as formulações teóricas em parâmetros observáveis.

Por fim, projeta-se uma reflexão sobre as implicações metodológicas dessa articulação para práticas de leitura e interpretação. Com base no percurso desenvolvido, pretende-se mostrar que a valoração não pode ser

tratada como adorno temático ou tonalidade subjetiva, mas um modo de existência do enunciado, estruturando seu sentido e sua orientação responsiva. Esse entendimento contribui diretamente para o campo dos estudos discursivos e literários, indicando que analisar um enunciado, seja filosófico, artístico, cotidiano ou acadêmico, implica reconstruir sua dinâmica valorativa, inseparável do ato e da forma de dizer.

4 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920/1924]. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/16OIFAkDOJw_Ez6Li92FbOAyBQheuDp8U/view?usp=s_haring. Acesso em: 20/11/2025.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. Organização, prefácio e notas de Augusto Ponzio. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011 [1979]. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/16OIFAkDOJw_Ez6Li92FbOAyBQheuDp8U/view?usp=s_haring. Acesso em: 20/11/2025.

BAKHTIN, Mikhail. "O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas". **Revista Literanoi Utchebe** (Estudo literário), n. 1, p. 200-219, 1978.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2013.
CURY, Maria Zilda. **Hermenêutica dialógica e literatura contemporânea**. *Aletria*, v. 22, n. 2, p. 45-60, 2012.

BURAQUINHOS OU O VENTO É INIMIGO DO PICUMÃ, DE JHONNY SALABERG: RESISTÊNCIAS E INFÂNCIAS INTERROMPIDAS

Sirlene Maria Maciel RODRIGUES(UNICENTRO)
Orientador: Edson Santos SILVA (UNICENTRO)

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar a representação do corpo negro na dramaturgia contemporânea, com ênfase no corpo infantil em fuga, através de uma revisão bibliográfica a partir das obras *Quando eu morrer vou contar tudo a Deus*, de Maria Shu e da peça *Buraquinhos ou O vento é inimigo do Picumã*, de Jhonny Salaberg. A pesquisa se concentra em como o teatro, enquanto espaço simbólico e político, serve para denunciar a violência estrutural e a opressão racial, principalmente nas periferias urbanas. O trabalho explora, em particular, a temática das infâncias negras, suas representações e os processos de resistência que se manifestam nas obras teatrais, utilizando, principalmente o conceito de necropolítica (de Achille Mbembe) para entender as relações de poder e controle sobre esses corpos. A análise se baseia em fontes primárias, como livros e artigos acadêmicos, e incorpora o estudo das metáforas de fuga e resistência presentes no teatro negro, com destaque para as dinâmicas de relação da desterritorialização do corpo e da linguagem (a partir de Deleuze e Guattari), especialmente na peça de Maria Shu. Ao final, o estudo busca compreender como essas representações podem servir como uma forma de subversão e construção de identidade negra, contribuindo para o fortalecimento das narrativas culturais e políticas de resistência.

Palavras-Chave: Corpos infantis; Teatro Negro; Fuga; Desterritorialização.

1 INTRODUÇÃO

O corpo negro tem se mostrado uma figura central nas narrativas teatrais contemporâneas, refletindo as dinâmicas de violência e resistência presentes nas sociedades marcadas pela desigualdade racial. Sendo assim, pode-se afirmar que o teatro, como espaço simbólico e político, tem sido uma poderosa ferramenta para denunciar a opressão e subverter as representações tradicionais sobre a negritude. Ao abordar o tema da infância negra e a violência racial, as dramaturgias contemporâneas buscam refletir as experiências desses corpos infantis, todavia ainda permanecem os contextos de exclusão e marginalização.

Tais afirmações dialogam com o conceito de necropolítica, que explora como o poder define quem deve viver e quem deve morrer, é um eixo importante para entender como essas representações teatrais revelam as violências estruturais contra as populações negras. Além disso, o teatro negro se apresenta como um espaço de resistência, onde as múltiplas infâncias negras, movidas pela luta pela sobrevivência, encontram formas de afirmar sua identidade e sua humanidade diante das narrativas dominantes. Conforme aborda Mbembe (2018), a violência contra os corpos negros não é apenas uma questão física, mas uma manifestação de estruturas de poder que limitam as possibilidades de existência desses corpos, seja no campo social, político ou cultural.

A problemática deste estudo reside em compreender como o corpo negro, especialmente o infantil, é representado nas dramaturgias contemporâneas e como essas representações operam no campo da resistência cultural e política. A hipótese levantada é de que o teatro, ao dar voz e visibilidade a esses corpos marginalizados, não apenas denuncia as violências estruturais, mas também contribui para a construção de uma nova identidade negra, subvertendo estereótipos e estabelecendo novas formas de pertencimento e resistência.

Os objetivos gerais deste estudo são investigar como o corpo negro infantil é representado no teatro contemporâneo, e como essas representações atuam como forma de resistência e subversão das/nas estruturas de poder. Especificamente, pretende-se analisar as peças *Quando eu morrer vou contar tudo a deus* (de Maria Shu, 2018) e a peça *Buraquinhos ou O Vento é Inimigo do Picumã* (de Jhonny Salaberg, 2018), que abordam a violência contra as infâncias negras por meio da articulação entre as dimensões simbólicas e políticas do teatro, identificando como ele pode funcionar como um campo de ação e transformação social.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1. A Violência contra o Corpo Negro

Mbembe (2018), discute que a maneira como as políticas de poder, em especial o controle sobre a vida e a morte, moldam a opressão das populações negras, criando assim, o conceito de necropolítica, o qual se manifesta no modo como o Estado e as instituições sociais decidem quais vidas devem ser protegidas e quais podem ser descartadas. A necropolítica revela-se na morte física e simbólica dos corpos negros, com ênfase nas infâncias que são frequentemente exterminadas por sistemas raciais de poder. Sua abordagem amplia a compreensão da violência racial ao destacar como ela não se limita ao espaço físico, mas se inscreve na existência social e política dos negros.

A ocupação colonial contemporânea é um encadeamento de vários poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico. A combinação dos três possibilita ao poder colonial a dominação absoluta sobre os habitantes do território ocupado. O 'estado de sítio' em si é uma instituição militar. (...) A vida cotidiana é militarizada. É outorgada liberdade aos comandantes militares locais para usar seus próprios critérios sobre quando e em quem atirar. (Mbembe, 2018b, p. 48)

A criminalização da pobreza e da negritude se entrelaça na construção de políticas públicas que, em vez de proteger, vigiam, punem e abandonam. Cuti (2010) alerta para o papel da arte como meio de resistência e reconstrução da memória negra, desafiando a hegemonia narrativa imposta pela branquitude. A dramaturgia negra, ao contar histórias

como a de *Buraquinhos*, revela as múltiplas dimensões da violência e aponta caminhos de luta e sobrevivência.

O corpo negro constitui, por si só, uma afronta ao racismo porque subverte a lógica colonial que, historicamente, reduziu à invisibilidade, e no teatro negro esse corpo se inscreve como presença política, espiritual, histórica e poética, acionando outras camadas de percepção e de linguagem. A voz que esse corpo ocupa, entendida não apenas como som, mas como potência expressiva que articula corporeidade, memória e raça, torna-se o eixo que orienta o olhar, deslocando para múltiplos lugares de enunciação que emergem justamente da experiência negra.

2.2 A Estética da resistência no Teatro Negro

A opressão de corpos negros no teatro, assim como em outras esferas sociais, se relaciona com a forma como as representações e as práticas culturais estabelecem o que é aceitável e o que é marginal. No caso do teatro negro, o corpo negro se torna um campo de resistência, utilizando a estética e a dramaturgia para redefinir o lugar desses corpos na sociedade, desafiando as normas estabelecidas. A literatura e o teatro negros tornam-se, então, uma forma de biopoder subversivo, em que as narrativas criam espaços de liberdade.

No contexto do Teatro Negro, a estética da resistência se materializa em metáforas de fuga que desestabilizam formas hegemônicas de representação, pois o corpo negro em cena se converte em território de disputa simbólica onde memória, violência e invenção se entrelaçam. “A desterritorialização é a operação da linha de fuga, é a forma pela qual o desejo rompe com os códigos e abre o campo para novas possibilidades de existência” na perspectiva de Deleuze e Guattari (1996, p.63), expõem a potência do corpo para se desterritorializar, isto é, para deslocar os códigos que o aprisionam em narrativas estereotipadas e abrir passagens para novos modos de existir, pois a linguagem instaura uma dinâmica conjunta de resistência ao produzir formas estéticas que não apenas denunciam a violência histórica, mas também afirmam a possibilidade de criação de territórios simbólicos onde o sujeito negro reinscreve sua presença de modo crítico, poético e politicamente insurgente.

2.3. A teatralização da violência e a fuga dos corpos negros

Mbembe (2018) aponta que violências representadas no teatro negro, como exemplificado na peça *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã*, ao explorar o conceito de fuga, em que a personagem principal, um menino negro, que enfrenta a violência estatal e a ameaça de morte por parte da polícia, representando a constante necessidade de sobrevivência que permeia as infâncias negras. A “fuga” do personagem é uma metáfora para a luta pela sobrevivência e resistência em um contexto de violência e exclusão. O teatro, nesse caso, não apenas narra uma história, mas cria um espaço de resistência simbólica contra a necropolítica que marca a vida de muitos negros.

Eu continuo correndo nos fios de alta tensão onde só os pombos habitam. Há uma grande quantidade deles, é possível encontrá-los por todo lado. Alguns pelo menos dançam para compensar a falta de vento nas asas, outros se aquietam no meio do fio esperando a sorte de serem levados para as montanhas mais altas que um prédio de cinquenta andares. Eles depenam para alcançar. As montanhas da Bolívia são altas e assustadoras, quase que não consigo chegar. Correndo nos fios, observo uma fiação perfeita para poder pular. Pulo e vou tão alto que quase chego perto de Deus. As montanhas de La Paz são belas e parecem os bolinhos de chuva que minha mãe faz quando não temos o que comer. São marrons com as pontas brancas feito açúcar. Eu corro subindo as montanhas de La Paz como quem busca a medalha de ouro na Corrida de São Silvestre (Salaberg, 2018, p.155).

A escrita da peça constrói uma linguagem que se ilumina pela perspectiva infantil do personagem, já que é através desse olhar que a narrativa encontra um modo próprio de criar sentidos. O texto recupera imagens do universo lúdico e periférico, como fios de energia elétrica emaranhados, conhecidos como gatos, além de pipas e bolas de futebol, elementos que ampliam a imaginação e sustentam um realismo fantástico que desloca a experiência da fuga para um território poético.

Esse movimento aproxima a dramaturgia do que Deleuze e Guattari chamam de linha de fuga, processo em que a criação literária não apenas se distancia de um regime de opressão, mas inventa outras possibilidades de existir e pensar o mundo. A imaginação do protagonista, ao narrar seu trajeto por países da América Latina e do continente africano produz uma desterritorialização que reorganiza o percurso da fuga e compõe uma geografia literária que articula deslocamento e resistência sem esquecer da fabulação, sendo ela um modo de criação que não se limita a inventar histórias, mas que produz mundos, abre possibilidades de existência e faz surgir vozes que não tinham lugar no discurso dominante.

A relevância desta pesquisa também reside na possibilidade de evidenciar o teatro como um campo de disputa epistemológica, capaz de desestabilizar os alicerces do pensamento eurocêntrico que historicamente excluiu corpos e saberes subalternizados. Ao analisar a dramaturgia *“Quando Eu Morrer, Vou Contar Tudo a Deus”* de Maria Shu sob a ótica decolonial, investigar como o texto dramatúrgico constrói, a partir da perspectiva de uma criança refugiada, um discurso que desestabiliza as lógicas colonialistas de classificação do ser (raça, nacionalidade) e propõe uma epistemologia alternativa de existência e pertencimento.

Rádio: Operários consertam o alambrado da fronteira, que feriu as penas de Cesária, uma imigrante africana que conseguiu pular de madrugada. Abou tem interesse a notícia. Fala mais! Rádio: “É impossível viver no meu país. Só tem fronteiras para os negros. Os negros não são cidadãos normais? É

impossível sair às ruas. Se a polícia te encontrar, ela te prende”, diz Cesária (Shu, 2022, p.340).

A fronteira não deve ser compreendida apenas como uma linha geográfica que separa territórios, mas como um lugar simbólico de enunciação, onde se produzem saberes e identidades em constante movimento. Nesse espaço, emergem as tensões e as possibilidades que revelam as violências da modernidade e as formas de resistência que dela se desdobram. A metáfora da fronteira, portanto, assume um papel epistêmico, capaz de questionar a pretensão universalista da ciência moderna e de denunciar a colonialidade que sustenta as hierarquias de conhecimento.

Essas infâncias interrompidas, marcada pela violência estrutural e pela negligência estatal, não é fruto do acaso, trata-se de um projeto social que desumaniza corpos negros desde os primeiros anos de vida, negando-lhes o direito à inocência, à brincadeira e ao futuro. A ausência de políticas públicas eficazes e o desprezo pela vida negra revelam a seletividade do Estado, que escolhe quais infâncias serão protegidas e quais serão descartadas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentou-se, portanto, nesse estudo que o teatro negro se afirma como espaço de resistência e de denúncia das violências que atravessam a experiência da negritude no Brasil e fora dele. As representações dramatúrgicas permitem que vozes historicamente silenciadas, marcadas pela exclusão, pela violência estatal e pelo racismo estrutural, encontrem meios de se expressar e de inscrever suas vivências no campo simbólico.

Isso foi evidenciado, ao longo deste estudo que a peça chave comum entre os dois textos teatrais são as abordagens de uma temática densa, representada com uma linguagem em que as histórias são contadas sob a ótica de crianças, nesse movimento, o teatro torna-se instrumento para ressignificar narrativas, reafirmar dignidade e humanidade, questionar estereótipos e ampliar as possibilidades de representação desses corpos.

Acredita-se que essa pesquisa trabalhando com as duas peças permitirá compreender, como as dramaturgias projetarão diferentes modos de elaborar fuga, desterritorialização e resistência no contexto das infâncias negras que as atravessam. Esse movimento abrirá novas frentes de investigação, nas quais os estudos incorporarão contribuições de autores da área que aprofundarão o debate sobre teatro negro e práticas decoloniais. Assim, as análises futuras mostrarão que essas produções continuarão a atravessar fronteiras culturais e linguísticas, ampliando o campo crítico e sustentando, pela arte, outras formas de imaginar a humanidade.

4 REFERÊNCIAS

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

SALABERG, Jhonny. **Buraquinhos ou o vento é inimigo do Picumã**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

SHU, Maria. **Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus**. São Paulo: Coletivo O Bonde, 2022.

JOGOS DE CARNAVALIZAÇÃO EM *KAFKA À BEIRA-MAR*, DE HARUKI MURAKAMI

Vinícius PEDROZA MORELATO

Orientador: Saulo GOMES THIMOTEO

Resumo: Este estudo tem como objetivo enunciar os diferentes jogos de carnavalização presentes no romance *Kafka à beira-mar*, de Haruki Murakami. Orientando-se pela teoria de Bakhtin (2022), o trabalho busca articular os conceitos discursivos da forma romanesca, sobretudo compreendendo a palavra como parte integrante do enunciado artístico, bem como o conceito de carnavalização, considerando os pressupostos formulados por Mikhail Bakhtin na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*. Nesse sentido, o estudo visa concatenar os conceitos bakhtinianos em uma perspectiva que aluda ao trabalho de Murakami, haja vista que o romance *Kafka à beira-mar* é atravessado por construções que dialogam com as perspectivas de Bakhtin, tais como a presença de múltiplas vozes, as diferentes consciências autônomas imiscíveis, a plenivalência da palavra do personagem e a contraposição entre a dialética e o diálogo. O romance apresenta uma narrativa que se desdobra mediante múltiplos personagens, todos eles independentes entre si e possuidores de uma consciência em construção dialógica. Assim, o estudo reúne determinados jogos de carnavalização presentes na narrativa de Murakami. Entretanto, para que seja possível dispor uma classificação desses jogos de carnavalização no romance, é necessário realizar a transposição e exemplificação dos conceitos postulados por Bakhtin, inicialmente atribuídos à obra inovadora de Dostoiévski, para poderem também ser correlacionados à escrita murakamiana.

Palavras-Chave: Carnavalização; Haruki Murakami; Mikhail Bakhtin; Romance; Polifonia.

1 INTRODUÇÃO

O romance *Kafka à beira-mar* (2008), de Haruki Murakami, é, definitivamente, singular no sentido em que permite a complementação de um espaço em que múltiplas vozes são mediadas. Nesse sentido, compreendendo as contribuições bakhtinianas para a filosofia da linguagem, bem como para a teoria literária, este trabalho atenta-se a determinados tópicos de discussão, comuns à produção romanesca de Dostoiévski (organizados por Mikhail Bakhtin) e à escrita murakamiana.

Kafka à Beira-Mar tem como enredo as histórias de Kafka Tamura e Satoru Nakata. Kafka é um adolescente de quinze anos que deixa a casa em que vivia com o pai em busca de sua mãe, que o abandonou quando ele tinha quatro anos, e de sua irmã, que foi levada junto. Já Satoru Nakata é um homem com mais de sessenta anos que apresenta deficiência intelectual, além da singular habilidade de se comunicar com gatos, adquirida após ter sofrido um misterioso incidente na infância.

Os acontecimentos da narrativa desatam-se em pontos de confluência entre os personagens e suas vozes. Nesse sentido, Kafka Tamura é constantemente acompanhado pelo Menino Corvo, um sujeito descrito como

obstinado, que atua como mediador entre as concepções psicológicas de Kafka e o mundo. Conforme Murakami (2008, p. 14), “Segui o conselho dele. (Aliás, eu havia decidido que seguiria os conselhos do menino chamado Corvo sempre que possível.)”.

Essas múltiplas vozes, entre distintos personagens independentes, como Sakura (garota alguns anos mais velha que Kafka conhece durante uma viagem de ônibus), combinam-se em uma miscelânea de gêneros discursivos, pois integram à obra textos escritos por outros personagens, como a parte atinente a Nakata, em que há trechos de relatórios militares – acerca de seu acidente – com linguagem e conteúdo científicos, ou como as cartas em que Sakura e Kafka dialogam.

Essa alternância dá ao romance fluidez e versatilidade, favorecendo o desenvolvimento das múltiplas vozes de Nakata, Kafka, Menino Corvo e Sakura. Assim, os distintos modos de narração em *Kafka à beira-mar* produzem vozes plenivalentes que pertencem a mundos diversos.

2 DESENVOLVIMENTO

Segundo Ferreira e Bottos Júnior (2020, p. 36), “nas obras de Murakami, destacam-se personagens que realizam uma busca de si e do caminho destinado às suas peripécias de vida, deleitando-se em simbolismos e mundos duplicados.” O simbolismo é uma questão central na obra murakamiana, pois é um meio de subversão das ordens e fronteiras entre o empírico e o imaginário. Em complemento, a carnavalização, segundo Soerensen (2011), adere a uma concepção ampla e popular de carnaval que se contrapõe ao sério, ao individual, ao medo, à discriminação e ao dogmatismo. Em *Kafka à beira-mar*, esses acontecimentos manifestam-se ao longo da narrativa. Um exemplo que dialoga com os jogos de carnavalização e com o universo simbólico é a travessia de Kafka Tamura, que acontece dentro de um ônibus, no período em que fugiu de casa:

Alinhados à beira da estrada, os postes mantêm um espaçamento regular entre si como se fossem graduações de uma fita métrica esticada sobre o mundo. Uma nova luz se aproxima e, um segundo depois, já se transformou em luz velha a se afastar às minhas costas. Olho o relógio e me dou conta de que já passa da meia-noite. E automaticamente, como que empurrado para a frente, chega o dia do meu décimo quinto aniversário.

— Feliz aniversário! — diz o menino chamado Corvo.

— Obrigado — respondo.

Contudo, a profecia ainda me persegue como uma sombra. Verifico se a cerca que ergui ao meu redor continua em pé. Cerro a cortina e caio no sono outra vez. (Murakami, 2008, p. 17).

Nesse trecho, evidencia-se a relação entre o mítico e o empírico na interação entre Kafka e o Menino Corvo, marcada pela profecia que rege o protagonista e subverte o mundo oficial. Essa profecia, elemento mítico da narrativa em evocação da tragédia de *Édipo rei*, anuncia que Kafka mataria o pai e cobiçaria a mãe e a irmã, invertendo papéis familiares oficiais. Ao fugir de casa em busca da mãe, o protagonista encena essa inversão e rompe com a autoridade paterna, incorporando plenamente o princípio da carnavalização. A profecia atua como força de subversão: ao fugir de casa, Kafka Tamura contrapõe papéis e, em uma jornada simbólica, realiza a transposição contínua do mundo profético para o mundo concreto.

De acordo com Oliveira (2020), Murakami imprime às suas narrativas um ritmo que remete a outras histórias, nas quais as representações se misturam, dando forma a um universo simbólico e inconsciente.

O romance de Murakami, desse modo, é atravessado por determinadas formulações artísticas. No campo literário do autor, o mundo é subvertido, e os desdobramentos da narrativa são feitos conforme os movimentos do campo empírico e mágico. Conforme Thakur e Khurana (2020), Haruki Murakami conduz a narrativa de modo que não exista separação entre a realidade e seus atenuantes desdobramentos, representados pelo mundo mágico. Nesse sentido, observa-se, no romance de Murakami, a possibilidade de manifestação de múltiplas vozes em distintos mundos, nos quais a fronteira entre o real e o mágico se confunde para dar vazão às vozes. Acerca da fusão do mágico com o real:

Kafka à Beira-Mar se passa em um mundo existente — o Japão contemporâneo —, mas acontecimentos inexplicáveis e mágicos começam a ocorrer, conferindo ao romance um caráter de “realismo mágico”. A fusão do mágico com o real não conduz o texto a um reino de fantasia, mas o reinsere no domínio de uma nova realidade ou do surreal. (Zamora, 1995, tradução livre).

Assim, a obra murakamiana é tecida em um mundo que detém outros, como a relação de Nakata com um mundo caracterizado como caótico e silencioso, ilustração da carnavalização enquanto mundo subversivo:

Por vezes, ele extrapolava a borda e sobrevoava esse abismo de estonteante profundidade. Mas Nakata não temia nem a escuridão nem a profundidade. Por que haveria de temê-las? Esse mundo escuro cujo fundo não avistava, assim como o pesado silêncio e o caos, há muito constituíam uma entidade amiga e repleta de nostalgia e eram agora parte dele mesmo. Nakata sabia disso muito bem. (Murakami, 2008, p. 108).

O estudo planeja observar esses elementos que caracterizam a obra conforme sua expressão e seu conteúdo, atentando-se aos aspectos confluentes à carnavalização. Conforme afirma Bakhtin, “pode-se dizer que o gênero romanesco se assenta em três raízes básicas: a épica, a retórica e a carnavalesca” (Bakhtin, 2010, p. 127). Pensando nessa gênese da formulação, observa-se a possibilidade de interpretação de elementos constituintes da forma carnavalesca na escrita de Murakami. Em *Kafka à beira-mar*, existem múltiplas vozes; de modo constante, há rupturas desordenadas afetando diversos sujeitos-outros (e não só a voz do protagonista). Nesse sentido, o texto não se evidencia como monológico, o que, naturalmente, atribuiria à produção um espaço de ocupação originária das raízes épicas ou retóricas, mas sim uma raiz carnavalesca constituída pelo termo dialógico. Segundo Bakhtin (2022), o romance dialógico, estabelecido em Dostoiévski, e com raízes na Antiguidade, é construído não como a totalidade de uma única consciência, que acolhe objetivamente em si outras consciências, mas como a totalidade da interação entre várias consciências, das quais nenhuma se tornou objeto de outra.

A estruturação do projeto reside na concepção de que, em *Kafka à beira-mar*, existem diversas consciências autônomas que se desatam em uma narrativa formalmente apresentada de modo diverso, em um mundo às avessas: a rigidez de papéis, as leis e as proibições que cerceiam os sujeitos, isto é, os elementos oficiais, são revogados durante o carnaval. Nesse sentido, da quebra de hierarquias e posições, pode-se observar, mediante gesto analítico, no romance *Kafka à Beira-Mar*, que, além de ser um romance polifônico, com multiplicidade de vozes, trabalha com os jogos de carnavalização.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, portanto, que, mediante a observação de determinadas características do romance, há elementos suficientes para evidenciar a carnavalização na obra de Murakami. A questão do mundo desconhecido é um exemplo nítido do estilo literário de Murakami que se aproxima da carnavalização: “O mundo está cheio de coisas que nunca viu. Coisas que não consegue sequer imaginar neste momento.” (Murakami, 2008, p. 6) Tal questão é inserida no périplo da fuga do protagonista de sua residência. Em *Kafka à beira-mar*, os personagens são autônomos e perpassam situações insondáveis, como a profecia de Kafka ou a capacidade de Nakata de comunicar-se com gatos, características vinculadas à carnavalização. Assim, “A carnavalização permite ampliar o cenário estreito da vida privada de uma época limitada, fazendo-o atingir um cenário dos mistérios extremamente universal e universalmente humano.” (Bakhtin, 2010, p. 195). O tópico de que o mundo está permeado por elementos desconhecidos, nesse sentido, diz respeito à possibilidade de que, devido às inversões de papéis mediante a carnavalização e à confluência de determinadas consciências imiscíveis, os protagonistas possam se encontrar em uma situação ao mesmo tempo universalmente incomum e humana.

Desse modo, a narrativa trabalha com determinados princípios universais (morte, liberdade e mundo), equivalentes às vivências pessoais dos personagens. Portanto, durante a aproximação teórica entre Bakhtin e Murakami, é possível observar diversos elementos dos jogos de carnavalização em *Kafka à beira-mar*, como a alternância narrativa, a convivência de múltiplas vozes independentes, o simbolismo mágico que representa o mundo às avessas e a tênue linha entre o empírico e o imaginário. A alternância entre vozes dissonantes, como Nakata, Kafka, Sakura e o Menino Corvo, integra a tessitura do romance, pois Murakami conflui diferentes consciências para construir uma obra polifônica, na qual todas as vozes possuem plena legitimidade. A carnavalização na narrativa, assim como a relação de múltiplas vozes coexistindo, ganha profundidade teórica à medida que o romance se articula. Observa-se também a inversão de regras habituais, além de uma liberdade de experimentação, pois esses personagens são detentores de plena autonomia, elemento fundamental para a suspensão das normas oficiais sob a ótica da carnavalização. A obra de Murakami, portanto, constitui uma conjuntura de elementos polifônicos que se articulam em uma nova realidade às avessas: um mundo interpenetrado por outros.

4 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da obra de Dostoiévski**. Tradução de Sheila Vieira de Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O duplo**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

FERREIRA, Cácio José; BOTTOS JÚNIOR, Norival. **A literatura de Haruki Murakami: percursos e revelações**. In: FERREIRA, Cácio José; HASHIMOTO, Lica; TEIXEIRA, Wagner Barros (orgs.). *1Q79: Leituras de Haruki Murakami*. Manaus: EDUA – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2020.

MURAKAMI, Haruki. **Kafka à beira-mar**. Tradução de Leiko Gotoda. 1. ed. São Paulo: Alfaguara, 2008.

SOERENSEN, Claudiana. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. **Travessias**, Cascavel, v. 5, n. 1, p. 318-331, 2011. E-ISSN: 1982-5935.

THAKUR, Rasleena; KHURANA, Vani. Privileging Oddity and Otherness: A Study of Haruki Murakami's *Kafka on the Shore*. **Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities**, v. 12, n. 5, 2020.

ZAMORA, Lois Parkinson, and W. B. F. (1995). **Magical Realism: Theory, History, Community**. Duke Univ. Press.

A MEMÓRIA DE TRABALHO E A IDENTIFICAÇÃO DE FAKE NEWS PÓS-PANDÊMICAS EM VÍDEOS

Wynike Domingues Kraus de DEUS
Orientadora: Luciane BARETTA

Resumo: Este estudo, fundamentado na Psicolinguística Cognitiva, investiga a relação entre a memória de trabalho e a identificação de fake news multimodais em vídeos pós-pandêmicos. Considerando o crescente impacto da desinformação em ambientes digitais, a pesquisa busca compreender como a capacidade cognitiva de armazenamento e processamento temporário de informações interfere na compreensão e no julgamento crítico de conteúdos falsos. A investigação justifica-se pela necessidade de promover o letramento digital e a compreensão inferencial em contextos acadêmicos, especialmente diante da transição de avaliações nacionais e internacionais, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes e o Exame dos registros dos diplomados, para formatos digitais que exigem leitura multimodal. Teoricamente, baseia-se em Baretta (2008), Matielo (2016) e Izquierdo (2002), que definem a memória de trabalho como um sistema essencial ao controle da atenção, à integração de informações e à tomada de decisões, e em Lazer *et al.* (2018) e Allcott e Gentzkow (2017), que caracterizam as fake news como conteúdos fabricados que simulam o discurso jornalístico, mas carecem de verificação. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa aplicada, qualitativa e experimental, realizada com estudantes de cursos de Letras, envolvendo testes de memória, intervenção metacognitiva e análise de vídeos autênticos e falsos. O principal objetivo é investigar se a capacidade de memória de trabalho favorece a identificação crítica de fake news e contribui para a formação de leitores digitais mais conscientes.

Palavras-Chave: Compreensão; Letramento digital; Multimodalidade.

1 INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais transformou as formas de produção, circulação e consumo de informações. Nesse cenário, as fake news emergem como um dos fenômenos mais preocupantes da era informacional, pois moldam percepções sociais, políticas e científicas. Embora a propagação de notícias falsas exista desde o período da oralidade, a internet intensificou sua velocidade e alcance, tornando-as um desafio global (Aldwairi; Alwahedi, 2018; Monteiro *et al.*, 2018). O contexto pandêmico evidenciou o impacto social das desinformações, e o Brasil figura entre os países mais afetados (Islam *et al.*, 2021). Diante disso, compreender como o indivíduo processa, retém e julga informações falsas é essencial para fortalecer o pensamento crítico e o letramento digital.

Nesse sentido, as transformações nas práticas de leitura, marcadas pela presença de textos multimodais, demandam novas abordagens cognitivas e educacionais. Avaliações acadêmicas e internacionais, como o SAT, GRE, PISA e NAEP, têm migrado para formatos digitais, nos quais a leitura envolve a integração de elementos verbais, visuais e sonoros. Assim, compreender os processos mentais implicados na compreensão crítica de vídeos que disseminam fake news é essencial para o desenvolvimento de

estratégias pedagógicas que promovam o raciocínio inferencial e a autonomia interpretativa dos estudantes universitários (Singer; Alexander, 2017). Além disso, estudos sobre leitura em meios digitais demonstram que esse formato aumenta a demanda cognitiva, exige maior controle executivo e reduz a sensibilidade a inconsistências, uma vez que a navegação digital fragmenta a atenção e intensifica a sobrecarga da memória de trabalho (Singer Trakhman; Alexander; Silverman, 2018).

Portanto, o objetivo central desta pesquisa é investigar a relação entre a capacidade de memória de trabalho, a compreensão inferencial e a capacidade de identificação de fake news multimodais em vídeos. Para alcançar esse objetivo, os seguintes objetivos específicos são propostos: (a) verificar a capacidade de identificação de fake news dos estudantes; (b) testar a capacidade de memória de trabalho dos participantes; (c) identificar e quantificar quais tipos de inferências são mais demandadas na compreensão de vídeos com fake news; (d) avaliar os efeitos da intervenção metacognitiva sobre a habilidade de identificação de fake news no pós-teste; (e) investigar o papel da carga multimodal das imagens, sons, e texto na sobrecarga da memória de trabalho; e (e) analisar o papel da capacidade de memória de trabalho na interpretação e julgamento crítico de fake news em ambientes digitais;

2 DESENVOLVIMENTO

A memória de trabalho é um sistema responsável por armazenar e manipular informações temporariamente, permitindo que o indivíduo realize tarefas cognitivas complexas, como atenção, leitura e raciocínio (Baretta, 2008; Matielo, 2016). Ela atua no momento da recepção da informação, retendo-a por poucos segundos antes de encaminhá-la para armazenamento duradouro ou descarte, sendo, portanto, distinta da memória de curto prazo. Segundo Izquierdo (2002), esse tipo de memória não deixa traços permanentes, sendo responsável pelo aqui e agora cognitivo, o que garante o processamento imediato das informações e o suporte a atividades mentais de curta duração. Evidências experimentais indicam que, em ambientes digitais, a necessidade de realizar inferências rápidas e monitorar informações fragmentadas demanda ainda mais recursos da memória de trabalho, afetando o processamento profundo e a detecção de inconsistências (Singer Trakhman; Alexander; Silverman, 2018).

No campo das fake news, Lazer *et al.* (2018) as definem como conteúdos fabricados que simulam a estrutura das notícias, mas carecem de autenticidade e intenção informativa. Essa imitação da forma jornalística torna sua identificação complexa, principalmente em vídeos que articulam imagens, sons e linguagem persuasiva. Allcott e Gentzkow (2017) reforçam que as fake news são intencionalmente falsas e têm potencial para enganar leitores e espectadores, afetando decisões sociais e políticas. Durante e após a pandemia da Covid-19, a circulação dessas informações em plataformas do grupo Meta, como Facebook, Instagram e WhatsApp, ampliou o desafio cognitivo de distinguir verdade e falsidade no ambiente digital (Brasil de Fato, 2025; Silva; Américo, 2024).

Considerando que a memória de trabalho é responsável pelo armazenamento e manipulação imediata das informações durante a leitura, a atenção e o raciocínio (Baretta, 2008; Izquierdo, 2002; Matielo, 2016), sua limitação torna-se um fator crítico no processamento de vídeos que disseminam fake news, os quais combinam linguagem verbal, elementos visuais e estratégias persuasivas. Rai *et al.* (2011) demonstra que a compreensão depende da realização de inferências, e quanto maior o número de inferências necessárias, maior é a sobrecarga sobre a memória de trabalho. Leitores ou espectadores com baixa proficiência inferencial tendem a ser menos sensíveis a inconsistências, a apresentar maior tempo de processamento e a utilizar menos estratégias de monitoramento e checagem, tornando-se mais suscetíveis a conteúdos fabricados que simulam discurso jornalístico (Allcott; Gentzkow, 2017; Faria; Mourão Júnior, 2011; Lazer *et al.*, 2018;).

Assim, esta pesquisa parte do pressuposto de que a identificação de fake news multimodais pode ser prejudicada quando os recursos executivos da memória de trabalho se esgotam diante do processamento simultâneo de pistas verbais, visuais e sonoras, o que levanta questões essenciais para investigação, como: em que medida uma menor capacidade de memória de trabalho compromete o julgamento crítico? Quais processos inferenciais específicos dependem mais intensamente da memória de trabalho? Em que momentos do vídeo a demanda cognitiva é maior, interferindo na detecção de inconsistências ou sinais de falsidade?

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa e caráter experimental, inserida no campo da Psicolinguística Cognitiva. O estudo será conduzido com estudantes entre 17 e 20 anos dos primeiros anos de cursos de Letras. A pesquisa, em fase de construção, se estrutura, basicamente, em cinco etapas:

- Pré-teste para avaliar a capacidade de identificação de fake news dos participantes;
- Avaliação da memória de trabalho por meio do Reading Span Test.
- Intervenção metacognitiva, com minicurso expositivo sobre fake news, estratégias inferenciais e leitura crítica.
- Teste experimental de identificação de fake news multimodais, no qual os participantes assistirão a dois vídeos e responderão a questões inferenciais e críticas.
- Questionário retrospectivo pós-teste, elaborado para verificar a percepção dos participantes sobre seu próprio desempenho após a intervenção, identificar se perceberam mudanças na realização de inferências, na detecção de inconsistências e no julgamento crítico, além de explorar como experienciaram os processos cognitivos envolvidos durante o teste experimental.

Os dados serão analisados qualitativamente, complementados por estatísticas descritivas simples. Serão observadas categorias como

compreensão inferencial, critérios de identificação de fake news e relação entre desempenho de memória e julgamento crítico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa propõe compreender como os mecanismos cognitivos de memória de trabalho intervêm na compreensão e interpretação de conteúdos multimodais falsos. A partir da articulação entre aspectos linguísticos, cognitivos e inferenciais, busca-se ampliar a compreensão sobre os processos mentais envolvidos na recepção crítica de fake news, contribuindo para a formação de leitores mais conscientes e capazes de resistir à desinformação digital. O estudo reforça, assim, a relevância da Psicolinguística Cognitiva no enfrentamento da desinformação e na consolidação de práticas educacionais baseadas em evidências.

5 REFERÊNCIAS

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, 2017, 31 (2): 211-3.

ALDWAIRI, M.; ALWAHEDI, A. Detecting fake news in social media networks. *Procedia Computer Science*, **Elsevier**, v. 141, p. 215-222, 2018.

BARETTA, L. **The Process of Inference Making in Reading Comprehension: an ERP analysis**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BRASIL DE FATO. **Meta anuncia fim de ferramentas de checagem de fatos e se alia a ideais de extrema direita**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/01/07/meta-anuncia-fim-de-ferramentas-de-checagem-de-fatos-e-se-alia-a-ideais-de-extrema-direita>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FARIA, E. L. B.; MOURÃO JÚNIOR, C. A. Os recursos da memória de trabalho e suas influências na compreensão da leitura. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, p. 288-303, 2013.

LAZER, D. M. J.; BAUM, A. B.; BENKLER, Y.; BERINSKY, A. J.; GREENHILL, K. M.; MENCZER, F.; METZGER, M. J.; NYHAN, B.; PENNYCOOK, G.; ROTHSCHILD, D.; SCHUDSON, M.; SLOMAN, S. A.; SUNSTEIN, C. R.; THORSON, E. A.; WATTS, D. J.; ZITTRAIN, J. L. The science of fake news. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.

MATIELO, R. **Intralingual Subtitles, Interlingual Subtitles, and L2 Vocabulary Learning: an exploratory study with Brazilian EFL students**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MONTEIRO, R. A.; SANTOS, R. L. S.; PARDO, T. A. S.; ALMEIDA, T. A.; RUIZ, E. E. S.; VALE, O. A. Contributions to the study of fake news in Portuguese: New corpus and automatic detection results. *In: Computational Processing of the Portuguese Language*. [S.l.]: Springer International Publishing, 2018. p. 324-334. ISBN 978-3-319-99722-3.

ISLAM, M. S.; KAMAL, H. M.; KABIR, A.; SOUTHERN, D. L.; KHAN, S. H.; MURSHID HASAN, S. M.; SARKAR, T.; SHARMIN, S.; DAS, S.; ROY, T.; DOSTOGIR HARUN, M. G.; CHUGHTAI, A. A.; HOMAIRA, N.; SEALE, H. **COVID-19 vaccine rumors and conspiracy theories: The need for cognitive inoculation against misinformation to improve vaccine adherence.** PLOS ONE, 2021. 16(5), e0251605.

IZQUIERDO, I. Memória. Porto Alegre: **Artmed**, 2002.

SILVA, L. S. P.; AMÉRICO, M. O crescimento das fake news após a pandemia de COVID-19. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 4, p. e3839-e3839, 2024.

SINGER, L. M.; ALEXANDER, P. A. Reading on paper and digitally: What the past decades of empirical research reveal. **Review of educational research**, v. 87, n. 6, p. 1007-1041, 2017.

SINGER TRAKHMAN, L. M.; ALEXANDER, P. A.; SILVERMAN, A. B. Profiling reading in print and digital mediums. *Learning and Instruction*. **Elsevier**, v. 57, p. 5-17, 2018.

TESES EM ANDAMENTO

A REPRESENTAÇÃO DO AMOR E DA DOR NAS CANÇÕES DE CAZUZA

Cristiane PAULOWSKI

Orientador: Nírcia Cecília Borges TEIXEIRA

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta de estudo sobre a representação do amor e da dor nas canções de Cazuza, com o objetivo de verificar se a forma como o amor é representado em sua obra possibilita identificá-lo como um artista neorromântico. Como objeto de estudo será considerado o cancionário do artista, que, na década de 1980, destacou-se como poeta, cantor e compositor. O projeto se insere, em geral, na linha dos Estudos Culturais e toma como respaldo teórico as discussões sobre representação, cultura e identidade, segundo Roger Chartier e Stuart Hall, e o conceito de eros explorado por Anne Carson. As representações do eros em suas canções, atravessadas pela tensão entre prazer e sofrimento, tornam visíveis formas de subjetividade que desafiam normas e expandem os modos de representação do amor. Ao final do primeiro ano de pesquisa, os textos produzidos indicam a pertinência do objeto, a consistência do recorte teórico-metodológico e a relevância de uma abordagem que privilegie a canção como prática crítica, poética e cultural.

Palavras-Chave: Cazuza; amor e dor; representação; neorromantismo; canção.

1 INTRODUÇÃO

Poesia e música sempre estiveram entrelaçadas, desde os cantos homéricos e a lírica trovadoresca até as canções contemporâneas, nas quais a palavra e a melodia se tornam indissociáveis. No entanto, durante muito tempo, a crítica tradicional priorizou o cânone erudito, marginalizando expressões consideradas populares, como é o caso das letras de música. Esse olhar hierárquico desconsiderou que as canções, ao articular a linguagem da música e a linguagem da poesia, realizam e constroem representações culturais.

Os questionamentos teóricos dos Estudos Culturais, iniciados na década de 1960, que buscam novas concepções de história, sujeito e cultura, dão base para uma nova abordagem do valor estético e cultural das produções artísticas. A cultura passa a ser compreendida como um conjunto de práticas significantes em constante disputa que envolve a produção, a circulação e o consumo de significados em contextos diversos. Esse viés possibilita considerar a canção como prática artística, como uma forma de ver o mundo que combina, de uma forma indissociável, a linguagem da poesia e da música, inserindo-se, assim, no campo das práticas culturais que representam e constroem significados em diferentes contextos. Dentro desse processo de valorização da canção como prática artística e cultural, as composições de Cazuza ocupam um lugar central.

No início dos anos 1980, em um contexto de efervescência cultural e política de uma sociedade em transição, Cazuza, Agenor de Miranda Araújo Neto, emerge como um dos mais importantes compositores no cenário da música brasileira. Ao combinar, de forma fluida, música, poema e performance

sua obra trata, principalmente, de temas sobre amor, desejo, liberdade, a finitude, a luta pela vida e a valorização da subjetividade, em um contexto cultural repleto de contradições.

Nas canções de Cazuza, a combinação entre subjetividade intensa, enfrentamento da efemeridade e expressão de um desejo sempre em crise posiciona sua obra dentro de um continuum romântico reinterpretado, demonstrando que a canção popular pode ser um espaço privilegiado para a representação e reconfiguração não só das sensibilidades estéticas, mas também das identidades culturais ao longo do tempo.

Cazuza explora o desejo, a presença e a ausência, o prazer e o sofrimento, o amor e a dor, o “doce-amargo” que a autora canadense Anne Carson identifica como centrais à definição de eros. Ao analisar a representação do desejo erótico em obras clássicas de poetas gregos, Carson discute eros como um fenômeno paradoxal que oscila entre prazer e sofrimento, sempre alimentado pela ausência e pelo desejo. Surge, então, a questão que estimula esta pesquisa: Cazuza é um artista neorromântico?

Apesar de um crescente interesse acadêmico pela obra de Cazuza e do seu reconhecimento como um dos mais importantes compositores e poetas brasileiros, as pesquisas frequentemente estão concentradas no campo da música popular brasileira e, mesmo que algumas delas atribuam características românticas e neorromânticas às letras de Cazuza, não há teses na área Letras que apresentem um estudo aprofundado sobre o modo como o amor é representado em suas canções que justifiquem a afirmação. Diante da relevância artística e cultural de uma obra que ultrapassou o momento da sua produção e da vida do artista, esta pesquisa considera como objeto de estudo o cancionário de Cazuza, com o objetivo geral de analisar como as representações do amor e da dor nas suas canções o caracterizam como um artista neorromântico. Os objetivos específicos são: analisar a trajetória de Cazuza na música; compreender a canção como prática de representação que une música, letra e performance de forma indissociável; identificar e analisar as canções cuja temática central é o amor e a dor e analisar a presença características neorromânticas; analisar a representação do amor e da dor nas canções de acordo com o conceito de “eros: doce-amargo” de Anne Carson.

O projeto se insere, em geral, na linha dos Estudos Culturais e toma como respaldo teórico as discussões sobre representação, cultura e identidade, segundo Stuart Hall e o conceito de Eros explorado por Anne Carson. Dessa forma, espera-se não apenas oferecer uma leitura mais aprofundada sobre a obra poética de Cazuza, mas também evidenciar a canção como uma prática de produção de sentidos, reforçando sua importância como forma de representação artística e de construção de identidades culturais, contribuindo, assim, para a ampliação dos estudos sobre texto, memória e cultura.

2 ESTUDOS CULTURAIS: A RUPTURA COM O CÂNONE E O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO

Os Estudos Culturais e as definições de cultura e representação de Stuart Hall fornecem respaldo teórico para compreender a representação como práticas culturais que estão em constante transformação, moldadas por contextos históricos, sociais e subjetivos. Assim, a canção é entendida como um sistema de representação.

Ao mostrar como a canção é um espaço de síntese cultural, as discussões de Wisnikik serão fundamentais para analisar como as canções de Cazuza articulam aspectos sonoros, poéticos e culturais, tornando-se um dos principais veículos de representação. Além disso, as contribuições Luiz Tatit sobre canção permitirá ver que os sentidos na obra de Cazuza se constroem não apenas pela letra ou melodia isoladamente, mas pela interação entre som, ritmo, entonação e texto, compondo uma relação indissolúvel entre poesia e música.

Ao considerar as teorias de Anne Carson sobre Eros, será investigado como a tensão entre presença e ausência, amor e dor alimenta a expressão amorosa e existencial na obra de Cazuza. O amor como experiência de falta e excesso permeia suas canções e oscila entre entrega e resistência, celebração e melancolia, construindo um imaginário romântico contemporâneo que ressoa com sua época e permanece atual. Dessa forma, a questão central do projeto — Cazuza é um neorromântico? — será investigada ao longo da pesquisa, buscando respaldo teórico e analítico nas reflexões apresentadas.

3 EXCESSOS, AUSÊNCIAS, IDEALIZAÇÕES E RUPTURAS: A REPRESENTAÇÃO DO EROS EM CANÇÕES JÁ ANALISADAS

As análises já desenvolvidas marcam o início da investigação do corpus selecionado, e visam demonstrar como a poética de Cazuza expressa de maneira singular o eros como desejo paradoxal, entre presença e ausência, intensidade e frustração. Cada canção analisada até o momento contribui para compreender como o artista articula temas românticos sob um viés contemporâneo, explorando os conflitos, excessos e afetos que atravessam a experiência amorosa em sua obra.

A canção “Por que a gente é assim?” (1984), composta por Cazuza, Frejat e Ezequiel Neves, mobiliza uma complexa teia de signos culturais e articula representações e discursos que questionam as relações afetivas e o conceito de amor de uma geração que viveu parte de sua juventude durante o regime, em que a censura restringiu a expressão artística, especialmente no que dizia respeito a temas como sexo.

A análise da canção “Por que a gente é assim?”, de Cazuza, permite perceber como a canção popular pode ser compreendida, à luz dos Estudos

Culturais, como uma prática cultural capaz de representar e produzir significados sobre o amor, o desejo e a subjetividade. Ao articular música, poesia e performance, a obra mobiliza símbolos e afetos que constroem e representam identidades. Inspirada na concepção de eros desenvolvida por Anne Carson, que o define como um desejo paradoxal, ao mesmo tempo prazeroso e doloroso, preenchido pela ausência e pela falta, a canção de Cazuzza se configura como de intensas experiências emocionais e identitárias. A canção “Exagerado” (1985) exemplifica a representação paradoxal de eros na obra de Cazuzza. Composta na transição para sua carreira solo, ela intensifica elementos dramáticos e românticos, retomando temas típicos do romantismo, como o amor inalcançável, predestinado e levado ao extremo. Contudo, essa exacerbação aparece atravessada pela ironia da performance vocal, que enfatiza o excesso dos sentimentos. Dialogando com Anne Carson (2022), a canção expressa a centralidade da imaginação no desejo, que se move continuamente em direção ao que falta. A ausência, constitutiva de eros, se manifesta tanto na letra quanto nos elementos musicais: a “fome de amor” nunca se satisfaz, mantendo o desejo em permanente oscilação entre o prazer da busca e a dor da falta.

Na canção “O tempo não para” (1988), essa filiação romântica é representada na figura do herói marginal, que dispara “contra o sol” como metáfora de um enfrentamento impossível; no tom confessional, em que a experiência pessoal é elevada à condição de experiência de uma geração; na recusa do presente e a sensação de que o tempo está corrompido; no desgosto romântico com a modernidade e à idealização que não se cumpre: “suas ideias não correspondem aos fatos”.

Cazuzza canta a partir de uma posição marcada pela contradição: é jovem, rico e revoltado, pop e marginal, romântico e niilista. A sua obra, e a canção “O tempo não para”, em especial, é o lugar onde essas tensões se expressam não para serem resolvidas, mas para serem vividas e expostas. Como no Romantismo, há um culto à intensidade emocional, à sinceridade, à recusa da normatividade, tudo isso mediado por uma forma poética que, ao mesmo tempo, subverte e reconstrói.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas no primeiro ano de pesquisa confirmam a importância do cancionário de Cazuzza para compreender as representações do amor e da dor sob uma perspectiva neorromântica. Com base nos Estudos Culturais, na teoria da canção e na concepção de eros como desejo paradoxal proposta por Anne Carson, constatou-se que sua obra articula intensidade afetiva, instabilidade do desejo, idealização amorosa e frustração existencial. Canções como “Por que a gente é assim?”, “Exagerado” e “O tempo não para” revelam que amor e dor funcionam como eixos estruturantes de uma poética que atualiza sensibilidades românticas por meio de performance, sonoridade e tensão subjetiva. Os resultados sustentam a hipótese de Cazuzza como artista neorromântico, marcado pela figura do poeta marginal, pela oscilação entre niilismo e desejo e pela centralidade da ausência na dinâmica amorosa. Na continuidade da pesquisa, serão

ampliadas as análises do corpus e sistematizadas as categorias críticas que articulam canção, subjetividade e representação, de modo a contribuir tanto para os estudos sobre Cazuza quanto para o fortalecimento da canção como campo de investigação estética e cultural.

4 REFERÊNCIAS

CARSSON, Anne. **Eros: o doce-amargo: um ensaio**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

CAZUZA. Site oficial. Disponível em: < <https://www.cazuza.com.br/>> Último acesso em 31/01/2025.

CAZUZA- **Neorromantismo entre os Jovens -Fantástico - 1981**. 18 de out. de 2020. Disponível em:< <https://youtu.be/AC-tVkJd2Uw?si=9HLMDJAVJNGLBbY8>> Último acesso em 31/01/2025.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: Revista Estud. av. vol.5 nº 11 São Paulo Jan./Abr. 1991.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, 5(9), 87-97. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1998.9.3014>

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro. PUCRio, 2026.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**, p. 75 e 76.

TATIT, Luiz. **O cancionista: composição de canções no Brasil**. São Paulo: EDUSP 2002.

VINIL, Kid. **Almanaque do Rock**. São Paulo: Ediouro, 2008.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

A CUNHÃ-PORANGA NO FESTIVAL DE PARINTINS: SENTIDOS EM DISPUTA

Dariany ANDRADE DE SOUZA

Orientador: Célia BASSUMA FERNANDES

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar como o corpo da cunhã-poranga é significado no Festival Folclórico de Parintins, pelos bois Caprichoso e Garantido, considerando as práticas estéticas, simbólicas e ideológicas que atravessam o Boi-Bumbá e suas formas de representação da identidade amazônica. Mais especificamente, pretendemos: a) investigar os sentidos atribuídos ao corpo da cunhã-poranga nas *performances* do Festival de Parintins, observando como tradições, mitos e elementos da cultura amazônica são reinscritos neste corpo; b) examinar quais formações discursivas regulam e legitimam os discursos sobre a cunhã-poranga; c) compreender como a espetacularização do Boi-Bumbá produz deslocamentos, tensões e permanências nos modos de significar o corpo feminino indígena no contexto amazônico contemporâneo. A teoria que sustenta o movimento teórico-analítico é a Análise de Discurso, inaugurada na França, por Michel Pêcheux e que se desenvolveu no Brasil, a partir dos estudos de Eni Orlandi e de outros pesquisadores que buscam compreender como se dá o processo discursivo. Resultados preliminares apontam para efeitos de sentido de que embora a cunhã-poranga seja (re)apresentada como um emblema de força e identidade amazônica, seu corpo também é moldado por normas de espetáculo, mercado e nacionalização, revelando tensões entre resistência cultural e apropriação midiática.

Palavras-chave: Discurso; Festival de Parintins; Cunhã-Poranga; Corpo.

1 INTRODUÇÃO

A Amazônia é mundialmente conhecida por comportar a maior floresta tropical e um dos ecossistemas mais biodiversos do planeta, tanto que é metaforicamente significadora como “pulmão do mundo”, para destacar sua importância fundamental na regulação climática global. Nesse cenário exuberante, respira e exala arte por todos os cantos.

Parintins, localizada à margem direita do rio Amazonas, recebeu o título de Capital Nacional do Boi-Bumbá por apresentar o maior Festival Folclórico a céu aberto, conhecido não só no Brasil, mas mundialmente. Nele, ocorre a disputa entre os Bois-Bumbás Caprichoso, representado pela cor azul e Garantido, representado pela cor vermelha, que se utilizam não só de expressões artísticas, mas do imaginário regional amazônico para evidenciar e até mesmo, mais recentemente, para denunciar questões essenciais da diversidade social e biológica da região.

Nessa festa que combina dramatização, música, dança, mitos e participação comunitária, surge a figura feminina da cunhã-poranga – um dos principais dispositivos de visibilidade do feminino na festa – que discursiva a força, a beleza, a ancestralidade indígena e o pertencimento

étnico. O corpo da cunhã-poranga “encarna” uma heroína mítica, guardiã da floresta, reforçando a identidade regional.

Compreendido como espaço de produção de sentidos, o Festival de Parintins é atravessado por discursos que organizam, sustentam e confrontam modos de significar a cunhã-poranga. Entre as designações que emergem durante a festa, destacam-se “cunhã originária” e “cunhã do Brasil”, utilizadas, respectivamente, pelos Bois Caprichoso e Garantido.

Essas designações apontam para efeitos de sentido opostos, inscrevendo os discursos em redes de significação diferentes, pois enquanto “cunhã originária” inscreve o corpo feminino indígena na formação discursiva da ancestralidade, da “origem”, da etnicidade amazônica e da memória mítica, “cunhã do Brasil” filia o dizer na formação discursiva da nação, produzindo um efeito de universalização e homogeneização do corpo indígena como símbolo nacional estetizado e espetacularizado.

Assim, um mesmo corpo (o da cunhã-poranga ou das outras “cunhãs”) significa de modos distintos dependendo das condições de produção do discurso e da inscrição do dizer em formações discursivas (FDs) diferentes. Neste trabalho, traçamos como objetivo principal, analisar como o corpo da cunhã-poranga é significado no Festival de Parintins, considerando as práticas estéticas, simbólicas e ideológicas que atravessam o Boi-Bumbá e suas formas de representação da identidade amazônica. Mais especificamente, pretendemos: a) investigar os sentidos atribuídos ao corpo da cunhã-poranga nas *performances* do Festival de Parintins, observando como tradições, mitos e elementos da cultura amazônica são reinscritos neste corpo; b) examinar quais formações discursivas regulam e legitimam os discursos sobre a cunhã-poranga; c) Compreender como a espetacularização do Boi-Bumbá produz deslocamentos, tensões e permanências nos modos de ver, interpretar e valorizar o corpo feminino indígena no contexto contemporâneo.

Para atender a esses objetivos, ancoramos o trabalho na Análise de Discurso, teoria da interpretação, de orientação francesa, que se fortaleceu no Brasil por meio dos trabalhos de Eni Orlandi e por outros pesquisadores que se debruçam sobre o processo de produção de sentidos. Essa teoria materialista do discurso fornece um dispositivo teórico, composto pelos conceitos que ancoram o gesto de interpretação do analista e um dispositivo analítico, mobilizado por ele e que permitirão compreender quais sentidos sobre o corpo da cunhã-poranga irrompem no Festival de Parintins.

2 CORPOS EM DISPUTA NA FESTA DO BOI-BUMBÁ

Desde suas origens, a encenação do auto do Boi-Bumbá pelos bois Caprichoso e Garantido estrutura-se como narrativa central que articula elementos trágicos e cômicos, simbolizados pela perseguição e captura dos personagens negros, Pai Francisco e Mãe Catirina, após a morte do boi,

figura que condensa o afeto coletivo e a vitalidade cultural da festa. A busca empreendida pelos "índios guerreiros", liderados pelo Tuxaua, que antes são batizados pelo Padre, revela a complexa fusão de tradições indígenas e cristãs, expressando o sincretismo característico das culturas amazônicas. A ressurreição do boi, a partir do saber ritualístico do Pajé, destaca a valorização dos conhecimentos ancestrais e das práticas espirituais vinculadas à cosmologia indígena.

Do ponto de vista da Análise do Discurso, esse enredo revela o funcionamento da memória discursiva, na medida em que mobiliza saberes, crenças e práticas sedimentadas historicamente, que circulam e se atualizam nas diferentes edições do festival.

2.1 "Cunhã Originária": (re-)afirmação da Identidade indígena no Festival de Parintins

A designação "cunhã originária" é utilizada para referir-se à personagem da cunhã-poranga do boi Caprichoso e tem ganhado centralidade, reconfigurando sentidos e tensionando representações de gênero, etnia e pertencimento cultural.

Atualmente interpretada por Marciele Albuquerque, a personagem incorpora elementos tradicionais em suas performances, reforçando sua identidade ancestral e a força da mulher originária. De origem indígena, sua atuação no Festival de Parintins não se limita ao espetáculo, mas estende-se à militância e à representatividade, haja vista estar diretamente envolvida em discussões, marchas e acampamentos indígenas, além de integrar coletivos femininos dos povos originários consolidando a cunhã-poranga como um ícone de resistência e de (re-)afirmação,

Nessas condições de produção, o ressoar em torno do item 9, do boi azul, emerge de um processo discursivo que se ancora em formações discursivas atravessadas por já-ditos sobre o indígena, o feminino e o regional. Na AD, entende-se que o discurso não é transparente, mas uma forma de significar o mundo, situada historicamente e determinada por relações de poder. Como afirma Pêcheux (1988), "não há discurso fora da ideologia", o que implica reconhecer que a emergência de um novo significante, como "cunhã originária", traz consigo uma disputa de sentidos. O significante "cunhã", de origem tupi-guarani, significa "mulher" e aliado ao adjetivo "originária" ressoa sentidos sobre a ancestralidade indígena que é, ao mesmo tempo, exaltada e ressignificada no contexto espetacular do festival. A cunhã-poranga, tradicionalmente interpretada como a "mais bela da tribo", torna-se "originária" não apenas por uma questão estética, mas por um reposicionamento identitário que objetiva reinscrever a figura feminina em um discurso de autenticidade amazônica.

Para Orlandi (2015, p. 44), a existência da ideologia é comprovada pelo fato de não haver sentido sem interpretação, pois o seu papel é "produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com sua

condições materiais de existência”, sendo, assim, a “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”.

Como assevera Pêcheux (1997), “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”, e, nesse processo, a designação “cunhã originária” produz efeitos de sentido de autenticidade frente ao espetáculo da alteridade.

Como destaca Orlandi (2007, p.55), “o sentido não é dado de forma estável; ele está sempre em deslocamento, atravessado por contradições”. O termo “cunhã originária” ilustra essa instabilidade semântica e ao mesmo tempo em que busca valorizar a presença e a importância dos povos originários para a formação do nosso país, pode também funcionar como discurso que reforça imaginários sobre o corpo da mulher indígena, já sedimentados desde a Carta de Caminha ao Rei de Portugal, na época do “achamento” do Brasil.

3 A “Cunhã do Brasil”: deslocamento de sentidos no discurso midiático

A figura da cunhã-poranga, mulher guerreira e sensual das tribos indígenas encenadas pelos bois-bumbás, ocupa lugar de destaque nesse espetáculo, mas mais recentemente, o termo “cunhã do Brasil” passou a ser utilizado para designar a representante do boi Garantido, impulsionado pela participação de Isabele Nogueira no *Big Brother* Brasil (BBB), em 2024. Contudo, essa designação não emerge de forma neutra, mas é produzida em um espaço de atravessamentos ideológicos e midiáticos.

Dessa forma, a emergência da designação “cunhã do Brasil” pode ser lida como um desdobramento da visibilidade da personagem indígena na televisão. A entrada da cunhã-poranga do Garantido no BBB representou uma quebra simbólica, em que o corpo indígena, até então marginalizado ou estetizado em contextos nacionais, ganhou espaço em um dos maiores veículos de entretenimento do país. Isso gerou não apenas projeção individual, mas uma reconfiguração da posição discursiva da cunhã-poranga, no Festival de Parintins

Assim, o termo “cunhã do Brasil” constitui-se como uma metáfora de abrangência: a mulher amazônica torna-se representação nacional e o que antes produzia efeitos de sentidos relacionados a uma identidade regional é, agora, ressignificado no/pelo discurso midiático. Desse modo, os sentidos sobre o corpo da cunhã-poranga deslizam: de “autenticidade nacional” passa a ser significado como “palatável” para os meios de comunicação e para o mercado cultural.

Esse deslocamento de sentidos sobre a cunhã como celebridade provoca tensões, embates, disputas de sentidos e contradições, já que a exposição midiática desse corpo pode diluir os sentidos já sedimentados em nome de uma estética universalizável. Como aponta Pêcheux (1988), o discurso sempre carrega o risco do apagamento de sua memória histórica.

Ao ser nomeada como “cunhã do Brasil”, a personagem é transformada em uma representação oficializada da mulher amazônica para consumo nacional, apagando parcialmente os múltiplos sentidos que essa figura possui nos territórios originários. A “cunhã do Brasil” é, portanto, uma construção discursiva que não apenas representa uma identidade, mas a performatiza, atendendo às exigências do espetáculo, da mídia e da política de representatividade para um Brasil que, muitas vezes, desconhece os sentidos profundos da cultura amazônica.

4 EFEITOS DE FECHAMENTO

As designações “cunhã originária” e “cunhã do Brasil” nos discursos do Festival de Parintins (des)velam que mesmo ancorado na tradição, os dizeres que nele circulam sobre o corpo da cunhã-poranga estão em constante disputa e negociação. A luta por visibilidade indígena, embora carregada de potência, não escapa dos mecanismos de apropriação ideológica. Trata-se, portanto, de um funcionamento discursivo que atualiza relações de poder, reposiciona sujeitos e reconfigura memórias coletivas.

O corpo da cunhã-poranga performa a identidade amazônica, mas também a negocia, revelando as complexas tramas ideológicas que atravessam as práticas culturais contemporâneas e as disputas de sentidos que envolvem gênero, etnicidade e espetáculo.

5 REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 6. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 12ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**; tradução Eni Pulcinelli Orlandi... et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões e Deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: IEL/Unicamp, n. 19, p.7-24, jul.-dez. 1990.

LÍNGUA NACIONAL E MEMÓRIA PELO OLHAR DOS MEMBROS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Elisama GARCIA CARNEIRO
Orientador: Maria Cleci VENTURINI

Resumo: Esta pesquisa de doutorado em andamento investiga os deslocamentos no imaginário da língua nacional a partir da análise das falas dos membros da Academia Brasileira de Letras (ABL). O estudo toma como objeto de análise o documentário “Português, a língua do Brasil” (2007) em relação às recentes escolhas de membros para compor a ABL. Considera-se que a configuração atual da ABL sinaliza uma transição de perfil de “guardião da língua pura” para o de “representante” de diversidades linguístico-culturais. Sustentada teoricamente pela Análise do Discurso de orientação materialista, a investigação mobiliza as noções de memória discursiva, formação discursiva e corpo-documento para examinar as condições de produção que atravessam essa instituição. A análise preliminar evidencia uma tensão constitutiva: de um lado, a permanência de um discurso que associa língua a “segurança nacional”, atualizando a função custodial da ABL e de outro, a insurgência de corpos e vozes que encarnam memórias silenciadas e interpelam o arquivo simbólico da nacionalidade. De modo parcial, a abertura à diversidade para o convívio e a manutenção de gestos de interpretação vinculados a um projeto político, de unidade linguística, aponta para um processo de ressignificação institucional. Com isso, conclui-se previamente, em um primeiro recorte, que a ABL se configura como espaço privilegiado de observação dos embates em torno da língua nacional, onde se coloca, na atualidade, a possibilidade de identificar a língua viva que reconfigura o que se entende por português brasileiro.

Palavras-chave: Academia Brasileira de Letras; Língua nacional; Memória discursiva; Corpo-documento; Análise do discurso.

1 INTRODUÇÃO

A Academia Brasileira de Letras (ABL) é uma instituição cultural inaugurada em 20 de julho de 1897 e sediada na capital do Rio de Janeiro. Ela tem por objetivo o cultivo da língua e da literatura nacional. As sessões preparatórias começaram com Machado de Assis sendo aclamado presidente.

No que se refere à composição dos membros, de acordo com o Estatuto da ABL, “no § 1º - A Academia compõe-se de 40 membros efetivos e perpétuos, dos quais 25, pelo menos, residentes no Rio de Janeiro, e de 20 membros correspondentes estrangeiros”. Esses membros eram denominados para serem os guardiões da língua pura, que tinham por intuito preservar a língua, para que ela, por exemplo, não fosse “corrompida”, poluída com gírias. Atualmente houve uma mudança na escolha dos novos membros da ABL. Nos dias atuais já não são considerados guardiões, mas sim representantes da língua. Isso é possível notar a partir da escolha de alguns membros contemporâneos, como Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia indígena crenaque. E, mais recentemente, em novembro de 2025, foi escolhida a escritora Ana Maria Gonçalves,

primeira mulher negra a ser eleita para a ABL em 128 anos de história. Nesse sentido, a justificativa para este trabalho é que atualmente há uma mudança no perfil da escolha dos membros para a Academia Brasileira de Letras. Já não são mais os tradicionais guardiões da língua, como eram chamados antigamente, mas sim, o que se tem hoje são representantes de grupos ideológicos e etnias.

Diante disso, é relevante investigar como o funcionamento das narrativas feitas por esses representantes, membros atuais da ABL, tem mantido os gestos de interpretação vinculados a um projeto político de unidade linguística e, ao mesmo tempo, aponta para um processo de ressignificação institucional. A ABL está anunciando uma nova narrativa com a escolha desses representantes? Os integrantes anunciam uma ruptura com a regularidade no perfil de escolha de membros? Houve mudanças nos objetivos da função dos membros da ABL? São questões que pretendemos desvelar no andamento da pesquisa.

Para tal, objetiva-se mapear os depoimentos dos membros da Academia Brasileira de Letras em torno da língua no documentário “Português, a língua do Brasil”, dirigido por Nelson do Santos, em 2007, para buscar saber o que é para os ‘imortais’ a Língua Portuguesa, como eles definem a língua a ser praticada e, conseqüentemente, ensinada. Ainda, especificamente, buscar-se-á identificar quem são os novos membros da ABL; como ocorre a sustentação teórica à noção corpo-documento em relação à língua nacional enquanto patrimônio e como modo de identificação; Comparar os antigos membros aos contemporâneos.

A teoria que dará embasamento para este trabalho será a Análise de Discurso de Michel Pêcheux (1993) materialista. Pensando, a partir do objeto, em mobilizar a noção de memória que Orlandi (1996) discute, memória institucional e efeitos de memória. A noção de memória nos auxiliará na análise das falas dos membros antigos no documentário, memória institucional para compreendermos a própria Academia Brasileira de Letras em seu percurso histórico e os efeitos de sentido que produzem atualmente.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A ABL em perspectiva histórica: dos “guardiões” aos “representantes”

A Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada em 1897, não surge de um vazio histórico-ideológico. Ela se inscreve em uma longa tradição de políticas linguísticas no Brasil com um movimento contínuo de coerção e unificação em torno de uma língua que deveria forjar a identidade nacional. Portanto, a ABL assume de certa forma, desde sua origem, o papel de “guardiã” desse patrimônio linguístico unificado.

A instituição de uma língua nacional é um processo que atravessa o espaço político-social e se consolida pela institucionalização, uma vez que as políticas linguísticas estatais afetam diretamente os sujeitos e a história, estando ancoradas no político. No momento atual, diferente dos membros

antigos, o que vemos agora são novos membros com um perfil diversificado e democrático. Como já citado como exemplo, um líder indígena e uma mulher preta. Observando apenas esses dois representantes, compreende-se que eles estão ali para proteger, também, a sua própria ideologia e sua etnia, a língua dos saberes ancestrais que compõe suas cosmovisões de mundo. Acentuando a ideia de que não é uma língua unificada, formal, mas que nela há seus contrastes devido a essa mestiçagem, diferente da tradição gramatical normativa, questionando a própria noção de língua nacional como algo homogêneo. A relevância desses representantes como membros da ABL parece demonstrar um avanço na igualdade da diversidade do português brasileiro.

Com isso, podemos dizer que a língua nacional em seu estado de língua define-se na ordem simbólica, tendo em vista os acontecimentos/fatos discursivos que envolvem a identificação do sujeito, ideologicamente constituído, pelo ideário de nacionalidade linguística, produzida no funcionamento da língua, via simbólico.

A partir disso ficam reflexões e questionamentos que nos provocam a pensar sobre essas mudanças que sinalizam uma redefinição da função da ABL no século XXI: ainda se "guarda" a língua ou agora a "representa" em sua diversidade?

2.2 Metodologia: a Análise do Discurso e a noção de memória

Com Orlandi (2020), a Análise de Discurso vai tratar do discurso, nela o discurso não é transparente, mas determinado por condições históricas, ideológicas e institucionais. Ela compreende o percurso da língua no mundo, o homem falando, e os sentidos que estão sendo produzidos. Assim, nos valeremos de algumas noções da Análise de Discurso em nosso trabalho, podendo surgir outras conforme o objeto demandar. A noção de memória discursiva está relacionada às condições de produção e será mobilizada no gesto de análise da pesquisa.

A memória discursiva, de acordo com Orlandi (2020) citada por Carneiro (2024), é o saber discursivo que possibilita todo o dizer e que retorna como o pré-construído, vai sustentando cada tomada de palavra no dizer. É pelo interdiscurso que os dizeres irão afetar a forma como o sujeito significa em uma dada situação discursiva. Esses sentidos que já foram ditos por alguém, em algum momento e lugar seguem produzindo efeitos.

Como sujeitos, não temos propriedade sobre as palavras, elas significam pela história e pela língua. É uma relação primordial para entender o funcionamento do discurso e a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. É o "já-dito" que constitui e atravessa todo discurso (Orlandi, 2020). Nesse sentido, o objeto de análise deste trabalho não é só um arquivo, mas um processo de esquecimento e retomada de sentidos. Ao analisar os depoimentos feitos pelos membros antigos no documentário em análise estaremos acessando uma memória institucional específica. Essa noção de memória discursiva irá nos auxiliar a perceber quais interdiscursos estão

ressoando a partir disso, de que maneira estão ali significando e refletindo na escolha dos membros atuais.

2.3 As sequências discursivas no documentário “Português, a língua do Brasil”

Sendo o documentário “Português, a língua do Brasil” (2007) objeto de análise de nosso trabalho, nesse momento traremos, a título de demonstração de procedimento de análise, um recorte de uma fala, ou seja, uma das sequências discursivas (SD) de um dos membros entrevistados no documentário, a fim de analisar como define-se a Língua Portuguesa; Como “deve” ser a língua praticada (o que é “certo” e “errado”); e como “deve” ser o ensino da língua. Em depoimento, Marcos Vinícios Vilaça, cadeira nº 26, menciona:

SD1 - “A língua não pode ser objetiva, tem que ser um instrumento e tem que ser convvida como uma ação e não como uma contemplação. E creio que além... a língua é uma segurança nacional. É a afirmação da nacionalidade. Eu sou assim: muito categórico, nessa visão da língua. Não gosto de língua engessada. Quando a gente fala que a língua é viva, eu tô dizendo que ela também incorpora conhecimento. A internet tá trazendo para o português uma soma de expressões que têm que ser absorvidas. Não estou defendendo que não se diga mais ‘apagar’, mas admitir que deletar, conv[...] (trecho entrecortado) ou a gente faz isso ou a língua vai ficar sem juventude, não vai ter futuro. Vai acabar como língua morta, então” (Vilaça, 2007, 2:22’).

Cabe mencionar que o escritor é o primeiro a ser entrevistado no documentário. Ele foi presidente da ABL no biênio 2006/2007 e sua fala, por um lado, mobiliza um discurso progressista e dinâmico, ao enunciar: “A língua não pode ser objetiva, é um instrumento, não gosto de língua engessada, a língua é viva”. Isso caracteriza o discurso da “língua fluida” que, conforme Orlandi e Souza (1988, p. 34) afirmam, é “a que pode ser observada e reconhecida quando focalizamos os processos discursivos, através da história da constituição de formas e sentidos, tomando os textos como unidade significativas de produção”. Vilaça fala da língua como prática social, em constante transformação. Ele legitima a incorporação de uma linguagem mais globalizada, posicionando-se a favor de uma língua flexível, que dialoga com as tecnologias e as novas gerações.

2.4 O corpo-documento e a memória institucional: uma análise comparativa

Em se tratando da noção de corpo-documento Venturini (2017), analisamos os membros antigos no documentário como encarnação da memória institucional da ABL. Suas falas e suas próprias figuras públicas

documentam um certo projeto de nação e de língua. Assim, queremos compreender o que mudou comparando o discurso dos guardiões que seguiremos analisando na sessão 3, com o que os novos membros representam. Por exemplo, o corpo-documento de Ailton Krenak, líder indígena, evoca uma memória muito mais antiga e apagada da língua e do Brasil. Ele é um documento vivo, de resistência. Já o corpo-documento de Ana Maria Gonçalves, mulher negra, evoca a memória da diáspora e da luta por representação. Ela documenta, em sua trajetória e obra, as fissuras do projeto de uma única nação defendido pelos guardiões (membros antigos). A ABL, ao eleger esses novos membros, não está apenas mudando o perfil, mas convocando outras memórias para si. Está produzindo um “efeito de memória” que tensiona e ressignifica sua própria história, deslocando o sentido de “guardar a língua” de uma preservação estática para uma representação dinâmica e plural.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preliminarmente falando, a ABL aparenta ser um espaço de tensão entre permanência e mudança no imaginário da língua nacional. Há uma formação discursiva que, ao incorporar inovações linguísticas, ainda parece manter a função da língua como símbolo nacional. Ainda assim, a escolha de novos membros parece introduzir um rompimento significativo nesse quadro. Pois, corporificam memórias silenciadas que acabam por questionar a noção de unidade linguística e desestabilizam narrativas homogêneas, pois esses novos imortais trazem consigo a materialidade de experiências linguísticas e culturais.

Assim, a ABL, por um lado, parece manter viva sua vocação tradicional de guardiã, por outro, parece ser confrontada com a insurgência de vozes que demandam o reconhecimento da heterogeneidade constitutiva do português brasileiro. Assim, o que está em questão, a nosso ver, é a própria reconfiguração do arquivo simbólico da nacionalidade.

Pretendemos, futuramente, seguir analisando os desdobramentos desses tensionamentos, buscando investigar como a convivência entre essas diferentes memórias ressignificam tanto o papel da Academia Brasileira de Letras quanto aquilo que compreendemos por língua nacional brasileira.

4 REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Quem somos.** Disponível em: <https://www.academia.org.br/academia/quem-somos>. Acesso em: 24 nov. 2025.

CARNEIRO, Elisama Garcia. **As sobras discursivas da dissertação no vestibular.** 2024. 131 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PLLC0975-D.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni P.; SOUZA, Tânia C. C. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Política linguística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1988. p. 27-40.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69) – parte I e II. In: CADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 61-161. (Coleção Repertórios).

SANTOS, Nelson. Português, a língua do Brasil. Direção: Nelson Santos. Produção: [Fora do Ar](https://www.youtube.com/watch?v=-bbT7QmdNSE), 2007. 1 vídeo (1h10'53). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-bbT7QmdNSE>. Acesso em: 24 nov. 2025.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus e espaços públicos no encontro/desencontro da memória histórica e do corpo-memória/corpo-documento. In: VENTURINI, Maria Cleci (Org.). **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso**. Campinas: Pontes, 2017. p. 51-70.

VARIAÇÃO, MUDANÇA LINGUÍSTICA E RELAÇÕES SINTÁTICAS DO SINTAGMA ADJETIVAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Everaldo BAIL

Orientador: Prof.^º Loremi LOREGIAN-PENKAL

Resumo: O presente trabalho aborda a variação e a mudança linguística nas relações sintáticas do Sintagma Adjetival (SA) no Português Brasileiro (PB), problematizando a necessidade de superar a visão meramente normativa no ensino da língua. O objetivo geral é analisar como a variação se manifesta nas relações morfológicas e sintáticas do SA, e de que forma essa perspectiva é refletida nos materiais didáticos. A sustentação teórica primordial é a Sociolinguística Variacionista (SV) de William Labov, que concebe a variação como inerente ao sistema e o *locus* da mudança linguística, tratando o PB como um *continuum* heterogêneo. Metodologicamente, o estudo original realizou uma análise de conteúdo em livros didáticos de Português do Ensino Médio, examinando o tratamento dado à classe do Adjetivo, suas funções sintáticas (atributiva no SN e predicativa no SV), e a variação de grau. Os resultados alcançados indicam que os materiais didáticos analisados abordam a variação e a adequação linguísticas de forma coerente e pertinente com os pressupostos sociolinguísticos. Conclui-se que o estudo do SA sob a ótica da SV é fundamental para uma educação linguística que valorize a diversidade e a realidade da língua em uso.

Palavras-Chave: Sociolinguística Variacionista; Sintagma Adjetival; Adjetivo; Mudança Linguística; Variação Linguística.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar um resumo expandido da dissertação intitulada originalmente “Linguagem, cultura e variação: a abordagem dos adjetivos nos livros didáticos do Ensino Médio”, buscando reorientar o foco principal sob o novo título Variação, Mudança Linguística e Relações Sintáticas do Sintagma Adjetival no Português Brasileiro. O estudo original, fundamentado na Sociolinguística Variacionista, dedicou-se a descrever e analisar como os fenômenos de variação linguística e a classe de palavras dos adjetivos são abordados em livros didáticos de Português do Ensino Médio.

A relevância deste tema reside na necessidade de se promover uma reflexão atualizada sobre a língua em uso no contexto do Português Brasileiro (PB), superando a tradição meramente normativa e prescritiva, o que implica reconhecer a variação como inerente ao sistema linguístico. Para tanto, a pesquisa estabelece um elo entre a Teoria da Variação e Mudança Linguística e o tratamento dado à categoria do Adjetivo, essencialmente por este constituir o núcleo do Sintagma Adjetival (SA), que, por sua vez, estabelece relações sintáticas importantes nos enunciados, funcionando como modificador no Sintagma Nominal (SN) ou como predicativo no Sintagma Verbal (SV).

O objetivo geral é analisar, a partir dos pressupostos teóricos e achados da dissertação, como a variação e a mudança linguística se manifestam nas relações sintáticas e morfológicas do Sintagma Adjetal (SA) no PB, e de que forma essa perspectiva é refletida no material didático.

Os objetivos específicos abrangem: (i) examinar os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística; (ii) analisar o tratamento dos conceitos de variação e adequação linguísticas ; e (iii) avaliar o enfoque da classificação, flexão e variação de grau dos adjetivos sob uma ótica sociolinguística. A estrutura do resumo expandido acompanha esta trilha, iniciando pela fundamentação teórica, prosseguindo com a discussão sobre as relações sintáticas do adjetivo, e concluindo com as considerações finais sobre a abordagem do fenômeno no ensino.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Fundamentação teórica: Variação e Mudança Linguística no PB

A sustentação teórica primordial da pesquisa é a Sociolinguística Variacionista (SV), cuja fundação é notavelmente associada aos trabalhos pioneiros de William Labov na década de 60, com a publicação de *Padrões Sociolinguísticos*. Este arcabouço teórico representou um marco metodológico ao introduzir a análise da língua em uso em seu contexto social real, permitindo a investigação sistemática e quantitativa da heterogeneidade linguística e, conseqüentemente, das causas da mudança linguística.

O grande avanço da SV foi a introdução do conceito de Variável Linguística, que é o conjunto de duas ou mais formas de dizer a mesma coisa, sem alteração de valor de verdade. A metodologia laboviana exige que o pesquisador deve dar conta de todas as ocorrências possíveis da variável no *corpus* de fala, permitindo que a variação seja vista não como erro ou desvio, mas como uma estrutura ordenada e condicionada. Essa ordenação é regida por fatores linguísticos (como o contexto sintático e fonológico) e extralinguísticos (como idade, sexo, escolaridade e classe social).

A Teoria da Variação e Mudança Linguística possibilita a compreensão do Português Brasileiro (PB) não como um sistema monolítico e estável, mas como um *continuum* de variedades em constante transformação. A variação é tratada como um aspecto inerente e normal da língua, sendo o *locus* da mudança linguística. Em termos pronominais, a variação é um fenômeno sincrônico (presente no momento do uso), enquanto a mudança é o processo diacrônico (ao longo do tempo) resultante da adoção, pela comunidade de fala, de uma das formas variáveis.

A dissertação estabelece um panorama da evolução dos estudos da linguagem que passa pela fundação da Linguística Moderna por Saussure, que, ao postular a dicotomia *Língua/Fala*, excluiu a fala e sua variação do escopo principal da linguística estrutural. O surgimento dos estudos sociolinguísticos, portanto, atua como uma correção epistemológica a essa

perspectiva, reintegrando a heterogeneidade da fala e o social como parte intrínseca do sistema linguístico. Este percurso histórico justifica a necessidade de uma análise do PB que vá além do modelo estritamente normativo e prescritivo, dedicando-se a descrever a realidade do idioma e a forma como a variação se manifesta em todas as suas classes, como é o caso do Adjetivo.

2.2 O adjetivo e as relações sintáticas no sintagma

A classe dos adjetivos é central no estudo das relações sintáticas e da variação no PB. O adjetivo, como núcleo potencial do Sintagma Adjetival (SA), desempenha papéis essenciais na modificação de substantivos. A dissertação recorre à revisão de literatura específica, analisando o tratamento do adjetivo em diferentes quadros gramaticais, incluindo gramáticas de cunho descritivo (Azeredo, Castilho, Bagno) que se alinham com a perspectiva sociolinguística.

O estudo das relações sintáticas do adjetivo no PB é abordado indiretamente ao se discutir sua função. Segundo os critérios sintáticos considerados, o adjetivo é identificado pelas expressões que:

- Ocorrem na função atributiva, sendo constituintes do sintagma nominal (SN) (ex: *um livro caro*).
- Ocorrem na função predicativa, sendo constituintes do sintagma verbal (SV) (ex: *o livro é caro*).
- Podem ser pré-modificados pelo intensificador *muito* (ex: *um livro muito caro*).
- Podem assumir formas comparativas e superlativas (ex: *livro mais caro*, *livro caríssimo*).

A inclusão da análise de gramáticas descritivas que abordam o conceito de sintagma (nominal, no caso) é um diferencial do trabalho. O sintagma nominal tem o substantivo como núcleo, ao qual o adjetivo se subordina, concordando em gênero e número.

2.3 Variação e flexão do adjetivo no PB: ênfase nos graus

A variação de grau dos adjetivos representa um ponto focal que demonstra a coexistência de formas na língua e a reflexão sobre a mudança linguística. A pesquisa aponta que a abordagem sociolinguística deve promover uma reflexão sobre o emprego do adjetivo em um determinado grau e seu impacto no sentido do enunciado.

A análise nos livros didáticos selecionados – “*Se liga na língua*” (Ormundo e Siniscalchi, 2016) e “*Novas Palavras*” (Amaral *et al.*, 2016) – demonstrou que a perspectiva sociolinguística é aplicada com pertinência e coerência. Os materiais exploram: a) os conceitos de variação e adequação linguísticas; b) a flexão em gênero e número do adjetivo; e c) a variação de grau.

Houve, inclusive, a observação da coexistência de formas sintéticas e analíticas para o grau comparativo e superlativo. Um ponto de discussão é a distinção entre flexão e derivação no grau do adjetivo, como o superlativo absoluto sintético (ex: *caríssimo*), que alguns autores tratam como derivação (acréscimo de sufixo). Os livros didáticos analisados, ao tratarem do uso de sufixos aumentativos e diminutivos nos adjetivos (ex: *bonitão*), posicionam-se implicitamente em uma ótica derivacional, alinhando-se a linguistas que distinguem o processo derivacional do flexional. Tais aspectos evidenciam que a análise da classe e do Sintagma Adjetival deve incorporar a dinâmica da língua viva, ultrapassando o foco estrito na morfologia tradicional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso analítico, baseado nos resultados específicos obtidos na dissertação, confirma a importância da Sociolinguística Variacionista como matriz teórica fundamental para a descrição da língua portuguesa no Brasil, especialmente no que tange às relações sintáticas e à variação do adjetivo. A pesquisa demonstrou que os materiais didáticos de Português do Ensino Médio analisados, ao abordarem a variação linguística, fazem-no de maneira coerente com os pressupostos teóricos da área, tratando adequadamente a variação e a adequação linguísticas.

Em relação ao Sintagma Adjetival (SA) e seus constituintes, a análise reforça que uma abordagem linguística consistente deve promover uma reflexão sobre a língua em uso, em vez de se limitar à memorização de listas, locuções adjetivas e nomenclaturas descontextualizadas. A discussão sobre as funções sintáticas do adjetivo (atributiva no SN e predicativa no SV) e a análise da variação de grau (incluindo a coexistência de formas) atestam que a aplicação da perspectiva sociolinguística é pertinente e necessária. Conclui-se que o estudo das relações sintáticas do Sintagma Adjetival no Português Brasileiro, quando pautado nos conceitos de variação e mudança linguística, contribui significativamente para o aperfeiçoamento e o crescimento profissional dos docentes, e para a construção de uma educação linguística que valoriza a diversidade e a realidade da língua falada pelos estudantes.

4 REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília; PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do; LEITE, Ricardo Silva; BARBOSA, Severino Antônio Moreira. **Novas Palavras 1^o ano**. 3. ed. São Paulo: FTD, 2016, vol. 1.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014 [2008].
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2016, vol. 1 e 2.

RELAÇÕES AXIO(DIA)LÓGICAS E LEITURA NA PERSPECTIVA DE LICENCIANDOS DE PEDAGOGIA

Fabiane Santos Eisele ZILIO

Orientadora: Cristiane Malinoski Pianaro ANGELO

Resumo: O projeto tem como objetivo compreender como as axiologias sociais, que envolvem o contexto extraverbal, a entonação valorativa e os juízos de valor, postulados pelo dialogismo de Bakhtin e do Círculo, são mobilizadas em atividades de leitura destinadas aos anos iniciais do ensino fundamental e produzidas por licenciandos de Pedagogia. Assim, busca-se contribuir para a ampliação da consciência socioideológica do acadêmico em formação, a permitir-lhe autonomia social na elaboração de um percurso metodológico de atividades que desenvolva competências e habilidades (Brasil, 2017) na abordagem da leitura em situação de ensino. A pesquisa é sustentada sob o prisma do dialogismo dos teóricos do Círculo, (Bakhtin, 2011, 2015, 2016; Medviédev, 2016, 2019; Volóchinov, 2017, 2019, 2021), dos estudos do campo da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2013) a respeito da leitura dialética e dialógica (Rojo, 2004; Menegassi *et al.* 2021, 2022, 2023, 2025; Bezerra, 2020; Angelo, 2024). No plano metodológico, trata-se de um estudo ancorado no paradigma da pesquisa qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008), que se vale da pesquisa-ação (Thiollent, 2011) com viés etnográfico (Hammersley; Atkinson, 2022) para investigar, refletir, mediar, interpretar e provocar o debate e a compreensão sobre as axiologias sociais constitutivas dos sentidos que emergem dos enunciados concretos em práticas de leitura em situação de ensino.

Palavras-chave: Axiologias Sociais; Leitura; Pesquisa-ação; Formação inicial; Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

Compreendemos que o sujeito é inconcluso, constituído social e dialogicamente nas/pelas interações discursivas, mediadas pelos signos, por meio das quais amplia e reorganiza sua consciência individual (Volóchinov, 2021), firmando-se axiologicamente (Bakhtin, 2011) a partir das relações e experiências sociais permeadas pelas axiologias sociais, a saber: o contexto extraverbal, a entonação valorativa e os juízos de valor.

Nesse percurso, a consciência dos sujeitos dialoga num contínuo jogo de valorações refletidas e refratadas em consonância ao contexto, à situação social e à posição ocupada pelo sujeito na enunciação. Isso corrobora para a construção dos sentidos ideológicos, pois viver é “ocupar uma posição axiológica” (Bakhtin, 2011, p.174).

Então, a linguagem/língua, como fenômeno ideológico por natureza, constitui-se nos atos enunciativos permeados por valorações. Assim, compreendemos que a leitura não é uma prática neutra, trata-se de um ato responsivo que mobiliza e ressignifica as relações dialógicas, as quais são atravessadas por posições ideológicas (Angelo; Menegassi, 2022a). Diante disso, o contato entre o “eu” e o “nós” envolve a mobilização de respostas

ativas (Bakhtin, 2011) que emana por parte do leitor/ouvinte a responsividade avaliativa, ou ainda, os seus juízos de valor.

Nessa indissociabilidade entre linguagem e valor nas relações dialógicas, o sujeito expressa-se a partir dos elementos axiológicos da linguagem (Bakhtin, 2011), visto que “(...) em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (Volóchinov, 2021, p. 236). Nisso, destaca-se nessa pesquisa, as **axiologias sociais**, indissociáveis à produção de sentidos valorados, tanto do leitor quanto do locutor na enunciação.

Diante disso, entendemos que as **axiologias sociais** são o conjunto de valores historicamente construídos e compartilhados por grupos sociais que orientam o modo como os sujeitos percebem e avaliam os discursos, comportamentos, a cultura, os sentidos nas enunciações.

Assim, a comungar que na leitura dialógica (Zilio, 2022) todo discurso é uma resposta a outros discursos vivos e axiológicos, enquanto coprodução de sentidos entre leitor-texto-autor, entendemos ser fundamental **compreender os sentidos e significações** construídos por licenciandos de Pedagogia envolvendo o trabalho com a prática de leitura em contexto de ensino, uma vez que “os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência” (Bakhtin, 2011, p.341).

Ademais, investigar, mediar, interpretar e produzir compreensões acerca da manifestação das axiologias sociais em produção de atividades de leitura pelos licenciandos de Pedagogia, visa possibilitar um processo de transformação orientado à emancipação crítica, tendo em vista que “da inconclusão do ser que se sabe inconcluso” (Freire, 1996, p.57), o acadêmico amplia a sua consciência socioideológica às novas refrações nas e pelas relações dialógicas.

Sendo assim, a presente pesquisa intenta produzir compreensões sobre os sentidos e significações sobre as axiologias sociais reverberados pelos licenciandos de Pedagogia na produção de atividades de leitura aos anos iniciais do ensino fundamental.

2 DESENVOLVIMENTO

Pelos vieses dialógicos do Círculo, o sujeito constitui-se na multiplicidade das interações dialógicas que emergem das práticas sociais discursivas. Essas relações, permeadas por ideologias e contextos socio-históricos, emanam dos falantes a sua responsividade a possibilitar a vivência da língua/linguagem enquanto fenômeno social.

Nesse confronto de vozes sociais, cada enunciado expressa e faz emergir posicionamento ideológico (Bakhtin, 2011). Em outras palavras, todo sujeito, em diálogo com a língua/linguagem, seja ela oral, escrita ou

multimodal, confronta com ideologias marcadas e responde ativamente aos valores que perpassam pelos enunciados.

Assim, cada enunciado, enquanto unidade viva nas interações discursivas, reflete e refrata a natureza ativa responsiva (Zilio, 2022) no uso da/na linguagem a carregar as valorações na enunciação entre o “eu” e o “outro”. Diante disso, a pesquisa fundamenta-se na concepção dialógica da linguagem dos estudiosos do Círculo (Bakhtin, 2011, 2015, 2016; Medviédév, 2016, 2019; Volóchinov, 2017, 2019, 2021), o que implica ressaltar a natureza social, histórica, dialógica e valorativa da língua.

Quanto ao percurso metodológico, a pesquisa, em consonância com a Linguística Aplicada (Moita-Lopes, 2013) a respeito da leitura dialética e dialógica (Rojo, 2004; Angelo, 2024), desenvolve-se a partir da pesquisa qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008), caracterizando-se como pesquisa-ação (Thiollent, 2011) com viés etnográfico (Hammersley; Atkinson, 2022).

Para esses autores, a pesquisa etnográfica possibilita o envolvimento do pesquisador no cotidiano dos participantes com fins de desenvolver o entendimento de suas práticas sociais, por meio da interação, observação e análises documentais. Nesse sentido, intentamos produzir compreensões sobre os sentidos e significações reverberados pelos licenciandos de Pedagogia na produção de atividades de leitura ao Ensino Fundamental a partir das axiologias sociais o que corrobora à produção de sentidos manifestados nos discursos sociais.

Pensando nisso, o percurso metodológico desenvolvido encontra-se sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1 – Síntese dos elementos e dos recursos metodológicos da pesquisa

Sujeitos da Pesquisa	Constituem-se como sujeitos da pesquisa: 1) a pesquisadora: professora da rede pública de ensino do estado do Paraná, pedagoga e mestre em Letras, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. 2) licenciandos em Pedagogia do 3º e 4º períodos do curso.
Etapas da pesquisa	1ª Etapa da Pesquisa – Autorizações a) Contato, negociação e autorização junto a uma instituição de Ensino Superior da rede privada do estado do Paraná. b) Submissão e aprovação do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Estadual do Centro-Oeste. c) Apresentação da proposta aos licenciandos de Pedagogia. d) Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes da pesquisa. 2ª Etapa da Pesquisa – Coleta de dados da pesquisa Parte 1 - Registros oriundos de um curso formativo ofertado aos licenciandos de Pedagogia participantes da pesquisa. Isso se fará necessário para a discussão dos seguintes tópicos: a) o contexto extraverbal do enunciado; b) entonações valorativas; c) juízos de valor; d) leitura dialógica; e) práticas de elaboração de atividades

	de leitura a partir dos gêneros conto e/ou crônica, com ênfase nos conceitos trabalhados; 3ª Etapa da Pesquisa - Organização, seleção e análise dos dados
Constituição do corpus	(1) Dados coletados, tais como respostas interpretativas escritas, transcrições de fala, gravações de áudio, a partir do curso formativo com foco nos enunciados concretos de leitura trabalhados, a envolver os sentidos e significações sobre as axiologias sociais pelos licenciandos em formação. (2) Atividades de leitura elaboradas pelos licenciandos de Pedagogia.
Procedimentos de análise	(1) Seleção dos dados e das atividades de leitura elaboradas pelos licenciandos a serem analisadas, com foco nos objetivos específicos. (2) Caracterização das axiologias nas práticas de leitura elaboradas pelos licenciandos ao Ensino Fundamental- Anos Iniciais.

Fonte: a autora (2025).

As etapas desenvolvidas na pesquisa correlacionam-se com as perguntas e os objetivos da pesquisa, podendo assim ser sintetizadas:

Quadro 2: Etapas, perguntas e objetivos da pesquisa

Etapas	Pergunta	Objetivos específicos da pesquisa
Parte 1 - Coleta de dados iniciais	Quais sentidos e significações são mobilizados pelos licenciandos de Pedagogia em atividades de leitura envolvendo as axiologias sociais?	Verificar como os elementos axiológicos da linguagem são reverberados em práticas de leitura pelos licenciandos.
Parte 2 - Formações dialógicas com os licenciandos para discussão dos seguintes tópicos: a) contexto extraverbal do enunciado; b) entonações valorativas; c) juízos de valor; d) leitura dialógica; e) práticas de elaboração de atividades de leitura, com ênfase nos conceitos trabalhados.	Como se dá a compreensão dos elementos axiológicos da linguagem pelos licenciandos de Pedagogia a partir da discussão de excertos teóricos e de práticas de leitura compartilhada entre acadêmicos e pesquisadora?	Analisar e interpretar os sentidos e significações reverberados pelos acadêmicos na elaboração de atividades de leitura que levem em conta os elementos axiológicos da linguagem.
Parte 3 - Dados coletados a partir dos encontros formativos quanto à elaboração das atividades de leitura para o trabalho no	Como os elementos axiológicos da linguagem são mobilizados nas práticas de leitura após as formações dialógicas?	Caracterizar quais são os sentidos e significações sobre axiologias sociais mobilizados nas práticas de elaboração de leitura pelos licenciandos,

Ensino Fundamental- Anos Iniciais.		posteriormente aos encontros formativos.
---------------------------------------	--	---

Fonte: a autora (2025).

A partir dessas etapas, intentamos desenvolver e aprofundar os conhecimentos científicos, teóricos e práticos, no que condiz às relações axio(dia)lógicas e leitura na perspectiva de licenciandos de Pedagogia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almeja-se que a pesquisa amplie o entendimento acerca dos elementos axiológicos da linguagem, a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, assim como favoreça uma melhor compreensão de como esses elementos podem ser mobilizados e ressignificados em contexto de ensino, com fins de propiciar os princípios dialógicos da leitura na formação de leitores responsivos e ativos junto às demandas sociais que envolvem essa prática.

4 REFERÊNCIAS

ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J. **Conceitos de leitura e ensino de língua**. In: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. (org.). *Leitura e Ensino de Língua*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b, p. 13-84.

ANGELO, C. M. P. **Concepções de escrita e emancipação humana**. In: ANGELO, C. M. P.; BERTO, J. C. B.; GONÇALVES, M. (org.). *Dialogismo: práticas de linguagem e emancipação*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.). **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEZERRA, J. C. dos S. **A entonação valorativa em livros didáticos de Português dos anos finais do Ensino Fundamental**. 2020. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2020.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografia: princípios em prática**. 3. ed. Tradução de Alberto E. K. Dantas. Petrópolis: Vozes, 2009.

MENEGASSI, R. J. **Entonação valorativa em palavra escrita**. *Diálogo das Letras*, v. 11, n. 1, p. 115-135, 2022.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a umapoética sociológica**. Tradução: Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2016.

MOITA LOPES, L. P. **Linguística Aplicada como um campo in/disciplinar: tensões e possibilidades**. In: SIGNORINI, I.; MOITA LOPES, L. P. (orgs.). *Linguística Aplicada em movimento*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 43-68.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004. Disponível em: < https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/roxane_rojo.pdf >. Acesso em: 05 Ago 2025.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2022.

VOLOCHÍNOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 (1ª Edição).

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

ZILIO, F. S. E. **Elementos axiológicos da linguagem na prática de leitura em contexto do Programa Mais Aprendizagem**. 2022. 123 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava.

Telas, cliques e toques: a produção textual em tempos de Plataformização e IA. Análise sob a ótica da Psicolinguística.

Jailton Gonçalves PRATES

Orientadora: Dra. Luciane BARETTA

Resumo: Este projeto de pesquisa em nível de doutorado tem como foco a análise da produção textual de alunos do Ensino Fundamental, com fulcro na Psicolinguística. Ler e escrever são duas atividades imprescindíveis para se viver em sociedade. A escrita, atualmente, é fortemente impactada pela tecnologia e, principalmente, pela IA (Inteligência Artificial). Diante desse cenário, é nosso escopo analisar como os alunos produzem seus textos em sala de aula, ou seja, quais estratégias cognitivas eles utilizam para a consecução dessa tarefa por meio da utilização da plataforma Redação PR, bem como o tipo de narrador que eles inserem em seu texto, por meio dos marcadores discursivos. Para a realização desta pesquisa, será aplicado um questionário de autorreflexão sobre o processo de escrita, fundamentado nos modelos teóricos de produção textual propostos por Flower e Hayes (1980), Eden e Eshet-Alkalai (2013) e Rodrigues e Barcellos (2022) e uma entrevista semiestruturada sobre a percepção e experiência acerca do uso de Ferramentas de IA na produção textual, bem como a análise dos textos por eles produzidos.

Palavras-Chave: Escrita; Psicolinguística; Planejamento; Revisão.

1 INTRODUÇÃO

A vida em sociedade requer, além de organização, comunicação. Desde os primeiros resquícios organizacionais do homem em sociedade, nota-se o seu desejo de se comunicar, seja através da oralidade, dos símbolos ou das pinturas em cavernas. Nesse universo da comunicação humana há um divisor de águas: a escrita.

A escrita é um processo que possui muitos mecanismos, competências e habilidades complexas, envolvendo, por exemplo, questões pertinentes à memória, aos conhecimentos linguísticos e à cognição. É a construção e o desenvolvimento de ideias num processo (Flower; Hayes, 1980; Rodrigues; Mota; Macedo, 2023).

Durante o processo de escrita o autor precisa valer-se do conhecimento armazenado em sua memória de longo prazo, bem como o planejamento, a tradução (colocar as ideias numa linguagem visível), a revisão e o monitoramento (Flower, Hayes, 1980; Mourão Jr. e Faria, 2015).

Escrever, portanto, exige vários processos, mas o principal deles é a geração de ideias e a sua ordenação lógica. A escrita é atividade complexa (Dehaene, 2012; Rodrigues; Mota; Macedo, 2023), que está presente em vários domínios e âmbitos da nossa vida social. Escrever pode parecer caótico, mas segue padrões de coesão e de coerência que estão

subjacentes em nosso cérebro. Estamos, pois, sempre planejando, traduzindo e escrevendo, mas não necessariamente nessa ordem.

Nesse processo de escrita, a memória tem papel ímpar, pois é nela que o escritor acessa e organiza o conhecimento prévio que servirá de suporte para as várias construções textuais que fará. Tendo por base esse acervo cognitivo e linguístico, o escritor interpreta, pensa esquemas, seleciona conteúdos e vocábulos para escrever, o que demonstra que ele faz um diálogo constante entre memória, planejamento, tradução, revisão e monitoramento.

Urge, pois, pesquisar as estratégias que o aluno utiliza para a sua produção textual, uma vez que a escrita é aprendida e aprimorada na escola e propicia a esse sujeito a sua inserção ativa na sociedade. Com a difusão rápida e o avanço das ferramentas de Inteligência Artificial o ato de escrever se reconfigura, pois tais ferramentas interferem nesse processo e em suas etapas, uma vez que auxiliam a gerar ideias, revisar textos, sugerir expressões e vocabulário. O uso dessas ferramentas apresenta novas possibilidades, bem como novos desafios (autoria, autonomia do pensamento crítico), despertando, assim, novas frentes de pesquisa e investigação.

Nesse sentido, é nosso intuito investigar de que forma os alunos do Ensino Fundamental planejam, organizam, produzem e revisam textos no suporte digital, especificamente na plataforma Redação PR, considerando os processos cognitivos e linguísticos que compõem a escrita e a influência da Inteligência Artificial no ato de escrever. Para atingir esse propósito, a pesquisa propõe-se investigar se os estudantes mobilizam os processos cognitivos envolvidos na produção textual (planejamento, tradução, revisão e monitoramento) e de que forma utilizam ferramentas de Inteligência Artificial por meio da aplicação de um questionário avaliativo (GoogleForms) e de entrevista semiestruturada, bem como o tipo de narrador que eles inserem em seu texto, por meio dos marcadores discursivos. O questionário versará sobre os processos de escrita, ao passo que a entrevista abordará o uso das ferramentas tecnológicas, especificamente a IA.

2 ENTRE IDEIAS E TEXTO: A ARQUITETURA DO PROCESSO DE ESCRITA

A escrita, formidável invenção humana, é relativamente nova, pois enquanto sistema, ela surge por volta de 3.500 mil anos a.C. quando os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme (Wolf, 2024). O sistema de escrita cuneiforme trazia em sua gênese os desenhos, ou seja, os pictogramas, mas logo cedeu lugar à representação de sons. “Os símbolos rapidamente se afastaram de sua natureza pictográfica, aproximando-se muito mais de um aspecto logográfico e abstrato” (Wolf, 2024, p.57). Das tabuletas de argila dos povos da Suméria passamos pelo ostraco, papiros, pergaminhos, cadernos e cadernetas, máquinas de datilografar e chegamos, enfim, às telas do computador.

A escrita nasce da necessidade de comunicação do homem em sociedade e com vistas à organização do comércio (Wolf 2024); com ela

temos a possibilidade da manutenção de registros, sejam eles pessoais, históricos, científicos ou comerciais. Nesse sentido, a escrita é uma prática social, que é exercida numa comunidade de leitura e escrita, (Rodrigues; Barcellos, 2022). Para escrever, precisamos da leitura e o envolvimento numa comunidade de escrita. Além disso, a escrita envolve uma série de fatores, tais como: sociais, psicológicos, biológicos, físicos, neurológicos e ambientais (o espaço que utilizamos para escrever ou aquele que nos circunda).

Tanto a leitura quanto a escrita são atividades complexas (Dehaene, 2012; Morais, Kolinsky, 2015; Wolf, 2024). O nosso cérebro não estava preparado para essas atividades, mas se adaptou ao ato de ler e de escrever. Dominar a escrita, portanto, é requisito básico para a interação do sujeito na comunidade humana, uma vez que com ela pode-se interagir no campo familiar, social, religioso, econômico e profissional. Nos últimos anos, a linguagem, que é dinâmica, acompanhou a rapidez e o dinamismo da tecnologia, em especial no que concerne às mídias digitais. Hoje, essas mídias fazem parte da nossa vida e influenciam o nosso *modus operandi*, isto é, o nosso modo de pensar, de agir, de consumir, de pesquisar e de escrever.

O ato de escrever aparentemente parece algo simples e mecânico, mas, na verdade, é um processo cognitivo que possui muitos mecanismos e habilidades altamente complexas, envolvendo, por exemplo, questões pertinentes à linguística cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural (Koch e Elias, 2011). É a construção e o desenvolvimento de ideias num processo (Flower; Hayes, 1980). Logo, não se pode pensar a sociedade sem a leitura e a escrita. Escrever é, portanto, uma atividade múltipla que exige leitura e conhecimentos linguísticos, técnicos, organizacionais (Rodrigues; Mota; Macedo, 2023, p.4), bem como conhecimentos (básicos) sobre o gênero textual que será utilizado para produzir a mensagem.

Nesse cenário social e educacional a Psicolinguística experimental é uma parceira essencial que dialoga com o processo de ensino-aprendizagem, pois pensar linguisticamente é pensar educacionalmente (Rodrigues; Mota; Macedo, 2023). O processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que concerne aos processos de escrita e leitura requerem conhecimento e análise daquilo que acontece quando se ensina (Wolf, 2024). Com base no modelo proposto por Flower e Hayes (1980) sabe-se que o ato de escrever envolve três elementos fundamentais: o ambiente da tarefa, a memória de longo prazo e os processos de escritas. Discorreremos acerca desses elementos, de forma sucinta, nas linhas subsequentes.

O ambiente da tarefa, para Flower e Hayes (1980), diz respeito a tudo aquilo que está fora da mente do autor e que acaba por influenciar a sua escrita (e o seu o contexto imediato). Há dois elementos que são peças fundamentais neste ambiente. O primeiro é o problema retórico, ou seja, aquilo que o escritor se propõe a solucionar por meio da escrita. Além de tentar achar uma solução plausível para o problema proposto, o escritor precisa inserir nesse item os seus objetivos e as suas percepções. O segundo elemento é o texto escrito em si. Ao escrever, aciona-se o conhecimento guardado na memória, especificamente a memória de longo prazo. O escritor precisa saber

lidar com restrições, ou seja, equilibrar a solução para o problema retórico com as sentenças a serem utilizadas. É uma espécie de *feedback* contínuo, onde o escritor, lê, relê e avalia aquilo que está produzindo.

O segundo elemento para o ato de escrever é a memória de longo prazo, que é uma espécie de depósito de conhecimentos sobre o tema e o público (Flower e Hayes, 1980; Morais e Kolinsky, 2015). Em outras palavras, a memória de longo prazo é uma central logística que armazena o nosso conhecimento prévio, lexical, histórico e as experiências que nos marcam, sejam elas positivas ou negativas, e nos ajudam a ler os significados fazendo com que os diversos textos e discursos sejam legíveis e interpretáveis (Izquierdo, 2010; Mourão e Faria, 2015).

Por fim, escrever envolve o planejamento, a tradução e a revisão. O planejamento, para Flower e Hayes (1980), é a representação interna do conhecimento que será usado no ato de escrever (Qual a ordem dos tópicos? Quais são as ideias mais importantes? Que padrão de escrita dever ser usado?). Todavia, o processo mais importante de todos é o ato de gerar ideias, essencial para a escrita. A tradução, por sua vez, não tem o significado usual, aludindo ao ato de colocar as ideias numa linguagem visível. As informações geradas no planejamento se traduzem, assim, em linguagem. Por fim, a revisão é o ato de reler o que se escreveu com o intuito de continuar a tradução das ideias, num processo cíclico. Nesse sentido, além de ensinar a escrever é urgente ensinar a revisar (Rodrigues; Barcellos, 2022).

Diante do exposto, investigar como ocorre a produção textual no Ensino Fundamental, levando em conta os processos cognitivos, o uso e a influência das ferramentas tecnológicas é uma tarefa urgente e necessária, pois é nessa etapa educacional que se consolidam as bases cognitivas e linguísticas e os alunos aprender a produzir textos com intenção comunicativa, pois o aluno precisa aprender a escrever de forma autônoma, organizando as ideias que se materializam em texto.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar não é concluir, determinar ou apresentar conceitos, mas sim investigar e buscar respostas para determinadas perguntas que teimam em povoar a nossa mente. A nossa pesquisa está em construção e, nesse sentido, tem como meta investigar algumas sendas que saltam à baila no âmbito escolar.

Nesse percurso de investigação acadêmica é nosso intuito investigar como os alunos mobilizam as etapas de planejamento, tradução e revisão no processo de escrita, verificando se essas etapas são práticas constantes e sistemáticas no processo. Um segundo ponto que merece nossa atenção é se o aluno compreende o que é um foco narrativo, fazendo a sua construção e manutenção de forma consistente no texto. Por fim, a pesquisa tem por intuito investigar o papel das ferramentas tecnológicas, especificamente a IA. Ao utilizar a IA, esta funciona como um elemento agregador, auxiliando na organização, revisão e aprimoramento da escrita ou funciona como elemento

de dependência? Sabemos que a IA é uma ferramenta que pode modificar a forma de escrita, logo, ela pode ser utilizada sem mediação? A inserção no mundo digital nem sempre é garantia de familiaridade com os processos de escrita, por isso discutir o uso dessa ferramenta, que se popularizou nos últimos anos, é fundamental.

4 REFERÊNCIAS

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Porto Alegre-RS: PENSO, 2012.

EDEN, Sigal; ESHET-ALKALAI, Yoram. **The effect of format on performance: Editing text in print versus digital formats**. British Journal of Educational Technology Vol 44 No 5 2013 846-856.

FLOWER, Linda; HAYES, John R. **A Cognitive Process Theory of Writing**. College Composition and Communication, Vol. 32, No. 4, (Dec., 1981), pp. 365-387.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2º ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**. Estratégias de produção textual. 2º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MORAIS, José; KOLINSKY, Régine. *Psicolinguística e leitura*. In: MAIA, Marcus. **Psicolinguística, psicolinguísticas. Uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015.

MOURÃO JUNIOR, Carlos A.; FARIA, Nicole C. **Memória**. Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica, 28(4), 2015, p.780-788.

RODRIGUES, Erica; BARCELLOS, Jessica. *Por uma abordagem processual no ensino da escrita*. In: MAIA, Marcus (Org.) **Psicolinguística. Diversidades, interfaces e aplicações**. São Paulo: Contexto, 2022.

RODRIGUES, Jamila V.; MOTA, Rafaela, B.; MACEDO, Luísa Q. **A compreensão do processo de escrita e suas contribuições para o ensino-aprendizagem**. Cadernos de Linguística, 2023, v. 4, n. 3, e707.

WOLF, Maryanne. **O cérebro leitor**. Tradução Alcebiades Diniz Miguel. São Paulo: Editora Contexto, 2024.

PAIS CONECTADOS: A PATERNIDADE ATIVA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO INSTAGRAM

Lucas Gomes THIMOTEO

Orientadora: Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA

Resumo: O estudo investiga como influenciadores pais, atuantes no Instagram, articulam paternidade ativa, masculinidades e construção de identidades de gênero em suas narrativas digitais. A pesquisa toma como base os Estudos Culturais e vertentes sobre masculinidades e paternidades, como as de Connell (1995) e Nolasco (2001) que concebem o gênero como prática relacional, histórica e atravessada por marcadores de poder. A partir de buscas por palavras-chave e critérios de alcance e continuidade de publicação, o corpus foi composto por seis perfis brasileiros de larga audiência, que têm a paternidade como eixo central de produção de conteúdo. Metodologicamente, a investigação combina etnografia digital com procedimentos de mapeamento de redes e análise de conteúdo das postagens e de suas interações, buscando apreender tanto regularidades quanto contrapontos presentes nos modos de narrar o ser pai. São observados, em especial, enunciados que mobilizam noções de cuidado, sensibilidade, participação nos trabalhos domésticos e educação dos filhos, bem como referências explícitas a “paternidade ativa”, “masculinidades”, “equidade” e “gênero”. Os resultados parciais indicam que, embora os perfis se posicionem como defensores de uma paternidade mais próxima, afetiva e comprometida com o cotidiano das crianças, ainda é minoritária a problematização direta das hierarquias de gênero e dos privilégios masculinos. Ao mesmo tempo, surgem falas importantes em relação ao modelo hegemônico do pai provedor e distante, com a valorização de práticas de cuidado, exposição das vulnerabilidades e partilha de tarefas com as mães. Argumenta-se que esses movimentos, ainda que ambíguos, contribuem para ampliar o repertório de masculinidades possíveis e para contrapor normas de gênero no ambiente digital, em diálogo com debates feministas contemporâneos sobre igualdade e justiça de gênero.

Palavras-Chave: Paternidade ativa; masculinidades; Instagram; etnografia digital; Estudos Culturais.

1 INTRODUÇÃO (O PAI EM CENA)

Ao longo do tempo, decisões sobre o que as crianças comem, vestem e como brincam, assim como práticas diretamente ligadas à maternidade, como a gestação, a amamentação e os cuidados diários, atribuíram às mães o lugar central na organização do cuidado. Essa posição de protagonismo feminino foi reforçada por uma produção comunicacional e cultural majoritariamente voltada às mulheres. Em sentido oposto, a imagem social dos homens manteve-se, em grande medida, vinculada ao sucesso no trabalho e à atuação na esfera pública, o que contribuiu para tornar pouco visíveis as experiências de pais envolvidos com o cuidado no ambiente doméstico. De modo geral, a cultura midiática ocidental registrou poucas narrativas de homens sobre paternidade ativa, produzindo um repertório restrito de referências simbólicas sobre o pai cuidador como figura central na vida familiar.

Nas últimas décadas, contudo, observa-se um movimento de reconfiguração dos papéis parentais, atravessado por debates feministas e sobre masculinidades, em que parte dos homens passa a reivindicar maior participação nos cuidados com os filhos e nas tarefas domésticas. Nesse cenário, redes sociais digitais como o Instagram tornam-se espaços privilegiados para a exposição e disputa de significados sobre ser pai, ao mesmo tempo em que podem reforçar modelos tradicionais de masculinidade. Coloca-se, assim, como problema de pesquisa compreender de que modo influenciadores pais, que também se apresentam como protagonistas do cuidado, constroem suas narrativas digitais e se, ao fazê-lo, debatem e questionam ou reafirmam hierarquias de gênero e expectativas hegemônicas de masculinidade.

O estudo tem como objetivo geral analisar como influenciadores pais brasileiros, atuantes no Instagram, articulam paternidade ativa, masculinidades e construção de identidades de gênero em suas práticas discursivas. Especificamente, busca-se: a) mapear o *corpus* de publicações e interações desses perfis, identificando regularidades temáticas e formais; b) descrever como se narram o cuidado cotidiano, a divisão de tarefas e a relação com as mães; c) verificar em que medida emergem, nas legendas e vídeos, referências explícitas a gênero, machismo, equidade e paternidade ativa; e d) discutir os deslocamentos e ambiguidades presentes nessas narrativas à luz dos Estudos Culturais e dos estudos de masculinidades.

A pesquisa justifica-se pela relevância social de compreender como figuras públicas que falam sobre paternidade participam da produção de sentidos sobre ser pai em uma sociedade ainda marcada por desigualdades de gênero. Do ponto de vista acadêmico, contribui para um campo em consolidação que articula paternidades, masculinidades e cultura digital, oferecendo um olhar situado sobre práticas comunicacionais de influenciadores que podem tanto alargar o repertório de masculinidades possíveis quanto reatualizar fronteiras tradicionais entre o feminino e o masculino.

2 METODOLOGIA (MAPEAMENTO DAS PATERNIDADES DIGITAIS)

A pesquisa é enquadrada no campo dos estudos de internet, compreendendo os ambientes digitais, em especial as redes sociais digitais, simultaneamente como objeto, campo e instrumento de investigação. Parte-se do entendimento de que a internet não é apenas um canal de circulação de conteúdos, mas um ambiente em que se constituem práticas, relações e culturas que podem ser observadas pela etnografia, articulando *online* e *offline* de forma contínua. Nesse contexto, a definição de métodos compatíveis com as especificidades técnicas, éticas e simbólicas da rede torna-se central, em diálogo com as contribuições de autoras e autores que discutem métodos de pesquisa para internet (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011), etnografia em meios digitais (Hine, 2000), privacidade e qualidade na pesquisa qualitativa (Baym, 2009).

Do ponto de vista metodológico, a investigação adota uma perspectiva híbrida, combinando procedimentos quantitativos e qualitativos. A discussão sobre amostragem parte da distinção entre estratégias probabilísticas e intencionais, destacando que, no universo dinâmico e heterogêneo da internet, a representatividade estatística exige amostras muito amplas e rigorosos critérios de recorte. Para esta tese, interessa menos generalizar para o conjunto dos usuários do Instagram e mais explorar, em profundidade, casos ricos em informação, capazes de iluminar dimensões centrais da paternidade ativa e das masculinidades em disputa. Assim, privilegia-se a amostragem qualitativa e proposital, em modalidades como amostragem por critério, por intensidade, por casos típicos e emergente, assumindo conscientemente a intencionalidade das escolhas como potência analítica, e não como fragilidade metodológica.

A delimitação do corpus segue essa lógica. Inicialmente, foram definidas palavras-chave para rastreio de perfis no Instagram: “paternidade”, “pai/papai” e “masculinidade”. A busca retornou diferentes contas públicas, sobre as quais se aplicaram dois critérios objetivos: 1- ter mais de 50 mil seguidores, como indicador de alcance e relevância discursiva; e 2- contabilizar ao menos mil publicações, sinalizando atuação contínua e consolidada. Com base nesses critérios, realizou-se uma triagem qualitativa do resultado, de modo a verificar em que medida os influenciadores e suas publicações se aproximavam da problemática da pesquisa, excluindo perfis em que predominavam discursos de masculinidade hegemônica ou moralidade tradicional, em desacordo com o recorte analítico proposto. A partir desse ponto, foram identificados seis perfis que atendiam aos requisitos: @emersonperes, @otadeuf Franca, @paimala, @pai_xao, @thiagoqueiroz e @papaiemdobro.

Definidos os perfis, procedeu-se à coleta sistemática das publicações. Até o momento do levantamento, o conjunto totalizava 12.752 posts. A coleta foi automatizada por meio de *scripts* e extensões de navegador, permitindo o download de imagens e vídeos e, principalmente, a extração das legendas e metadados, que constituem uma parte central do material de análise. As legendas foram organizadas em um banco de dados, o que possibilitou mapear quantitativamente a frequência de termos-chave como “paternidade ativa”, “masculinidade”, “gênero”, “machismo”, “equidade”, “feminismo”, “marido” e “rotina”, entre outros. A tabulação dessas ocorrências não tem finalidade de inferência estatística, mas de orientar a seleção intencional de casos típicos e de identificar campos semânticos relevantes para a análise interpretativa.

A etapa analítica ancora-se em uma abordagem etnográfica adaptada aos ambientes digitais. Parte-se de concepções que pensam a internet como cultura, artefato cultural e mídia, enfatizando a necessidade de acompanhar fluxos, conexões e práticas, e não apenas locais fixos. “Ir a campo”, neste contexto, significa seguir perfis, postagens, comentários, formatos e rotinas de publicação, registrando não apenas conteúdos, mas também metadados e contextos (datas, tipos de publicação, sinais públicos de engajamento). A etnografia é entendida como abordagem flexível e

reflexiva, que combina observação sistemática, registro denso e explicitação de escolhas analíticas e éticas ao longo de todo o percurso.

Por fim, a metodologia assume explicitamente os desafios éticos da pesquisa em ambientes conectados, em especial no que diz respeito às fronteiras entre público e privado, à privacidade e à possibilidade de reidentificação de sujeitos. Trabalha-se prioritariamente com conteúdos disponibilizados em espaços públicos ou semipúblicos e busca-se transparência na descrição dos procedimentos, limites e decisões de inclusão ou exclusão de trechos, preservando a integridade dos sujeitos e a legitimidade científica da investigação. Em síntese, trata-se de um desenho metodológico híbrido, que articula amostragem proposital, construção sistemática de corpus, procedimentos de contagem e filtragem textual e análise etnográfica das narrativas digitais de paternidade ativa.

3 DESENVOLVIMENTO (NARRATIVAS DIGITAIS DE PATERNIDADE)

A análise do *corpus* de narrativas de influenciadores pais no Instagram será desenvolvida por meio de uma abordagem interpretativa e discursiva, ancorada nos pressupostos dos Estudos Culturais e nos estudos de masculinidades e paternidades. A partir do mapeamento quantitativo inicial, que identificou a frequência de termos-chave, a etapa de desenvolvimento se concentrará na análise de conteúdo e etnográfica das postagens (legendas e vídeos), buscando articular as práticas discursivas observadas com o referencial teórico.

A perspectiva dos Estudos Culturais concebe a mídia como um “lugar privilegiado de circulação de discursos” (Hennigen e Guareschi, 2002, p. 45), que não apenas reflete, mas produz modos de subjetivação e identidades. Dessa forma, os posts selecionados serão examinados como práticas de significação (Costa, Silveira e Sommer, 2003), que tentam impor ou negociar novos sentidos para o ser pai.

A análise investigará em que medida as narrativas de paternidade ativa podem operar como um projeto de desestabilização das masculinidades hegemônicas. O modelo hegemônico tradicional, baseado na figura do pai provedor e distante, será contrastado com os discursos dos influenciadores, que valorizam o cuidado, a sensibilidade e a partilha de tarefas domésticas. Segundo Connell (1995), a masculinidade é uma “configuração de prática” (Connell, 1995, p. 188) em torno da posição dos homens nas relações de gênero. Os posts que mostram o homem envolvido em tarefas historicamente femininas (como trocar fraldas ou educar afetivamente) serão lidos como evidências de práticas não-hegemônicas, que, ao serem publicizadas no Instagram, contribuem para a reconstrução histórica das masculinidades (Connell, 1995). Tais práticas constituem um “protesto viril” (Badinter, 1993, p. 58) inverso, no qual o reconhecimento é buscado não pela força e pelo domínio, mas pela capacidade de cuidar, expressar afeto e envolver-se na rotina doméstica.

Será dada especial atenção à ambiguidade presente nas narrativas, conforme indicado nos resultados iniciais. Autores como Badinter (1993) e Nolasco (1995) mostram que o ideal de virilidade tradicional é construído pela negação da bissexualidade e pela oposição à feminilidade, produzindo a figura do "homem mutilado" (Badinter, 1993). A expressão da vulnerabilidade ou do lado feminino por parte dos influenciadores será analisada como uma tentativa de transição em direção ao homem reconciliado, aquele que integra sua dupla herança (Nolasco, 1995). O discurso que celebra o "pai que ajuda" ou participa será confrontado com a crítica de que, muitas vezes, essa participação pode reatualizar fronteiras tradicionais ou ser um "simulacro do feminino" (Nolasco, 1995, p. 24), ao invés de uma problematização radical dos privilégios masculinos.

Por fim, a pesquisa discutirá como a circulação desses novos significados digitais se insere nas relações de poder e na luta pela significação da paternidade na cultura contemporânea. A análise objetiva, portanto, discutir os deslocamentos e as ambiguidades dessas narrativas à luz da natureza plural e processual das identidades, verificando a capacidade desses discursos de alargar o repertório de masculinidades possíveis.

4 REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAYM, N. What constitutes quality in qualitative internet research? p. 274-310. In: MARKHAM, A., BAYM, N. **Internet Inquiry**: Conversations about method. Los Angeles: Sage, 2009.
- CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul/dez. 1995.
- COSTA, M.; SILVEIRA, R.; SOMMER, L. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, mai./jun./jul./ago. 2003.
- FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 44-68, jan. 2002.
- HINE, C. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage, 2000.
- NOLASCO, S. A Desconstrução do Masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In Nolasco, S. A. (Org.). **A Desconstrução do Masculino**. (pp. 15-29). Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

O MUNDO COMO LABIRINTO: VIOLÊNCIA, RUÍNA E DEGRADAÇÃO NA TRILOGIA DE JOCA REINERS TERRON

Luma MIRANDA TOSATTI

Orientador: Nilcéia VALDATI

Resumo: Esta tese em andamento se propõe a analisar a trilogia de Joca Reiners Terron, *A morte e o meteoro* (2019), *O riso dos ratos* (2021) e *Onde pastam os minotauros* (2023). Com o objetivo de desenvolver um labirinto que reflita a violência estrutural, a degradação social e a destruição ambiental no Brasil contemporâneo, a pesquisa investiga espaços como o matadouro, a periferia urbana e territórios indígenas devastados. O referencial teórico apoia-se sobretudo em Jacques Derrida, especialmente em suas discussões sobre lei, justiça e soberania, em *A besta e o soberano*, (2016), *Força de lei* (2010), que permitem compreender a violência como fundamentos das estruturas sociais. Dialoga também com Michel Foucault, em *Vigiar e punir* (2013) para examinar dispositivos de poder, e com Maria Esther Maciel (2023) *Animalidades Zooliteraturas e os limites do humano*.

Palavras-Chave: Labirinto; Violência; Animalidade; Matadouro; Narrativa Contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

Em diferentes momentos históricos, certos espaços concentraram práticas e tensões que expõem dimensões específicas da experiência humana. Entre esses espaços, o matadouro se destaca como um território onde se cruzam o trabalho, a violência e o poder. Além do mais, “nenhuma raça é especial, e que nenhum homem é rei de porra nenhuma” (Terron, 2019, p.33), mesmo acreditando ser o proprietário de tudo, o que gera o desequilíbrio derivado das próprias estruturas, escolhas e do sistema. Dito isso, podemos dizer que esta pesquisa será uma viagem sangrenta pelos corredores mais obscuros do passado e do futuro, percorrendo os livros de Joca Reiners Terron, *A morte e o meteoro* (2019), *O riso dos ratos* (2021) e *Onde pastam os minotauros* (2023). Essa trilogia foi escolhida por sua relevância, ela lança um olhar sobre as marcas históricas e sociais do Brasil ao longo de sua história, que se tornam discussões urgentes na contemporaneidade, e permite observar como a literatura pode enfrentar os temas da violência e da destruição ambiental.

Deste modo, para refletir acerca dos assombros que permeiam a história e a desigualdade social presentes nas três narrativas, dar-se-á a construção de um labirinto, que refletirá as histórias e os personagens em uma constante luta de classe, um emaranhado de conflitos que culminam em morte, porém, em meio a essas encruzilhadas, espera-se fazer o que cita Maria Esther Maciel (2023, p. 38):

Na literatura não são poucos os escritores que, cientes da nossa incapacidade de rastrear saberes, sentimentos, pensamentos e percepções desses outros meios apenas racionais, buscam ocupar ficcionalmente, a

interioridade emocional e mental dos bichos para depois “traduzi-la” em linguagem humana, conferindo-lhes uma voz particular e um espaço poético ou narrativo na escrita.

Nesse espaço poético, para provocar indagações, o animal que ganhará voz será o boi, para trazer sentido aos seus grandes olhos, que observam calmante o labirinto em que se encontra. Assim, partindo da hipótese de que a literatura de Joca Reiners Terron se constrói por meio da metáfora do labirinto como uma crítica à violência estrutural da sociedade brasileira, articulando passado, presente e futuro em uma narrativa de ruína e condenação, esta pesquisa pretende observar que a trilogia de Terron é uma crítica profunda à sociedade contemporânea, pois revela que a violência, longe de ser um acidente histórico, é o eixo que sustenta a estrutura social brasileira. O trabalho a princípio se organizará em três capítulos como vemos a seguir.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Nas entranhas do labirinto: o mito, o boi, o matadouro

O objeto central deste capítulo é a obra *Onde pastam os minotauros* (2023), que reelabora o imaginário do labirinto por meio da observação de um matadouro isolado no Centro-Oeste brasileiro. Desta forma, o capítulo terá início com uma breve discussão sobre a noção de labirinto que é constituído por um conjunto de percursos intrincados criados com a intenção de desorientar quem os percorre. Um dos mais conhecidos é o Labirinto, criado por Dédalo, para servir prisão ao Minotauro, um ser monstruoso e híbrido, nascido de Pasífae e do touro de Creta, enviado pelo deus Posêidon (Plutarco, 2019). Nele, jovens eram levados para serem mortos pelo Minotauro. “Era uma prisão que outro aspecto temível não tinha para além da impossibilidade de fuga dos prisioneiros”, (Plutarco, 2019, p. 57). Segundo Umberto Eco (1994, p.65), “num labirinto é difícil dizer que caminho é o melhor, onde começar, que direção escolher para penetrar na imagem imóvel resultante do ato de aplicar tinta”. Incertos do caminho que nos cabe percorrer, percebemos que “vivemos no grande labirinto do mundo real, que é maior e mais complexo que o mundo de Chapeuzinho Vermelho” (Eco, 1994, p. 121). Depois de adentrar as paredes do labirinto e chegar à primeira encruzilhada, é o momento de conhecer o matadouro, um lugar que se impõe em *Onde pastam os minotauros* (2023). Nesta paisagem vermelha, outras narrativas se entrelaçam e corroborarão para a construção desse corredor sinuoso, como o conto *O matadouro* (1838), de Esteban Echeverría, uma narrativa latino-americana de violência política, que traz a exterioridade de um matadouro do passado cheio de conflitos em uma imagem brutal, como vemos a seguir:

A perspectiva do matadouro à distância era grotesca, cheia de animação. Quarenta e nove reses estavam estendidas sobre seus couros e cerca de duzentas pessoas pisoteavam aquele chão enlameado e regado com o sangue das artérias daqueles animais. Ao redor de cada res via-se um grupo de figuras humanas de diferentes tons de pele e raças. A figura

mais proeminente de cada grupo era o açougueiro, com a faca na mão, braço e peito nus, cabelo longo e desgrenhado, camisa e chiripá, e o rosto lambuzado de sangue (Echeverría, 2024 p.87).

O matadouro de Echeverría é uma imagem que continua a ecoar nas narrativas latino-americanas contemporâneas, revelando que o espaço do massacre e da opressão ainda não foi superado, apenas transfigurado, como vemos na obra *Onde pastam os minotauros* (2023). A ideia de labirinto se materializa na imagem de um matadouro isolado no interior do Centro-Oeste brasileiro. Nesse espaço há uma selvagem realidade social, que se expressa por meio de um enredo perturbador. Nele encontramos a mitologia e tragédias recentes do país que surgem numa trama cheia de suspense, narrada quase minuto a minuto no andar de um dia, mas também pontuada por visões do passado recente e longínquo, como pedaços de sonhos, porém compõem um grande pesadelo, marcado por crueldade, injustiças e pelos bois que avançam pelo curral rumo a morte. Nesse labirinto a violência se constrói, pois, diante da vida dos condenados evidenciamos uma assombrosa visão do presente, com o objetivo de analisar o livro *Onde pastam os minotauros* (2023) como a obra reatualiza o labirinto por meio da imagem do matadouro, examinando o isolamento geográfico, a rotina do matadouro, as referências míticas e os corredores de violência ecoando a voz dos bois.

A fundamentação teórica deste capítulo apoia-se em autores que permitirão analisar o matadouro como labirinto social, político e simbólico, no qual a violência é não apenas representada, mas estruturante como Jacques Derrida (2002) *A besta e o soberano* (2016), *O animal que logo sou*, Maria Esther Maciel (2023), *Animalidade zooliteratura e os limites do humano*.

2.2 A morte e o meteoro: o início do colapso

Este capítulo tem como objeto *A morte e o meteoro*, de Joca Reiners Terron (2019), com o objetivo de acompanhar o narrador enquanto ele tenta contar o que aconteceu reconstruindo, peça por peça, o percurso de destruição que levou à extinção iminente dos povos indígenas. Nesse movimento de rememoração, observamos a destruição ambiental, a perda dos meios de subsistência das tribos indígenas, agora à beira do desaparecimento. Mistérios do passado se entrelaçam com o presente e ajudam a responder questões urgentes do futuro, revelando como a ambição desmedida pode aniquilar culturas inteiras. Como referencial teórico, teremos principalmente Jacques Derrida (2010), *Força de Lei - O Fundamento místico da autoridade*, sua distinção entre lei e a justiça será essencial para construir as paredes do labirinto. Conforme Derrida (2010, p. 21), “a justiça do direito, a justiça como direito não é justiça. As leis não são justas como leis. Não obedecemos a elas porque são justas, mas porque têm autoridade”. Essa reflexão nos leva a questionar, se a lei realmente protege e ampara a todos, ou serve, muitas vezes, para manter privilégios e reproduzir desigualdades? Essa pergunta ecoa de maneira contundente e nos faz observar as experiências concretas de povos submetidos à autoridade do Estado na narrativa em análise. Nesse sentido, outro referencial teórico

fundamental ao nosso trabalho é a *Queda do céu* Palavras de um xamã yanomami de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015). Conforme cita Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015, p. 324) em seus relatos:

Quando comecei a trabalhar na estrada, ouvi pela primeira vez o pessoal da Funai falar em fechar nossa floresta. Chamavam isso de demarcação. Diziam-me às vezes: "Vamos cercar a terra dos Yanomami e defendê-la. Se garimpeiros, colonos ou fazendeiros invadirem a floresta, vamos mandá-los de volta para o lugar de onde vieram! Se caçadores vierem roubar peles de ariranha, jaguatirica ou onça, ou flechar tartarugas, vamos expulsá-los! Aqui é uma terra indígena. Depois da demarcação, eles nunca mais vão poder entrar!". Gostei muito dessas palavras. Disse a mim mesmo: "Isso é bom! Também eu quero que nossa floresta seja fechada, como dizem eles. Haverá uma barreira onde começa a terra dos brancos. Vai impedir a entrada de quem não queremos e deixará passar quem nós convidamos. O caminho da floresta vai ser nosso!". Mais tarde entendi, porém, que aquelas palavras eram tortas e que o pessoal da Funai não dizia tudo o que pensava. Diziam que iam fechar nossa floresta, é verdade. Mas o que queriam mesmo, e isso nos esconderam, era dividi-la em

Esse trecho nos revela um movimento central de como a lei pode operar simultaneamente como promessa e como armadilha, no instante em que a promessa estatal de proteção gradualmente se transforma em percepção de controle. Afinal, a lei, enquanto lei, não garante justiça, tampouco garante a vida. No decorrer da pesquisa, este capítulo se aprofundará nas discussões mobilizando outros referenciais teóricos que tratam especificamente da violência aos indígenas.

3 Riso dos ratos: o grotesco e o espelho da sociedade

O objetivo deste capítulo é analisar como *O Riso dos Ratos* de Joca R. Terron (2021) traz para a discussão a degradação social contemporânea por meio da metáfora do labirinto, mostrando como a narrativa articula temas como a violência estrutural na sociedade brasileira.

Ao acompanhar personagens que se movimentam nesse espaço destruído e sem saídas, buscamos compreender como a literatura de Terron desvela realidades cruéis que marcam o presente, articulando-as com os traumas do passado colonial e com projeções de um futuro sombrio. Um tempo construído pela violência, crueldade, morte e perseguição, aonde o ser humano perdeu seu lado coletivo e está apenas vivendo no labirinto do fim do mundo, em que há um abismo entre o passado, presente e futuro. Assim, a quebra da existência das leis no ambiente social gera uma tragédia, que está presente no primeiro abrir de olhos, no primeiro choro. No contexto da narrativa em análise, o ser humano não nasceu para ir longe, está condenado a um mundo sombrio e violento. Como afirma Russell Jacoby (2007, p.25), em

a *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*, “existimos em meio a inacreditavelmente ricos e a uma pobreza paralisante. Conduzimos nossas vidas em paz e somos cercados pela violência”. Além da violência, esse lugar está rodeado pela punição, ou o “suplício penal”, o que, de acordo com Foucault (2013, p. 25),

não corresponde a qualquer punição corporal: é uma produção diferenciada de sofrimentos, um ritual organizado para a marcação das vítimas e para a manifestação do poder que pune; também não é a exasperação de uma justiça que, esquecendo os seus princípios, perde toda a temperança. Nos “excessos” dos suplícios, está investida toda uma economia do poder.

O corpo do condenado é o ponto de encontro entre o poder e a dor, não são meros excessos, mas sim estratégias políticas de um regime punitivo baseado na reafirmação do poder soberano.

4 REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. **A besta e o soberano**: Volume 1. Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

ECHEVERRÍA, Esteban. **O matadouro**. Trad. Natália Scalvenzi. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2024.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir nascimento da prisão*. Trad. Pedro Elói Duarte. Editora Gallimard, 2013.

JACOBY, Russell. *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi. **A queda do céu** : Palavras de um xamã yanomami. Trad Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

MACIEL, Maria Esther. **Animalidade**, zooliteratura e os limites do humano. São Paulo: Todavia, 2023.

PLUTARCO. *Sobre Comer carne*. Trad. Joaquim Pinheiro. Universidade de Coimbra, 2019.

TERRON, Joca Reiners. **A morte e o meteoro**. São Paulo: Todavia, 2019.

TERRON, Joca Reiners. **O riso dos ratos**. São Paulo: Todavia, 2021.

TERRON, Joca Reiners. **Onde pastam os minotauros**. São Paulo: Todavia, 2023.

PRÁTICAS TRASLÍNGUES E DECOLONIAIS: A ESCRITA FICCIONAL A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE OS GÊNEROS NARRATIVA E FANFICTION EM UM ESPAÇO NÃO-FORMAL DE ENSINO

Marcele MONTEIRO PEREIRA
Orientador: Cibele KRAUSE-LEMKE

Resumo: O projeto propõe uma prática de ensino-aprendizagem para estudantes do Ensino Médio atendidos pelo Movimento República de Emaús (Belém/PA), buscando investigar de que modo textos literários de matrizes indígenas podem contribuir para uma prática de ensino decolonial e translíngua e, simultaneamente, favorecer o desenvolvimento da produção escrita ficcional. Ancorada nos pressupostos da decolonialidade (Walsh, 2009) e da translíngua (García; Kleifgen, 2019), a proposta entende a linguagem como espaço de ocorrência política e cultural, articulando leitura, interpretação e produção textual a partir do diálogo entre o gênero narrativa e o gênero *fanfiction*. Partindo das “Lendas de animais” da etnia Xipaya, catalogadas por Curt Nimuendajú (2019, p. 133-143), o trabalho valoriza saberes indígenas, busca romper estereótipos historicamente construídos sobre povos originários e evidencia o bilinguismo tupi-português como repertório cultural legítimo. O objetivo geral consiste em analisar as contribuições dessa proposta prática para o desenvolvimento da escrita ficcional de jovens amazônidas, estimulando interculturalidade, interdisciplinaridade e aproximação identitária com culturas indígenas contemporâneas. Metodologicamente, a pesquisa se desenvolve em espaço não-formal de ensino com base na observação participante (Lakatos; Marconi, 2011), envolvendo etapas de ambientação teórica sobre o gênero narrativo, estudo da trajetória de Nimuendajú, leitura coletiva das narrativas Xipaya, produção de *fanfictions*, revisão textual e oficina de ilustração, culminando na socialização pública das produções. Espera-se, com isso, fomentar uma prática pedagógica humanizadora, crítica e culturalmente situada, coerente com o uso social da língua e com as demandas da educação linguística contemporânea.

Palavras-Chave: Prática de ensino-aprendizagem; Ensino decolonial e translíngua; Escrita ficcional.

1 INTRODUÇÃO

O projeto propõe uma prática de ensino-aprendizagem para estudantes do Ensino Médio assistidos pelo Movimento República de Emaús (Belém/PA), articulando leitura, interpretação e produção textual em Língua Portuguesa. A proposta fundamenta-se nos referenciais do ensino em perspectiva decolonial (Walsh, 2009) e da translíngua (García; Kleifgen, 2019), entendida como um ato político de reinterpretar a linguagem de modo descolonizador e libertário. Nesse sentido, busca-se desenvolver a escrita ficcional a partir do gênero *fanfiction*, utilizando como ponto de partida a leitura do gênero narrativa e promovendo a imersão dos alunos na história, cultura e língua de uma etnia indígena paraense, demonstrando a presença contemporânea do tupi no cotidiano. Pretende-se, portanto, oferecer uma prática pedagógica consonante com o uso social da língua, mobilizando

textos literários indígenas como material didático em uma abordagem decolonial e translíngue.

Parte-se da premissa de que o texto literário possui espaço legítimo nas aulas de Língua e de que o gênero narrativa tem um potencial humanizador capaz de estimular pensamento crítico e romper estereótipos sobre os povos tradicionais do Brasil. Assim, a questão orientadora do projeto é: **de que modo textos literários de matrizes indígenas podem contribuir para uma prática de ensino decolonial e translíngue e, simultaneamente, favorecer o desenvolvimento da produção ficcional de estudantes do Ensino Médio atendidos pelo Movimento de Emaús?**

A proposta mostra-se relevante por oferecer uma alternativa metodológica para o aprimoramento da leitura, interpretação e escrita ficcional, explorando o potencial da linguagem em etapas que promovem conhecimento intercultural e interdisciplinar em uma perspectiva decolonial. O trabalho articula narrativas indígenas (especificamente as “Lendas de animais” da etnia Xipaya, catalogadas por Curt Nimuendajú (2019)) com o gênero *fanfiction*, visando despertar o respeito à cultura e à tradição dos povos originários e estimular empatia em estudantes que vivem em contexto amazônico. A escolha do *corpus* decorre de experiências prévias da pesquisadora em pesquisa de Iniciação Científica, dedicada ao letramento na Educação Básica por meio de textos Xipaya, e da relevância histórica dessa etnia, cuja aldeia permanece na região do Alto Xingu. No contexto apresentado, defende-se que a literatura tem potencial para formar sujeitos críticos, democráticos e tolerantes. Assim, o projeto apresenta caráter inovador ao desenvolver uma proposta prática em um espaço não-formal de ensino.

O objetivo geral consiste em analisar as contribuições da aplicação da proposta prática de ensino para o desenvolvimento da leitura, interpretação e escrita ficcional de estudantes do Ensino Médio atendidos pelo Movimento República de Emaús, por meio do diálogo entre os gêneros narrativa e *fanfiction* utilizando as narrativas “Lendas de animais” de Nimuendajú (2019).

Como objetivos específicos, pretende-se: 1) Integrar os gêneros narrativa e *fanfiction* para impulsionar a escrita ficcional; 2) Analisar as contribuições de narrativas indígenas como objeto de leitura e interpretação; 3) Estimular a interculturalidade e a interdisciplinaridade nas aulas de Língua Portuguesa; 4) Observar as contribuições da proposta de ensino da escrita em Língua Materna sob o prisma da decolonialidade e da translíngua; 5) Promover o ensino da cultura e história da etnia Xipaya dentro da proposta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Movimento República de Emaús, fundado em 1970 pelo padre Bruno Sechi e atualmente situado no bairro do Benguí, caracteriza-se como espaço não-formal de ensino voltado ao atendimento de indivíduos em situação de

vulnerabilidade social. Entre suas ações educacionais, destaca-se o reforço escolar, no qual se insere a disciplina de Língua Portuguesa destinada a estudantes do Ensino Médio e que fundamenta a proposta pedagógica em desenvolvimento (Movimento República de Emaús, 2021).

Em alinhamento às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, notadamente no que se refere às práticas contemporâneas de linguagem, aos multiletramentos e à cultura digital (Brasil, 2018), o projeto adota o gênero *fanfiction* como eixo estruturante da escrita ficcional. A *fanfiction*, definida como narrativa criada por fãs a partir da expansão de universos ficcionais existentes e sem finalidade lucrativa (Vargas, 2015), mostra-se adequada por sua ampla circulação entre adolescentes e por sua capacidade de aproximá-los da leitura e escrita como práticas socioculturais.

A proposta articula os gêneros *fanfiction* e narrativa (ancorado na cultura indígena). A partir do diálogo entre tais gêneros, buscaremos com práticas decoloniais romper com estereótipos historicamente dirigidos aos povos originários e validar saberes antes marginalizados, conforme defendido por Walsh (2009).

Nesse mesmo quadro teórico, incorporam-se os pressupostos da translanguagem como prática de mobilização dinâmica de repertórios linguísticos diversos, geradora de pertencimento e produção de sentidos (Rocha; Megale, 2023; García, 2020). Assim, o bilinguismo presente em territórios historicamente indígenas, como Belém (PA), é reconhecido como patrimônio cultural e não como déficit linguístico.

Nesse sentido, fomentaremos a leitura de textos catalogados por Curt Unckel Nimuendajú, etnógrafo que registrou aspectos culturais e linguísticos da etnia Xipaya. Posto que além de contribuir para a preservação da memória indígena, esses registros oferecem material autêntico para o trabalho pedagógico com leitura literária, análise cultural e escrita criativa, destacando a presença do bilinguismo como expressão de translanguagem. Diante do exposto, a proposta compreende a leitura literária como experiência de formação estética e cidadã, que amplia o encontro com a alteridade (Soares, 2008), e assume, conforme Antunes (2003), a leitura e a escrita como processos indissociáveis no desenvolvimento das capacidades linguísticas. Assim, exploraremos a leitura como uma base para a produção ficcional neste projeto.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adotará a observação participante (Lakatos; Marconi, 2011), metodologia em que o pesquisador assume papel ativo no processo investigativo. A aplicação prática será desenvolvida com estudantes do Ensino Médio atendidos pelo Movimento República de Emaús, com o propósito de fomentar competências de leitura, interpretação e produção ficcional.

As atividades iniciarão com um módulo de ambientação voltado à introdução de conceitos essenciais do gênero narrativo e de suas manifestações culturais. Nesse momento, serão apresentados autores indígenas, levantados os conhecimentos prévios dos estudantes e discutidas distinções entre lendas, mitos e outras formas narrativas, incluindo reflexão crítica acerca do uso de termos eurocêntricos historicamente direcionados aos povos originários.

Na etapa seguinte, os estudantes terão contato com a biografia e com o trabalho etnográfico de Curt Nimuendajú, contextualizando sua convivência com a etnia Xipaya e os registros culturais produzidos. Serão empregados materiais audiovisuais e iconográficos para aproximar o grupo da história, dos traços culturais e da presença contemporânea da comunidade, culminando em uma primeira produção escrita que registre percepções culturais dos participantes.

Posteriormente, ocorrerá a leitura coletiva das narrativas “Lendas de animais” (Nimuendajú, 2019, p. 133-143), mediada pelo dispositivo pedagógico painel integrado para favorecer a socialização e a construção coletiva de sentidos (Santos; Aguiar, 2016). Em continuidade, a turma estudará o gênero *fanfiction* e produzirá versões reescritas ou expansões das narrativas selecionadas, passando por etapas de revisão e reescrita a fim de aperfeiçoar aspectos linguísticos, discursivos e estilísticos.

Por fim, será realizada uma oficina de ilustração, conduzida por artista local, destinada à representação visual das produções ficcionais. Após a finalização de textos e ilustrações, os resultados serão apresentados em feira aberta ao público. A duração das etapas poderá ser ajustada conforme o ritmo da turma, e os procedimentos de análise dos dados serão definidos juntamente com a orientação acadêmica e conforme a evolução da pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, portanto, que a proposta apresentada constitui uma alternativa metodológica capaz de integrar leitura, interpretação e escrita ficcional em uma perspectiva decolonial e translíngue, valorizando saberes indígenas e ampliando a compreensão do uso social da língua. Ao articular narrativas de matriz Xipaya com o gênero *fanfiction*, o projeto busca promover formação linguística, estética e cidadã, contribuindo para o desenvolvimento de estudantes do Ensino Médio atendidos pelo Movimento República de Emaús e para a construção de práticas pedagógicas mais críticas, humanizadoras e culturalmente situadas.

5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base nacional comum curricular**: educação é a base. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

GARCÍA, Ofelia. Foreword: co-labor and re-performances. In: MOORE, Emilee; BRADLEY, Jessica; SIMPSON, James (Eds.), **Translanguaging as transformation**: the collaborative construction of new linguistic realities. Talin (EST): Multilingual Matters, 2020.

GARCÍA, Ofelia; KLEIFGEN, Jo Anne. Translanguaging and Literacies. **Reading Research Quarterly**, Nova Iorque, p. 1-19, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo. Atlas, 2011.

MOVIMENTO REPÚBLICA DE EMAÚS. **Portfólio Emaús 2021**. Belém: Movimento República de Emaús, 2021. Disponível em: <http://www.movimentodezemaus.org/data/material/Portfólio-Emaus-2021-final-parapublicar.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

NIMUENDAJÚ, Curt. Fragmentos de religião e tradição dos índios Xipaya: contribuições aos conhecimentos das tribos indígenas da região do Xingu, Brasil Central. In: SCHRÖDER, Peter (org.). **Os índios Xipaya**: cultura e língua. Textos de Curt Nimuendajú. 1. ed. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2019.

ROCHA, Claudia Hilsdorf; MEGALE, Antonieta Heyden. Translinguagem e seus atravessamentos: da história, dos entendimentos e das possibilidades para decolonizar a educação linguística contemporânea. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 1-32, 2023.

SANTOS, Daniel Alberto Santos; AGUIAR, Maria Geralda Gomes. O portfólio como instrumento didático: o processo de construção/constituição do "ser professor". **Rev. Docência Ens. Sup.**, Lagoinha, v. 6, n. 1, p. 91-112, abr. 2016.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSINANI, Zélia (org.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2008.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogia de-colonial: apuestas (des)de el in-surgir, re-existir e re-vivir. **Educación online**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-29, 2009. Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1802/561>. Acesso em: 27 set. 2024.

TORNAR-SE MÃE E ARREPENDER-SE: RUPTURAS E DESLIZAMENTOS DE SENTIDO

Márcia Elena DE BRITO

Orientadora: Célia BASSUMA FERNANDES

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar um gesto de interpretação sobre discursos em circulação no meio digital produzidos por mulheres que são mães, mas que se arrependeram da maternidade. O *corpus* recortado para análise são depoimentos anônimos compartilhados na rede social *Instagram*, na página @maearrependida idealizada pela atriz e dramaturga Karla Tenório, que se significa como alguém disposta a “liberar a voz das mães que não são felizes”, rompendo com o ideal tradicional de maternidade como instinto natural, abnegação absoluta e realização plena. Como objetivos específicos delimitamos: a) investigar como e quais sentidos sobre a maternidade foram constituídos e se sedimentaram na nossa formação social; b) delimitar quais formações discursivas se entretecem nos discursos no *corpus* recortado para análise, reforçando sentidos já sedimentados sobre a maternidade idealizada ou rompem com eles, produzindo tensões e deslocamentos e, logo, contradiscursos como o da “maternidade arrependida”; c) examinar como as redes sociais, em especial, o *Instagram* funcionam não apenas como um espaço de debate, mas também de embate e de disputas sobre os sentidos acerca da maternidade, tensionando discursos hegemônicos que se sedimentaram na nossa formação social, de que toda mulher nasce para ser mãe. A teoria que sustenta nosso movimento teórico-analítico é a Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux, na França e que se desenvolveu em solo brasileiro por meio dos estudos de Eni Orlandi e de outros pesquisadores que têm o discurso como objeto de estudo.

Palavras-Chave: Discurso; Maternidade; Mães arrependidas.

1 INTRODUÇÃO

“Elas amam seus filhos, mas odeiam tudo o que vem com a maternidade — e, se pudessem, voltariam atrás”. É assim que começa uma das muitas entrevistas concedidas por Karla Tenório, atriz e dramaturga que, no auge de seus 28 anos de idade, decidiu ser mãe. Ela conta que como muitas mulheres, sempre romantizou a maternidade; entretanto, após o nascimento da filha, assumiu publicamente que detesta a maternidade.

Karla lembra que, quando começou a falar que não gostava de ser mãe, muitas mulheres a acolheram, compartilhando do mesmo discurso. Todavia, foi também muito atacada e criticada, principalmente em redes sociais. Ela ressalta que ama sua filha, mas que, se pudesse voltar atrás, jamais teria engravidado.

A dramaturga conta que decidiu ser mãe, porque foi interpelada por dizeres de que ela só seria uma mulher “completa” se exercesse a maternidade e que teve psicose pós-parto, um transtorno mental grave e raro que pode ocorrer nas primeiras semanas após o nascimento do bebê. Embora seja menos frequente que a depressão pós-parto, essa emergência psiquiátrica

exige atenção imediata, pois altera profundamente a percepção da realidade e o comportamento da mulher, que pode se tornar, por exemplo, uma cuidadora obcecada pela perfeição. A atriz conta, por exemplo, que ela tinha anotado em um caderno quantas vezes sua filha mamava em cada seio, mas ainda assim carregava uma culpa porque sempre se achava imperfeita e com falhas: uma “mãe de merda”, como ela mesma se significa.

Conta ela, que esse sentimento de frustração perdurou por anos e que somente quando sua filha tinha 10 anos, decidiu assumir que odiava ser mãe. Diz ainda, que no meio desse processo, ainda teve de enfrentar um relacionamento abusivo e uma separação conturbada. Ela sentia-se solitária e única, pois, ao observar outras mães, as via exalando felicidade e amor por suas “crias”. No ano de 2017, a atriz começou a participar de alguns grupos sobre arrependimento materno. Ela destaca que, nesse grupo, todas eram feministas, mas nenhuma era mãe; então, mais uma vez, ela viu que estava sozinha. Embora tenha conseguido desabafar e ser ouvida, isso não foi o suficiente para ela.

Os anos foram se passando e, com eles, a atriz começou a estudar mais sobre esse processo e viu que não estava sozinha. Baseando-se em suas experiências e nas de outras mulheres que, assim como ela, se arrependeram de ser mãe, ela decidiu criar o espetáculo teatral “Mãe arrependida”, com o intuito de acolher mulheres que, assim como ela, se sentiam mal por não gostarem da maternidade. O espetáculo, em um primeiro momento, era *online*, pois era época da pandemia.

Foi compartilhando desses sentidos contraditórios sobre a maternidade que Karla decidiu criar a página no *Instagram* @maearrependida, transformando sua angústia e sofrimento como forma de ajudar outras mulheres que se encontravam na mesma situação. Em novembro de 2025, a página contava com 65,6 mil seguidores e nela há inúmeras publicações e depoimentos anônimos de mães que se arrependeram da maternidade ou que se sentiam culpadas por não terem o desejo de exercer a maternidade. Sem julgamentos, na página, as mulheres são acolhidas e encontram apoio de outras que compartilham do mesmo discurso. Todavia, por se tratar de um assunto complexo, as opiniões são divergentes e discursos de ódio são frequentes, pois muitos acreditam que essas mães maltratam seus filhos e que não sabem distinguir a maternidade compulsória do amor que nutrem por seus filhos.

Dessa forma, pretendemos realizar um gesto de interpretação sobre esses discursos que estão em circulação no meio digital sobre mulheres que são mães, mas se arrependem da maternidade, mais especificamente, em *posts* que circulam no *Instagram* na página @maearrependida. A partir da abordagem teórica da Análise de Discurso proposta por Pêcheux, e que se desenvolveu em solo brasileiro por meio dos estudos de Eni Orlandi e de outros pesquisadores que têm o discurso como objeto de estudo, este trabalho tem como objetivo realizar um gesto de interpretação sobre discursos em circulação no meio digital produzidos por mulheres que são mães, mas que se arrependeram da maternidade.

Como objetivos específicos delimitamos: a) investigar como e quais sentidos sobre a maternidade foram constituídos e se sedimentaram na nossa formação social; b) delimitar quais formações discursivas se entretecem nos discursos no *corpus* recortado para análise, reforçando sentidos já sedimentados sobre a maternidade idealizada ou rompem com eles, produzindo tensões e deslocamentos e, logo, contradiscursos como o da "maternidade arrependida"; c) examinar como as redes sociais, em especial, o *Instagram* funcionam não apenas como um espaço de debate, mas também de embate e de disputas sobre os sentidos acerca da maternidade, tensionando discursos hegemônicos que se sedimentaram na nossa formação social, de que toda mulher nasce para ser mãe.

2 DESENVOLVIMENTO

A noção de maternidade está relacionada a um sistema patriarcal que impõe um conjunto de representações de que as mulheres devem formar uma família, assumindo a responsabilidade obrigatória de gerar e criar filhos. Contudo, observa-se, atualmente, um aumento no número de mulheres que não têm o desejo de ser mãe, o que é evidenciado pela redução nas taxas de natalidade e pelo surgimento de novas estruturas familiares.

O conceito de maternidade, portanto, é historicamente construído dentro de formações discursivas que a associam ao instinto, à abnegação e ao amor incondicional. Os sentidos sobre o arrependimento materno rompem com essa normatividade, tensionando discursos hegemônicos sobre a maternidade. Dizendo de outro modo, os discursos da "mãe arrependida" podem ser compreendidos como um efeito do funcionamento discursivo que se opõe à regularidade histórica da maternidade idealizada, de que "toda mulher nasce para ser mãe". Trata-se de uma formulação que, ao circular sob determinadas condições de produção, e no caso deste trabalho, no espaço digital, evidencia que o dizer sobre a maternidade feliz e plena não é o único possível, ou seja, ela desnaturaliza sentidos que circulam na nossa formação social.

Para Badinter (1985), o que se entende por "amor materno" não é um instinto biológico, mas uma construção histórica e social. Para a autora, o mito do amor materno (que impõe à mulher sentidos relacionados à dedicação absoluta, sacrifício e realização pessoal pela maternidade) é resultado de uma ideologia que visa controlar o corpo feminino e reforçar lugares preestabelecidos socialmente. Esse mito funciona na ordem do discurso como uma forma de sustentação de sentidos que se (re-)produzem, dificultando que discursos divergentes, como o do arrependimento, circulem legitimamente.

As condições de produção que sustentam esse mito, como a formação social patriarcal e o discurso religioso, reforçam um imaginário da maternidade como essência da mulher. Assim, discursos sobre o arrependimento materno, desestabilizam sentidos já cristalizados e colocam

em circulação discursos outros como os de que a maternidade não é uma experiência universalmente satisfatória.

Esse funcionamento discursivo pode ser interpretado como um gesto de resistência a discursos hegemônicos que regularizam o lugar da mulher na sociedade e sustentam pré-construídos de que "ser mãe é a realização plena da mulher". Conforme Pêcheux (1997, 164), "o pré-construído corresponde ao sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a "realidade" e seu "sentido" sob a forma da universalidade (o "mundo das coisas"), determina a dominação da forma-sujeito (Pêcheux, 1997, p. 164). Para o autor, de tanto se repetir, um discurso passa a ser regularizado. Nesse mesmo viés, Indursky (2011, p. 71) afirma que:

se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados.

Portanto, conforme a autora, é a repetibilidade que sustenta a produção dos discursos e demonstra que os saberes são atualizados no discurso do sujeito, embora ele seja afetado pela ilusão de que é a origem daquilo que diz e de que o que está dizendo só pode ser dito com aquelas palavras.

Dessa forma, os discursos emergem no eixo da formulação, porque já foram ditos por outros sujeitos e em outras condições de produção. É o funcionamento da memória discursiva que permite que os discursos sejam repetidos/retomados/atualizados no fio do discurso como um discurso "novo". A mulher que diz "sou uma mãe arrependida" se inscreve em uma formação discursiva que resiste ao ideal da maternidade como destino natural e fonte única de realização da mulher e silencia outros sentidos. As formações discursivas são compreendidas por Pêcheux como:

aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que *pode e deve ser dito* [...] Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (Pêcheux, 1997, p. 160-161).

O efeito de sentido de "mãe arrependida" varia conforme as formações discursivas em que se inscrevem. Numa FD mais conservadora, essa designação pode ser encaminhar para sentidos de tabu ou desvio. Já em regiões do dizer nas quais o ideal da maternidade é interrogado, ele pode ser analisado como um gesto legítimo de desnaturalização da maternidade.

O nome da página "Mãe Arrependida" de Karla Tenório evidencia que esse não é apenas um nome, uma designação, mas constitui um gesto de resistência, pois rompe com o imaginário da maternidade como experiência necessariamente positiva e desejável.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O funcionamento discursivo, nesse caso, revela a historicidade e o caráter ideológico da maternidade, permitindo compreender os mecanismos de regulação simbólica que sustentam sua naturalização. A análise do discurso permite, assim, lançar luz sobre os sentidos em disputa sobre o "ser mãe" no corpus recortado para análise.

4 REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SOUZA, Marcelle. Detesto ser mãe e ajudo outras mulheres a lidar com esse sentimento. Karla Tenório. Disponível em : <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/05/07/sou-uma-mae-arrependida-desde-o-parto-da-minha-filha-diz-atriz.htm>. Acesso em Março de 2025.

INTERAÇÃO DE TEXTO E IMAGEM NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA DO SÉCULO XXI

Mariana MÁXIMO

Orientador: Saulo THIMÓTEO

Resumo: Este trabalho investiga como a literatura infantojuvenil brasileira contemporânea amplia suas camadas de interpretação por meio de um complexo diálogo entre texto e imagem, incluindo os paratextos. Diante disso, buscamos compreender seu modo de operação específico, performático, por meio da análise de livros ilustrados brasileiros do século XXI que exemplificam essa relação dialógica. Obras literário-artísticas que convocam o leitor a uma ação (estética, sensorial, lúdica, afetiva, reflexiva) transformam o ato de ler em um evento participativo, no qual o leitor se torna também um espectador ativo, engajado na co-criação de sentidos. Para sustentar a análise, o trabalho parte do campo historicamente fundamentado por Nelly Novaes Coelho, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, e mobiliza um arcabouço teórico interdisciplinar: as interações iconotextuais são examinadas à luz das teorias de Maria Nikolajeva e Carole Scott, Sophie Van der Linden, Martin Salisbury e Morag Styles; das artes visuais, com Fayga Ostrower, Israel Pedrosa e Modesto Farina. A profundidade crítica é fornecida por um eixo filosófico composto por Roland Barthes (retórica da imagem), Mikhail Bakhtin (interdiscursividade e dialogismo), Walter Benjamin (narrativa e experiência) e Gaston Bachelard (imaginação material). Neste trabalho, analisaremos a obra *João por um fio* (2005), de Roger Mello, como exemplificação do corpus, objetivando demonstrar como a perspectiva performática consolida este gênero como um espaço de dupla audiência (*crossover*), suscitando reflexões em crianças, jovens e adultos.

Palavras-Chave: Literatura infantojuvenil; Relação dialógica entre texto e ilustração; Performance literária.

1 INTRODUÇÃO: QUE LITERATURA É ESSA?

A literatura destinada a crianças e jovens nasce atrelada a um forte propósito moral e pedagógico, visto primordialmente como uma ferramenta de instrução e formação de caráter, e atualmente, conforme María Teresa Andruetto (2012, p. 52-71), volta-se para este mesmo propósito utilitário, principalmente pelo mercado editorial e os governos que demandam livros específicos, em função dos programas de governo, de tal forma que os desafios desta literatura continuam os mesmos, entretanto aparecem outras reflexões importantes como a cultura digital e a globalização, além da consolidação do ilustrador como artista plástico e autor da obra, e a participação do designer gráfico no projeto do livro ilustrado, trazendo a sofisticação da linguagem visual que também narra, questiona e amplia o texto verbal (Zilberman, 2010).

Compreender essa nova visualidade e as intrincadas relações do iconotexto torna-se uma tarefa central para a crítica, pois a literatura infantil e juvenil inicia o novo século em um estado de vibrante tensão, de acordo com Zilberman (2010) é um campo que se profissionalizou e ganhou respeito,

mas que se vê obrigado a renegociar permanentemente seu lugar diante das forças do mercado, das novas tecnologias e da tradição pedagógica.

Ao longo do século XX e, de forma acelerada, no século XXI, a Literatura Infantojuvenil (LIJ) iniciou um profundo processo de transformação, em busca do seu espaço enquanto arte (Filho, 2011, p. 23), autores e artistas passaram a explorar o livro como um objeto estético, um campo de experimentação onde a palavra e a imagem poderiam estabelecer relações mais complexas, incluindo os paratextos nesta expansão. Um ambiente interdisciplinar, que envolve escritores, ilustradores, mediadores de leitura, designer gráficos, artistas plásticos, publicitários, jornalistas, professores, ambiente para desenvolvimento da criatividade dos autores e editores, onde os livros ilustrados se tornam obras de arte (Salisbury; Styles, 2013, p. 45-58) O presente trabalho situa-se na continuidade dessa história, sustentando que a produção contemporânea se define pela qualidade artística intrínseca, não pela idade do público leitor a que se destina, essas obras habitam um espaço que suspende as fronteiras etárias tradicionais e dialoga, em igual intensidade, com o público infantil, juvenil e adulto. Assim, sua força reside no equilíbrio dinâmico entre texto e imagem se complementam criando uma obra literária performática.

Para tanto, propomos um arcabouço teórico também interdisciplinar, tal qual essa literatura exige: a relação verbo-visual será examinada a partir de conceitos como o de contraponto e complementaridade de Nikolajeva e Scott e outros autores que colocam à discussão essa relação texto-imagem; para a análise do potencial polifônico das obras, bem como a carnavalização que corrobora com a subversão dos papéis sociais (e aqui, literários), recorreremos ao dialogismo de Bakhtin; a complexidade da imagem a partir da retórica da imagem de Barthes; a reflexão sobre a obra de arte e a figura do narrador, de Benjamin, ajudará a pensar a materialidade do livro e a experiência da leitura. Além da base da LIJ no Brasil, por Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman e Marisa Lajolo.

Para trazer tal discussão, nosso corpus de análise será delimitado a obras literárias infantojuvenis brasileiras do século XXI que apresentem relação dialógica de complementariedade entre texto e imagem, livros ilustrados em que essa relação iconotextual amplie as camadas interpretativas da obra. Traremos, a título de exemplificação, o livro *João por um fio* (Mello, 2005), em que é possível visualizar a exemplificação da LIJ em sua essência artística.

2 LITERATURA IMAGÉTICA: A LINGUAGEM DO ICONOTEXTO EM JOÃO POR UM FIO

A obra *João por um fio* (2005) é profundamente dialógica, em vários níveis, desde a construção do livro ilustrado, que envolve o projeto gráfico, até o diálogo constante entre o mundo interior de João e o mundo exterior sugerido pela relação entre realidade e sonho, tradição e individualidade. A palavra, manuscrita, desenhada à mão pelo autor, não apenas narra, mas também se integra à composição gráfica, assim como as imagens também

narram. Essa história carrega, como anuncia o título, um, fio, elemento central que é a materialização máxima dessa sinergia, pois este fio é textualmente e imgeticamente ilustrado, percorrendo toda a narrativa, e ainda materializado no marcador de páginas e na costura do livro.

Figura 01 – O atravessamento imagético do fio



Fonte: Mello (2005, p. 36, 37)

A mensagem denotada é atravessada pela conotada (Barthes), a materialidade do fio escapa da página e toca as mãos do leitor/espectador, podendo ser inclusive movido por ele para a página que quiser, expandindo a narrativa neste ambiente de João, um espaço onírico que é, simultaneamente, um ninho (refúgio) e um furo (de onde se precisa sair) (Bachelard). Em uma era de reprodutibilidade técnica, *João por um fio* (2005) resgata a aura da obra de arte, a caligrafia manual/ desenhada tangencia à palavra como imagem, bem como as ilustrações e a presença física do fio conferem a cada exemplar um caráter de objeto único, a leitura torna-se uma experiência tátil e sensível, como pressupõe a presença do narrador benjaminiano, o artesão que tece uma história (literalmente) e convida o leitor a uma relação íntima com o livro.

A arte gráfica com o contraponto metafictício criado pelos elementos paratextuais, como a capa, a folha de rosto, as guardas e a dedicatória, criam um campo de tensão e expansão de sentidos, como a dedicatória às crianças de Uros, desloca o leitor para além do universo individual do protagonista e anuncia a dimensão coletiva, cultural e artesanal da narrativa. A capa, por sua vez, antecipa visualmente a poética da costura, bem como gera a expectativa do enredo demonstrando a contradição nas rendas de cores e pontos diferentes (além das cores preto e branco também em oposição, no fundo vermelho), e o perigo expresso na metáfora “por um fio”, enquanto as guardas do livro anunciam a história com redes de pesca em que se veem peixes, conchas e brinquedos. Trançadas, as redes parecem continuar ou prolongar esse fio além da narrativa, que transita entre a rede de pesca, a colcha que cobre o menino (do frio e da vida), a tessitura das camadas de totora que mantém as ilhas flutuantes acima do lago Titicaca, além das tramas dos sonhos, do fio da tradição, e da continuidade de uma cantiga familiar.

O fio atravessa o livro em sua materialidade, aparecendo nos paratextos, nas ilustrações internas, e, saindo do papel, como na própria costura das páginas do livro e no marcador de páginas, tal gesto performativo amplia o campo da leitura e insere o leitor em um percurso

sensorial e interativo, especialmente quando integra texto, imagem e projeto gráfico em uma proposta estética unificada.

O leitor/espectador é, assim, convidado a acompanhar João e seu fio, segui-lo, tocá-lo, costurá-lo com seus próprios sentidos, a imagem da capa antecipa o menino suspenso entre mundos: memória e sonho, medo e criação, além de confrontar, junto com o protagonista, a normatização dos adultos (por meio da tradição), e ainda, apropriar-se dela, subvertendo-a, ao criar sua própria colcha com palavras (usando o ponto de interrogação como agulha), além do convite à costura, pois a dupla página é a que traz a costura aparente das páginas, como se João estivesse ele mesmo, ao costurar sua colcha, suas palavras, sua vida, costurando o próprio livro (seu livro).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim compreendemos este lugar narrativo interartístico, o livro ilustrado do século XXI, um espaço de arte, abrangente, que extrapola sua nomenclatura (um gênero a que se destina), pelo contrário, subverte-o, como afirma Nikolajeva (2023, p. 33) “A literatura infantil tem o potencial de questionar os adultos como norma. Escritores dessa literatura empregaram diversas estratégias para a subversão.”

A análise de João por um fio através do arcabouço teórico proposto demonstra como a obra opera na relação complementar entre texto, ilustração e materialidade que propõe ao leitor a subversão da norma adulta, bem como uma resolução dos conflitos que ele opera durante os sonhos, preso na rede de pesca (ou em sua colcha de tradições), mas que servem como seu porto seguro, pois João não dorme descoberto, levando-o a encontrar sua subjetividade ao criar uma canção enquanto costura sua própria colcha.

A obra literária exemplifica o ambiente em que queremos adentrar: literatura infantojuvenil de dupla audiência (ou crossover), que se apresenta de maneira performática, operando por meio de paratextos e de toda a estrutura/ formato do livro ilustrado, em que o leitor é também espectador, como demarcam Nikolajeva e Scott (2021), subverte toda estrutura posta no enredo, ampliando as lacunas e camadas interpretativas da obra. O leitor participa de um ritual: o de costurar, junto com João, uma nova colcha de sentidos, a subversão da norma, portanto, não ocorre apenas no enredo, ou no gênero literário, mas no próprio ato da leitura, como “efeito de real” e força a participação do leitor (Barthes), o devaneio e a poética do espaço íntimo (Bachelard), o palco polifônico onde as vozes do medo e da segurança dialogam (Bakhtin), e a performance como um resgate da narrativa coletiva (Benjamin). Assim, cada teórico ilumina uma faceta diferente do mesmo fenômeno: uma literatura performática.

O modo performático redefine a LIJ deste século por sua capacidade de criar uma experiência de leitura engajada, abordagem que potencializa a literatura como ferramenta de reflexão crítica, promovendo um ambiente de respeito e empatia denunciando “[...] qualquer forma de poder autoritário; [...]

alienação e exploração [...]” (Colomer, 2017, p. 203) ao abordar questões sociais e atuar como um espaço de voz para o sujeito subalterno e a maioria minorizada, trazendo o leitor/espectador a vivenciar essa costura narrativa.

4 REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do gato, 2012.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura infantil: um percurso em busca da expressão artística. In: Filho, José Nicolau Gregorin; Pina, Patrícia Kátia da Costa; Michelli, Regina Silva (orgs.) **A Literatura infantil e juvenil hoje**: Múltiplos olhares, diversas leituras. Rio de Janeiro: Dialogarts. 2011. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/a_literatura_infantil_e_juvenil_hoje.pdf. Acesso em 09 out. 2025.

MELLO, Roger. **João por um fio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

NIKOLAJEVA, Maria. Poder, voz e subjetividade na literatura infantil. Tradução Camila Werner; apresentação Elisabeth Cardoso. São Paulo: Perspectiva, Edição do Kindle. 2023.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro infantil e ilustrado**: a arte da narrativa visual. São Paulo: Rosari, 2013.

ZILBERMAN, Regina. **Desafios da literatura brasileira na primeira década do séc. XXI**. Nonada: Letras em Revista, vol. 2, núm. 15, outubro, 2010, pp. 183-200. Laureate International Universities: Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451677014>. Acesso em 09 out. 2025.

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO: O CASO DA LÍNGUA ESPANHOLA NO ESTADO DO PARANÁ

Melissa Andres FREITAS

Orientadora: Cibele KRAUSE-LEMKE

RESUMO: O Brasil, nos últimos 20 anos, passou por duas grandes reviravoltas no ensino de Língua Espanhola: a promulgação e consequente implementação da Lei nº 11.161/2005, conhecida como “Lei do Espanhol”, e sua posterior revogação, com a que ficou conhecida como “Lei do monolinguismo”, a Lei nº 13.415/2017. Esses dois grandes eventos políticos causaram mudanças importantes nas estruturas educacionais brasileiras que vão desde a formação de professores para o ensino da língua até a produção de material didático e implementação em sala de aula. Nosso objetivo é fazer uma análise qualitativa dos efeitos da promulgação e depois revogação da Lei 11.161/2005, por meio de pesquisa a documentos oficiais com dados relativos a concursos e contratações e de entrevistas e questionários a professores de língua espanhola concursados e PSS do Paraná. O objetivo é expor os possíveis impactos que as escolhas políticas, educacionais e de políticas linguísticas acarretam na formação e carreira de professores de espanhol. Buscaremos também verificar se a Emenda à Constituição do Paraná, lei estadual nº 52/2022, está surtindo novos impactos na carreira profissional desses professores. Utilizaremos como arcabouço teórico as discussões sobre políticas linguísticas, formação de professores e língua espanhola propostas por Lagares (2013, 2018); Leffa (2013, 2016), Paraquett (2009; 2021) e Rajagopalan (2013, 2014), entre outros pesquisadores das áreas de Políticas Linguísticas, Planejamento Linguístico, Políticas Educacionais e Políticas Públicas.

Palavras-chave: Políticas linguísticas; políticas educacionais; professores; língua espanhola.

1 INTRODUÇÃO

As regulamentações que determinam as políticas de ensino, o planejamento linguístico, enfim, as políticas linguísticas a serem adotadas nas comunidades educacionais influenciam diretamente o mundo laboral dos professores dedicados às línguas de ensino. Partimos da hipótese de que mudanças radicais nas leis que determinam o ensino de línguas adicionais acarretaram e ainda acarretam prejuízos sociais, econômicos/financeiros e até mesmo emocionais, com impacto na formação docente e também na carreira, levando muitos professores a mudarem de carreira ou desistirem do magistério e, no caso daqueles que permaneceram, tiveram suas rotinas modificadas em virtude da falta de aulas ou do excesso de escolas que devem assumir para fechar o padrão de horas contratadas em sala de aula, havendo portanto a precarização do trabalho docente e a promovendo instabilidade laboral.

Nossa questão principal de pesquisa é: De que modo as mudanças legislativas no ensino de espanhol produziram (ou ainda produzem) efeitos na formação, na identidade profissional e nas trajetórias de trabalho de docentes da educação básica do Paraná? Desta forma, propomos documentar as consequências que políticas linguísticas dos últimos 20 anos trouxeram para professores de espanhol da rede pública de ensino no

Paraná. Nosso objetivo geral é fazer uma análise qualitativa dos efeitos da proposição e depois revogação da Lei Federal 11.161/2005 sobre as condições de trabalho de professores de espanhol e de como a lei estadual da volta do espanhol vem impactando essas condições no Estado do Paraná. Como objetivos específicos visamos expor os impactos que as escolhas políticas, educacionais e de políticas linguísticas acarretam na formação e na carreira de professores de espanhol.

O projeto parte de levantamento bibliográfico para um estudo crítico de material teórico referente às áreas de estudo da Linguística Aplicada: Políticas Linguísticas, Planejamento Linguístico, Políticas Educacionais e Políticas Públicas aplicados especificamente à área de espanhol como língua adicional, com a discussão de leis que regulamentam o ensino da língua na educação pública brasileira, seja no âmbito nacional, seja regional.

A coleta de dados será feita a partir de documentos oficiais públicos e por meio de questionários estruturados direcionados aos professores de língua espanhola (que serão submetidos ao comitê de ética da universidade em que o projeto está alocado). A pesquisa é de cunho predominantemente qualitativo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Somos todos políticos quando fazemos ou deixamos de fazer algo que afeta a vida dos outros, provocando mudanças que podem trazer prejuízos ou benefícios (...) Somos políticos quando incentivamos o outro a crescer, mas também somos tristemente políticos quando diminuímos o outro, tirando-lhe as oportunidades.”
(Vilson Leffa)

Na discussão sobre noções de planejamento linguístico, Lagares (2013) nos lembra o quão necessário é analisarmos não apenas o que se planeja mas quais as consequências sociais desse planejamento, pensando na realidade social que será modificada, por quê, como e quem se beneficiará dessa intervenção.

Na realidade, nenhuma ação de planejamento linguístico pode ser desenvolvida com sucesso sem levar em consideração aspectos fundamentais da realidade social sobre a qual se deseja intervir: as relações socioeconômicas, as dinâmicas culturais e identitárias, os imaginários e as representações linguísticas. (Lagares, 2013, p. 182-183)

Nossa noção sobre consequências que desconsiderar um conjunto social que será afetado permeia a direção de nossos estudos, uma vez que entendemos que houve um investimento financeiro e humano na criação de um campo de trabalho e estudos em torno da língua espanhola a partir, principalmente, da promulgação da Lei 11.161/2005.

O revés causado pela revogação da lei anterior e promulgação da Lei 13.415/2017 que freia o crescimento e expansão da língua espanhola principalmente no ensino público (inclusão essa que já não vinha sendo facilitada), retoma um ciclo de exclusão social e escancara novamente a política neoliberal que soterra as Ciências Humanas em seus ideais pela busca por um ensino plural e abrindo novamente espaço ao ensino ora denominado “monolíngue”.

A Reforma do Ensino Médio revoga a Lei do Espanhol, retirando a obrigatoriedade de sua oferta e colocando-a como disciplina que pode ser ofertada em caráter optativo, preferencialmente, obedecendo à disponibilidade dos sistemas de ensino. A língua estrangeira obrigatória a partir da Reforma passa a ser a língua inglesa. Com isso, a reprodução de um discurso neoliberal determina a retirada das disciplinas de Ciências Humanas, assim como a exclusão da obrigatoriedade do espanhol nos currículos. Esse discurso não privilegia a pluralidade cultural que o ensino de espanhol traz, tampouco o fato de o Brasil fazer fronteira com vários países falantes da língua espanhola, aspecto que evidencia um forte intercâmbio cultural entre algumas regiões. Retirar o espanhol dos currículos é retirar dos alunos possibilidades de reflexão sobre diversos países da América Latina, os quais passam ou passaram por problemas sócio-históricos análogos aos do Brasil. A escolha da língua inglesa como língua obrigatória no currículo só vem a reforçar o discurso neoliberal presente na lei (...) (HIDALGO, VINHAS, 2021, p.516-517).

Podemos afirmar e reafirmar várias vezes que a língua espanhola está longe de ter lugar seguro garantido e estabelecido firmemente nas políticas educacionais em nosso país, passando por recorrentes inclusões e exclusões (Carvalho, 2021) e sendo preterida em favorecimento da língua inglesa, na manutenção de uma língua hegemônica, do monolinguismo, com uma visão estritamente colonial/capitalista/neoliberal. E como essa seara persiste e é sabido que as lutas por espaços de contato com a pluralidade linguística e o acesso formal a aprendizagem de uma língua adicional (principalmente para as classes sociais menos privilegiadas), implica no envolvimento de políticas públicas, políticas educacionais e de políticas linguísticas, entendemos que a proposta de nosso projeto mantém acesa a discussão sobre políticas linguísticas e língua adicionais, juntado-se ao coro de profissionais que não esmoreceram diante das instabilidades políticas que o ensino da língua espanhola sofre historicamente e, em ampliando os estudos, fazendo história na inserção do Português como língua adicional nos bancos universitários colombianos.

3 DESENVOLVIMENTO

A promulgação da “Lei do Espanhol” não garantiu que esta disciplina fosse plenamente implementada nas escolas públicas brasileiras (COUTO, 2016; MACIEL, 2011), deste modo, os movimentos dos coletivos de professores tiveram um papel importante na busca pelo cumprimento da lei (DROGUIL, 2023).

No estado do Paraná, embora tenha havido um concurso público para professores efetivos da língua no ano de 2007 (EDITAL N° 10/2007 – GS/SEED), o número de vagas foi ínfimo diante do número de escolas do Estado: para os 32 núcleos regionais foram designadas 64 vagas de professor concursado, sendo distribuídas 02 vagas por núcleo regional.

É possível verificar nos dados do site da Secretaria de Educação do Paraná uma variação bem importante no quadro de professores de acordo com os períodos de implementação da lei 11.161/2005 e de sua revogação, em 2017, com a LEI 13.415/2017. A variação do número de professores efetivos, ou seja, que fazem parte do Quadro Próprio de Magistério (QPM), pode ser constatada de maneira muito clara ao comparar o número de professores na ativa ao longo dos anos e perceber uma queda abrupta imediatamente após a revogação da LEI 11.161/2005. Com base nesse levantamento prévio, elaboraremos quadros comparativos com esses dados para registrar e ilustrar nossas afirmações.

É importante constar, que imediatamente após a publicação da MEDIDA PROVISÓRIA N° 746, DE 22 DE SETEMBRO DE 2016, que mais tarde seria convertida na LEI 13.415/2017, a Secretaria de Educação do Paraná não ofereceu vagas para professores de espanhol no Processo Seletivo Simplificado (PSS) do ano de 2017. Também não foram ofertadas vagas no Concurso Público de 2023 (EDITAL N° 011/2023 –DRH/SEAP), ano seguinte à aprovação da Emenda à Constituição do Paraná, Lei Estadual n° 52/2022, publicada no Diário Oficial n°. 2517 de 31 de Agosto de 2022, o que gerou muitos protestos e indagações ao poder público (“Por que não tem vaga para professor de espanhol no concurso da Seed?”, 2023).

Acessando documentos oficiais com dados de universidades públicas verificamos a concorrência no vestibular para os cursos de licenciatura em língua espanhola e sua variação de acordo com as mudanças das leis referidas. Em um levantamento que realizamos com dados da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná, obtidos nas páginas oficiais da instituição, é possível perceber uma variação importante na busca pelo curso de licenciatura em Letras Português/ Espanhol com um aumento significativo de 2004 e 2005 (ano da promulgação da LEI 11.161/2005) para 2006, saindo da concorrência de 4,82 candidatos/vaga para 9,0 candidatos/vaga em 2006. Em detrimento a esses dados, os anos de 2018 e 2019, subsequentes à revogação da Lei do Espanhol, mostram uma queda significativa na busca pelos cursos de licenciatura em língua espanhola - saímos da concorrência de 9 candidatos por vaga no melhor cenário, para 2,40 no período noturno. Nos anos subsequentes a média vem decaindo cada vez mais, mas outros fatores como o período da pandemia por COVID-

19 tiveram forte influência sobre a busca por vestibular, de maneira que não utilizamos esses dados.

No âmbito de planejamento linguístico, já verificamos a ausência de proposta de ensino de língua espanhola no *Referencial Curricular Para o Ensino Médio do Paraná* (2021) em detrimento a outros documentos referenciais da área de educação no período de vigência da LEI 11.161/2005. Sendo assim, nossa proposta de trabalho visa o levantamento de presenças e ausências da língua espanhola em vários contextos que envolvem políticas linguísticas e planejamento linguístico, com especificamente em órgãos públicos. À medida que formos tendo acesso aos diferentes documentos iremos delimitar a abrangência desses estudos, que, a princípio, pretende ser no âmbito do Estado do Paraná.

4 REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.161. Diário Oficial da União. Brasil, 05 de agosto de 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/L11161impressao.htm

Acesso em 21 ago 2025.

BRASIL. Lei nº 13.415. Diário Oficial da União. Brasil, 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em 21 ago 2025.

CARVALHO, T. L. de. El acceso a la lengua española y la necesidad de fortalecer el plurilingüismo en la escuela brasileña. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XLIX, p. 149-165, 2021.

CORRÊA, D. A. (Org.) **Política linguística e ensino de língua**. Campinas: Pontes, 2014.

DA SILVA HIDALGO, L.; IOST VINHAS, L. Políticas linguísticas sobre o ensino de espanhol no Brasil: Efeitos do discurso neoliberal. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 24, n. 3, p. 504-529, out. 2021.

LAGARES, X. C. Ensino de espanhol no Brasil: uma (complexa) questão de política linguística. In: NICOLAIDES, C. et. al.(Orgs); **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores/ ALAB, 2013.

_____. O espaço político da língua espanhola no mundo. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. 52, v. 2, p. 385-408, jul/dez, 2013.

LEFFA, Vilson J. **Língua estrangeira**. Ensino e aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2016.

_____. Prefácio. In: NICOLAIDES, C. et. al. (Orgs.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores/ ALAB, 2013.

RAJAGOPALAN, K. Política Linguística: do que é que se trata, afinal? In: Nicolaidés, C.et. al. (Org.). **Políticas e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes/ALAB. 2013. p.19-42.

PARANÁ, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. **Referencial Curricular Para o Ensino Médio do Paraná** Sistema Estadual de Ensino do Paraná, 2021. Disponível em:
https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-08/referencial_curricular_novoem_11082021.pdf Acesso em 17 nov. 2025.

PRIMO LEVI: A NECESSIDADE DE TETEMUNHAR O INDIZÍVEL E JUSTIFICAR A PRÓPRIA SOBREVIVÊNCIA

Paulo Ricardo do PRADO

Orientador: Maria Clécio VENTURINI

Resumo: O objetivo deste projeto de pesquisa é analisar o discurso de Primo Levi sobre a sobrevivência ao Holocausto. Filiados à Análise do Discurso, teoria que ancora e sustentará a análise, tomamos como base autores como Pêcheux (2014), Orlandi (2015) e Venturini (2024). Analisaremos as obras de Levi, como testemunha que presenciou e vivenciou o genocídio, com um olhar sobre a formação discursiva; analisaremos como o imaginário de que o homem não poderia sobreviver afeta a produção do discurso. Identificaremos, também, os efeitos de sentidos que se constituem no discurso do sujeito e os efeitos com os quais nos deparamos com a necessidade de Levi ter de justificar a sobrevivência aos horrores do Campo de concentração de Auschwitz. Assim, analisando o sujeito entendemos como ele é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente e, é pela sua filiação ideológica que se inscreve em uma formação discursiva, conforme Pêcheux (2014).

Palavras-Chave: Holocausto; testemunho; Auschwitz; discurso testemunhal.

1 INTRODUÇÃO

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) as ações nazistas foram responsáveis pela morte de cerca seis milhões de judeus e, de acordo com Milgram e Rozett (2012, p. 17), o ódio antijudaico tem suas origens na cultura cristã, particularmente durante o século XIX, tomando novas formas, na medida em que era concedida a igualdade de direitos aos judeus. Além disso, entre as duas guerras mundiais, foi propagado o mito de que os judeus eram revolucionários e conspiracionistas e pertencentes a uma 'raça' que pretendia dominar o mundo e que se propagou pela Europa e mundo afora. A ascensão de Hitler ao poder em 1933, fez com que intensificasse e disseminasse o ódio antijudaico, esse é considerado o início do Holocausto. Carlos Reiss (2018, p. 98) argumenta que, sendo propagado de forma consciente ou não, é comum que ouvirmos que o Holocausto é, em sua essência, um fenômeno enigmático e inexplicável. A construção da memória coletiva universal da Shoá ocorreu em paralelo a esse enfoque 'místico' sobre suas razões e explicações, isso tanto nos testemunhos de sobreviventes quanto de historiadores e especialistas. O coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba ressalta ainda para o fato de que expressões como 'irracional', 'inexplicável', 'misterioso' e 'incompreensível' continuam sendo frequentemente usadas ao abordar as brutais e cruéis experiências das vítimas do regime nazista.

De acordo com Lawrence Rees (2023, p. 492), no contexto do Holocausto, o principal papel de Hitler foi o de trazer sua "visão", essa visão dizia respeito ao ódio aos judeus, os quais culpava pela situação da Alemanha. Devido a essa "visão" em constante mudança, há diferentes marcos na execução para a catástrofe que chamamos de Holocausto: "a invasão

da União Soviética; a decisão Hitler de enviar os judeus Velho Reich e do Protetorado para o Leste no outono de 1941; sua reação à entrada dos Estados Unidos na guerra alguns meses depois; e a ordem de matar os judeus do Governo Geral no verão de 1942”.

O objetivo geral diz respeito a ampliar os estudos da temática do Holocausto junto à Análise de Discurso pecheuxiana; já os objetivos específicos estão voltados para: desenvolver uma pesquisa pensada a partir da personificação da Shoá; analisar o testemunho de um sobrevivente específico, o de Primo Levi; analisar o discurso Primo Levi como um sobrevivente do Campo de concentração de Auschwitz. Toda pesquisa se desenvolve a partir de uma questão, a questão do presente estudo será: Como ocorre a justificativa da sobrevivência através do testemunho de Primo Levi?

Nascido em 1919, em Turim - Itália, formou-se pela Faculdade de Química de sua cidade antes que as leis fascistas impedissem os judeus de ter acesso às universidades. Levi foi deportado para o campo de concentração de Auschwitz em 1944, voltando para a Itália após a libertação dos prisioneiros, em 1945, recomeçando seu trabalho como químico. Porém, sentia a necessidade de relatar sua experiência de sobrevivência e resistência, escreveu seu testemunho e suas memórias, escreveu também ensaios, ficção e poesia. Levi suicidou-se em 1987, aos 67 anos de idade, Agamben conta sobre como foi encontrar com ele: “Sentindo de perto esse mal-estar, é que eu o encontrei [...]. Ele podia sentir-se culpado por ter sobrevivido, não por ter testemunhado. ‘Estou em paz comigo porque testemunhei’” (2008, p.27).

2 DESENVOLVIMENTO

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e bibliográfico e será desenvolvida da seguinte forma: levantamento do referencial teórico, a partir de publicações de autores como Orlandi (2015), Agamben (2008) e Pêcheux (2014). A seleção de nosso material de análise e a temática do Holocausto foi influenciada pensando na individualidade de cada uma das vítimas do Holocausto.

A Análise de Discurso, teoria que sustenta e ancora a pesquisa, realiza-se a partir de uma questão de pesquisa e é esta questão que norteia a constituição do arquivo e os recortes e, a partir desses recortes, mobilizamos os conceitos fundamentais para a realização das análises e, por fim, encontra as respostas para a questão de pesquisa apresentada anteriormente.

Para Orlandi (2015, p. 24) a Análise de Discurso “visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentido, analisando assim os próprios gestos de interpretação [...]”. Isso significa ver a interpretação ligada ao simbólico, tendo visto a intervenção nos sentidos. Delimitado nosso corpus, passaremos para o movimento de análise: para a análise da obra de Primo Levi, pensaremos nos possíveis efeitos de sentido que o constituem como sujeito sobrevivente do Holocausto e seu testemunho; pensaremos em

como se constrói o efeito de “realidade” – pensando nessa impossibilidade do real do trauma, do vivido através do testemunho – de Auschwitz pelo testemunho do sobrevivente e a necessidade de testemunhar e justificar a própria sobrevivência.

Nesse movimento, o que analista de discurso realiza é um gesto de interpretação “porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história” (Orlandi, 2020, p. 18). Com isso, demanda a mobilização de noções que ajudam a responder à questão de pesquisa que determinará o corpus e o dispositivo analítico. A mesma autora sinaliza que a AD é um campo disciplinar que “se forma no lugar em que a linguagem tem de ser referida necessariamente à sua exterioridade”. A questão de pesquisa é o que norteia o trabalho do analista de discurso, como nos diz Orlandi (2015, p. 25), é a partir da formulação dessa questão de pesquisa que se “desencadeia a análise”, pois, um aspecto determinante para a questão de pesquisa é o material sobre o qual determos nossa análise, “pois cada material exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões” (p. 25).

Dessa forma, podemos dizer que “o dispositivo teórico é o mesmo, mas os dispositivos analíticos, não” (2015, p. 25). As análises feitas a partir do dispositivo analítico demandam a extração de determinadas sequências dos materiais de análise, as quais fazem parte do discurso analisado e que são chamadas sequências discursivas (SDs), dando forma ao corpus.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao arquivo sobre o qual nos debruçamos, nesta pesquisa, cabe ressaltar que se trata de um arquivo produzido por testemunhas da Shoá, testemunhas que lutaram para que a história dos que não sobreviveram fosse contada ao mundo. Nosso arquivo será composto por textos de Primo Levi, como: *Os afogados e os sobreviventes* (2022); *É isto um homem?* (1988), *A trégua* (2010); e, *Assim foi Auschwitz* (2015). Dessas obras, retiraremos sequências discursivas (SDs) para assim fundamentarmos nossas análises.

A partir dessas SDs, analisamos as práticas e gestos de resistência dos enclausurados no gueto e nos voltamos para a teoria na qual nos filiamos e neste enfoque, no discurso de Primo Levi, expor nossa tese sobre a *necessidade do sobrevivente ter de justificar a própria sobrevivência*, perante o negacionismo e a/ou questionamentos morais sobre suas ações que o fizeram resistir ao extermínio.

4 REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008.
LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Tradução: Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, 255 p.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores. 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Orlandi et al. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

REES, Laurence. **O Holocausto: uma nova história**. Tradução: Luis Reyes Gil. 2. ed. São Paulo: Vestígio, 2023.

REISS, Carlos. **Luz Sobre o Caos: Educação e Memória do Holocausto**. Curitiba, 2018

SELIGMANN-SILVA (Org.). Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 45 58.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário Urbano: espaço de rememoração/comemoração**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

BERNARDO SANTARENO: ESTARIA UM DRAMATURGO COMUNISTA IMERSO NO REALISMO CAPITALISTA?

Adriano Luís FONSACA

Orientador: Edson Santos SILVA

Resumo: O conceito de realismo capitalista, desenvolvido por Mark Fisher (2020), descreve a naturalização do capitalismo como horizonte único de pensamento e ação, configurando uma ideologia que ultrapassa a economia para dominar também a cultura e a subjetividade. Este trabalho propõe uma leitura da peça *O punho* (1987), de Bernardo Santareno, à luz desse conceito, buscando compreender como, mesmo em uma obra escrita por um autor comunista e engajado, persistem contradições ideológicas que revelam a influência do imaginário capitalista. Em um primeiro momento, a análise evidencia que, embora Santareno denuncie a exploração e a desigualdade social, sua dramaturgia também incorpora ambiguidades e concessões que ilustram a tese de Fisher: o capitalismo coloniza até as formas de crítica que lhe são dirigidas.

Palavras-Chave: Bernardo Santareno; *O punho*; realismo capitalista; teatro; marxismo.

1 INTRODUÇÃO

Bernardo Santareno (1920-1980) é reconhecido como um dos dramaturgos portugueses mais comprometidos com a crítica social a partir de suas ideias marxistas. Sua obra originou-se no contexto político do Estado Novo a partir de sua resistência antifascista, apresentando personagens marginalizados e explorados que simbolizam as contradições de classe em Portugal. Publicada em 1987, *O punho* representa uma das sínteses mais maduras de sua dramaturgia política, ambientada no Alentejo durante o processo de reforma agrária, nos apresenta a personagem de Maria do Sacramento que se vê em contradição ao ter que servir sua senhora, latifundiária responsável pelas mazelas da região onde vive, ou lutar com seus vizinhos pela emancipação popular através da reforma agrária.

Ao abordar as tensões entre camponeses e proprietários rurais, Santareno expõe a violência estrutural do latifúndio português e os embates que se desenham a partir dali. Entretanto, uma leitura mediada pelo realismo capitalista, conceito de Mark Fisher (2020), permite perceber como o discurso revolucionário da peça é atravessado por alguns elementos conciliatórios que limitam a radicalidade de sua crítica. Se acredita assim, em um primeiro momento, que um autor comunista pode reproduzir, ainda que inconscientemente, a lógica simbólica de um sistema que pretende contestar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Fisher, o realismo capitalista opera como uma “atmosfera ideológica” que molda a percepção do real. Essa ideologia cultural hegemoniza e naturaliza o capitalismo, transformando qualquer ou a maioria

das tentativas de críticas em produto do próprio sistema. A ideologia neoliberal, nesse sentido, não se impõe necessariamente pela censura, mas pela integração, pois tudo pode ser dito, desde que permaneça dentro das fronteiras do possível no capitalismo.

Mark Fisher observa que obras culturais contemporâneas (2020, p.26) exemplificam esse processo de absorção da ideologia capitalista: elas criticam o consumismo e a alienação, mas propõem soluções individuais e moralizantes, neutralizando o potencial político de suas denúncias.

Aplicada à literatura e ao teatro, essa perspectiva pode revelar textos engajados expressando tanto resistência quanto submissão. O teatro político, especialmente o influenciado por Brecht, busca romper a passividade do espectador. Contudo, o realismo capitalista infiltra-se até nesses modelos, transformando a crítica em uma “revolta domesticada”. Brecht se reviraria no túmulo ao ouvir isso, mas segundo alguns autores até mesmo seu teatro épico poderia acabar se tornando uma catarse inofensiva.

3 ANÁLISE DE *O PUNHO*

Em *O punho*, Santareno narra o embate entre camponeses e proprietários no interior alentejano. A protagonista, Maria do Sacramento, é uma trabalhadora doméstica que, ao longo da peça, passa por um processo de conscientização. Na obra, o coro funciona como voz coletiva e didática, revelando as contradições do sistema capitalista e as maquinções dos burgueses latifundiários, guiando o público a reconhecer a opressão de classe. Segundo o coro: “A terra é de quem trabalha” (Santareno, 2023, p.581). Essa estrutura aproxima a peça do teatro épico brechtiano, voltado à formação crítica do espectador. Brecht afirma que “devemos denunciar que torturas são perpetradas para que as relações de propriedade sejam mantidas” (Brecht, 1967, p.34).

Contudo, quando observada sob a ótica do realismo capitalista, a peça apresenta fissuras que relativizam sua radicalidade. Dentre alguns pontos mais gerais notamos a individualização da culpa, quando Maria do Sacramento justifica a propriedade privada de sua patroa, D. Mafalda; o desfecho conciliatório da variante da peça, que substitui a violência revolucionária por uma consciência pacífica e a ambiguidade revolucionária, que desloca a luta de classes para o campo moral. Apesar de que não se pode furtar de pontuar que Maria do Sacramento justifica a propriedade de D. Mafalda em dado momento, mas vai evoluindo esse pensamento ao longo da peça, apesar de ainda manter resquícios desse modo de pensar até o final do texto. Também se admite que o verdadeiro final, escolhido por Santareno, é muito mais revolucionário e menos conciliatório. Mesmo assim, a peça oscila entre a denúncia socialista e o conformismo liberal, parecendo reproduzir o limite imposto pelo realismo capitalista à imaginação política até mesmo de um autor comprometidos com ideias revolucionários marxistas.

Mark Fisher argumenta que esse tipo de ambiguidade não é um caso isolado, premeditado ou um mero erro ideológico, mas um sintoma da

hegemonia cultural neoliberal: o sistema se perpetua ao permitir que a crítica exista, contanto que ela permaneça inofensiva. *O punho* de jeito algum é inofensivo, uma vez que a vida de Bernardo Santareno foi uma luta contra a censura e o dramaturgo sempre optou “por uma sociedade livre da exploração” (Sousa, 2020). Contudo, em democracias capitalistas que se glorificam como arautos da liberdade (como é a Portugal de hoje em dia), sua obra pode ser publicada ou encenada. Mesmo assim, certas nuances de *O punho* parecem exemplificar como até a arte revolucionária cunhada no seio de uma sociedade capitalista pode ser capturada por uma ideologia que transforma parte da rebeldia em um mero espetáculo catártico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU ATUAIS?)

A análise de *O punho* à luz do realismo capitalista revela um paradoxo não previsto: Santareno, dramaturgo marxista e militante do Partido Comunista Português, elabora uma crítica contundente à opressão de classe, a partir de uma moldura simbólica que desliza por conceitos de liberdade individual propostos não pelo socialismo, mas pelo capitalismo, e isso traz certa legitimidade ao sistema que combate. Essa tensão reflete o que Fisher denomina “colonização do imaginário”, o poder do capitalismo de se infiltrar até nos discursos que o negam.

Assim, a peça não é apenas denúncia, mas também documento de uma limitação histórica: a dificuldade de propor uma alternativa concreta ao capitalismo com todas as palavras, sem pudores ou ressalvas. Em certo nível, *O punho* consegue reafirmar a força ideológica do sistema capitalista, demonstrando como a arte pode tanto resistir quanto reproduzir os mecanismos de dominação ou fazê-lo concomitantemente.

A leitura de Santareno sob a perspectiva de Fisher permite compreender que o teatro político continua sendo espaço privilegiado de crítica, para ser efetivamente transformadora, deve enfrentar não só o poder material, mas sobretudo o simbólico: o realismo capitalista que ancora nossa percepção do possível.

5 REFERÊNCIAS

BRECHT, Bertold. **Teatro Dialético**: Bertold Brecht. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

SANTARENO, Bernardo. **Obra Completa Bernardo Santareno**: teatro III. Portimão: E-Primatur, 2023.

SOUSA, Jerónimo de. **Centenário de Nascimento de Bernardo Santareno**. 2020. Disponível em: <https://www.pcp.pt/centenario-de-nascimento-de-bernardo-santareno>. Acesso em: 31 out. 2025.

REVISITANDO A VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS* E *A GENTE* EM GUARAPUAVA (PR): UMA DISCUSSÃO PRELIMINAR

Vanessa Aparecida DEON

Orientadora: Loremi LOREGIAN-PENKAL

Coorientadora: Lucelene Teresinha FRANCESCHINI

Resumo: Neste trabalho, buscamos apresentar os resultados mais significativos de alguns trabalhos em relação à variação pronominal *nós* e *a gente* na função de sujeito no Brasil, como: Omena (1998), Borges (2004), Tamanine (2010), Franceschini (2011), Deon (2015) e Fonseca (2021). A partir desses resultados, observamos algumas tendências tanto sociais quanto linguísticas que condicionam o uso dessas variáveis. Além disso, o objetivo é fazer uma discussão preliminar dos dados obtidos por Deon (2015) e, a partir desses dados, reanalisar os fatores linguísticos e sociais na pesquisa de doutorado, em andamento, intitulada *Revisitando o estudo sociolinguístico nós e a gente na Comunidade de Guarapuava (PR)*. Seguimos os princípios teóricos da sociolinguística quantitativa, delineados por William Labov (1972, 2008). Para isso, serão utilizados os dados já existentes no banco VARLÍNGUA, que atualmente reúne 24 entrevistas realizadas entre 2014 e 2015 na cidade de Guarapuava (PR), estratificadas segundo sexo (masculino e feminino), faixa etária (25 a 45 anos e 50 anos ou mais) e escolaridade (Fundamental I, Fundamental II e ensino médio), bem como a ampliação da amostra coletada nos anos de 2024 a 2026, que contará com 20 entrevistas abrangendo informantes do sexo feminino e masculino, informantes mais jovens (18 a 24 anos) com ensino fundamental II, ensino médio e universitários, também com universitários nas faixas etárias de 25 a 45 anos e 50 anos ou mais totalizando 44 entrevistas. Dessa forma, buscamos verificar quais os fatores sociais e linguísticos se mostrarão relevantes quanto ao uso das formas *nós* e *a gente* em Guarapuava (PR).

Palavras-Chave: Sociolinguística; variação pronominal; *nós* e *a gente*; mudança linguística.

1 INTRODUÇÃO

No Português Brasileiro (PB), muitos estudos indicam que há variação pronominal *nós/a gente*. É notável que a forma inovadora *a gente* está gradualmente ganhando espaço em relação à forma mais tradicional *nós*. Verificamos que há estudos sociolinguísticos a respeito da variação *nós* e *a gente* na posição e sujeito nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Amazonas, Paraná, Maranhão, Bahia, entre outros.

Elencamos alguns desses estudos que trataram da variação pronominal *nós/a gente*, tais como: Omena (1998), Borges (2004), Tamanine (2010), Franceschini (2011), Deon (2015) e Fonseca (2021). E, também apresentamos as variáveis sociais e linguísticas que serão analisadas na pesquisa de doutorado, em andamento, intitulada *Revisitando o estudo sociolinguístico nós e a gente na Comunidade de Guarapuava (PR)*.

2 DESENVOLVIMENTO

Um dos primeiros estudos sobre a variação dos pronomes *nós* e *a gente* foi realizado no Rio de Janeiro (RJ), por Omena (1998), o estudo foi composto por 64 entrevistas do Projeto Censo. A autora analisou as variáveis sociais

faixa etária, escolaridade e sexo, verificando que os falantes mais velhos, com idades entre 50 e 71 anos, favoreceram a forma canônica *nós*, com peso relativo de 0,78, seguidos pelos falantes na faixa etária de (26 a 49 anos), que apresentaram um peso de (0,64), enquanto os grupos mais jovens (7 a 14 anos) e (15 a 25 anos) fizeram menor uso da forma *nós* (0,26 e 0,33 respectivamente).

Os dados apontaram um percentual geral de 69% de ocorrências da forma inovadora *a gente*. No nível sintático, Omena observou que *a gente* apresentou maior frequência como adjunto adverbial (100% entre crianças e 77% entre adultos), seguido por usos como complemento e sujeito.

No Rio Grande do Sul, Borges (2004) analisou a gramaticalização de *a gente* em onze peças de autores gaúchos e de 60 entrevistas, sendo 24 referentes à cidade de Jaguarão (Banco de dados do BDS Pampa) e 36 de Pelotas.

A variável linguística paralelismo formal se destacou como fator mais significativo em Jaguarão e em Pelotas. De acordo com Borges (2004, p.129):

O fator que mais favoreceu o uso de *a gente* foi 'a gente na oração anterior' independente do referente. Em Jaguarão, este fator ficou com um peso relativo de 0,73, tanto para referente igual como diferente; em Pelotas, sobressaiu-se *a gente* com referente igual, com peso relativo de 0,88, bem superior ao peso relativo de 0,58 para esse fator com referente diferente.

Outro fator significativo foi a tonicidade: o uso da forma *a gente* predominou com monossílabos tônicos e oxítonos, tanto em Jaguarão quanto em Pelotas - RS com (0,89 e 0,79 respectivamente). Quanto às variáveis sociais: a faixa etária foi significativa entre os falantes jovens (16 a 25 anos), tanto em Pelotas, quanto em Jaguarão com uma maior probabilidade de uso da forma inovadora (0,71 e 0,70, respectivamente).

Ainda, Tamanine (2010) analisou dados de Curitiba (PR) e verificou que a tonicidade verbal foi o fator mais relevante, com favorecimento de *a gente* com verbos monossilábicos tônicos (0,97) e oxítonos (0,99). O uso da forma inovadora também foi favorecido em tempos verbais no gerúndio e no pretérito imperfeito do subjuntivo (0,94 e 0,82, respectivamente).

O tipo de texto argumentativo favoreceu *a gente* (0,58). Em relação à determinação do referente, a indeterminação favoreceu a forma inovadora (0,60). Quanto à escolaridade, o ensino médio favoreceu *a gente* (0,57).

A pesquisa sociolinguística realizada por Franceschini (2011) tratou da variação *nós/a gente* e *tu/você* em uma amostra de 24 entrevistas realizadas na cidade de Concórdia (SC). As variáveis sociais consideradas foram: duas faixas etárias (26-45 anos e 50 anos ou mais), três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio) e sexo (feminino e masculino).

Franceschini (2011) verificou que a variável linguística determinação do referente foi a variável linguística mais significativa em seu estudo, o uso de *a gente* destacou-se na indeterminação com um peso relativo de 0,83, enquanto a forma *nós* predominou na determinação com peso relativo de 0,56.

Em relação aos tempos verbais: o infinitivo, o presente e o pretérito imperfeito favoreceram a forma inovadora. Quanto à variável tipo de texto,

o pronome *a gente* destacou-se no texto dissertativo, com peso relativo de 0,54.

Em relação às variáveis sociais, no estudo de Franceschini (2011), o pronome inovador *a gente* apresentou maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem. Nos resultados gerais, a autora observou indícios de uma mudança em tempo aparente, pois a forma pronominal *a gente* já faz parte da fala da maioria dos falantes e foram os mais jovens que apresentaram um maior uso do pronome inovador, com probabilidade de 0,55.

Quanto à variável escolaridade, Franceschini (2011) obteve os seguintes resultados: o nível fundamental I apresentou probabilidade de 0,54 e o fundamental II de 0,53, favorecendo o uso de *a gente*. Enquanto os falantes do ensino médio favoreceram a forma canônica nós, com 0,55.

O estudo de Fonseca (2021) intitulado “*Ou nós vamos, ou a gente vai*” teve como foco a variação na expressão do pronome de primeira pessoa do plural como preenchimento do sujeito em sete mesorregiões do Estado da Bahia. O objetivo deste trabalho foi investigar os grupos de fatores condicionantes para a escolha das variantes do fenômeno, buscando mapear como essa variação se apresenta nas Mesorregiões da Bahia.

De acordo com Fonseca (2021), o corpus é composto de 28 entrevistas, sendo 04 falantes da cidade escolhida de cada uma das mesorregiões baianas, a saber: Centro-Norte baiano (Irecê), Nordeste Baiano (Alagoinhas), Extremo Oeste Baiano (Barreiras), Vale São Franciscano Baiano (Barra), Centro-Sul Baiano (Vitória da Conquista), Sul Baiano (Ilhéus) e Metropolitana de Salvador (Salvador), que são registradas pelo acervo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o ALiB. As variáveis controladas nesta pesquisa foram: paralelismo formal, saliência fônica, tempo/modo verbal, sexo, faixa etária e mesorregião. Os informantes foram estratificados em sexo (homens e mulheres) e faixa etária (faixa etária 1- entre 18 e 30 anos; faixa etária 2- entre 50 e 65 anos). Foram coletadas entrevistas de 04 informantes de cada ponto, com escolaridade do nível fundamental. E nas capitais, foram considerados também falantes de nível superior, perfazendo um total de 8 entrevistas.

De acordo com Fonseca (2011), os resultados gerais apontam que a forma *a gente* é a preferida pelos falantes das mesorregiões baianas com um percentual de 71,7%. Os fatores linguísticos e extralinguísticos que favoreceram a forma *a gente* foram: o paralelismo formal: a variante *a gente* é mais favorecida em contextos de antecedente *a gente* e em forma isolada, com frequência, respectivamente, de 85,1% e 84,7% e pesos relativos de 0,585 e 0,582, respectivamente.

Em relação ao fator sexo, as mulheres são as propagadoras da variante *a gente* (0,585); quanto à variável faixa etária: os jovens são os propulsores do *a gente* (0,60). Ainda, em relação à variável Mesorregiões, são favorecedoras da forma *a gente* as mesorregiões Metropolitana de Salvador, Centro-Sul Baiano e Centro-Norte Baiano com (0,855; 0,642 e 0,717 respectivamente). Para Fonseca (2021), esses resultados mostram um crescente uso dessa forma inovadora.

No estudo de Deon (2015) foram analisadas as falas de 24 informantes de Guarapuava-PR, coletadas entre os anos 2014 e 2015. Os dados foram estratificados de acordo com o sexo, masculino e feminino; idade, 25 a 45 anos e 50 anos ou mais e três níveis de escolaridade (Ensino

Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio). Esses dados são provenientes do banco de dados VARLÍNGUA, que é um banco de dados de fala de informantes de Guarapuava/Paraná, que segue os preceitos da Sociolinguística Variacionista e foi montado, nos mesmos moldes do Projeto VARSUL, por pesquisadores ligados ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unicentro.

Nesse estudo, as variáveis linguísticas significativas por ordem de relevância foram: a tonicidade, o tempo verbal, a presença/ausência do pronome, o tipo de texto e a determinação do referente. Quanto aos fatores sociais, a forma *a gente* foi favorecida pelos informantes mais jovens, aqueles com ensino médio e pelas mulheres.

De acordo com Deon (2015), em relação à tonicidade, a forma *a gente* foi favorecida com monossílabos tônicos e oxítonos, com pesos relativos de 0,95 e 0,92, respectivamente. Enquanto as formas paroxítonas desfavoreceram o pronome *a gente*, favorecendo, portanto, o uso de *nós* (0,67).

Em relação à variável tempo verbal, o uso de *a gente* na pesquisa de Guarapuava foi significativo nos tempos presente do indicativo, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito, com (0,64; 0,62 e 0,58, respectivamente). Outra variável linguística selecionada foi a pronome *a gente* de maneira expressa (presença do pronome), com peso relativo de 0,58.

Quanto à variável tipo de texto, *a gente* foi favorecida no texto argumentativo, com 0,65; já os textos descritivos favoreceram a forma *nós*, com 0,69. O texto narrativo apresentou um leve predomínio da forma canônica *nós* (0,53).

Nos dados de Guarapuava, em relação à variável linguística determinação do referente, o pronome *a gente* predominou na indeterminação (0,80), já na determinação, houve um uso aproximado de *nós* (0,52) e *a gente* (0,48).

Em relação à variável social escolaridade, o pronome *a gente* predominou entre os falantes com ensino médio (0,60), seguido pelo ensino fundamental I (0,59). Já o fundamental II apresentou um maior uso do pronome *nós* (0,71) e, consequentemente, usou menos *a gente* (0,29).

Em relação ao sexo, as mulheres apresentaram maior uso do pronome inovador *a gente* (0,56), e os homens utilizaram mais a forma *nós* (0,55). Em diversos estudos sobre a variação *nós/a gente* as mulheres aparecem como propulsoras da mudança usando mais a forma *a gente*.

Em relação à faixa etária, na amostra de Guarapuava - PR os mais jovens com idades entre 25 a 45 anos apresentaram um peso relativo de 0,53 para *a gente* e de 0,47 para *nós*. Já a faixa etária de 50 anos ou mais apresentou pesos de 0,53 para *nós* e 0,47 para *a gente*.

Com base em estudos anteriores, propomos retomar e ampliar a investigação sobre o uso das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala de Guarapuava (PR). O estudo, dará continuidade à pesquisa iniciada por Deon (2015), utilizando os dados do banco VARLÍNGUA, composto por 24 entrevistas estratificadas por sexo, faixa etária e escolaridade. Ampliaremos o corpus com mais 20 entrevistas organizadas pelos mesmos critérios, incluindo especialmente informantes mais jovens (18 a 24 anos) com ensino fundamental II, ensino médio e universitários, também informantes na faixa etária (25 a 45 anos) e (50 anos ou mais) universitários.

Desse modo, reanalisaremos as variáveis sociais: faixa etária, sexo e escolaridade, bem como variáveis linguísticas como: a presença ou ausência do pronome, a determinação do referente, o tipo de texto, o tempo verbal, a concordância verbal e a tonicidade. A análise estatística dos dados será realizada com o programa Goldvarb X.

Com isso, o *corpus* total do VARLÍNGUA será composto por 44 entrevistas sociolinguísticas, sendo 24 já realizadas entre 2014 e 2015, e 20 conduzidas entre os anos 2024 e 2026. Seguindo os princípios teóricos da sociolinguística quantitativa, delineados por William Labov (1972, 2008). O propósito dessa reanálise é responder às seguintes questões: (i) Há variação *nós e a gente* na fala de informantes universitários Guarapuavanos? (ii) Há a interferência de grupos de fatores sociais, sexo e faixa etária? (iii) Considerando a existência de variação dos pronomes *nós e a gente*, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de uma ou de outra forma pronominal na comunidade estudada? (iv) Constatando a ocorrência da variação no *corpus* em estudo, tal variação reflete um processo de variação estável ou de mudança em progresso?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno de variação pronominal *nós/a gente* já foi analisado em diferentes regiões do Brasil, e os estudos mostram que *a gente* está ganhando cada vez mais espaço na língua falada, especialmente entre jovens e mulheres, ainda que os resultados variem quanto à escolaridade. Com base nesses resultados o estudo “*Revisitando o estudo sociolinguístico nós/a gente na comunidade de Guarapuava (PR)*”, propõe retomar a pesquisa de Deon (2015), reanalisando variáveis linguísticas (determinação do referente, tipo de texto, presença/ausência do pronome, tempo verbal, concordância e tonicidade) e as variáveis sociais (faixa etária, escolaridade e sexo). A pesquisa também ampliará o *corpus* com 20 novas entrevistas de participantes entre (18 a 24 anos), (25 a 45 anos) e (50 anos ou mais), com diferentes níveis de escolaridade, o que possibilitará observar mudanças no uso ao longo do tempo. Assim, espera-se contribuir para a descrição do português falado em Guarapuava e dos estudos de variação e mudança linguística no Sul do Brasil.

4 REFERÊNCIAS

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de a gente no Português Brasileiro: análise histórico-social- linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaraguão e Pelotas**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DEON, V.A. **Variação pronominal nós/a gente em Guarapuava**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras. Guarapuava: Unicentro, 2015.

FONSECA, F. F. **Ou nós vamos, ou a gente vai**. Análise da variação do pronome de primeira pessoa do plural na Bahia. Dissertação (Mestrado em ciências da linguagem. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Salvador, (2021).

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* em Concórdia - SC**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

TAMANINE, A.M.B. **Curitiba da gente: Um estudo sobre a variação pronominal *nós/a gente* e a gramatização de *a gente* na cidade de Curitiba - PR**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Federal do Paraná, Curitiba, 2010.